

TRATADO
EM QUE, SE CONTAM MUITO POR EXTENSO
AS COUSAS DA CHINA

专著
详细讲述

中国情况





TRATADO
EM QUE, SE CONTAM MUITO POR EXTENSO
AS COUSAS DA CHINA

TRATADO
EM QUE, SE CONTAM MUITO POR EXTENSO
AS COUSAS DA CHINA

COM SUAS PARTICULARIDADES
E ASSIM
DO REINO DE ORMUZ
COMPOSTO POR EL R. PADRE
FREI GASPAR DA CRUZ
DA ORDEM DE SÃO DOMINGOS.
DIRIGIDO AO MUITO PODEROSO REI
DOM SEBASTIÃO
NOSSO SENHOR.

IMPRESSO COM LICENÇA. 1569. SEGUNDA EDIÇÃO.



MUSEU MARÍTIMO DE MACAU · 澳门海事博物馆



INSTITUTO DE PROMOÇÃO DO COMÉRCIO E DO INVESTIMENTO DE MACAU · 澳门贸易投资促进局

910.4(510) "15"
910.4(55) "15"

716
9200

MUSEU MARÍTIMO DE MACAU
1.ª EDIÇÃO - MACAU, DEZEMBRO DE 1996
COM O PATROCÍNIO DO INSTITUTO DE PROMOÇÃO DO COMÉRCIO E DO INVESTIMENTO DE MACAU

ACTUALIZAÇÃO DO TEXTO E ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO
RAUL LEAL GAIÃO

TRADUÇÃO PARA CHINÊS
FAN WEIXIN

REVISÃO DO TEXTO CHINÊS
ANA VONG (MMM)

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO
FILIPA CALADO (MMM)

DESIGN DA CAPA E INTERIOR
GÉMEOS DESIGN, LUÍS MENDONÇA

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
TIPOGRAFIA MARTINHO

TIRAGEM
1 000 EXEMPLARES

ISBN: 972-96755-4-6

澳门海事博物馆
第一版—澳门，1996
澳门贸易投资促进局赞助

内容修订及词汇编制
拉乌尔·盖奥

中文翻译
FAN WEIXIN

中文校对
黄清刚

出版协调
贾丽华(海事博物馆)

封面及排版整理
廖东成

印刷
普华印务

发行数量
1000册

ISBN 972-96755-4-6

NENHUMA PARTE DESTA PUBLICAÇÃO PODE SER REPRODUZIDA OU TRANSMITIDA POR QUALQUER FORMA OU PROCESSO ELECTRÓNICO, MECÂNICO OU FOTOGRÁFICO, INCLUINDO FOTOCÓPIA, XEROCÓPIA, OU GRAVAÇÃO, SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA E ESCRITA DO EDITOR, COM EXCEPÇÃO DA TRANSCRIÇÃO DE PEQUENOS TEXTOS OU PASSAGENS PARA APRESENTAÇÃO OU CRÍTICA DO LIVRO.

未获出版者事前书面同意，不可复制或以任何形式或以电子、机械及摄影的方法，包括影印和录音转录本书的任何部份，但节录小部份的内容或章节以用作介绍或评论本书的用途则除外。

D.

H 670806

ÍNDICE

目录

7	ÍNDICE
9	PRÓLOGO
11	PRÓLOGO DA OBRA
15	AVISO AOS LEITORES
17	CAPÍTULO PRIMEIRO
23	CAPÍTULO SEGUNDO
27	CAPÍTULO TERCEIRO
33	CAPÍTULO QUARTO
39	CAPÍTULO QUINTO
43	CAPÍTULO SEXTO
51	CAPÍTULO SÉTIMO
55	CAPÍTULO OITAVO
59	CAPÍTULO NONO
65	CAPÍTULO DÉCIMO
71	CAPÍTULO XI
77	CAPÍTULO XII
83	CAPÍTULO XIII
87	CAPÍTULO XIV
91	CAPÍTULO XV
95	CAPÍTULO XVI
99	CAPÍTULO XVII
103	CAPÍTULO XVIII
107	CAPÍTULO XIX
113	CAPÍTULO XX
119	CAPÍTULO XXI
123	CAPÍTULO XXII
127	CAPÍTULO XXIII
131	CAPÍTULO XXIV
135	CAPÍTULO XXV
139	CAPÍTULO XXVI
145	CAPÍTULO XXVII
151	CAPÍTULO XXVIII
155	CAPÍTULO XXIX E ÚLTIMO
159	RELAÇÃO
167	CRITÉRIOS DE ACTUALIZAÇÃO DO TEXTO
169	GLOSSÁRIO

一七七	中文翻译
一七九	序言
一八一	本书序言
一八三	告读者
一八五	第一章
一八九	第二章
一九一	第三章
一九五	第四章
一九九	第五章
二零一	第六章
二零五	第七章
二零七	第八章
二一一	第九章
二一五	第十章
二一九	第十一章
二二三	第十二章
二二七	第十三章
二三一	第十四章
二三三	第十五章
二三七	第十六章
二三九	第十七章
二四三	第十八章
二四五	第十九章
二四九	第二十章
二五三	第二十一章
二五五	第二十二章
二五七	第二十三章
二五九	第二十四章
二六一	第二十五章
二六三	第二十六章
二六七	第二十七章
二七一	第二十八章
二七三	第二十九章
二七五	报告

P R O L O G O

DE ANDRÉ DE BURGOS IMPRESSOR AO MUITO ALTO E PODEROSO REI DOM SEBASTIÃO PRIMEIRO DESTE NOME REI DE PORTUGAL E DOS ALGARVES. &C.

Natural cousa é aos homens de alto engenho levar muito gosto e contentamento de saber cousas notáveis, quando são escritas por homens doutos, de que se espera não sair da realidade da verdade. Este gosto e contentamento parece que deve ser maior nos Reis e príncipes; porque tanto quanto é maior a alteza de seu estado, tanto se espera ter mais supremo e delicado engenho. E porque eu sei vossa alteza exceder a todos nisto, e que deseja ver cousas novas, em especial as da China, de que há tanto que dizer que põe admiração aos ouvintes, de que já dom Francisco Henriques capitão de Malaca deu alguma breve relação a vossa alteza, determinei imprimir este tratado em que se contam as particularidades e grandezas dela, as quais escreveu um religioso da ordem de S. Domingos, homem letrado e de boa vida, de que não se espera apartar-se da verdade, pois delas foi testemunha de vista. Peço a vossa alteza receba de mim este pequeno serviço, e o tenha debaixo de seu real amparo: o qual sendo favorecido de tão alto príncipe, ficará seguro de detratores e maldizentes. Nosso senhor acrescente os dias e a vida e real estado de vossa alteza para seu serviço e amparo destes reinos.

PROLOGO DA OBRA

Para que as gentes fossem acabadas de chamar ao evangelho como convinha antes do acabamento do mundo, segundo S.Paulo e segundo Cristo por S.Mateus, ordenou Deus os descobrimentos que fizeram os Castelhanos das terras novas, e o que fizeram os portugueses da navegação da India, por meio dos quais Deus por seus servos tem convertidas novamente muitas gentes à fé, e vai convertendo e converterá até que vindo, como diz o apóstolo S.Paulo, o enchimento das gentes israel sendo salvo pela conversão se faça dos judeus e gentios um rebanho, e assim haja de todos um curral de uma santa e católica igreja, e um pastor como diz Cristo. As gentes que os portugueses chamaram e das quais há muitos convertidos à fé, são os Brasis, e de toda a Costa de Guiné, da qual por diversas vias há muita multidão de cristãos além do Cabo de Boa Esperança, de toda a costa até Melinde, em que entra Sofala e Moçambique, há entre os portugueses muitos cristãos em Ormuz e por suas terras (que é a costa da Arábia e da Pérsia) porque é Ormuz ilha na qual está uma mui nobre e mui rica cidade, e está esta ilha no meio do mar: entre Pérsia e Arábia há também muitos cristãos: mas como estas gentes sejam mouros, destes menos se convertem que dos gentios idólatras. De toda a costa da India. s. de Diu até ao Cabo de Camorim onde são as principais forças dos portugueses e suas principais habitações, há muitos milhares de cristãos por todas as partes que os portugueses possuem, onde são derrubados muitos templos de ídolos, e onde é em muita parte destruída a idolatria, sendo fundadas muitas igrejas e muitas delas mui nobres e muitos mosteiros de religiosos. Em todas estas terras continuamente não cessam de baptizar, e ainda que destas gentes que nestas partes se convertem, muitos sejam maus cristãos, ou apóstatas que deixam a fé, eu como quem o experimentou afirmo que vivem melhor muitos deles e são melhores cristãos que o comum dos portugueses que naquelas partes andam. As principais cristandades que há são nas terras de Bacana e no cabo da ilha de Tana contra Baçaim onde chamam Salsete, onde os padres de S. Francisco têm igrejas por diversas partes e padres que têm cuidado delas para doutrina e administração dos Sacramentos, as quais têm mui bem granjeadas e criadas na doutrina. Têm também os padres da Companhia na própria cidade ajudado seu quinhão na cristandade. E agora que os de S. Domingos aí fundaram casa, também começam a por sua mão ajudar aos mais, assim em baptizar como na doutrina. Têm também os padres da companhia em Taná uma boa grangeria de nova cristandade onde têm solene casa e igreja. E os mesmos têm à sua conta uma ilha junto de Goa

que chamam Chorão, ilha pequena, onde tem boa igreja e boa cristandade e muita. Têm os mesmos na cidade de Goa em sua nobre casa feito pelo tempo muitos milhares de cristãos, aos quais quanto aos que se chegam a seu bafo doutrinam bem. Têm os padres de S. Domingos assim em sua casa em Goa, como em cinco igrejas que têm a seu cargo e nas quais ensinam e administram Sacramentos, feitos muitos milhares de cristãos, aos quais doutrinam bem. Têm os padres de S. Francisco em Cranganor, cinco léguas de Cochim, e noutros lugares como é Vaipim e Nossa Senhora de Graça, principalmente em Cranganor feito muita cristandade, tendo boa criação de moços em recolhimento em Cranganor. Têm os frades de S. Domingos em Cochim nos reis magos, que é no cabo da ilha, onde os portugueses têm fortaleza, feito muita cristandade e aumentado o culto de Nossa Senhora e sua devoção no mesmo Cochim por meio de uma confraria de Nossa Senhora do Rosário que ali tem a nobreza dos Malabares fundada, muito rica e nobre, com a qual crescem sua devoção e aumento de cristandade. Têm os padres de S. Francisco em Coulão também feito muito fruto na nova cristandade, a que ajudam os da companhia. Estes são os principais e novos frutos da costa da Índia: além dos quais há por todas as partes muitos cristãos em grande número. Começa de pouco tempo para cá em Diu a crescer muito a cristandade, assim pelos padres de S. Domingos como pelos demais. Na ilha de Ceilão vi muitas e muito grandes cristandades (ainda depois de terem desfalecimento pelas guerras) grangeadas pelos padres de S. Francisco que estando divididos por diversas igrejas em diversos lugares da ilha doutrinavam e baptizavam continuamente, e administravam os sacramentos, e com ser a cousa de cristandade nova, que mais me alegrou na Índia, por desconcerto de portugueses e mau governo está tudo perdido, que é assaz grande lástima. Do cabo de Camorim na volta de S. Tomé, onde o apóstolo padeceu martírio e onde está hoje em dia a igreja que ele fundou, entre os portugueses há muitos milhares de cristãos: entre os quais no lugar que chamam a Pescaria residiram sempre os da companhia, mas estes com serem mui má gente e péssima estão tão inteiros na cristandade, e tão fora de ídolos, que nas terras onde não há padres, eles ensinam aos meninos a doutrina e aos domingos concertam os altares e igrejas e vão fazer oração a elas: e quando de tempo em tempo vem ali algum padre, levam-lhe os meninos para que os baptizem. Têm os padres da companhia em Japão em diversas partes (cuido que em três ao menos, isto era quando eu no ano de cinquenta e seis fui à China, agora não sei se cresceram) feito muitos cristãos, e são bons

crístãos os que estão a seu bafo. Têm os mesmos em Maluco feito muitos milhares de crístãos, além de outros que por outras vias nas mesmas partes e na ilha de Amboino tem feitos. Tem feito um frade de S. Domingos passante de cinco mil crístãos na ilha de Timor donde vem o sândalo, e na ilha de Ende também tem feito muitos: e outros frades da mesma ordem na ilha de Panaraca que é na Jaoa também aproveitam muito. Além destas principais crístandades, há entre portugueses muita multidão de crístãos por todas as partes onde eles habitam, de todas as mais nações, como de Bengalas, Pegus, Malacos, Jaos, Chinas, e das ilhas de Maldivas e de outras muitas partes: mas os mais dos crístãos que destas partes são crístãos, é por via de cativeiro: porque nem em Bengala, nem Pegu, nem na Jaoa, nem na China os portugueses têm fortaleza, nem cousa de terra própria, nem entre estas e outras gentes hão habitado religiosos para fazer crístãos. E porque entre estas gentes de que fiz menção, os chinas a todos excedem em multidão de gente, em grandeza de reino, em excelência de polícia e governo e em abundância de possessões e riquezas, não em cousas preciosas como é ouro e pedras preciosas, se não nas riquezas, disposições e fazendas que principalmente servem à necessidade humana. E porque estas gentes têm muitas cousas muito dignas de memória, me movi a dar notícia geral de suas cousas conforme a minha possibilidade, assim do que vi, como do que li em um compêndio que um homem fidalgo que cativo andou pela terra dentro, como do que ouvi a pessoas dignas de fé: assim para que pelas cousas aqui relatadas se possam conjecturar as de que se não pode ter notícia, como para que os que esta obra lerem dêem louvores a Deus em suas grandezas, e juntamente se compadecerem de tanta multidão de almas perdidas com a ignorância da verdade, pedindo a Deus que dilate sua santa fé católica nesta gente como na demais, tirando-a de sua ignorância e cegueira em que vivem idolatrando, e que abra caminho a seus servos, para que o ponham em efeito e que a estes como aos demais que temos dito metam pelo baptismo no grémio de sua igreja. E sobretudo, porque vendo tanta gente e tão cega, sendo aliás políticos, dêem graças a seu redentor porque não tendo chamado a estes, ou não os tendo trazido ao grémio de sua igreja (porque dom de Deus é) os trouxe a eles, e lhe deu lume de fé, e conhecimento de si, e juntamente com fazimento de graças se provoquem a seu amor e serviço.

AVISO AOS LEITORES

O leitor não esperará de mim abundância de eloquência, e ornamento em composição de palavras, somente se contente com eu ser fiel e verdadeiro na singela narração, e para que lhe não desagrade à primeira face a leitura parecendo-lhe ter falta, pareceu-me bem mostrar-lhe aqui a ordem de proceder nesta obra. Primeiramente tratarei da China em geral, assim da gente como da terra: e logo descerei em particular tratando do reino e províncias. E depois falarei dos edifícios e embarcações: e após isto do aproveitamento das terras e ocupações dos homens, e dos trajos dos homens e das mulheres e dalguns seus usos e costumes. Tratarei largamente adiante dos que regem a terra, e do governo dela. E no fim de tudo dos cultos e adorações e do aparelho que achei na terra para se fazer cristandade, e dos impedimentos que para isso há. E ainda que neste epílogo vá sucinto debaixo da comunidade sobredita, tratarei das cousas da China miudamente. Sei que os curiosos acharão muitas cousas que folgarão de ler: e ainda que algum lendo ache alguma cousa que não seja tanto de seu gosto não deixe por isso de ler o que vai avante, parecendo-lhe que todo o mais é tal. Digo isto porque na lição das cousas peregrinas, algumas vezes enfada o que bem não se entende, e acontece por um pouco não entendido desprezar-se todo o demais não devendo ser assim: e não se deve perder o gosto do muito e principal pelo desgosto do pouco. Dou também aqui aos leitores um aviso necessário para que possam conjecturar a grandeza das cousas da China, que ainda que comumente as cousas ao longe soem mais daquilo que em si são, esta é pelo contrário, porque muito mais é do que soa e faz mui diferente impressão de vista a lida, ou ouvida, o que se cumpriu em mim e noutros que depois de vistas as cousas da China dissemos: isto há se de ver e não se há-de ouvir: porque não é nada ouvi-lo em comparação de visto: e acontece neste caso o que aconteceu à rainha Sabá com Salomão, que movida pela fama que ouvira de sua sabedoria, a quis por experiência provar, com vir de suas terras a Jerusalém, e depois de ouvir muitas cousas a Salomão, e ver sua casa e o governo dela, disse. Bento seja Deus que amou Israel e te fez Rei sobre ele: muito mais é o que tenho visto sem comparação do que de ti me diziam: o mesmo deve sentir o leitor das cousas que aqui contamos da China, que muito maiores são do que dissemos, para que com mais gosto leia esta obra.



CAPÍTULO PRIMEIRO

EM QUE SE PÕE A CAUSA PORQUE O AUTOR SE MOVEU A IR À CHINA, E DESTE NOME CHINA, E DO NOME DA TERRA.

Porque qualquer curioso leitor vendo na frente do livro haver eu ido à China, se poderá mover com o desejo de saber a causa motiva de minha ida a ela, como de alguns fui avisado, pareceu-me cousa conveniente não o deixar suspenso, mas em parte o satisfazer logo na frente do livro. Há se de saber, que estando eu em Malaca fundando uma casa de minha ordem, e pregando fui informado haver no reino de Camboja (que é sujeito ao Rei de Sião, e está para banda da China e confina com Champá, donde vem o mui precioso Calambuco, ou pela sua língua Calambaque, muito aparelho e disposição para se pregar o evangelho, e para se fazer fruto. E foi a informação tal, que com ter a todos quantos havia em Malaca por contrários à minha ida trabalhando por todas as vias de ma quererem estorvar, se me fez escrúpulo de consciência deixar de cometer a ida para aquela terra, parecendo-me que não careceria de grave pecado, se o deixasse de fazer, tendo eu licença de meu prelado como tinha, pelo que cometi a ida. E depois de passadas muitas fomes e trabalhos no caminho com perigos e doenças, cheguei a terra, e depois de saber honestamente a língua por terceiro tratando com a gente e padres, antes ainda que a soubesse achei tudo ao revés do que me tinham dito, e que tudo eram enganos de seculares simples que de leves cousas se moviam a presumir da gente o que nela não havia. E além disto achei muitos impedimentos à consecução de meus desejos e intento, porque primeiramente el Rei é brâmane, e os brâmanes são os seus principalmente mais privados e mais familiares por serem feiticeiros, porque são eles mui entregues a se pagar de feitiçarias, e nada fazem sem consultarem os feiticeiros e brâmanes que há no reino (que por esta via medram) com o demónio. E assim a primeira cousa que me perguntou el Rei, foi se era feiticeiro. Como quer pois que os brâmanes sejam a mais rija gente de converter, por ser mui pegada a seus ritos e idolatrias sendo el Rei brâmane e seus estimados e mais privados brâmanes, é este um mui grande impedimento naquela terra para se poder fazer cristandade. Ajuntou-se a isto mostrar eu aos sacerdotes dos ídolos, que um deus que os brâmanes adoram entre outros que chamam Probar missur (o qual diziam que fizera os céus e a terra, havendo-lhe para isso dado licença outro deus que chamam Pralocussur: havendo ainda este alcançado poder doutro que chamam

Praissur para dar a Probar missur esta licença) que não somente não fizera os céus e a terra, mas que havia sido muito mau homem e muito pecador, pelo que estes sacerdotes disseram que o não haviam de adorar mais, havendo-o adorado até ali como seu deus Praput prasar metri: pelo qual cresceu o ódio dos brâmanes contra mim, e dali por diante tive desfavores del Rei, que se moveu por zelo de seu deus e do deus de seus brâmanes. Ajuntava-se a estas cousas, os sacerdotes dos ídolos e todos os de sua quadrilha, que andam para sacerdotes e se têm por gente religiosa, e no trato e vivenda são separados de toda outra gente, que a meu parecer será a terça parte da gente do reino, com el Rei desta terra pôr cem mil homens no campo. Esta gente religiosa ou que por tal se tem, é grandemente vã e soberba e vivos são adorados por deuses: de maneira que ainda os menores dentre eles adoram os maiores como deuses, rezando-lhe e prostrando-se diante deles: e assim a gente comum tem muito crédito neles, com muito grande reverência e veneração: de maneira que não há pessoa que lhe ouse ir à mão em nada, e suas palavras entre eles são tidas por tão sagradas que de nenhuma qualidade padecem contrariedade, donde me acontecia alguma vez estar eu pregando a muitos em roda e ouvirem-me muito bem sastifazendo-se do que lhe dizia, se a isto chegava algum destes sacerdotes, como diziam isto é bom, mas o nosso é melhor, afastavam-se todos e deixavam-me só. Ajunta-se a estas cousas, sendo mui ignorantes presumirem de muito sábios e o povo comum tê-los por tais, sendo todo seu saber ignorâncias e parvoices gentílicas, pondo vinte e sete paraísos, uns em que há comer e beber e mulheres formosas, aos quais dizem que vai toda cousa viva até a pulga e piolho, que dizem que como têm almas que hão lá de viver no outro mundo. E a estes dizem que vão todos os que não são religiosos como eles. Põe outros mais altos onde dizem que vão em graus os seus sacerdotes santos que vivem nos ermos, e dão-lhe só por bem-aventurança estarem assentados a se refrescar ao vento. Põem outros ainda mais altos os deuses, dos quais dizem que têm corpos redondos como bolas, os que a estes paraísos vão, a honra que lhe fazem é darem-lhe corpos redondos como os mesmos deuses têm. E assim como põem muitos paraísos, põem muitos infernos, porque põem treze, aos quais vão mais abaixo, ou mais acima segundo a graveza dos pecados de cada um. Tem estas e outras maiores ignorâncias em as quais convencendo-os eu por vezes não deixavam de perseverar nelas. Põem divisão

nos seus religiosos, que a uns chamam Massancracés que são como supremos: os quais se assentam acima del Rei: outros chamam Nacsendecés, que são como cá os Bispos. Estes assentam-se iguais com el Rei. Outros chamam Mitires, que são no grau comum de sacerdotes, que se assentam abaixo del Rei: abaixo dos quais há ainda dois graus, que chamam Capuzes, e Sazes. E todos assim como sobem em graus, sobem em vaidade e soberba, e são mais venerados. Tirai pois a sábios néscios de seu parecer: principalmente ajuntada soberba e veneração, estima e crédito, e vede se pode ser, não tirando a estes de seus erros e ignorâncias desarraigam o mais povo. É pois este mui grande inconveniente para se poder nesta terra fazer cristandade. Sobre tudo isso há outro inconveniente muito grande, que tirando os sacerdotes, e todos os que se têm por religiosos, todos os demais do reino são cativos del Rei, e por morte do dono da casa tudo o que há na casa se torna a el Rei, e a mulher e filhos escondam o que puderem e comecem buscar vida de novo: adquiriu el Rei este direito na terra por desobedecerem a um seu irmão que era Rei, e por ele os subjugar renunciou nele o Reino. Daqui vem que não ousam fazer nada de si, nem novidade alguma sem vontade del Rei pelo que nem se podem fazer cristãos sem el Rei o haver por bem. E porque dirão alguns que se poderão fazer sem el Rei o saber: a isto digo que é a gente da terra de maneira, que se não faz cousa alguma que el Rei não saiba: e qualquer por pequeno que seja pode falar com el Rei, pelo que cada um busca novas que lhe levar por ter ocasião de falar com ele: pelo que sem vontade del Rei nada se pode fazer, e já acima mostrámos faltar-lhe a vontade para cousa de cristandade. Ajuntou-se a todas estas cousas alguns desarranjos de portugueses, de maneira que por todas as vias achava atalhos e inconvenientes para conseguir meus desejos e intento: pelo que havendo eu estado perto de um ano na terra e vendo que nela não podia fazer fruto além de padecer graves doenças, determinei deixar esta terra, e por me dizerem muitas cousas da China e a gente dela ter disposição para cristandade e que era amiga da razão, determinei já que nesta terra não fizera nenhum proveito e não baptizara mais que um gentio que deixei na cova, ir-me caminho da China em uma nau de chinas que então na terra estava, na qual me levaram com muito boa vontade, dando-me o melhor gasalhado da nau sem me levarem nenhum interesse, antes me fazerem muitas caridades. Esta foi a causa, e por estes meios me movi ir à China, o que nela fiz, e

disposição que nela achei para se ouvir a palavra de deus, e os inconvenientes que nela achei para se fazer fruto, no fim da obra quando falar dos ritos dos chinas o direi, lá remeto ao leitor. Já que tenho satisfeito ao que em frente da obra de mim se podia esperar: é tempo que comece a meter a mão na obra: e para principio dela é de saber que este nome China não é nome próprio da gente desta terra, nem da mesma terra, nem comumente na terra há notícia do tal nome, somente entre toda a gente da India, e entre a que vive nas partes do sul, como é Malaca, Sião, Jaoa, anda esta denominação de chinas, e assim entre os chinas que connosco comunicam e andam entre nós. O nome próprio desta terra é Tame não pronunciando bem o e, senão quase comendo-o: e o nome da gente da terra é Tamgin, donde haja vindo este nome China, que entre as gentes de fora da terra anda não o sabemos, mas pode se conjecturar que a gente que nos tempos antigos navegou para aquelas partes por passar pela costa de um Reino que chamam Cauchim China, e também nele negociar e fazer mantimentos e se refrescar para o caminho da terra que vai avante, que é a da China, no qual Reino se vive ao modo dos chinas e aos chinas é sujeito. Esta gente parece que tirado o Cauchim da denominação deste outro Reino, chamou toda a terra que vai avante China, quer seja isto quer seja o que for: a verdade é que o nome da terra é Tame como havemos dito, e o da gente dela é Tamgin.





CAPÍTULO SEGUNDO

EM QUE SE MOSTRA QUE TERRA SEJA A CHINA, E OS CHINAS QUE GENTES SEJAM..

A China é uma grande parte da Cítia, porque segundo diz Heródoto a Cítia estende-se até à Índia, o que se pode entender de uma de duas maneiras, ou porque os chinas senhorearam muitas partes da Índia, e as conquistaram nos tempos antigos, de que hoje em dia há algumas memórias, como na costa de Coromandel, que é na contracosta do Reino de Narsinga, da banda donde chamamos S. Tomé, por ali estar a casa fundada pelo apóstolo, e as relíquias de seu corpo. Há hoje em dia um templo grande de Ídolos, que é sinal aos mareantes para conhecimento da terra, que é toda baixa, o qual como afirmam os da terra, foi feito pelos chinas, de que entre eles ficou perpétua memória, e por isso lhe chamam Pagode dos chinas, que quer dizer Templo de chinas. E no Reino de Calecute, que é cabeça do Malabar há árvores de fruto mui antigas que dizem os da terra haverem sido plantadas pelos chinas, e nos baixos de Chilao, que correm da ilha de Ceilão para a costa de Coromandel se afirma pelos da terra, que se perdeu uma mui grossa armada dos chinas que vinha sobre a Índia, a qual se perdeu porque os chinas eram novos em aquela navegação. E assim os da terra dizem os chinas foram senhores de toda a Jaoa e de Jantana, que é o Reino de Malaca e de Sião e de Chapá, como comumente se afirma por aquelas partes: pelo que afirmam alguns serem muitas destas gentes achinadas, que é terem os olhos pequenos e narizes esmagados e rostos largos, pela muita mistura que os chinas tiveram com todas elas, principalmente com os Jaos, que comumente são mais achinados. Mas vendo el Rei da China que o seu Reino se ia desbaratando e arriscando por se quererem estender a senhorear outras muitas terras de fora, se tornou a recolher com suas gentes só em seu Reino, com fazer édito público que sob pena de morte nenhum seu natural navegasse para fora da China: o qual dura ainda hoje em dia. Estas memórias mostram os chinas não tão somente terem contratação com as partes da Índia, mas conquistarem e senhorearem muitas terras dela, pelo qual dirá Heródoto que a Cítia chega até à India. Quanto à China que chega até ao extremo da Cítia, ou o que mais conforme à verdade parece dirá Heródoto chegar a Cítia à Índia: porque alguns fazem três Índias, e a terceira e última fazem da Jantana que é no Reino de Malaca, a que chamam cabo da terra. Os daquelas partes porque faz a terra no estreito de Singapura uma grande saída

ao mar como cabo, e deste cabo e estreito até à China fazem a terceira Índia, pelo que segundo isto fica a China sendo na terceira parte da India, e o último de todas as indias, e juntamente o último da Cítia, e fica verdadeiro o que diz Heródoto que a Cítia se estende até à Índia, porque é parte última da India, ou para melhor dizer das Índias. Diz também Jacobo Filipo Bergonense no seu suprimimento das Crónicas, depois de dizer que há duas Cítias, uma setentrional e outra oriental, que a oriental se remata em um ponto, e que nas costas tem Ásia. E quanto a dizer que a oriental se arremata em um ponto, assim ele como os de quem ele tomou, parece-me que se enganaram, e que lhes nasceu este engano de a verem assim apontada por alguns cosmógrafos no Mapa mundi, o que foi por falta da notícia da verdade: porque a ponta que fazem em que põe a terra e gente dos Léqueos não é continuada com a terra firme mas é uma ilha que está ao mar da China, parece mais ou menos trinta léguas da mesma China. E nesta ilha vive esta gente, que é gente bem disposta, mais sobre o branco que sobre o baço, é gente limpa e bem tratada, curam o cabelo como mulheres, e arrematam-no numa ilharga da cabeça, atravessado com um prego de prata, a sua terra é fértil, fresca e de muitas e boas águas, e gente que de maravilha navega com estarem no meio do mar, usam de armas, trazem muito bons treçados, foram nos tempos passados sujeitos aos chinas, com quem tiveram muita comunicação, pelo que são muito achinados. Ficando pois esta ilha ao mar da China como temos dito, corre a costa da China, fazendo volta da província de Cantão, e de sua costa até a costa da província do Nanquim até onde têm navegado os portugueses, sem a costa fazer ponta como fazem os Mapas, o que se verá bem apontado nas cartas de marear dos portugueses, e nos Mapas feitos entre eles. Assim que quanto a dizer Jacobo Filipo que a Cítia se remata em um ponto, é erro: mas quanto a dizer que tem toda Ásia nas costas, não há que duvidar ser esta a China: da qual com verdade se pode isto dizer, como abaixo claramente mostraremos: e em dizer que a Cítia se remata em um ponto, ainda que com erro nos mostra claramente que fala da China pois os antigos concebiam dela este erro. Diz mais Jacobo Filipo contando dezassete províncias de citas, que pela última que se chama Thisageta corre o rio Tanas. Há de entender-se última, respeito de nós, que lhe dá cabo de nossa banda. s. da banda de Europa, ficando no extremo da Ásia, e o rio Tanas é o que divide Asia de Europa, e tem sua corrente até à lagoa Meothis. Do rio

Tanas ter sua corrente ao longo da China fui informado de um homem de boa descrição venezeano mercador grosso, que havia alguns dias que estava por via de trato em Cantão, que é cidade das principais da China, onde os portugueses têm trato, em cuja companhia ele lá havia ido: este me disse ter por certa informação de chinas, que do extremo da China tinham notícia, que pelo extremo de seu Reino corria um rio que se chamava Tanas. Aqui se mostra o Reino da China ter dois extremos, que são extremos da Cítia qual ela é, um no fim de Ásia maior, no extremo da Índia, outro no extremo da mesma Ásia maior, que chega aos confins e extremo de Europa, contra a qual se divide. Além disto mostra-se ter Ásia nas costas, como diz Jacobo Filipo, pois lhe fica a uma banda quase toda a Índia até toda a Tartária, que fica correndo tudo em roda dela, como ainda mais mostraremos no capítulo seguinte, e ainda que alguns possam dizer que não é boa conjectura para se inferir o sobre dito o nome do rio Tanas, pois pode em diversas terras haver diversos rios do mesmo nome, não ficará insuficiente a conjectura depois de visto o que se disser no capítulo seguinte. E também porque é eficaz argumento para a corroborar, que os tártaros chegam ao lago Meotis da banda de oriente, e correm acima até ao rio Tanas, donde o lago recebe suas águas: os quais tártaros que também são contados entre os citas, correm tanto ao longo da China, com a qual tem contínua guerra, que comumente afirmava haver entre os chinas e tártaros um muro de cem léguas de comprido. E alguns querem afirmar que são mais de cem léguas: pois como isto seja verdade, que inconveniente é, ou como não será possível o lago que é origem do rio Tanas estar na terra dos chinas, e correr a sua terra algum espaço ao longo do rio para baixo, até se dividir a terra dos chinas da dos tártaros. Assim que ao dito eu lhe não acho nenhum inconveniente, e acho-lhe bons fundamentos e indícios para ser assim: e quanto à China ser uma mui grande parte da Cítia não se pode duvidar.



CIRCOLO ARTICO

EVCHENOS

TARTAR

TANGUT

TENDUC

TAIS

CHI

MAR DE IAPON

MANGIN

NANCHIM

TROP. DE CANCRO

MAR DA CHINA

LYCOMIS
PHILIPPINA

MINDANAO

TABOAS
DACHINA E
PROVINCIAS CIR
CONVEZINHAS
E CATAY

CAPÍTULO TERCEIRO

DOS REINOS QUE CONFINEM COM A CHINA: EM QUE SE DÀ NOTÍCIA DE SUA GRANDEZA: E DECLARA CONFINAR COM O ÚLTIMO DA ALEMANHA: PORQUE TRATA DE DUAS RÚSSIAS, E COM A UMA DELAS CONFINA A CHINA.

Os muitos e grandes Reinos que cercam a China estando ao longo dela estendidos acima do lago donde tem origem o rio Tanas da banda de Europa, está a Rússia que dá fim à Europa, a qual pertence à Cítia e é parte dela: esta Rússia fica no último da Alemanha, a qual ou confina com a China, ou é parte dela, e parece ser parte da China, porque como fui informado dos portugueses que estiveram lá cativos, têm os chinas notícia da Alemanha, e chamam-lhes alemães, e el Rei da China tem muitos salarizados que lhe guardem os passos fracos que tem ao longo de Tartária, e dizem serem homens grandes, ruivos e de muita barba e que trazem calças cortadas e espadas rombas. E aqui parece claro a China confinar com o último da Alemanha, que como a Rússia seja a Cítia da banda de Europa, o último dela parece claro que é parte da China. E também faz argumento, que pois temos dito que a Rússia compreende a maior parte da Cítia, e é certo que além da Alemanha há gentes que não receberam a fé e são idólatras e gentios, que são os chinas, pois confinam com eles. Porque se há-de saber que há duas Rússias, uma que corre entre Polónia e Alemanha que entesta no lago Meiotis, no qual tem um porto muito bom onde está uma nobre cidade que chamam Cafa: sobre a qual estando eu em Ormuz fui informado por gente que daquelas partes veio a contratar a Ormuz, que vinha o Rei de Rússia com muito exército para lha tomar tendo-lhe já tomadas outras duas cidades, que o turco lhe tinha em suas terras. Outra Rússia está no último da Alemanha, que pertence à Cítia e dá fim à Europa, desta é a de que tratamos. De maneira que Alemanha fica entre as duas Rússias pela banda que corre ao Meothis até ao fim dela, indo correndo pelo fim de Europa: e pelo dito se tira o escrúpulo que se pode ter em dizer que a China confina com o último da Alemanha, e que com ela confinem mostra e dá clara notícia a grandeza dela e da muita terra que dentro em si compreende, além da grande costa do mar que tem da banda donde entra na conta da Índia, como parte dela. E o primeiro Reino que com ela confine da banda do mar da India, é um que se chama Cauchim China que terá cem léguas pouco mais ou menos ao longo da costa do mar, fazendo o mar uma grande entrada por entre ele e a ilha de Ainão, que é de cinquenta léguas de comprido, e é já de chinas: e no cabo desta entrada

entesta este Reino com o Reino da China, e é sujeito ao Rei da China. Esta gente deste Reino no trajo e polícia e governo trata-se como a gente da China. É terra muito povoada e de muita gente, é terra também muito abastada, o que se mostra em que com não tratar com outras gentes fora de seu Reino, e vivendo politicamente, se trata muito bem no trajo e comer, e no concerto de suas casas, tendo muito bons edifícios, o que tudo argue fertilidade e abastança e prosperidade da terra. Tem a mesma escritura que os chinas, ainda que é a língua diversa, e entendendo-se por escritura uns com outros, não se entendem por fala, e não pareça isto a ninguém abusão, porque na China há muita diferença de linguagens, pelas quais uns a outros na fala não se entendem, entendendo-se por escritura, o mesmo tem os moradores das ilhas de Japão, que com os Chinas se entendem por escritura, tendo diferente linguagem. E como isto possa ser e como seja di-lo-emos em seu lugar. Além deste Reino dos cauchins chinas, está outro mui grande Reino que corre pela terra dentro ao longo da China, a que uns chamam Laos e outros Siões maus: este por outro lado da banda da India confina com o Reino de Camboja e com o grande Reino de Sião e com o mui rico Reino de Pegu, com os quais Reinos todos têm contratação: de maneira que fica a este Reino para o mar da Índia toda a costa desde pegu até os fins do Reino de Champá, que confina com Cauchim China. E assim ficam a estes Laos para banda do mar da India o grande Reino de Pegu e o de Tenasserim e o de Quedá e o de Malaca, e o Reino de Pão e o de Patane e o de Sião e o de Camboja, e o de Champá que entesta com os cauchins Chinas, e como isto possa deixar de ser maravilha, ver-se-á sabendo que Sião e Pegu confine um com outro pela terra dentro, tendo entre si grandes guerras, tendo-se cada um como imperador, sendo por mar de um a outro muito número de léguas, e ficando-lhe ao mar os mais dos Reinos que temos nomeados: e causa-o que vai de Pegu para Malaca e até Sião lançando a terra muito ao mar, e vai-se recolhendo de uma banda e da outra, de maneira que lhe fica de uma banda Pegu e da outra Malaca como em dois lados, indo fazendo grande corpo a terra para o mar da Índia, no qual ficam os sobreditos Reinos. Por aqui fica claro, como os laos ou siões maus têm para a banda do mar da Índia tantos Reinos, correndo ao longo da China, e tendo confinio com os sobreditos Reinos: e pelo conseguinte contratação com os mesmos. Foi este Reino dos laos, ou siões maus subjugado pelos brâmanes (dos quais logo

diremos) no ano de cinquenta e seis: e entre alguns que trouxeram a Pegu cativos trouxeram alguns chinas que os laos tinham cativos, como me afirmou um Jorge de Mello, que foi por capitão da viagem de Pegu. E ainda que comumente não haja guerras entre estes laos e os chinas, por causa das grandes serras que há entre os uns e outros, pelas quais têm os chinas boas forças daquela banda na província de Camsi, que com estes e com os brâmanes confina: e nas forças continuamente tem gente de guarnição para defesa daquelas partes: há todavia continuamente saltos de uma banda e da outra: pelo que podiam os laos ter chinas cativos. Antes que estes Laos fossem subjugados pelos brâmanes levaram a Sião e a Camboja e a Pegu algum almiscar muito bom e ouro, de que se afirma haver muito em aquela terra, e o ter esta gente almiscar, faz conjectura que o muito almiscar que os chinas têm, que o hão dos muitos animais que há nos confins deste Reino na província de Camsi, donde o eles trazem. É o almiscar carne e sangue de animais, que dizem ser tamanhos como raposas, os quais pisados todos a pancadas e mortos, atam-lhe a pele com a carne juntamente em montinhos, os quais depois de podre esta carne a cortam, e assim a vendem, a que chamam os portugueses papos de almiscar. E quando vem fresco, logo se parece ser carne e sangue podre: o demais vendem solto, tendo estes papos por mais fino almiscar. Tornando aos Laos de que estávamos falando, esta é a fazenda que traziam aos sobreditos Reinos, levando em retorno panos de algodão e outras cousas que haviam mister. É esta gente não muito baça, trazem a cabeça por baixo toda em roda trasquiada, e o demais cabelo escarrapiçado para cima alevantando-o muitas vezes para o ar com as mãos, que lhe fica como em lugar de barrete, porque não trazem nada na cabeça, andam nus da cinta para cima, e das coxas abaixo, trazendo uns panos de algodão cingidos e todos brancos: as mulheres trazem coberto dos peitos até meia perna: têm os rostos um pouco achinados: tem as mesmas gentilidades que os pegus e siões e cambojas: os sacerdotes de seus ídolos trazem panos amarelos cingidos como a de mais gente, e uma maneira de estolas também amarelas, com certas dobras e costuras em que tem suas superstições: desta gente vi muita em Camboja que ficara ali o ano antes por via do trato, e aquele ano que eu ali estive não vieram nenhuns por causa das guerras em que como disse foram subjugados pelos brâmanes. Vêm estes Laos a Camboja por um rio abaixo muitos dias de caminho, o qual é mui grande e

dizem ter origem na China como outros muitos que saem ao mar da Índia: tem oito, quinze, vinte braças de fundo, como eu em uma grande parte dele vi por experiência: passa ao longo de muitas terras incultas e despovoadas de grandes matos e arvoredos, onde há inumeráveis elefantes e muitas búfalas, de que eu vi por aquela terra muita soma delas bravas, e merus, que são como boas mulas, e umas alimárias que chamam naquelas partes badas: das quais os machos têm um corno na testa sem ponta, é rombo, e uns dos cornos são malhados de singulares cores, outros pretos todos, outros cor de cera, mas não tem virtude, se não é para almorreimas: e depois do elefante não há outra alimária maior: tem o cabelo louro e pés como elefante, a cabeça como vaca, e no pescoço uma grande papada que lhe cae sobre a cerviz: da qual eu comi andando naquelas partes. Há também outros muitos animais bravos. Há algumas árvores de espinho como limões e laranjas e muitas balsas dubas por aqueles matos. Quando tornam estes laos para sua terra, por irem contra corrente vão em três meses. Faz este rio uma maravilha na terra de Camboja digna de se contar. Chegando junto de um lugar que chamam Chudurmuch, que é doze léguas da cidade principal de Camboja, faz passada a outro rio que vem de um grande lago que está no extremo de Camboja, e que tem Sião da outra banda: do meio do qual não se vê terra para nenhuma banda por sua grandeza, e passa este rio por Loech que é a principal cidade de Camboja, até Chudurmuch: as águas deste rio, que também é muito grande, as mais delas passam ao rio que vem dos Laos, junto de Chudurmuch, e as demais correm rio abaixo direito para o mar, quando vêm as grandes cheias do inverno, as quais vêm não chovendo nas terras de Camboja. As muitas águas que vêm pelo rio que vem dos Laos que ali chamam rio de Sistor, fazem passada defronte de Chudurmuch para o rio que passa por Loech com tanto ímpeto que donde as águas de Loech corriam para baixo, tornam por estouras muitas que lhe entram, e correm com mui boa corrente para cima: de maneira que alaga todas as terras de Camboja, pelo qual não se anda toda a terra no tempo destas cheias, senão em embarcações e as casas fazem-nas todas de sobrados altos, e todas por baixo se alagam, e acontece ser muitas vezes a enchente de maneira que lá é necessário fazer caniçadas mais altas em que guardem o fato e se agasalhem: e corre este rio para cima de Julho até Setembro, e com passarem do rio que vem dos Laos, ou do rio de Sistor, que é seu próprio nome, tantas águas para o rio de Loech, não

deixa de correr até ao mar, fazendo em baixo mui grandes braços, e sendo mui alto e alagando algumas terras para baixo: mas não tanto como acima. Mostraram-me em Loech os portugueses em um campo um mui alto valo de terra, por cima do qual me afirmaram que no tempo das cheias passara sem tocar uma grande nau que se na terra fizera, que podia mui bem navegar da Índia para Portugal. Causa este milagre a meu parecer, serem estes rios muito largos e grandes, pelo qual quando as águas são vivas no mar entra tanta força de águas do mar com as marés por eles acima, que faz algum repuxo a estoutras da corrente com que corre no rio de Loech para cima, por sua corrente não ser tão impetuosa como é a do rio de Sistor, e dos dois de Chudurmuch para baixo, pelo que às vezes corre com mais força, às vezes com menos segundo as marés. E ainda que nisto fizéssemos saida fora de nosso propósito por ser coisa notável não me pareceu bem deixar de dar notícia dela. E tornando a nosso principal intento, e bastando o que fica dito dos Laos, que após os Cauchins chinas confinem com a China: segue-se avante destes os brâmanes, que é muita gente e muito rica de ouro e pedras preciosas, principalmente de rubis. É gente soberba e animosa: são estes agora senhores de Pegu, os quais subjugarão por força de armas alguns anos antes que subjugassem os laos: são homens de boas carnes e bem dispostos e baços. Tem para o mar da India Pegu e parte de Bengala. É terra muito falta de mantimentos vestem-se da maneira que dissemos dos laos, se não quanto seus panos são finos e muitos os trazem pintados ou lavrados: são também alguma cousa achinados dos rostos, têm embarcações mui ricas e louças, guarnecidas de ouro, nas quais andam pelos rios: usam de vasos de ouro e de prata: têm casas de madeira muito bem lavradas, é muito grande o Reino, não tem comumente guerra com os chinas por causa das serranias que há entre uns e outros e por os chinas estarem daquela parte bem fortalecidos: não deixa todavia de haver ladrões que de uma banda e da outra fazem saltos por cuja causa tem os chinas alguns brâmanes cativos, como afirmaram alguns portugueses que naquelas partes estiveram cativos que os viram e com eles falaram na grande cidade de Camsi: e estes cativos lhe disseram que não era longe dali ao Brama, e que em Pegu haviam visto portugueses. E porque não cresça tanto este capítulo, o que desta matéria fica poremos em outro.



CAPÍTULO QUARTO

EM QUE SE PROSSEGUE A MATÉRIA DOS CONFINES DA CHINA.

Segue-se ao longo da China além dos bramas o Reino dos patanes que agora são senhores de Bengala, aos quais fica ao mar da Índia todo o mais da Índia, de Bengala até Cambaia que é o Reino de Guzarate no qual por vezes fizeram algumas entradas é gente belicosa, usam de arcos e flechas a cavalo e tem bons treçados, e é esta gente uma com os Mogores, e foram do mesmo Reino e geração, e por divisões que houve entre eles ficaram divididos em diversos Reinos: como chegue seu reino de Bengala até Cambaia estando um no meio da Índia outro quase no cabo, que o Reino de Cambaia chega ao de Sinide que dá fim ou princípio a Índia, pelo rio indo que se chama Sinide: de Bengala até ao Reino do Sinide corre o Ganges que cerca toda a India por detrás, pelo qual vai de Bengala ao Sinide em embarcações açucres, que do sinide vai de viniaga a Ormuz, e foi a ele no tempo que eu nele residia. Após os patanes jazem ao longo da China os Mogores cujo reino é mui grande e de inumerável gente: é gente esta mui belicosa, pelejam com flechas e arcos a cavalo, usam de couraças e capacetes e traçados: estes fizeram muitas guerras a Cambaia e nela muitas entradas são senhores agora do Sinide e do reino do Deli, que é mui grande reino na terra dentro além do Sinide, e pela terra dentro chega aos confins de Cambaia. A cabeça de seu reino se chama o grão Samarcanda, que nos Mapas se chama cabeça de Tartária: estes são contados entre os citas, como testefica Josefo no livro primeiro das antiguidades, os quais segundo ele descendem do Jafa filho de Noé por Magog. Estes são os citas mui celebrados nos historiadores, a que entre os mais citas chamam Masagetas, dos quais afirmam não haverem sido senhoreados de nenhuma outra nação: estes são os de quem se escreve haverem afugentado mui torpemente a Vejoim Rei dos egípcios, e o mesmo fizeram a Dario Rei dos persas: estes mataram a Ciro também Rei dos persas: destruíram Cifiriona capitão de Alexandre Magno e subjugaram Ásia três vezes por força de armas, e por muitos anos a tiveram tributária: destes descendeu o mui afamado capitão chamado o grã Tamerlão, que houve muitas vitórias em Ásia, e senhoreou muitas terras à força de armas: confinam estes por uma banda com os persas, com os quais têm agora grande liga e grande contratação, e todos os anos vêm muitos deles com fazendas a Ormuz, confinem com o mar Cáspio, e ao lado com os tártaros: e ainda que os

gregos a estes chamem citas: por toda Ásia maior e menor são chamados Mogores perseverando neles a primeira denominação que tomaram do pai Magog donde descendem e se denominaram. Destes diz Pedraza no tratado que fez do Anticristo que são citas e vivem além do mar Cáspio, e que é muita gente, a qual há-de vir em ajuda do Anticristo o que refiro para mostrar que conforma com o que tenho dito. E quanto a esta gente haver de vir com o Anticristo em sua ajuda afirma S. Jerónimo sobre Ezequiel ser opinião dalguns estes Mogores nos tempos passados tiveram contratação pela terra adentro com os chinas: e por certo caso que por sua via deles na China aconteceu de que faremos relação abaixo, muitos deles foram cativos e espalhados por diversas terras da China, e outros mortos, e não haja dos vivos senão os filhos, todavia os portugueses que foram cativos na grande cidade de Camsi, acharam um mouro muito velho dos primeiros que lhes disse ser natural do grã Samarcam, que era perto da Pérsia. Na cidade de Cantão vi um filho descendente destes, que trazia consigo um filho muito gentil homem. É esta gente mui bem feita e mui proporcionada, homens grandes, bem dispostos e alvos pela maior parte: porque vivem em terra fria para o Nordeste e norte respeito da terra santa. Além destes mogores correm ao longo da China os tártaros, que se estendem desde Mogor até à lagoa Meothis e rio Tanas, que é mui grande reino e de muita e inumerável gente. É esta gente vermelha comumente e não alva, andam nus da cinta para cima, comem carne crua, e untam os corpos com o sangue dela: pelo qual comumente são fedorentos e têm mau cheiro. Afirmou-me um china velho que algumas vezes quando eles vinham contra as terras da China, se o vento vinha da parte donde eles vinham, que eram sentidos pelo cheiro: quando vão à guerra levam a carne crua debaixo de si para comerem, comem-na desta maneira e untam-se com o sangue para se fazerem mais fortes e robustos e se provocarem na guerra a crueldade, pelejam também estes a cavalo com arcos e flechas, e usam de treçados, com estes é a contínua guerra dos chinas, e como tenho dito têm os chinas cem léguas (dizendo outros que serão mais) de muro entre si e eles, onde há sempre guarnições de gente para defesa das entradas dos tártaros. Pode-se crer que este muro não é continuado se não que se entremetem alguns montes ou serras, porque me afirmou um senhor da Pérsia que havia semelhantes obras nalgumas partes da Pérsia, com se entremeterem outeiros ou serras. Afirmou-se aos

portugueses que estavam cativos e nos troncos presos o ano de cinquenta, que há alguns anos que havia entre os chinas e tártaros tréguas: e no ano de cinquenta fizeram os tártaros uma grande entrada na China, da qual lhe tomaram uma cidade mui principal: mas acudindo muita gente dos chinas e cercando a cidade e não na podendo entrar por força das armas, por conselho de um homem de baixa sorte, tiveram meio com que a eles e aos cavalos mataram e ficaram outra vez senhores da cidade. Afirmaram os mesmos portugueses que depois foram postos em liberdade, que todos os presos nos troncos fizeram grandes festas e tiveram grandes alvoroços quando os tártaros fizeram esta entrada, pela esperança de serem postos em liberdade por via dos tártaros se senhoreassem a China.

Na cidade de Cantão vi eu muitos tártaros cativos, os quais não têm mais cativeiro que servirem por homens de armas noutras partes longe de Tartária, e trazem por divisa barretes vermelhos, no demais trazem o trajo dos chinas com quem vivem: e têm para seu remédio cousa certa del Rei, que lhe pagam sem falta nenhuma. Chamam os chinas a estes tatos, porque não podem pronunciar esta letra. r. Acima do lago onde Tanas tem sua origem entestam com as fraldas da alta Alemanha, já da banda de Europa, e entre eles e Alemanha há serranias que as dividem: e destas gentes das fraldas das serras dizem os chinas que tem el Rei da China muita gente de armas salariada, que lhe guarda os passos fracos os muros da banda dos tártaros: dizem que são homens grandes e barbaçudos, e que trazem calças cortadas e gorras e espadas rombas, e disse-me um português que pela terra dentro fora levado cativo, que ouvira dizer aos chinas que lhe chamavam a estes alemães: alguns querem dizer, que corre ainda a China acima até à alta Rússia, que cae ainda na Cítia, porque há duas Rússias, uma entre Polónia e Alemanha e outra mais debaixo do norte no último de Alemanha, e a esta última não é inconveniente chegar a China, porque como no que já está atrás dito, se mostre claramente a China comprender a maior parte da Cítia, pois a compreende assim dentro dos montes Ismaos como fora deles. E estes russos sejam citas que estão já na Europa não é mui grande inconveniente querer dizer que até eles se estende a China, e se isto é verdade e o que acabamos de dizer antes disto, fica claro ser verdade o que do rio Tanas dissemos no capítulo segundo e também por todo o dito fica claramente mostrado a China ter nas costas toda Ásia, como diz

Jacobo Filipo que acima referimos. Pois pelo dito se tem mostrado chegar ao extremo de Ásia pois está na última Índia sendo parte dela, e chega ao Tanas que é outro extremo de Ásia da banda de Europa. Além de tudo isto, como quer que a gente da China seja toda uma como se sabe pelos de um extremo dela que vão ao outro. E como quer que cheguem de extremo a extremo da Cítia, o que disseram os antigos dos Pigmeus que eram citas que viviam no extremo da Cítia homens mui pequenos que pelejavam com os grifos por causa do ouro, consta ser fabuloso como outras cousas que contavam de homens que diziam haver na Índia que tinham as bocas muito pequenas, e comiam o comer sorvido por pipa e pisado, e doutros que tinham um pé grande que lhe fazia sombra, alevantado sobre a cabeça. Estas e outras cousas que daquelas partes afirmavam, ficaram fabulosas depois que a Índia se descobriu pelos portugueses. Verdade é que comumente o comer da Índia, que é arroz se come em pilões pilado, ainda depois que não tem casca, mas as bocas têm-nas todos como a demais gente do mundo. Verdade é que há homens no Malabar de casta nobre que chamam Panicaes, que alguns têm uma perna mui grossa em demasia, e outros que as têm ambas da própria maneira: os de mais destes têm uma só grossa, mas não é tal o pé que possa fazer sombra à cabeça. Assim que estas como a dos Pigmeus se deve ter por cousa fabulosa, fica em todo o dito conjectura bastante para poder-se conjecturar quão grande Rei seja o da China e quão estendida seja em suas terras a mesma China.



ERGIMVLS CERVITHI CATAIA

TANGVTH

*Cappia prima Tangvth
in parte inle sunt parva
Christiani parva habent
aque Mahometi 10*

CIARTIAM

CHI NA

PAQUIN

XANTUM

XANSU

SANCHI

HONAO NA

NANQUII

SUCHUAN

IUNNA

CHEQUIAM

SUI QUICHEU

NAM

AN

QUAN II

PHILIPPINAE

INSULAE

OCEANUS SINENSIS

BORNEO



*de S. Bartholomeo
de S. Augustino
de S. Francisco
de S. Pedro
de S. Paulo
de S. Sebastian*

CAPÍTULO QUINTO

DAS PROVÍNCIAS EM QUE SE DIVIDE A CHINA.

Treze províncias afirmam geralmente os da terra que tem a China, e cada província tem uma cidade mui grande e mui populosa e mui nobre em edifícios por cabeça. A primeira que está da banda da Índia é a província de Cantão, a cabeça desta província é a cidade de Cantão, da qual toma denominação a província. Tem esta província onze cidades com a que é cabeça e oitenta vilas cercadas, as quais noutras partes poderá cada uma ser cidade, porque são mui nobres e de muita gente. As povoações que não são cercadas (que muitas delas são mui grandes) são inumeráveis porque são estas terras mui povoadas. Outra província se chama Camsi, a qual é muito mais nobre que a de Cantão, e assim se chama a cidade que é cabeça dela. Há nesta província dezassete cidades, as vilas cercadas são muitas, e assim os lugares não cercados: como esta província seja maior que a de Cantão, crescem muito mais nela os lugares. Há outra província se chama Fuquem, a sua cabeça se chama Fucheo. Tem esta província dez cidades, mas são mui grandes e mui nobres porque é esta uma das maiores e mais nobres províncias. Tem muito grande número de vilas cercadas. As povoações não cercadas são sem conto. Quanto maior seja esta província que a de Cantão e que a de Camsi, mostra-se porque ela só tem um governador e Cantão e Camsi têm ambas um governador. E ver-se-á porque a província de Cantão compreende a ilha de Ainão, que pode ser um Reino por si, porque é de muita gente e mui povoada e tem cinquenta léguas de costa em comprido, tendo de terra firme ao longo da costa tantas ou mais léguas que a ilha, e se esta é a menor província, ou uma das menores, sendo Fuquem uma das maiores, veja-se tamanha será. Nesta província está a cidade de Chinchéu, na qual tiveram trato os portugueses nos tempos passados. A outra província se chama Chaqueam, de que é cabeça a grande cidade Omquom; tem esta província quatorze cidades em que entra a cidade de Liampó, onde também os portugueses nos tempos passados tiveram trato agora todo se passou a Cantão. A outra província se chama Xuteafim, cuja cabeça é a grande cidade de Pequim, onde continuamente reside el Rei. Tem esta província dezassete cidades, as quais em grandeza e nobreza excedem a muitas outras províncias. Afirma-se ser a cidade de Pequim tamanha que apenas a poderá um homem a cavalo dandadura atravessar de sol a sol sem torcer: porque são as ruas direitas e fazem passada

de porta a porta, e isto só dos muros adentro, sendo ainda os arrabaldes muito grandes. A outra província se chama de Chilim: cuja cabeça é a grande cidade de Namquim. Tem esta província dezasseis cidades, residiu antigamente nesta cidade el Rei por ser terra mui fértil, fresca e aprazível, e mudou a corte para o Pequim para de mais perto acudir às guerras dos tártaros. Foi antigamente esta província com a de Chanqueam um Reino por si, daqui foram senhoreando todas as mais províncias, até se fazer a China toda um Reino. Afirmam ser esta cidade tamanha como a de Pequim: nesta cidade por memória de haver ali residido el Rei nos tempos passados, está em casa do Ponchassi, que é vedor da fazenda daquela província uma tábua de ouro, na qual está escrito o nome de el Rei que reina: e está coberta com um rico pano, e todos os principais que regem esta província e nesta cidade residem são obrigados todos os dias ir-lhe fazer acatamento como se o próprio Rei estivera presente: esta tábua se descobre em todas as festas que os chinas fazem, que são principalmente todas as luas novas. Outras tábuas como estas há em todas as províncias nas casas dos Ponchassis, mas a estas não fazem acatamento, se não nas festas quando se descobrem: onde se deve notar quão venerados são os Reis nestas terras. A outra província se chama: Sanxi e o mesmo é o nome da cidade que é cabeça da província. Tem esta província treze cidades. Nesta província somente se faz a porcelana, e porque está perto de Liampó, onde se vendia muita e muito boa e barata, tinham para si os portugueses que se fazia no mesmo Liampó. A outra província se chama Quichio. Tem esta província onze cidades. A outra se chama Fuquom. A outra Quinsi. A outra Vinam. A outra Siquam. A outra se chama Siensi, o número das cidades destas últimas províncias não se soube de certeza.

CAPÍTULO SEXTO

EM O QUAL PARTICULARMENTE SE TRATA DA CIDADE DE CANTÃO.

Havendo de tratar da cidade de Cantão, dou primeiro um aviso aos leitores, que entre as cidades nobres, Cantão é uma entre muitas menos nobre da China, e muito somenos em edifícios que outras muitas: ainda que é mais populosa que muitas, isto dito por todos os que a viram e andaram pela terra dentro, onde viram outras muitas. Pressuposto este aviso é de saber, que Cantão em sua cerca, é de muros mui fortes e muito bem feitos e de boa altura, e são quase novos ao parecer, com haver mil e oitocentos anos que são feitos, segundo afirmaram os chinas: estão muito limpos sem buraco nem fenda, nem coisa que ameace caída, causa estarem desta maneira, serem de pouco mais altura que um homem de pedra de cantaria, e daí para cima de tijolos feitos de barro, quase como o da porcelana, donde causa serem tão rijos, que fundando eu uma capela em Malaca, apenas se pode quebrar um como estes (que da China foi levado) com um bom picão. Ajunta-se a isto haver nesta cidade e em todas as demais, um oficial del Rei que tem somente cuidado de rever os muros, para o qual tem um bom salário. E todos os anos quando vem o corregedor da comarca a visitar a província, visita também este como aos demais oficiais, para saber se faz bem e com cuidado seu ofício. E achando-se que tem qualquer culpa, ou negligência, é deposto do ofício e castigado. E se tem necessidade de gasto para concerto dos muros, o vedor da fazenda é obrigado a lhe dar o necessário, sob pena que se por ele ficar o concerto que não se faça ser também castigado. Por esta causa estão continuamente todos os muros de todas as cidades mui inteiros e mui bem consertados. Estão estes muros de dentro da cidade pouco mais do andar da mesma cidade em sua altura, que é causa de serem muito mais frescas. Tem a cerca em roda doze mil e trezentos e cinquenta passos, e tem oitenta e três baluartes. Alguns portugueses que a viram quiseram dizer ser tamanha esta cerca como a de Lisboa, e a outros pareceu maior. A conta dos passos e baluartes vai feita pelo miudo: outros a fizeram a esmar pela distância dos baluartes, mas como não estejam todos em igual distância, se não uns mais outros menos distantes, em nenhuma maneira pode ser a conta verdadeira. Tem esta cidade e assim todas as demais por uma banda o rio, ao longo do qual, assim esta como as demais estão fundadas quase em valo, e pelas outras partes em roda tem uma cava cheia de água de boa largura, entre

a qual e o muro fica uma boa distância por onde pode correr junta bom tropel de gente, e a terra que foi tirada das cavas, foi lançada entre a cava e o muro, pelo que fica o pé do muro muito mais alto que a demais terra. Além da cava tem todavia um desaire mui grande esta cerca, que tem da parte contrária ao rio fora dos muros e cava um outeiro pequeno que descobre toda a cidade dos muros para dentro. Tem esta cerca sete portas: as entradas das portas são mui soberbas e altas, fortes e mui bem feitas, com ameias em cima, não quadradas senão como em degraus feitas. Nas outras partes do muro não tem ameias: a parede do muro à entrada das portas é de doze passos de grossura: as portas são todas chapeadas de ferro de alto abaixo, e todas diante têm outras portas levadiças mui fortes, que estão sempre altas enunca se descem, se não estão prestes para quando for necessário: todas as portas nas entradas têm couraças e as couraças que estão da banda do arreal que jaz ao longo do rio tem três portas cada uma, uma em frente e duas nos lados, que ficam em serventia das ruas que jazem ao longo do muro, os muros das couraças são quase da altura dos de dentro: a porta que está em frente na couraça, é como a dos muros de dentro: tem também porta levadiça, as portas que estão em revés na couraça são pequenas. As couraças que estão da outra banda do campo onde não há arrealde não tem mais que uma porta, e esta não está em frente da dos muros, se não em revés a uma banda: as ruas da cidade todas são lançadas a linha mui direitas sem de nenhuma qualidade fazerem lombo nem tortura: as ruas principais são algumas mais largas que a rua nova dos mercadores de Lisboa aos ferros: são todas as traves tão direitas como as ruas: de maneira que nem há rua nem travessa que faça volta: são todas as ruas e travessas mui bem calçadas, indo as calçadas ao longo das casas altas, e pelo meio para corrente das águas mais baixas: tem as ruas principais arcos triunfais que as atravessam, altos e mui bem feitos, os quais fazem as ruas muito formosas e enobrecem a cidade: têm as ruas principais ao longo das casas cobertos de alpendres, nas quais e debaixo dos arcos se vendem muitas cousas: as casas dos que regem a terra são nas entradas mui soberbas, com umas alpendoradas altas, grandes e bem lavradas de macenaria: tem na frontaria as portas mui grandes como portas de uma cidade, com dois gigantes pintados com uns bastões nas mãos: eu vi quatro em um pagode (que é templo de ídolos) tirados pelo natural de alguns que dizem ter el Rei que lhe guardam os passos mais fracos da Tartária, são

mui membrudos, poderão ser de doze ou treze palmos de alto: da banda da rua tem de frente da porta principal um recebimento não muito grande e tem lançada ao longo da rua a boa parede de honesta altura de frente da porta, para que quando a porta estiver aberta não fique devassado o de dentro dos que vão pela rua: esta porta não serve, nem se abre senão para os despachos da justiça, e por ela entram e saem os principais da casa, ou outros que são tão honrados ou mais honrados que eles: a um lado desta porta principal fica outra porta também muito grande, mas mais pequena que a principal, que serve para o serviço da casa e dos troncos quando se fecha a porta principal: e quando se fecha esta porta principal atravessam entre ambas um papel grudado, em o qual está escrito o sinal do principal da casa e para se tornar abrir traz um ministro da casa o mesmo sinal escrito em uma tábua engessada ao porteiro para que a possa abrir, sem o qual sinal não a pode abrir sob pena de mui grave castigo. Entrando por esta porta, se faz um pátio mui grande e quase quadrado, que será quase de carreira de um cavalo e no meio faz um corredor pouco menos da largura da porta, que corre direito da porta até um tabuleiro mui grande que está no cabo do pátio, o qual é tudo lageado de pedras quadradas com ombreiras que darão pela cinta a um homem e vai alto na altura da entrada do portal, que fica só um degrau no cabo dele ao tabuleiro, e o pátio nos lados deste corredor é baixo que descem a ele por degraus: este corredor do meio é de tal maneira sagrado entre eles que de nenhuma qualidade é lícito a ninguém passar por ele, senão só algum dos principais de casa, ou a outros de fora tão honrados ou mais que eles: e os que vão a negociar com o oficial da casa em entrando pela porta hão-de desviar-se logo a um lado, descendo ao pátio que tem mui grandes árvores para sombra, e tornam no cabo do pátio a subir por degraus ao tabuleiro sobredito que está no cabo do pátio, o qual é muito grande, no remate deste tabuleiro se faz em toda sua largura um degrau, e do degrau para dentro uma muito grande alpendorada, toda lageada de pedras quadradas como o tabuleiro de fora dela, e muito alta e toda lavrada de macenaria: no meio dela encostado à parede da frontaria estão duas cadeiras com duas mesas diante, um pouco afastada uma da outra, uma delas, que é a da mão esquerda, serve ao regedor daquela casa, e a da mão direita está vaga, para se vier outro que seja de maior dignidade que ele, se poder assentar: para cada uma das ilhargas se fazem dois lanços que correm

para trás deste regedor e de boa largura, ficando ao longo dos lados destes lanços em cada um cinco cadeiras com cinco mesas diante e como a distância deles ao principal regedor seja boa ficam ainda que de trás a vista do regedor principal. Estas servem para dez assistentes que estão com o principal ao despacho em negócios graves: destas alpendoradas para dentro vão mui grandes aposentos, assim para o regedor da casa, como para os assistentes, como para todos os mais ministros e oficiais da casa, que são muitos, como diremos em seu lugar: em cada uma das bandas do pátio estão mui grandes troncos e grandes aposentos, assim para os carcereiros (que são também de muita autoridade) como para as vigias que noite e dia vigiam, mas nem estes troncos nem os aposentos dos ministros deles, nem os aposentos dos principais da casa aparecem de fora, porque para tudo se servem de portas fechadas que têm continuamente seus porteiros. Há em Cantão quatro casas destas para quatro oficiais principais, e em cada província na cidade que é cabeça da província há cinco casas destas: em Cantão não há mais que quatro, porque como o governador de Cantão seja também governador de Camsi, não reside em Cantão, se não em uma cidade que está no extremo de uma das províncias, para que seja mais fácil o recurso de ambas as províncias nos negócios. Além destas casas principais dos principais regedores, há em Cantão outras muitas que ainda que não sejam de tanta magestade como estas, são todavia muito grandes doutros oficiais menores, principalmente as do tronqueiro mor que são muito grandes. Há nos muros de Cantão da parte contrária do rio uma torre alta toda fechada por detrás, para que quem nela andar não seja visto nem devassado do outeiro que dissemos estava fora dos muros, e é lançada em comprido ao longo do muro, de maneira que é mais comprida que larga, e vai toda feita em varandas muito galantes, da qual se descobre toda a cidade, e as várzeas e campos além do rio, que serve de passatempo dos que regem. Nas outras cidades há destes edifícios que servem de passatempo, muitos e mui galantes e de singulares edifícios. As casas da gente comum na aparência de fora, são comumente pouco lustrosas, mas de dentro são muito para ver, porque são comumente alvas como leite, que parecem papel burnido, são lageadas de pedras quadradas: ao longo do chão, um palmo pouco mais pouco menos são tingidos de vermelhão, ou quase preto, a madeira toda é muito lisa e muito igual e muito bem lavrada e assentada e toda que parece bornida, ou tingida

ou em branco, e há alguma em branco tão linda e tão aprazível à vista, com umas águas adamascadas quase cor de ouro e reluzentes, que lhe fariam injúria pintarem-na. Confesso em verdade que nunca vi madeira tão linda como aquela: tem depois da casa que está à entrada um pátio com suas saudades de arvorezinhas e alegretes com um tanquezinho muito lindo: e logo à entrada da casa onde se recolhem as mulheres. Tem uma maneira de alpendre aberto por diante para o pátio onde tem muito grandes almareos muito bem lavrados, que tomam um pano da casa, sobre os quais tem seus oratórios e deuses feitos de pau, ou de barro: são estes oratórios mais ou menos curiosos segundo a possança de cada um: todas as casas são telhadas de muito boas telhas, melhores e de mais dura que as nossas: porque além de serem bem feitas, são de muito bom barro: as que recebem a água são largas e pouco longas, e as de cima que fecham essoutras são mais estreitas, e no remate da banda da rua são guarnecidas com galantarias feitas de cal: por muitos anos não têm necessidade de se retelharem, porque como o barro é muito bom não são porosas como as nossas, ou escabrosas, mas são mui lisas e calidas, e por estarem mui bem assentadas não criam nenhuma imundície. Há muitas casas muito lindas por dentro, e há muito poucas sobradadas, as mais são térreas. Tem no meio da cidade um templo de ídolos com torres altas, os muros dos quais adiante diremos: tem sua mesquita com alcorão mui alto e com seu coruchéu em cima, os arrebaldes de fora são mui grandes e de muitos vizinhos, de maneira que alguns portugueses os quiseram comparar em grandeza aos de Lisboa, mas a mim e a outros pareceu mais pequeno, ainda que é maior e de muito mais vizinhos que a cidade dos muros adentro. É mui populosa, e é tanta a gente que às entradas das portas da banda do rio não há quem possa romper, comumente a gente que sae e entra brada e fazem grã ruído que dêem lugar aos que levam cargos: e mandando os regedores da cidade tirar inquirição dos mantimentos que cada dia se gastavam, se achou gastar-se só de porcos cinco ou seis mil, e dades dez onze mil afora comerem muita vaca e búfala e muitas galinhas e imensidade de peixe, de que as praças e ruas estão cheias e muitas rãs e muito marisco, muitas frutas e outros legumes. Por aqui pouco mais ou menos se pode ver que gente há em Cantão, e se se pode comparar a Lisboa. As casarias dos arrebaldes são como as dos muros adentro, as ruas são também arruadas e lançadas à linha como as de dentro, e todas pela maior

parte também mui bem calçadas, e algumas delas são mui largas e têm arcos triunfais, mas poucos. Algumas ruas, assim fora dos muros como dos muros adentro, de uma banda e da outra ao longo das casas têm árvores para fazer sombra. Em todas as ruas dos arrebaldes há nos cabos e fim delas portas com porteiros obrigados, os quais têm especial cuidado de as fechar todas as noites sob pena de por isso serem castigados gravemente se se descuidarem, e cada rua tem um meirinho e tronco: este é obrigado, ou a dar o malfeitor que de noite fizer algum malefício na rua, ou pagar por ele, pelo que têm todas as ruas toda a noite vigia, partindo-se os da rua em quarteis, e fazem na noite seis quartos, e para sinal que estão espertos, em cada rua tocam um tambor onde tem toda a noite sempre uma lanterna grande acesa. As portas da cidade como anoitece todas se fecham, e põem-se entre ambas um papel com grude pegado, como sinal do capitão mor, e abrem-se com sol, vindo recado do mesmo capitão a todas, com o seu sinal escrito em uma tábua engessada. Cada porta tem um capitão homem honrado, e cada um tem certos soldados que continuamente de noite e de dia vigiam cada uma das portas. O que mais há para dizer de Cantão, dir-se-á com o comum da China, tocando algumas cousas em lugares particulares.



CAPÍTULO SETIMO

DE ALGUNS EDIFÍCIOS QUE HÁ PELA TERRA DENTRO.

Muitas das cidades da China, que como tenho dito são mais nobres que Cantão com muita vantagem, têm nas portas dos muros até ao andar do muro varandas de pedra, ou tijolo mui fortes, altas e mui bem obradas, com coruchéus em cima, e tudo muito galante, cousa que orna muito e enobrece as cidades. Os muros em muitas cidades são muito largos: de maneira que podem passar por cima três ou quatro homens emparelhados, e em algumas partes são todos ladrilhados por cima: e todos feitos em varandas cobertas, e os baluartes todos com varandas altas e coruchéus, tudo mui bem obrado e muito galante, e a eles vão muitas vezes os que regem a passar tempo: e são feitos os sobre muros e varandas de maneira que em todos eles se pode morar. Na cidade de Fucheo, a qual como temos dito é cabeça da província de Fuquem, está à porta do vedor da fazenda uma torre muito para ver fundada sobre quarenta colunas todas inteiriças de pedra oitavadas, as quais têm em roda cada uma doze palmos e de comprido podiam ser pouco mais ou menos de quarenta palmos, porque não puderam os portugueses medir-lhe o comprimento, mas isto lhes pareceu que podiam ter de comprido. Estavam por cima enxeridos e liados com mui grandes e mui grossas traves, e em cima estava uma mui alta e mui fermosa torre feita toda em varandas mui galantes e mui bem obradas, mas a obra de cima não é nada de maravilhar por haver muitas obras semelhantes por toda a China, só o fundamento é digno de se saber por ser de tantas e tão grossas colunas todas iguais, e todas de uma obra e de uma pedra, cada uma é cousa maravilhosa. Em muitas cidades das principais principalmente desde o cais donde desembarcam os que governam e regem a terra até à casa do vedor da fazenda as ruas são tão nobres e largas, que podem ir por elas emparelhados dez, quinze homens a cavalo, com lhe ficarem às bandas mui bons cobertos onde vivem muitos mercadores de muitas e diversas mercadorias e onde debaixo dos mesmos cobertos se vendem muitas frutas e muitas outras cousas: estes cobertos têm todas as ruas largas e principais de todas as cidades, os quais servem do que já disse. Em todas as ruas das cidades nobres, que são ruas reais ou principais há mui sumptuosos e muitos arcos triunfais, tendo Cantão poucos e não sumptuosos. São estes arcos nestas cidades nobres, além de sumptuosos muito galantes e mui bem obrados

de maneira que punham os portugueses (que eram levados cativos pela terra dentro) que cada um destes tinha de custo três mil cruzados, são armados sobre oito mastros mui grossos e mui compridos, e vão postos de maneira que fazem atravessando a rua três arcos, ficando do meio mais largo que os das bandas, indo postos os oito mastros de dois em dois. Por cima levam mui singular e galante edifício de madeira: é coberto por cima com telha mui galante de porcelana, a qual lhe dá muita graça e formosura, e são feitos estes arcos de tal largura e de tal feição, que pode estar muita gente debaixo amparada da chuva e do sol: pelo que debaixo deles se vendem muitas frutas e brincos e muita diversidade de cousas: e ainda que nalgumas partes estes arcos sejam fundados sobre madeira, em outras muitas são todos de pedra mui boa e mui bem lavrada. Fazem estes arcos parecer as cidades soberbas, nobres e formosas, quando vêm oficiais novos à terra e também nos dias que fazem os chinas suas festas gerais, armam estes arcos de panos de seda, e de noite que é o principal de suas festas, penduram-lhe muitas lanternas, as quais eles fazem mui galantes e grandes de panos de seda mui bem pintados, as quais com a claridade das candeias parecem muito bem. Assim estes arcos de noite com estas lanternas e com os panos de seda ficam muito formosos e parecem muito bem: estes arcos fazem-nos os principais regedores para que fique deles perpétua memória, pelo que põem neles seus letreiros: parece ser esta invenção de memórias furtadas de Romanos, como a polícia do governo e leis com que governam e regem a terra, e o comer em mesas altas, e assim cousas semelhantes que nenhuma gentes da Ásia têm, pelo que parece que Ovidio quando foi desterrado para os citas foi metido entre estes da parte do rio Tanas e os meteu nesta maneira de vida política e costumes: porque diz ele no de Tristibus. Não aproveitei tão pouco entre estes bárbaros citas para onde me desterraram: porque os fiz viver na polícia romana. Quase todas as cidades estão fundadas ao longo de rios. Nos rios que não são muito altos e impetuosos têm estas cidades para serviço pelo rio pontes de pedra mui nobres e mui bem lavradas, e não vão os pegões feitos em arcos se não depois de bem fundados e postos em boa altura: são cingidos uns com outros por cima de mui grandes e mui grossas campas: mediram-nas os portugueses e acharam serem algumas de onze e algumas de doze passos de comprido: são estas pontes mui largas, e como os rios são mui largos são mui compridas. Contaram os portugueses os pegões de uma banda

em uma ponte e acharam serem quarenta e nove, e por serem feitos sem arcos e todos lançados em direito, todos se lavam com a vista de cabo a cabo: são as ombreiras ou peitoris de ambas as bandas mui galantemente lavradas: estas pontes são a principal praça das cidades onde se vendem todas as cousas de comer: o que é de maravilhar da China, é haver muitas pontes por toda a China em lugares despovoados e não serem de menor custo e obra que as que estão ao longo das cidades, antes são todas custosas e mui bem obradas. Em algumas cidades onde os rios são muito altos e impetuosos, principalmente de grandes cheias que não sofrem pontes de pedra, fazem pontes de madeira fundadas sobre barcas, as quais vão em duas ordens, corridas por grossas cadeias de ferro, com encostos feitos de uma banda e doutra mui bem lavrados e mui galantes de madeira. Contaram os portugueses as barcas de uma ponte destas e acharam serem cento e doze: nestas pontes é também a principal praça da cidade, onde se vendem todas as cousas, principalmente de comer, e vem muito grande multidão de barcas carregadas de mantimentos, que de uma banda e da outra da ponte se põe a vender o que trazem. Quando vem a invernada, que o rio vai furioso, desarmam estas pontes, lançando encadeadas uma ordem de barcas para uma banda ao longo do rio, e outra ordem para outra: e servem-se então de barcas de passagem: as quais são obrigados os regedores a dar para serviço da cidade, pagas à custa das rendas públicas del Rei. Há também destas pontes muitas por muitas partes da China. Em algumas cidades corre água por quase todas as ruas e de uma banda e outra da rua correm tabuleiros de pedra de cantaria para serviço comum da gente: e por todas as ruas há mui boas e bem feitas pontes para passarem de uma banda para outra: e pelo meio das ruas há mui grande tráfego de embarcações, que vão para uma parte e outra. Nos lugares por onde entra água para dentro da cidade tem feito no muro mui bons portais que têm fortes portas de grade de ferro para se poderem fechar de noite: e as mais das estradas pela terra dentro são muito bem calçadas de pedra, e onde não há pedra de tijolo, que é tal qual dissemos acima no capítulo sexto. Em todas as serras e outeiros onde há caminhos são muito bem feitos cortados ao picão, e calçados onde é necessário. É esta uma das boas obras da China e é muito geral em toda ela. Muitas serras da banda dos Bramas e dos Laos são cortadas em degraus mui bem feitos e no alto da serra se faz um baixo mui bem cortado, no qual está uma torre mui alta, que se iguala em cima com o

mais alto da serra, a qual é mui forte, mediu-se a parede de uma torre às entradas da porta e era de grossura de seis braças e meia. Há desta banda muitas obras destas, e assim as deve haver noutras partes. Há nos lugares que não são cercados algumas casas de lavradores ricos, as quais quando homem vê ao longe (por quanto estão entre mui frescos arvoredos e não aparecem outras casas se não estas) por causa dos arvoredos, parece a homem que vê quintas em Portugal, nobres e altas. Vêem-se destas muitas por muitas partes, que parece estarem em despovoado, mas quando se chega onde elas estão, descobrem-se uns lugares muito grandes e de muitos vizinhos, muito bem arruados, ainda que as ruas comumente são estreitas. São estas casas muito altas, de três ou quatro sobrados: os telhados não aparecem, porque sobem as paredes acima mui bem acabadas, e lançam água por canos para fora: são estas casas fortes e têm grandes e nobres portais de pedraria, e à entrada um recebimento cercado de boas e altas paredes. Fazem estas casas desta maneira fortes e com estes recebimentos, porque acontece às vezes ajuntarem-se soma de ladrões que andam salteando estes lugares descercados, e como estes homens são ricos fazem as casas desta maneira para ali terem o seu seguro recolhendo sua gente dentro para se defenderem dos ladrões. Entrando na primeira casa destes (que é grande) tem nela uns grandes armários mui bem feitos e bem lavrados, mas é obra mais para fortaleza e dura que para galanteria: e assim tem umas cadeiras de espaldas todas de pau mui fortes e mui bem feitas, de maneira que o seu fato é de dura e de enchemão, que fique para filhos e netos.

CAPÍTULO OITAVO

NO QUAL SE TRATA DA NOBREZA DAS CASAS DOS HOMENS DE SANGUE REAL E ASSIM DAS CASAS DE REGEDORES QUE HÁ NAS CIDADES NOBRES.

Já fica dito acima quão nobres são as casas dos regedores da cidade de Cantão, e dissemos que entre as cidades nobres Cantão era das mais somenos. Pois assim como muitas cidades excedem em nobreza a Cantão, tanto quanto elas excedem Cantão em nobreza, tanta vantagem têm as casas dos regedores em nobreza às da cidade de Cantão. As casas dos regedores nas cidades nobres, primeiro que se chegue onde estão os regedores têm dois pátios muito largos e compridos, que cada um deles será de grande carreira de cavalo : nestes pátios estão prantados jardins mui frescos nos quais há muitas árvores de fruto, ficando no meio corredores altos pelos quais passam os regedores, e por ambas bandas dos corredores ficam por baixo entre jardins e corredores espaço para passar a gente que tem negócio, e para o mais serviço da casa: e porque comumente nestas casas há mui grandes aposentos assim para o regedor como para os assistentes, e grandes troncos e aposentos para os tronqueiros e para as vigias: tem dentro grandes hortas com seus tanques, nos quais têm muito peixe , não tanto para passatempo como para comer. Fica fazendo cada uma destas casas tamanho circuito como o é uma honesta vila . Na cidade de Camsi, que como dissemos é cabeça da província de Camsi, há mil casas em que se aposentam os parentes del Rei, e são mui grandes e mui avantajadas em nobreza e fermosura das casas dos regedores: têm por divisa as frontieras e portas vermelhas: afirma quem o viu, que uns paços de um destes que é parente da mulher del Rei por nome Vanfolim tem tão grande cerca como uma grande vila . São quadradas e têm quatro portas para quatro ruas principais mui soberbas e mui bem feitas, com torres altas em cima das portas, feitas em varandas mui galantes: nesta cerca dentro tem jardins muito frescos e grandes, com muitas árvores de fruto e com grandes tanques de água onde tem grande número de peixe assim para passatempo como para mantimento de sua casa. Ali tem todos os alegretes de boninas e cravos e ervas cheirosas e dentro tem bosques de arvoredos silvestres, onde traz muitos veados e porcos monteses e outras caças: de maneira que das portas adentro tem todos os passatempos, porque nunca pode sair fora de casa, assim pela grandeza de seu estado, como por ser assim lei do Reino, que quer el Rei ter seu Reino seguro e quer tirar aos de sangue real ocasião de alevantamentos. São obrigados todos os regedores

da cidade a i-lo visitar e reverenciar todas as festas do ano. Os outros parentes del Rei saem às vezes pela cidade, mas de nenhuma qualidade podem sair dos muros afora, porque se cometerem saída para fora, sem nenhuma remissão são logo presos e castigados com a última pena que é capital. É também o aposento destes em Camsi, porque é no extremo do Reino, que é lugar onde ainda que queiram não se podem fazer possantes, porque provê el Rei o Reino de maneira que não possa haver nele nenhum alevantamento: e assim em toda a China não há nenhum senhor de título, porque a esses parentes del Rei e que são de sangue real, aposentam-nos quando casam, então segundo são mais ou menos chegados em parentesco a el Rei, assim lhes dão o casamento, e os servidores e ministros e as mulheres que hão-de acompanhar a sua, e para toda a gente de sua casa e para sua pessoa e de sua mulher se lhe limita a renda que mui bem lhe basta, a qual se lhe paga todos os meses sem falta das rendas públicas del Rei: de maneira que os de sangue real sempre são administrados e providos desta maneira, no que não há falta. Os que regem a terra, que são principais no Reino, tem cada um limitada a renda segundo a qualidade de sua pessoa e ofício requer: de maneira que a ele e aos seus nada falta, mas não lhe sobeja tanto que com isso se possam engrossar: patrimónios, ou não os têm porque ficam aos irmãos, ou são pequenos que os não podem fazer possantes: ao que se ajunta serem comumente gastadores, dados a boa vida, a muito comer e beber, pelo que comumente não fazem provisão de seus ordenados. Assim que por todas estas vias se governa a terra de maneira que não pode haver alevantamentos nela. As casas destes de sangue real comumente são mui nobres e grandes, nas quais têm grandes cercas e tanques de água, hortas e frescuras, porque como não podem sair fora da cidade, dentro de casa se lhe provê que tenham todos seus passatempos, e quando os que regem a terra passam pela porta destes nobres, quer vão a cavallo, quer em cadeira, hão-de appear-se por reverência até passar a porta, e enquanto por ela passam os seus ministros, não hão-de ir bradando como costumam, mas passam sem pompa e calados. Ouvi a um homem fidalgo e de crédito por nome Galiote Pereira irmão do alcaide mor de Arraiolos que nesta cidade de Camsi esteve sendo cativo, que com as casas destes parentes del Rei serem tantas e tão grandes, que era tamanha a cidade que parecia estas casas ocuparem mui pouco dela e fazerem nela pouca moça: e assim o tinha escrito em um seu roteiro donde eu tirei muito do que aqui

digo: de maneira que a grandeza da cidade escondia em si a multidão e grandeza destas casas. E como este homem parece não dever mentir nisto pois o viu, fica parecendo verdadeiro o que comumente afirmam da grandeza da cidade de Pequim e da de Nanquim, que um cavalo de andadura apenas a atravessa dos muros adentro de sol a sol, pois são cidades reais e as principais de toda a China. São estes de sangue real comumente músicos e prezam-se de tanger bem uma viola, e como quer que tenham pouco exercício e sejam dados a boa vida, são comumente muito gordos, e são por conseguinte muito bem acondicionados, aprazíveis, e conversáveis e de muita boa razão, muito cortesês, muito bem ensinados. De maneira que os portugueses depois de saírem dos troncos e terem alguma liberdade, em nenhuma gente achavam tanto agasalho, honra e favor como nestes: porque os levavam a suas casas e comiam e bebiam com eles, e quando eles se escusavam, ou não os achavam levavam os seus moços, que havendo sido cativos com eles e sendo soltos não os desamparavam, antes acompanhando-os os serviam: e aos moços faziam tanta honra como aos senhores. Deve-se aqui de notar com quanto tento e consideração é o governo desta terra, quanta diligência está posta para se conservar em paz, cortando as ocasiões que pode haver de alevantamentos: daqui vem haver muito número de anos que a China se sustenta e governa segura em si, e em paz sem guerras intestinas.



CAPÍTULO NONO

DOS NAVIOS E EMBARCAÇÕES QUE HÁ NA TERRA.

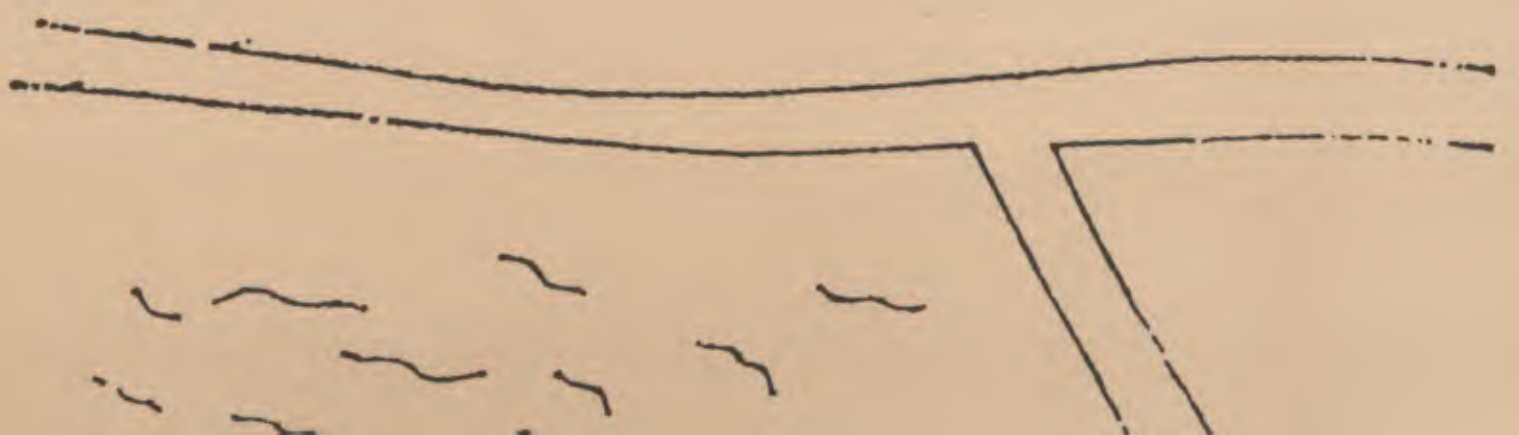
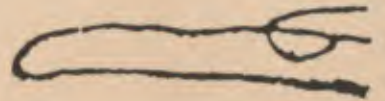
Como haja nesta terra muita madeira e muito barata, e muito ferro muito bom e barato, há imensidade de navios e embarcações, porque há por toda a terra infinidade de pinhais e de outros arvoredos pelo que é fácil a todo homem ainda que seja pouco possante, poder fazer navio e ter embarcação e isto causa o muito proveito e ganho que neles a necessidade que a terra deles tem: porque não somente tem muita multidão de ilhas ao longo da costa, mas muito grande costa pela qual se navega: e além disto toda a China por dentro se navega e toda se corre por rios que a talham toda e regam, que são muitos e muito grandes. De maneira que até aos fins do Reino se pode navegar e ir em embarcações. Qualquer capitão ao longo do mar pode em muito pouco espaço ajuntar duzentos, trezentos até mil navios se lhe forem necessários para pelejar. E não há lugarinho ao longo do rio que não esteja coalhado de embarcações grandes e pequenas. Ao longo da cidade de Cantão mais de meia légua pelo rio é tão grande multidão de navios que é cousa maravilhosa vê-los e o que é mais de maravilhar é que esta multidão nunca desfalece nem mingua quase todo o ano: porque se saem trinta ou quarenta, ou cento um dia, entram outros tantos: digo nunca desfalecer nem minguar a multidão, porque ainda que algumas vezes haja mais ou menos, sempre fica a multidão maravilhosa: e o que mais é, que todos os que entram vêm carregados, e todos os que saem vão carregados, levando fazendas e trazendo fazendas: e o que muito mostra a nobreza, abastança e riqueza da terra, é que todos estes navios com trazerem muito grossas fazendas de panos, sedas e mantimentos e outras mercadorias, todas estas fazendas umas vão pela terra dentro, outras vêm de dentro da terra, e nada vem de fora da China, nem vai para fora dela: e a que levam os portugueses e alguma que levam os de Sião, é tão pouca em comparação do grosso trato da terra, que quase fica não sendo nada, e não se deitando de ver, pois para fora não vai mais fazenda que a que os portugueses e Siões levam, a qual com ser muita é como se se não tirasse nada da China, saindo cinco ou seis naus carregadas de seda e de louça: faz isto a grande abastança e riqueza da terra que consigo só se pode soster: pimenta e marfim que é o principal que levam os portugueses, bem pode passar a vida sem ela, e o tráfego de mercadorias que há nesta terra há em todas as cidades pela terra dentro, que como tenho dito quase todas estão fundadas ao longo dos rios. Trazem os chinas um dito comum para mostrarem a nobreza de seu Reino que pode fazer el Rei da

China uma ponte de navios da China até Malaca que são perto de quinhentas léguas, o qual ainda que parece que não pode ser, todavia é como por metáfora significar a grandeza da China, e a multidão dos navios que de si pode lançar. Aos maiores navios chamam juncos pelos que são navios para guerra, feitos como naus grandes, aos quais fazem muito altos castelos de proa e de popa, para deles pelejarem: de maneira que fiquem senhores dos adversários, e porque não usam de artilharia todo o seu uso é chegarem muitos juntos, e cercando o navio adversário abalroam-se com ele: e no primeiro cometimento lançam muita soma de cal para cegarem os adversários: e assim dos castelos como das gáveas lançam muitos paus tostados agudos, que servem como zagunchos são de pau mui testo: usam também de soma de pedra e o principal que trabalham, é quebrarem com os seus navios as obras mortas dos adversários, para que fiquem senhores deles, ficando-lhe debaixo, e deseparados de cousa com que se lhe encubram: e como podem entrar vêm às lançadas e cutiladas, para o que têm lanças compridas, e espadas rombas, sobre talabartes derrubados. Há outros juncos de carregação para fazenda, mas não são tão altárosos como os de guerra, ainda que os há mui grandes. Todos estes navios assim de guerra como de mercadores usam de dois remos por proa são muito grandes e remam-nos quatro cinco homens cada um lançados de longo do navio os movem com tal geito que fazem ir o navio por diante e ajudam muito para sair e entrar uma barra, e para cometendo os inimigos abalroar: chamam estes remos lios lios: em todas as maneiras de embarcações usam destes lios lios, nem usam doutra maneira de remos em nenhum género de embarcação. Há outras embarcações menores que juncos sobre o comprido que chamam bancões trazem três remos por banda e remam-se muito bem, e carregam muita fazenda: há outras menores que chamam lanteas que têm seis sete remos por banda que remam muito e também levam boa carga: e destes dois géneros de navios. s. bancões e lanteas por serem ligeiros usam comumente os ladrões, o remar destes remos é em pé, dois homens a cada remo, cada um de sua banda, fazendo pé atrás pé avante. Nos juncos vão quatro, cinco, seis a cada remo. Usam também de umas embarcações mui compridas como galés sem apelação e sem esporão, as quais carregam muita fazenda: e fazem-nas assim compridas para que trazendo muita carga possam melhor navegar pelos rios que às vezes não são altos. Têm outros muitos géneros de embarcações de carga que é supérfluo contar de cada um. Há muitos barcos pequenos de gente pobre, nos quais anda marido e mulher e filhos, e não tem outro aposento senão a sua embarcação no

meio coberta, para amparo do sol e da chuva: como também tem os bancões e lanteas e os outros que disse serem como galés, e são estas cobertas de maneira, que ficam debaixo muitos bons agasalhos e aposentos nas embarcações grandes, nestes dos pobres são muito somenos: ali criam seu porquinho, sua galinha, e ali têm também sua pobrezinha horta, e ali têm toda sua pobreza e gasalhado. Os homens vão buscar em que trabalhar pela cidade para ajuda de sustentar sua casinha, as mulheres andam nas embarcações, e com uma cana comprida que chega bem ao fundo do rio, na ponta da qual trazem atado um cestinho de verga com que tiram marisco, com seu engenho e com passar gente de uma banda para outra ajudam a soster o gasalhado. Estes pobres todavia não vivem tão pobres e tão maltratados no trajo como os que vivem pobremente em Portugal. Há outras embarcações grandes, nas quais anda todo o cabedal de ambos, a qual tem grandes gasalhados onde podem recolher muito fato: estes têm bom cabedal, as suas embarcações têm umas asas largas feitas de caniçada tão grandes quanto é o comprimento delas, nas quais agasalham dois ou três mil adens, mais ou menos segundo é a embarcação: algumas destas são de senhorios e andam nelas seus criados: apascentam estas adens da maneira seguinte. Depois que é clara manhã botam a todas um pouco de arroz cozido e não a fartar, acabando de lhe dar de comer abrem-lhe uma porta para o rio onde está uma ponte de canas, e é cousa maravilhosa de ver quando saem o tropel que fazem saindo umas por cima doutras, pela cópia ser muita e o muito espaço que põem em sair, apascentam-se todo o dia até à noite por entre os arrozais, recebendo os que têm cuidado destas embarcações prémio dos donos dos arrozais pelas apascentarem neles porque os alimpam comendo a erva que por entre eles nasce, quando vem à noite tangem-lhe um atabaquinho, e ainda que estejam diversas embarcações juntas conhecem a sua pelo som do atabaque, e recolhem-se a ela: e porque sempre pelo tempo acertam de ficar algumas que se não recolhem, há por todas as partes muitas bandas de adens bravas, e o mesmo há de patos. Quando eu vi tão grande multidão de adens em cada uma destas embarcações, e todas iguais não me parecendo poderem ser tiradas por adens nem por galinhas porque se assim fora, umas foram maiores, outras mais pequenas, pois não podiam tantas ser tiradas em um dia, ou dois, ou quinze, quis saber como as tiravam e disseram-me ser de uma de duas maneiras. No verão metendo dois ou três mil ovos no esterco, e com a quentura do tempo e do esterco saem as crianças. No inverno fazem uma caniçada grande, sobre a qual põem aquele grande número de ovos, debaixo da

qual lhe fazem um fogo não muito grande, continuado de uma maneira certos dias até que saem as crianças. E por serem tiradas desta maneira são tantas da mesma grandura, e há por todos os rios muita soma destas embarcações, pelo que são mui providas as terras deste mantimento, cousa é muito para folgar de ver pelos rios a muita multidão de embarcações, umas que vão, outras que vêm, umas à vela e outras ao remo. E como sejam as várzeas de arroz ao estender de olhos parecem muitas embarcações ao longe vindo à vela, que parece virem cortando pela terra até que homem faz volta a eles e eles a homem que lhe descobre os grandes cascos que têm, não lhe aparecendo antes mais que as velas. E juntamente se descobrem grandes braços de rios por onde vêm. Há umas embarcações em que navegam os regedores, as quais têm gasalhado altos e de dentro casas muito bem feitas, douradas, ricas e muito galantes: e de uma banda e da outra têm suas janelas grandes com suas redes tecidas de seda e de varinhas muito finas, lançadas diante para que podendo os que estão dentro ver tudo o de fora, não possam eles ser devassados dos de fora. Com as embarcações dos nobres de Pegu serem muito ricas e galantes, afirmam os que viram umas e outras, que as dos chinas têm muita vantagem. Para banda dos Laos e Bramas há continuamente nos rios guarda e vigias em muitas embarcações: todo um mês de caminho até à cidade de Camsi: estão estas embarcações nos lugares onde os rios fazem alguns braços por causa dos muitos ladrões que há comumente nestas partes por ser extremo do Reino: e porque os rios têm muitos braços há muitas embarcações postas por muitas partes: em todo lugar onde estão estas embarcações há duas pequenas que continuamente correm de noite e de dia de uma vigia a outra por serem muito ligeiros, e partem-se os das embarcações grandes em vigias aos quartos para vigiarem assim nos pequenos e ligeiros como nos grandes. As embarcações de passagem vão sempre muitas juntas para se poderem defender umas às outras enquanto lhe acodem os da armada e vigias, e na vigia onde lhe anoitece ali ficam até pela manhã, e pelos barcos pequenos são entregues salvos à outra vigia avante, e assim de vigia em vigia são acompanhados dos pequenos até serem postos em porto seguro. Da cidade Doucheo, que é onde reside o governador de Camsi e Cantão até ao extremo da província de Camsi, que são lugares mais perigosos: há continuamente armadas de quarenta cinquenta embarcações: todas estas guardas e vigias se pagam das rendas comuns do reino. Bem se vê nisto quão bem se governa a China, e quanta conta se tem com fazer aos mercadores e caminhantes os caminhos seguros.





CAPÍTULO DÉCIMO

DO APROVEITAMENTO DA TERRA E OCUPAÇÃO DOS HOMENS.

É a China terra quase toda mui bem aproveitada: porque como a terra seja muito povoada, a gente muita em demasia, e os homens gastadores, e tratando-se muito bem no comer e beber e vestir e no demais serviço de suas casas, principalmente que são muito comedores, cada um trabalha de buscar vida e todos buscam diversos modos e maneiras de ganhar de comer e como sustentarem seus grandes gastos. Faz ajuda muito a isto ser a gente ociosa nesta terra muito aborrecida e mui odiosa aos demais, e quem o não trabalhar não o comerá, porque comumente não há quem dê esmola a pobre, pelo que se acertava algum pobre de pedir esmola a algum português e o português lha dava, riam-se os chinas dele, e zombando diziam: para que dás esmola a este que é velhaco vão ganhar, somente alguns chocarreiros recebem prêmio subindo-se nalgum alto ajuntam gente e põem-se a contar patranhas para que lhe dêem alguma cousa. Os padres e seus sacerdotes dos seus ídolos comumente são aborrecidos e desestimados por os terem por gente perdida e ociosa, donde os regedores não lhe perdoam, mas por qualquer leve culpa lhe dão muito açoute: pelo que açoutando uma vez um regedor diante de um português um sacerdote seu, e o português dizendo-lhe porque tratava tão mal os seus padres e os tinham em tão pouca estima, respondeu-lhe: estes são velhacos ociosos e perdidos. Um dia entrando eu e uns portugueses em casa do vedor da fazenda sobre o livramento de uns portugueses que estavam presos, porque lhe pertencia o caso, pelo grande interesse que dali vinha para el Rei, entrou muita gente connosco para nos ver, entre os quais entrou um seu sacerdote: em dizendo o regedor assentem-se, deitam todos a correr a grande pressa, correndo o padre como cada um dos outros por medo dos açoutes. Do dito consta a gente ociosa nesta terra ser aborrecida e quem o não ganha não o comerá, pelo que a cada um convem catar modo e maneira de vida com que se sustente: e trabalha cada um de buscar a vida, porque o que ganha livremente o goza e gasta à sua vontade, e o que lhe fica por morte é dos filhos e netos, pagando somente direitos reais, assim dos frutos que colhem como das fazendas em que tratam, que não são pesados: o maior tributo que tem, é cada pessoa casada, ou que tem casa sobre si, cada um ano paga de cada cabeça de sua casa dois mazes, que são sessenta reis: nenhuma tirania lhe fazem mais que

só pagarem seus direitos: ficam suas fazendas e tudo o que podem haver livre para o poderem gozar à sua vontade: pelo que todos trabalham de ganhar e de lavrar as terras e aproveitá-las. De Champá, que como dissemos confina com Cauchim china até toda a Índia há muitas terras desaproveitadas e feitas brenhas e matos e são geralmente os homens pouco curiosos de ganhar e juntar porque não ganham tanto que mais lhe não tiranizem, o que tem somente é seu enquanto el rei quer e não mais. De maneira que como os Reis sabem que algum seu oficial tem muito dinheiro o mandam prender e tratar tão mal até que lhe faz arreversar quanto tem ajuntado: pelo que há muitos naquelas partes que se ganham um dia ou semana algumas moedas, não hão-de trabalhar até que não consumam e gastem tudo o que têm ganhado em comer e beber, e fazem-no porque se acertar de vir alguma tirania não achem que lhe tomar. Daqui vem como digo haver na Índia muitas terras por muitas partes desaproveitadas, o que não é na China, porque cada um se goza do fruto de seu trabalho. Daqui vem que toda a terra que na China pode dar qualquer género de fruta recebendo semente é aproveitada. Os altos, que não são tão bons para pão têm mui formosos pinhais, semeando ainda por entre eles alguns legumes onde pode ser: nas terras enxutas e tesas semeiam trigo e legumes: nas várzeas, que são alagadiças, que são muitas e mui compridas, semeiam arroz: e dão algumas destas várzeas duas e três novidades no ano. Só as serras altas que são cortadas dos tempos e não são dispostas para se plantarem ficam desaproveitadas: nenhuma cousa há na terra que deixem perder por vil que seja: porque os ossos, assim de cães como de todos os animais aproveitam, fazendo deles brincos e lavrados em lugar de marfim, assentam-nos em mesas, leitos, e noutras cousas de galantarias: não se lhe perde trapo de nenhuma qualidade, porque assim dos delgados como dos grossos, que não sejam de lã fazem papel grosso e delgado e fazem papel de cascas de árvores e de canas e de panos de seda, e no de seda escrevem: o de mais serve-lhe para enrolar entre as peças de seda, até o esterco do homem aproveitam e é comprado por dinheiro, ou a troco de hortaliça, e o levam das casas: de maneira que eles dão dinheiro, ou cousa que o valha por lhe deixarem limpar as privadas, ainda que cheira mal pela cidade, quando o levam às costas, por evitar o mal cheiro o levam em selhas muito limpas por fora, e posto que vão descobertas todavia parece que é limpeza das terras e cidades. Em algumas cidades se usa irem estas selhas cobertas por

não dar nojo: serve-lhe este esterco para estercarem as hortas, e dizem que com ele cresce a hortaliça a olho, misturam-no com terra e curam-no ao sol, e assim se servem dele, usam em tudo mais de engenho que de força pelo que com um boi lavram fazendo o arado de tal engenho que corta bem a terra, ainda que não são os regos tamanhos como entre nós. Um navio por grande que seja e por muita água que faça as bombas são feitas por tal engenho, que um homem só assentado andando continuamente com os pés como quem sobe degraus, em muito pouco tempo o esgota: são estas bombas de muitas peças ao modo de noras, lançadas ao longo do costado do navio por entre caverna e caverna, tendo cada peça um pedaço de pau de dois palmos, pouco mais ou menos um palmo bem lavrado: no meio deste pau tem uma tabuleta quadrada inserida, quase de largura de uma mão travessa, e encherem um pau em outro de maneira que se possa bem dobrar, o encaixamento que está de todas as partes bem fechado, por onde corre esta maneira de nora, é por dentro da largura das tabuletas de cada uma das peças, que todas são iguais: e traz esta maneira de nora tanta água quanta pode caber entre tabuleta e tabuleta. Usam também os chinas de Bonifrates com os quais fazem representações por engenhos como em Portugal os trouxeram alguns estrangeiros para ganharem dinheiro: e para o mesmo fim de ganhar dinheiro os usam os chinas. Criam rouxinóis e ensinam-nos a fazer representações, com diversas maneiras de vestidos de homens e de mulheres, e fazem geitos e tresgeitos muito para folgar de ver. Só este género de pássaros criam em gaiolas mui bem feitas para cantarem, e tem comumente macho e fêmea em diversas gaiolas, e para cantarem apartam o macho da fêmea, de maneira que se sintam mas não se vejam: e assim se desfaz o macho em música e Cantão todo o ano: eu tive dois macho e fêmea e em Dezembro cantavam como que fora em Abril: sustentam-nos com arroz cozido envolto em uma gema de ovo, tamalaves sobre o seco, que se fiquem enganando parecendo-lhe bichinhos. Disse acima que se não dava esmola nesta terra a pobres, e porque poderão alguns perguntar que remédio tinham os pobres que não podem ganhar de comer por serem entrevados, aleijados, ou cegos, pareceu-me bem satisfazê-los. É cousa digna de notar que aos cegos lhe ordenam vida de trabalho em que ganham de comer, que é servirem em lugar de mulas de atafona, moendo trigo: e comumente onde há atafona há duas, porque andando dois cegos em cada uma um, se desenfadem em praticar um com outro, como

os eu vi andarem à roda com abanos nas mãos abanando-se e amigavelmente praticando. As cegas servem de mulheres de partido e têm aias que as enfeitam e lhe põem arrebique e alvaiade e lhe arrecadam o preço de seu mau uso, desta maneira remedeiam a vida aos cegos. Os aleijados e entrevados que ou não têm parentes dentro em certo grau, ou se os têm não os provêm do necessário, ou não os podem prover, fazem petição ao vedor da fazenda del Rei e examinado por seus oficiais, sua parentela se entre eles há algum ou alguns que os possam soste obrigar aos mais chegados a que os tomem a seu cargo e os sustentem e se os parentes não são possantes para os sustentar, ou não têm parentes na terra, manda o vedor da fazenda que sejam recebidos no hospital del Rei: porque tem el Rei em todas as cidades hospitais grandes que têm muitos agasalhos dentro e uma grande cerca. E os oficiais do hospital são obrigados a administrar aos que são decumbentes todo o necessário, para o que há em cada um destes hospitais rendas mui bastantes providas do fisco real. Os aleijados que não jazem, dão-lhe um tanto de arroz cada mês com o qual e com alguma galinha ou porquinho que no mesmo hospital criam se sostêm bastantemente, e todas estas cousas são mui bem pagas sem falta: e porque os que nestes hospitais comumente se recebem são incuráveis, recebem-nos em vida: e todos os que são recebidos por mandado do vedor da fazenda, são postos em rol, e cada ano se toma conta aos oficiais dos hospitais dos gastos e da provisão dos enfermos pobres, e se alguma culpa lhe acham ou descuido no que são obrigados, sem nenhuma remissão são castigados.



龍舟



CAPÍTULO XI

DOS OFICIAIS MECÂNICOS, E DOS MERCADORES.

Está nesta terra de todos os ofícios muita quantidade de oficiais, e muita abundância de todas as cousas para o uso comum necessárias, e assim se requiere porque a gente é muita. E porque o calçado é cousa que mais se gasta, de sapateiros há mais oficiais que dos outros ofícios. Em Cantão há duas ruas particulares de sapateiros muito compridas, uma onde vendem calçado rico e de seda, outra onde vendem calçado comum de couro: e além destas duas ruas há por diversas partes da cidade muitos oficiais espalhados deste ofício. As botas e sapatos ricos, são de fora cobertos de seda de cores, atorcelados de cordões de retrós, de obra muito galante, e ai botas de dez cruzados, até de cruzado, e sapatos de dois cruzados e daí para baixo, e em algumas partes há sapatos de meio real. De maneira que os ricos e os muito pobres podem todos andar calçados, e os ricos como quiserem: os sapatos de meio real e de real são de palha, e digo de meio real, porque a moeda que corresponde a respeito de nosso meio real. Há alguns lavradores ricos, que mandam pôr homens nos caminhos com muito calçado deste de palha para os pobres caminhantes, e não é de maravilhar haver entre estes infieis esta esmola, porque nas partes da Índia há muitos gentios ricos que têm casas muito grandes, nas quais gastam continuamente muito arroz, dando de comer a todos os pobres de qualquer qualidade que ali querem ir comer: e pelos caminhos têm homens postos a dar de beber a todos os caminhantes. Há também de carpintaria muitos e mui bons oficiais de toda a obra. Têm continuamente feito muitos caixões de muitas maneiras, uns envernizados de um verniz galante, outros pintados, outros forrados de couro, e assim de outras maneiras. Têm continuamente feitas muito número de cadeiras, umas de pau branco muito galantes e outras muito galantes douradas e prateadas muito bem lavradas. Têm também cadeiras em que os regedores são levados às costas de homens pela cidade, as quais são muito ricas e de muito preço e muito galantes: têm outra maneira de cadeiras, as quais são altas, muito ricas e muito frescas todas cerradas, com uma janelinha de cada banda mui galante de rede de marfim, ou de osso, ou de madeira, pelas quais quem vai de dentro vê de uma banda da rua e da outra tudo sem ser visto: servem estas para nelas irem as mulheres quando vão pela cidade. O assento é de altura de uma cadeira de nosso uso, onde vão assentadas com as

pernas estendidas. Destas cadeiras há muitas e muito ricas e de muito preço: e também há algumas chãs, têm coruchéus em cima muito galantes: há também muitos leitos muito frescos e muito ricos, todos fechados em roda, de madeira mui bem lavrada. Estando eu em Cantão se fez um muito rico lavrado de marfim e de um pau cheiroso, que chamam caiolaque, e de sândalo, que se punha em quatrocentos cruzados: cousa de buquetas douradas e bandejas e cestos, escritórios e mesas, tudo assim dourado como prateado não têm conto nem par: ourives de ouro e de prata, latoeiros, ferreiros e de todos os mais ofícios há muitos e mui acabados oficiais e muita abundância de cousas de cada officio e mui perfeitas. Usam de infinidade de vasilhas de latão: e da China se enche toda a Jaoa e Sião destas vasilhas a que na India chamam bategaria, e são em cada espécie mui perfeitas. Usam de tachos e fogareiros e outras vasilhas de ferro fundido, e não somente fundem estes vasos de ferro, mas depois de quebrados as tornam a comprar e refundir. Há muita multidão de mercadores de peças e panos de seda, porque se gastam muito na mesma terra e na Índia e em Sião, e há peças de damasco e tafetá entre eles tão ricas que as não trazem a nós, porque lhe não dão por elas o que valem lá na terra dentro: vendem também muita sarja grossa e fina de diversas cores. Há muitos mercadores de pano de linho branco e tinto, que é o que se mais gasta na terra. A mim me deram uma peça de linho que teria dez covados, a qual se punha em dez cruzados, e há fino e grosso como cada um o quer, e como quer que também a porcelana seja de barro comum que se usa por toda a terra da China e por toda a Índia, todavia há muita porcelana grossa e outra muito fina, e a alguma que não é licito vender-se comumente, porque só usam dela os regedores por ser vermelha e verde, e dourada e amarela: vende-se alguma desta e muito pouca e muito escondida. E porque há muitas opiniões entre os portugueses que não entraram na China sobre onde se faz a porcelana e acerca do material de que se faz, dizendo uns que de cascas de ostras, outros que de esterco de muito tempo podre, por não serem informados da verdade, parece-me conveniente cousa dizer aqui o material de que se faz conforme à verdade dita pelos que o viram. O material da porcelana é uma pedra branca e mole, e alguma é vermelha, que não é tão fina, ou para melhor dizer, é um barro rijo, o qual depois de bem pisado e moido e deitado em tanques de água, os quais eles têm muito bem feitos de pedra de cantaria, e alguns engessados, e são muito limpos,

e depois de bem envolto na água, da nata que fica de cima fazem as porcelanas muito finas: e assim quanto mais abaixo, tanto são mais grossas, e da borra do barro fazem umas muito grossas e baixas de que se serve a gente pobre da China, fazem-nas primeiro deste barro, da maneira que os oleiros fazem outra qualquer louça, depois de feitas as enxugam ao sol, depois de enxutas lhe põem a pintura que querem de tinta de anil que é tão fina como se vê: depois de enxutas estas pinturas, põem-lhe o vidro, e vidradas cozem-nas. As principais ruas dos mercadores, são as ruas mais principais que têm cobertos de uma banda e da outra: é todavia o principal lugar da venda da porcelana nas portas das cidades, e todo o mercador tem à sua porta uma tábua em que tem escrito tudo o que na sua loja se vende: os que vendem mesinhas simples, têm à porta atado e pendurado em um cordel um pedaço de cada cousa. Há na China muito ruibarbo, mas não se traz a Cantão senão cozido nenhum se acha cru. Assim como são mui grossas as fazendas da China e muitas, assim são as rendas mui grossas que el Rei da China tem de todas as partes de seu reino. Afirmavam alguns mercadores chinas que rendia em cada um ano Cantão ao Rei três mil picos de prata, cada três picos fazem um bar cada bar tem quatro quintais, cada quintal tem quatro arrobas: de maneira que um bar são dezasseis arrobas, e como três mil picos façam mil bares, pelo conseguinte mil bares fazem dezasseis mil arrobas, e fala-se por peso, porque não há na China moeda de ouro nem de prata, se não só de cobre, o ouro e prata corre a peso. Mas estes como seja gente popular, ainda que ocupada nos tratos da terra, parece que não devem bem saber a verdade disto, e que maior deve ser a suma que se colhe dos direitos reais, porque é a terra mui grossa, e as mercadorias muitas e muito grossas. Eu fui informado por via dos regedores, que é informação mais certa, porque lhe correm as rendas pela mão, que rendiam só os direitos do sal em Cantão ao Rei trezentos picos de prata, que fazem cem bares, que são quatrocentos quintais, que são mil e seiscentas arrobas de prata. E porque como dissemos na China não há moeda de ouro nem de prata, se não que corre a peso o ouro e a prata, e a peso se compra e vende tudo. Todo homem tem balanças e pesos em sua casa, o que tudo é mui perfeito em muita maneira. Comummente os pesos que têm são de dez cruzados, até um cruzado, e de dez tangas até uma tanga uma tanga são três vintens. Pelo nome de sua terra o menor peso grande é de um tael, um tael são seis mazes, um maz é o mesmo

que tanga: dos pesos pequenos o mais pequeno é um conderim, dez conderins fazem uma tanga, ou um maz: um conderim tem dez caixas que são moedas de cobre, e um maz tem cem caixas, e porque o comum que corre em lugar de moeda é a prata a peso todos têm balanças como disse: porque como cada um trabalha de enganar por todas as vias que pode ao outro, nenhum se fia das balanças e pesos do outro, e todo o que vai comprar à praça leva balança e prata quebrada, e a balança é uma vergazinha de marfim com um peso de uma banda pendurado por um cordel, e de outra banda uma balancinha, e corre-se o cordel pela verga que tem pontos de um conderim até dez conderins, ou de um maz até dez mazes. Estas balanças servem para comprar pelo miudo, que para pelo grosso têm balanças perfeitas mui primas e galantes com pesos mui perfeitos. A prata comumente a trazem cheia de liga, e porque com a liga a acrescentam, daqui vem que quem quer fazer boa fazenda na terra da China e que lhe saia barata, leva prata antes que fazenda, porque pelas crecenças que os chinas fazem na prata com a liga, dão boas e baratas as fazendas pela prata. São os mercadores comumente falsos e mentirosos, e trabalham quanto podem por fazerem ruindade nas fazendas com que enganem os compradores, porque não têm consciência que disso os acuse, por terem feito hábito ao mal.





CAPÍTULO XII

DA FARTURA DA TERRA E DE SUA ABUNDÂNCIA.

Porque como temos dito as terras todas são bem aproveitadas, e os homens com serem comedores e gastadores, são curiosos em buscar o remédio da vida, há muita fartura na terra, e muita abundância de todas as cousas necessárias para comer, e para remediar a vida: e porque o principal mantimento da terra é arroz, há muita abundância dele em toda a terra, porque há mui grandes várzeas, que dão duas e três novidades no ano. Há também muito e muito bom trigo de que fazem muito bom pão, o qual aprenderam a fazer dos portugueses, de antes seu uso era bolos do mesmo trigo: há muitos feijões, e outros legumes: há muita carne de vaca e de búfala, que é como vaca: há muitas galinhas, muitos patos, infindas adens: há muita multidão de porcos, que é a carne de que mais se pagam: fazem dos porcos muito singulares lacões, de que levam muita cópia os portugueses para Índia quando lá vão por via de trato. Estimam os chinas tanto o porco, que o dão aos enfermos. Comem também rãs, as quais se vendem em grandes tinas cheias de água às portas, e quem as vende é obrigado a dá-las esfoladas, em muito pequeno tempo esfolam um cento, e tiram-lhe a pele pelas costas, e com uma pancadinha deixam toda a pele: toda a carne se vende a peso viva, tirando a vaca e búfala e o porco, que comumente se vende aos arrates, salvo se o compram inteiro, que então inteiro se há-de pesar: e para que pesem muito, primeiro os fartam de comer e de beber: as galinhas para que pesem mais, também as fartam de água, e enchem-lhe os papos de areia e de outras cousas. O arratel de galinha, pato, adem e rãs tudo vale por um preço: o porco e vaca e búfala vale menos, e tudo por um preço. O peixe é muito em muita maneira e tudo muito bom, e nunca falta nas praças: há muitos caranguejos e ostras e outros mariscos e tudo muito bom: e de todas estas cousas estão as praças cheias: comumente são as praças às portas das cidades, e debaixo dos arcos triunfais que estão nas ruas largas e principais como acima dissemos, e ao longo dos cobertos das mesmas ruas: mas não para aqui se vender peixe nem carne, que para estas cousas há ruas particulares, tirando carne viva que em toda parte se pode vender: há muitas hortaliças. s. nabos, rabãos, couves e todos os cheiros, alhos, cebolas e outras hortaliças, tudo em muita abundância. Há também muitas frutas. s. pêssegos, ameixas reinões, e outra maneira de ameixas que não há entre nós que têm os

caroços redondos, compridos e agudos nas pontas, e destas há muitas passadas. Há muitas nozes e muito boas e muitas castanhas, assim culharinhas como rebordãs muito grandes e muito boas, e as rebordãs são melhores que as nossas, porque deixam de todo a casca, o que as nossas não fazem: as culharinhas são tão boas como as melhores nossas, mas há poucas e nascem nos matos, não as sabem plantar nem adubar. Há muitas e muito boas laranjas, há três géneros de laranjas doces a quais melhores, umas que têm a casca muito delgada, que quase sabem a uvas, outras que têm a casca grossa e crespa tamalaves bicais mui saborosas. que lhe comem casca e tudo: outras maiores que as demais que têm a casca em meio, nem muito grossa nem muito delgada: estas são somenos por serem muito adocicadas. Há uns figos que maduros não se podem comer senão um dois, mas passados são bons, e levam-nos à Índia. Há um género de maçãs que na cor e caroço são como pêras pardas, porém no cheiro e sabor são melhores que elas. Há uma fruta da qual há muitos pomares e dá-se em grandes árvores mui estendidas e ramalhadas, é fruta do tamanho de ameixas redondinhas ou pouco mais, deixa a casca e é muito singular e estremada fruta, não há quem se farte dela sempre deixa desejo de mais ainda que comam muita e nenhum dano faz. Há desta fruta outra mais pequena, mas a grande é melhor, chamam-se lichias. Há outras muitas frutas, que é largo referi-las. E com haver algumas ruas particulares de estalagens há por toda a cidade quase em todas as ruas estalagens. E nestas estalagens há mui grandíssima abundância de comeres guisados. Há muitos patos e galinhas e adens assados e cozidos, e muita outra carne, muito peixe guisado: a uma porta vi estar pendurado um porco inteiro assado, e peça cada um donde quiser que tudo está muito limpamente feito: há mostra de todo o comer que está guisado está à porta, quase incitando aos que passam. À porta está uma vasilha grande de arroz muito encereijado e muito bem concertado, e porque os negócios da justiça são comumente quase das dez horas por diante, e muitos têm as casas longe por ser a cidade muito grande, ou por ser gente que de fora vem com negócios assim os moradores como os de fora comem nestas estalagens. Quando algum homem encontra algum seu conhecente que vem de fora, ou que há dias que não viu, saudando-se um a outro logo lhe pergunta se comeu e se responde que não o leva a uma destas estalagens e comem ambos escondidamente e bebem, porque há muito vinho e melhor que em todas as partes da Índia, o

qual fazem de confeições: se responde que já tem comido, levam a uma estalagem onde somente há vinho e marisco sobre que bebem, das quais também há muitas, e ali o recria. Há também em Cantão ao longo do muro da banda de fora uma rua de estalagens, nas quais todas vendem cães feitos em quartos, assados e cozidos e crus, e com as cabecinhas peladas e com suas orelhas, porque os pelam todos como leitões, é manjar que come a gente baixa, e vendem-se vivos pela cidade em gaiolas. É muito para folgar de ver as entradas das portas da cidade, o ruído dos que entram e saem, uns carregados de cães, outros de leitões, outros de adens, outros de hortaliça, outros de diversas cousas, bradando cada um que lhe dêem lugar. Tem esta terra uma grande nobreza, que por todas as ruas vão vendendo carne, peixe, hortaliça, fruta e todo o necessário, apregoando o que vendem: de maneira que pelas portas lhe passa todo o necessário com que podem escusar ir à praça. Há no sertão duzentas, trezentas, quatrocentas léguas do mar pela terra dentro, e mais muita abundância de peixe do mar, de maneira que todos os dias amanhecem as praças cheias de peixe fresco do mar, que parece cousa maravilhosa: mas deixará de ser maravilha vendo a maravilhosa indústria que para desta maneira se proverem tem. Há-de saber-se que no fim de Fevereiro, e em Março e parte de Abril, quando há grandes cheias, vem muito peixe do mar a desovar nas saídas dos rios ao longo do mar, pelo que se cria muito infindo peixe mui miudo de muitos géneros nas fozes dos rios. Destas ovajes neste tempo ajuntam-se todos os pescadores de longo do mar em suas embarcações, e juntam-se tantos que coalham o mar e põem-se junto das fozes: de maneira que os navios que vêm de fora quando os vêem, cuidam que é tudo terra firme, atuns que chegando perto devisam o que é, e se maravilham da multidão das embarcações. Ouvi dizer que se ajuntavam duas mil pouco mais ou pouco menos, eu não o afirmo porque sei que não se há-de crer: mas segundo que a gente é muita e as embarcações que há na terra são também muitas, aos homens que viram a terra da China e foram lá, não lhes fica isto cousa incrível, principalmente porque nas terras que estão ao longo do mar há inumerável multidão de pescadores. Pescam pois estes pescadores muito grande quantidade deste peixe miudo e lançam-no em uns tanques que têm na água armados, sobre varapaus de mui basta rede de arame, onde os sustentam até ao fim da pesca com lhes dar de comer: e neste tempo costumam vir muito grande soma de embarcações de todas

as partes da China da terra dentro, que já disse que toda a China se navega por rios, porque toda é cortada e regada de rios grandes, e trazem estas embarcações muitos cestos por dentro e por fora, os quais todos vêm forrados de papel passado pelo azeite, para que não o passe a água, antes a possa reter, e compra cada um destas embarcações o peixe que há mister para conforme aos cestos que traz: levam então este peixe nestes cestos por toda a terra dentro, indo-lhe todos os dias mudando a água, e todos os homens que têm alguma possibilidade, dentro de seus quintais e cercas têm números de peixe em tanques para os quais compram os cestos que hão mister, criam este peixe nos tanques em muito breve tempo com esterco de búfala e de vaca, com o qual cresce a olho. Em todas as cavas das cidades se cria muito peixe da mesma maneira, do qual comem os regedores. Desta maneira fica entendido como pelo sertão muitas léguas longe do mar se enchem todos os dias as praças de peixe fresco do mar. Em todas as cidades que já disse que são fundadas ao longo de rios tem el Rei muitos corvos marinhos em capoeiras, nas quais fazem suas criações, com os quais fazem as pescas reais: ajuntam-se todas as embarcações que são obrigadas para irem a pescar com estes corvos marinhos, e postas no rio em roda, os que têm cuidado dos corvos, açaimam-nos pelos papos, para que o peixe lhe não desça ao bucho, e açaimados lançam-nos ao rio a pescar, pescam até encherem a papada de peixe honesto, e se é grande trazem-no no bico e vêm-se à embarcação onde botam todo o peixe das papadas, fazendo-lho botar: e desta maneira pescam até que tem o peixe de que são contentes: depois que acabam de pescar para a embarcação desaçaimam-nos e lançam-nos a pescar para si: depois de fartos recolhem-se às embarcações e metem-nos nas capoeiras: pescam estas aves grandemente. Dá el Rei de mercê aos regedores uma ou duas embarcações destas, segundo é a pessoa de cada um para ajuda de soste sua casa de peixe.





CAPÍTULO XIII

DOS TRAJOS E USOS DOS HOMENS.

Ainda que os chinas comumente sejam feios tendo olhos pequenos, e rostos e narizes esmagados, e sejam desbarbados, com uns cabelinhos nas maçãs da barba: todavia se acham alguns que têm os rostos mui bem feitos e proporcionados, com olhos grandes, barbas bem postas, narizes bem feitos: mas destes são muito poucos, e pode ser que sejam de outras nações nos tempos antigos entremetidas nos chinas, em tempo que eles comunicavam diversas gentes. Seu traje comum é pelotes de pregas compridos ao nosso bom modo antigo: dão volta por cima do peito, atando-se na ilharga, e todos em geral usam nos pelotes mangas muito largas trazem comumente pelotes pretos de linho ou de sarja fina ou grossa de diversas cores, alguns trazem pelotes de seda, muitos os usam nas festas de seda e os regedores comumente vestem sarja fina: e nas festas usam de sedas ricas, principalmente de carmesim o qual na terra ninguém pode trazer se não eles: há gente pobre comumente traz pelote de linho branco, porque custa pouco: na cabeça trazem um barrete alto e redondo feito de varinhas muito finas sobretecidas de seda preta mui bem feitos, usam de meia calça de piar inteiro, as quais são mui bem feitas e pespontadas, e trazem botas ou sapatos segundo a curiosidade ou possibilidade de cada um, ou de seda, ou de couro: no Inverno trazem meias calças de feltro, ou grossas ou delgadas, mas o pano é feito de feltro: também usam no inverno de vestidos forrados de martas, principalmente ao redor do pescoço: usam também de cabaias acolchoadas, e alguns usam de cabaias de feltro no inverno debaixo do pelote: usam de cabelo comprido como mulheres, o qual trazem bem pensado, e o penteiam cada dia muitas vezes, trazem-no atado no cume da cabeça e o nó atrevesado com um prego de prata comprido e delgado: os que não são casados. s. mancebos solteiros trazem por divisa espertadura na fronte mui bem feita, o barrete fica-lhe por cima dela para que fique descoberta: tem idolatria no cabelo e por isso o criam tão comprido, tendo que por ele hão-de ser levados ao céu. Os sacerdotes comuns não criam cabelo, mas andam rapados, porque dizem que não hão mister ajuda que os leve ao céu. Todavia entre eles alguns sacerdotes do templo de ídolos, que entre os chinas são mais reverenciados que os outros, estes criam cabelo e trazem-no no cume da cabeça arrematado com um pau muito bem feito a modo de mão fechada, envernizado

de muito bom verniz, que chamam acharam: e estes sacerdotes trazem pelote preto, trazendo os outros pelote branco: são homens os chinas mui corteses: a cortesia comum é, cerrada a mão esquerda, fecham-na na direita e chegam e arredam a miudo as mãos ao peito mostrando que têm um a outro fechado no coração, e a este movimento de mãos ajuntam palavras de cortesia, ainda que as palavras de gente comum é dizer um a outro, chifã mesão, que quer dizer comestes ou não, que todo seu bem nesta vida se resolve em comer: as cortesias particulares entre homens que têm algum primor e que há dias que se não viram, são arcados os braços, travados os dedos das mãos uns nos outros, se abaixam e estão com grandes palavras de cortesia, cada um trabalhando de dar a mão ao outro para que primeiro se alevante: e quanto mais honrados são, mais se detêm nestas cortesias. A gente honrada e nobre usa também à mesa de muitas cortesias, dando um de beber ao outro, e cada um trabalha de dar a mão ao outro no beber, porque à mesa não há outro serviço se não o do beber. Se chega novamente algum hóspede à casa de algum seu amigo, ou parente, se o dono da pousada não está vestido de festa, entrando o hóspede nenhuma menção nem conta faz dele, até mandar trazer vestidos festivos e calçado: e depois de vestido e calçado vai-se ao hóspede e recebe-o com grandes gasalhados e cortesias porque tem que não convem que novo hóspede e de obrigação se receba com vestidos e trajos comuns, se não que vestido de festa o agasalhem porque nisto lhe mostra que sua entrada em sua casa é dia de festa para ele. Qualquer pessoa ou pessoas que chegam a qualquer casa de homem limpo tem por costume oferecerem-lhe em uma bandeja galante uma porcelana ou tantas quantas são as pessoas, com uma água morna a que chamam chá, que é tamala vez vermelha e mui medicinal, que eles costumam a beber, feita de um cozimento de ervas que amarga tamalaves: com isto agasalham comumente todo género de pessoas que têm algum respeito quer conhecidos quer não e a mim ma ofereceram muitas vezes. São os chinas mui comedores e comem muitas iguarias, comem a uma mesa peixe e carne e a gente baixa às vezes guisa tudo junto, as iguarias que se hão-de comer a uma mesa todas juntas se põe à mesa, para que cada um coma do que mais lhe agradar. A gente limpa e nobre tem muita polícia em seu trato, conversação e traje. Tem a gente comum algumas cousas grosseiras. Foram-me um dia uns portugueses nobres mostrar em Cantão um banquete que fazia um mercador rico e honrado, o qual foi para

folgar de ver. A casa em que se dava era sobradada e muito linda com muito galantes janelas e adufas, e toda era um brinco: estavam as mesas postas em três lanços da casa, para cada convidado uma mesa muito linda, e sua cadeira dourada, ou prateada, e cada mesa tinha em frente um frontal de damasco até ao chão, nas mesas não havia toalhas nem guardanapos, assim porque as mesas são muito lindas, como porque comem tão limpamente que não têm necessidade destas cousas: estava a fruta posta logo na borda de cada uma das mesas, toda posta em ordem, a qual era castanhas assadas e esburgadas, e nozes limpas e descascadas, e cana de açúcar limpa e feita em talhadas, e a fruta que acima dissemos que chamam lichias grandes e pequenas, mas eram passadas, toda esta fruta estava posta em castelinhos bem feitos, atravessada com pauzinhos muito limpos: pelo que todas as mesas em roda com estes castelinhos ficavam como ornadas. Logo após a fruta estavam todas as iguarias postas em bacios finos de porcelana, todas muito bem aparadas e mui limpamente cortadas e tudo posto em boa ordem, e ainda que iam ordens de bacios por cima doutros, todos estavam postos polidamente: de maneira que o que estava à mesa podia comer do que quisesse sem ser necessário tirar bacio nem mudá-lo: e logo estavam dois pauzinhos dourados muito galantes para comer com eles metidos entre os dedos: usam deles a modo de tenazes: de maneira que nada do que está à mesa tocam com a mão, e ainda que comam uma porcelana de arroz com aqueles paus a comem sem lhe cair grão: e porque comem muito limpamente sem tocar com a mão no comer, não têm necessidade de toalhas nem de guardanapos: à mesa lhe vem tudo cortado e mui bem preparado. Tinham também uma porcelana muito pequena dourada, que leva um bocado de vinho, e só para isto há servidor à mesa: bebem tão pouco porque a cada bocado de comer há-de ir bocado de beber e por isso é tão pequena a vasilha. Há alguns chinas que criam unhas muito compridas, de meio palmo até palmo, as quais trazem muito limpas e estas unhas lhe servem em lugar dos paus para comer.



CAPÍTULO XIV

DE ALGUMAS FESTAS QUE OS CHINAS FAZEM, E DE SUAS MÚSICAS E ENTERRAMENTOS.

Costumam os chinas nos dias de seus nascimentos fazer grandes festas perseverando ainda neles o costume dos antigos gentios. Costumam achar-se nestas festas todos os parentes e amigos, e todos lhe ajudam a fazer o gasto da festa, com lhe mandar presentes, porque quando eles celebrarem seus nascimentos da mesma maneira lho paguem: e porque têm estas ajudas fazem muito grande gasto e solenidade. A festa faz-se toda a noite, porque todos os gentios assim como andam em escuridade vivendo sem conhecimento de Deus, assim todas suas festas por todas as partes da Índia e na China principalmente as fazem de noite. Há nestas festas muita abundância de comer e muito vinho, toda a noite gastam em comer e beber e músicas e diversos tangeres com diversos instrumentos. Seus sacerdotes oferecem seus sacrifícios a seus deuses vestidos de vestiduras galantes, vestem-se de diversa maneira de vestidura, e cantam seus cantares os sacerdotes em voz bem entoada: entre estes sacrifícios, tangeres e cantares, sempre as mesas estão postas cheias de diversos comeres, lançando cada um mão do que melhor lhe parece. Os sacerdotes em cantando como os demais, fazem na rua à sua porta arcos triunfais mui bem feitos de papel, e cadafalsos com diversas representações de figuras, estátuas e pinturas, e umas árvores altas e dos ramos destroncadas, mui bem lavradas e pintadas, onde põem muitos candeeiros acesos, e por todas as partes muitas alanternas muito frescas e galantes todas acesas. Nas festas gerais de todo o povo, principalmente no primeiro dia do ano, todas as ruas e portas estão mui galantemente concertadas, e principalmente se esmeram e trabalham em concertar os arcos triunfais, armando-os de muito damasco e outros panos de seda, e com muitas lanternas. Há muitos tangeres de diversos instrumentos e músicas e à volta disto muita abundância de comer e diversidades de manjares, e muita abundância de vinho. Usam também muitas vezes de representações de autos, os quais representam mui bem e muito ao natural, levando os representantes muito bem vestidos e concertados com os vestidos que se requiere para as figuras que representam e quem representa figura de mulher, além de levar o vestido que requiere a figura vão cheios de arrebiques e alvaiade, os que não entendem o que as figuras dizem, às vezes se enfadam mas quem as entende folga muito de as ouvir: e toda uma noite e às vezes duas e três noites estão continuamente ocupados em representações uma após outra: enquanto há estas representações há-de haver mesa posta com muito comer e beber. Tem nestes autos dois grandes desaires um

é, que se um há-de representar duas figuras e há-de mudar o traje, o faz diante de todos os circunstantes, o outro é, que assim o representador como o que fala só fala em voz muito alta quase cantando, às vezes vão às naus fazer autos para que lhe dêem dinheiro os portugueses. Os instrumentos que usam para tanger, são umas violas como as nossas, ainda que não tão bem feitas, com suas caravelas para as temperarem, e há umas de feição de guitarras que são mais pequenas, e outras a feição de viola de arco que, são menores: usam também de doçainas e de rabecas, e de uma maneira de charamelas, que quase arramedam as de nosso uso: usam de uma maneira de cravos que têm muitas cordas de fio de latão, tangem-nos com as unhas, que para isso criam, soam muito e fazem mui boa harmonia: tangem muitas vezes muitos instrumentos juntos concertados em quatro vozes que fazem muito boa consonância. Aconteceu uma noite que fazia luar estar eu com uns portugueses assentado em um tabuleiro sobre o rio à porta de nossa pousada, e passaram uns poucos de mancebos em um barco passando tempo, tangendo diversos instrumentos, e folgando nós de ouvir a música os mandámos chamar que chegassem para onde estávamos e que os convidaríamos, eles como galantes mancebos se chegaram perto com o barco e começaram a concertar e temperar os instrumentos, de maneira que folgamos de os ver concertar se para que não fizessem disconsonância: e começando a tanger, não começavam todos juntos, se não uns esperavam até entrarem com os outros, fazendo no processo da música muitos compassos, esperando uns e tangendo outros: e as mais das vezes iam todos juntos em quatro vozes. As quatro vozes eram duas violas pequenas por tenor, e uma viola grande por contrabaixa, um cravo que seguia a todos e ora uma rebeca, ora uma doçaina por tipre. E usaram de uma boa arte, que para que ficássemos com sede, não tangeram mais que dois espaços. Rogámos-lhes que se queriam tornar por ali outro dia com música de vozes de cantores e prometendo-nos que o fariam não o fizeram, mas uma madrugada com os mesmos instrumentos nos vieram dar uma alvorada, por de todo não ficarem em falta conosco. São comumente muito engenhosos e subtis de mãos. Têm muitas invenções em toda obra: principalmente na obra de macenaria e de debuxo: e em pinturas são bons pintores, principalmente de folhagens e pássaros, como se pode ver nos panos que a nós vem da China. São ardilosos e agudos em todas as cousas: porque têm uma grande viveza e engenho natural. E assim na guerra mais usam de ardis e de multidão, do que se aproveitam de forças, ainda que animosamente cometem. Usam de saias de

malha e capacetes e das mais armas que dissemos atrás. A nenhuma pessoa é lícito em toda a terra trazer nenhum género de arma, nem ainda faca, pelo que quando uns com outros brigam jogam de punhadas e dos cabelos: só os soldados e ministros dos capitães de guerra trazem espadas sobre talabartes derribados. Quando morre algum homem que tem casa e parentes e filhos, depois que acaba de expirar lavam-no e vestem-no de seus vestidos bons e de seu bom calçado, e põem-lhe seu barrete na cabeça, e assentam-no em uma cadeira e ali vem a mulher e se põe em joelhos diante dele, e com muitas lágrimas e lástimas se despede dele: e após a mulher os filhos por sua ordem fazem o mesmo, após os filhos os mais parentes, e todos os demais de casa, e amigos. Feitas estas cerimónias o lançam num caixão que para ele têm feito de pau de cânfora que é conservativo dos corpos mortos, e cheiroso e muito bem fechado e pregado de maneira que não cause fedor, o assentam sobre dois banquinhos, e lançam do alto até ao chão por cima do caixão um pano que o fica cobrindo, no qual está o defunto tirado pelo natural, e fazem diante uma casinha armada de panos brancos crus, com um portal defronte do defunto, no qual se põe uma mesa com castiçais e candeias, e nela põem pão e de toda a fruta que há na terra. E tudo isto põem ali só por cerimónia e ali têm o defunto oito ou quinze dias nos quais vêm de noite continuamente os sacerdotes de seus deuses a oferecer seus sacrifícios e rezar suas invenções gentílicas. Trazem ali muitos homens e mulheres pintadas, e com muitas cerimónias os queimam. Por derradeiro põem homens e mulheres pintados em papel sobre cordas e com muito rezar e com moverem estas pinturas pelas cordas, e com grandes vozes e gritas dizem que mandam o defunto ao céu. Todos os dias ou noites enquanto fazem estas cerimónias há mesa posta com muito comer e beber. Acabadas estas cerimónias, tomam o ataúde e põem-no em um campo onde estão os finados, e ali se gasta pelo tempo. O dó que usam é o mais áspero que tenho visto, porque trazem pelotes ao uso comum de lã grossa a caram da carne. e cordas grossas cingidas, e na cabeça barretes do mesmo pano, feitos ao modo dos barretes que se usam na terra, tirando que estes têm umas abas que lhe caem sobre os olhos. Todavia segundo são mais chegados em parentesco assim trazem mais áspero dó. Os demais trazem pano cru, e não tão grosso. Por pai e mãe trazem dó três anos: e se é loutia em tendo a nova deixa o officio que serve, e vai estar em sua casa três anos em tristeza, os quais acabados torna à corte a requerer officio. Diz-se na China que passa de novecentos anos que os chinas usam de impressão, e que não somente fazem livros de impressão mas também figuras diversas .



CAPÍTULO XV

DOS TRAJOS E USOS DAS MULHERES, E SE HÁ ESCRAVOS NA CHINA.

As mulheres comumente, tirando as do longo do mar e as dos montes, são muito alvas e gentis mulheres, tendo algumas os narizes e olhos bem feitos. Desde meninas lhe apertam muito os pés com panos, para que lhe fiquem os pés muito pequenos, e fazem-no porque têm os Chinas por mais gentis mulheres as que têm os narizes e os pés pequenos. Isto todavia se usa na gente lustrosa, e não na muito baixa. Trazem os cabelos muito bem pensados, recolhidos e atados no cume da cabeça, e debaixo até cima apertados com uma fita larga muito bem assentada. E a fita ornada com jóias e peças de ouro em roda. Usam de saias compridas ao modo das portuguesas, as quais têm a cintura da mesma maneira que elas. Trazem sainhos de mangas largas, gastam comumente no vestido mais sedas que os maridos: mas no traje comum andam vestidas de pano de linho branco. Fazem mesura ao modo das portuguesas, se não quanto fazem três juntas e apressuradas. Usam de arrebique e alvaiade muito bem assentado. São comumente muito recolhidas, de maneira que por toda a cidade de Cantão não parecia nenhuma mulher, se não eram algumas estalajadeiras e mulheres baixas. E quando saem fora não são vistas porque vão nas cadeiras fechadas de que temos dito acima quando falámos dos oficiais, nem quando entra alguém nas casas não as vê, senão se acertam por curiosidade por baixo do pano da porta, querer ver os que entram quando é gente estrangeira. Comumente os homens têm uma mulher, à qual compram por seu dinheiro mais ou menos, segundo elas são, a seus pais e mães. Pode todavia cada um ter tantas mulheres quantas pode soster: mas uma é a principal com que vivem, e tem as outras aposentadas em diversas casas. E se tem trato em diversas terras, em cada terra têm uma mulher e casa com gasalhado. Se a mulher comete adultério e o marido acusar a ela e ao adúltero, ambos têm pena de morte. E se o marido consente sua mulher adulterar, é muito gravemente castigado. Estando eu em Cantão, vi andar um mercador china de justiça em justiça mui asperamente tratado por consentir a sua mulher adulterar. As mulheres de partido de nenhuma qualidade as consentem morar dos muros para dentro. E fora no revalde têm suas ruas próprias em que vivem, fora das quais não podem viver: cousa que a nós faz avesso. Todas as mulheres de partido são cativas, criam-nas para isso desde meninas compram-nas às mães e ensinam-nas a tanger

viola e outros instrumentos e a cantar. E as que melhor sabem fazer isto, porque ganham mais valem muito. As que isso não sabem valem menos. Os senhores, ou lhe levam as honras, ou lhas vendem: e quando hão-de ser postas na rua das mulheres de partido, são escritas por um oficial del Rei em um livro, e o senhor é obrigado acudir cada ano com um tanto a este oficial: elas são obrigadas a responder a seu senhor cada mês com um tanto. Quando são velhas, a poder de arrabique e alvaiade as fazem parecer moças. E depois que já não são para aquele ofício ficam livres de todo, e sem nenhuma obrigação nem ao senhor nem a ninguém, e comem então do que ajuntaram. Falei nisto tão em particular, para vir a dizer que nesta terra da China não há cativo nenhum maior que o destas moças. E ninguém diga, nem afirme outra coisa porque sobre examinar isto trabalhei algum pouco em Cantão, por alguns portugueses quererem afirmar outra coisa. O cativo que há nesta terra é do modo seguinte. Se alguma mulher por falecimento de seu marido fica viúva e não lhe fica fazenda de que se possa soste, nem os filhos que lhe ficam são tais que lhe possam ganhar de comer nem ela o tem para o dar aos filhos: esta mulher posta nesta necessidade, chega-se a um homem rico, e concerta-se com ele por seis ou sete cruzados por um filho ou filha e recebido o preço entregahlo, se é filha serve como disse de mulher de partido, e criam-na para isso: se é filho, serve a seu amo, e depois que serve algum tempo e é de idade para casar, dá-lhe o senhor mulher, e todos os filhos que lhe nascem ficam livres e sem nenhuma obrigação: é todavia este servo obrigado acudir em cada um ano a seu senhor com um tanto, tendo ele casa sobre si: porque quando casa dão-lhe casa e trabalha, ou nalgum ofício, ou por sua indústria para ganhar a vida. E nenhum china pode vender nenhum destes escravos a portugueses, tendo por isso mui graves penas. As mulheres como delas por serem de partido esperam grande interesse em nenhuma maneira as venderão, além de incorrerem também em graves penas. Julgue agora cada um que isto ler, se algum china vender a algum português um destes escravos, se lhe será licito tê-lo cativo de todo, quanto mais que nenhum deles se vende. E todos os que comumente se vendem aos portugueses são furtados, levam-nos enganados e escondidos aos portugueses, e assim lhos vendem: e se fossem compreendidos e presos nestes furtos, seriam à última pena condenados. E se fosse caso que algum português dissesse que comprou o seu china na China com autoridade de algum oficial

de justiça, nem isso lhe daria autoridade para licitamente o possuir: porque o tal oficial o faz movido pela peita que para isso lhe dão. E se o juiz fosse compreendido na tal culpa, não passaria sem grave castigo, por traspassar as leis de seu reino. Dão autoridade as leis da China às mulheres para vender os filhos, e não aos homens, porque como aos homens convenha buscar a vida para si e para seus filhos, se lhe falta o remédio, hão que ele é em culpa disso. E para que os homens trabalhem melhor pelo seu remédio e de seus filhos. Tão longe é a China de ter cativos que de todo sejam cativos, que nem os que cativam na guerra são escravos: somente ficam obrigados a el Rei, e são postos por homens de armas nas partes alongadas de suas terras, onde serão tomados comendo do salário que têm del Rei. Trazem estes por divisa um barrete vermelho como eu vi em Cantão trazer aos tártaros que haviam sido cativos na guerra.



CAPÍTULO XVI

DO NÚMERO E DIFERENÇA DOS OFICIAIS DAS PROVÍNCIAS.

Porque havemos até qui falado muitas vezes em regedores da China, e oficiais da justiça e daqui por diante havemos de tratar particularmente deles e de seu governo. Será bom saber-se o nome comum que tem na terra para que daqui por diante usemos dele. Todo o homem que na China tem qualquer ofício, mando ou dignidade por el Rei, se chama loutia, que quer dizer em nossa lingua senhor. Como este título se lhe ponha di-lo-emos em seu lugar. Há em cada província da China mil loutias ou segundo outros três mil, afora os que residem na corte, pelos quais se ordenam todas as cousas do Reino, e aos quais recorrem todos os feitos graves de todo o Reino. E por quanto hão-de despachar com el Rei e o hão-de comunicar das portas adentro, e não é lícito a outros nenhuns comunicá-los, nem outros o vêem, e hão-de ter entrada onde estão as mulheres del Rei, que são muitas, comumente são capados. Mas estes são mui entendidos em todas as leis do reino, pelo que primeiro que entrem no paço andam nas escolas, aprendem mui bem as leis do reino. Há em cada província cinco, que entre todos são mui principais, os quais têm muito grande autoridade e magestade em suas pessoas, e são grandemente acatados e venerados não somente do comum povo, mas ainda de todos os outros loutias. O principal dos cinco é o governador a que na sua língua chamam Tutom, a este recorrem todos os negócios grandes e pequenos de toda a província, e por autoridade e magestade de sua pessoa não reside onde os outros loutias, para que não seja deles frequentado, e assim seja mais estimado e temido. A estes acodem todas as rendas das províncias tirando os gastos ordinários. E por ele assim os negócios como os rendimentos todos que se recolhem, e todo o que se passa nas províncias é referido e mandado à corte. A segunda dignidade das províncias, é dos vedores da fazenda que na sua língua chamam Ponchassi: este tem cuidado de mandar recadar por toda a província os rendimentos dela, para o qual têm muitos loutias debaixo de sua jurisdição, que são oficiais particulares para os negócios e arrecadações da fazenda. Este provê todos os gastos ordinários da província, e com o restante acode ao Tutam, para que o Tutam acuda à corte: este se pode entremeter nos negócios graves dos outros oficiais mais inferiores, e sobre eles tem alçada. Assim também acodem a ele todas as cousas e negócios da província para por ele serem referidos ao Tutam.

Outra dignidade abaixo desta é a justiça mor, que na sua língua chamam Anchasi. E ainda que há outros muitos oficiais de justiça, este é sobre todos, e por ele são distribuídos os despachos aos outros, e todo o da justiça recorre a este, como a quem tem alçada sobre os demais inferiores. Outra dignidade abaixo desta é a do capitão mor, a quem chamam em a sua língua Aitão. A este Aitão compete mandar que se faça prestes a gente de guerra, e todo o que for necessário de navios, mantimentos e todos os mais aparelhos para contra inimigos e contra ladrões: e a este pertencem também os negócios dos estrangeiros que não pertencem à fazenda: a última e quinta dignidade das grandes e do capitão mor que põe em execução as cousas da guerra e preside nas armadas que o Aitão estando na terra ordena é este: quando releva além de pôr as cousas em execução e ordem, se o negócio requiere sua presença, vai ele em pessoa: e tão importante pode ser o negócio que acudirá o Aitão. Chama-se este na língua da terra Lutissi: e como estas cinco dignidades sejam de mui grande autoridade e magestade, e a do Tutom excede aos demais, este nunca sai fora de casa pela conservação de sua autoridade: e quando sai vai com mui grande aparato e com mui grande companhia de oficiais e ministros. Em cada casa de cada um destes tirando o Lutissi, que é dos cinco o menor, há dez que são como assistentes, que são também de mui grande autoridade. Cinco destes se assentam à mão direita do principal em cinco cadeiras de que dissemos acima quando falamos dos edifícios, e cinco se assentam à mão esquerda: estes nos negócios importantes estão ao despacho com o principal da casa, e morrendo ou por qualquer via faltando o principal, fica em seu lugar um destes segundo sua antiguidade: e se é necessário ir pela província fazer-se algum negócio importante, que pertence à dignidade em cuja casa assistem, vai um destes com todos os poderes do principal. Os cinco que se assentam à mão direita têm mais grau e dignidade que os cinco da mão esquerda. E assim como a dignidade esteja nos cintos e sombreiros, os da mão direita trazem cintos de ouro e sombreiros amarelos, e os da mão esquerda trazem cintos de prata e sombreiros azuis, ou acatassolados. Os cintos são pouco menos de largura de três dedos, e de grossura de um polegar e todos em roda de ouro ou de prata mui bem lavrados feitos de peças. Os sombreiros são mui largos e galantes, os quais lhe traz um ministro sobre uma haste de uma braça craveira galante, e são forrados de seda. Tirando estes assistentes e os cinco principais, há entre

os menores um de maior dignidade, que é tronqueiro mor, a que chamam Taissu, o qual tem mui grandes casas de grandes recebimentos, onde tem grandes troncos, mas nem este nem outro nenhum dos que são abaixo pode trazer cinto de ouro nem de prata, nem sombreiro amarelo, se não se é oficial ou capitão de gente de guerra, que por favor de cavaleiro pode trazer sombreiro amarelo: os demais trazem cintos de tartaruga ou de outros materiais feitos de modo dos de ouro ou prata e sombreiros acatassolados ou azuis, e todos estes inferiores falam aos cinco grandes quando vão diante deles em joelhos, e estão em joelhos enquanto estão em negócio com eles, tirando o Taissu que entrando se põe em joelhos e logo se alevanta, e está sempre em pé; cada um dos grandes tem muitos oficiais pequenos debaixo de sua jurisdição, para as cousas e negócios necessários ao ofício de cada um, que todos como são oficiais del Rei têm título de loutias e insígnias. Os cinco grandes com seus assistentes trazem todos por divisa as armas del Rei nos peitos e nas costas, que são umas serpentes tecidas de fio de ouro, das quais hão vindo muitas a portugal, que se dão para servirem nalguns ornamentos das igrejas. Todos os anos se manda a cada província um como corregedor a que chamam Chaem, que vem tomar residência a todos os loutias grandes e pequenos, e faz exame em todos os estudantes, e faz loutias e visita os troncos, e todo o que é necessário ver-se e prover-se em toda a província. Quando este entra novamente na cidade, pela rua onde passa não é lícito a ninguém trabalhar, fecham as portas e não anda ninguém pela rua, porque por conservarem sua veneração e autoridade não querem despejadamente comunicar à vista do povo, e vão muitos ministros com bandeiras de seda carmesim estendidas, e são obrigados todos os loutias grandes e pequenos da cidade ao ir receber. O mesmo recebimento se faz a cada um dos cinco quando vem novamente à província onde hão-de administrar seus ofícios. Há outras dignidades sobre todas estas, a que chamam Quincháis, que quer dizer chapa ou selo de ouro: os quais não são mandados se não a negócios mui graves e mui singulares que importam muito ao reino, ou a el Rei. Tem todo o loutia de qualquer qualidade que seja, grande e pequeno, por insígnia além das sobreditas um barrete alto e redondo com umas orelhas atravessadas feitas de varinhas finas tecidas de retrós.



CAPÍTULO XVII

DE COMO SE FAZEM OS LOUTIAS, E DOS ESTUDOS, E CONO SE ENTENDEM POR PENA E NÃO POR PALAVRA EM DIVERSAS LÍNGUAS.

Os ofícios todos se dão de três em três anos e nenhum se dá por mais tempo, e todos são providos a homens que não são naturais da terra, e dão-lhos assim porque não se movam por afeição nas cousas da Justiça que pertencem a seus ofícios, e também porque se não façam poderosos arreigando-se na terra para que assim se evitem alevantamentos. São distribuidos os ofícios por el Rei com conselho dos capados, segundo os merecimentos e suficiência de cada um. As capitánias dão-se segundo a cavalaria e feitos de cada um na guerra: nenhum faz na guerra cousa assinalada, que mais ou menos não seja acrescentado em dignidade. E porque os capados são aqueles com cujo conselho são os ofícios distribuidos, são às vezes grossamente peitados dos loutias, para que os acrescentem, e porque cada um tenha cuidado de fazer o que deve em seu ofício, e não haja desconcertos no governo, todos os anos são visitados pelo Chaem, e se acha que fazem bem seus ofícios, os faz acrescentar em honra e ofícios mais honrados, e achando-os negligentes em seus ofícios, ou que não guardam as leis do reino, ou que tomam peitas, achando que suas culpas são graves e que merecem depostos os depõe do ofício, e manda-os à Corte e põe outros em seu lugar. Aos loutias pequenos castiga-os só em lhe tirar os ofícios e prendê-los e remete seus feitos à Corte, porque a nenhum oficial da justiça por poderoso e grandes poderes que traga, é lícito condenar a nenhum loutia. Mas como o Chaem traga esta alçada sobre os loutias e haja de devassar deles antes que entrem na terra trabalham os loutias de saber se tomam peitas, e sabendo que as tomam desagastam-se e descansam, confiando que peitando, seu feito lhe sairá à sua vontade: e se sabem que não tomam peitas, amigam-se com todos os ministros de suas casas e da justiça e peitam-nos e aparelham seus papeis de maneira que os não possam comprender em nenhuma falta, e peitam os escrivães e ministros de suas casas porque eles hão-de ser os principais que hão-de testemunhar na devassa, como aqueles com quem o oficial faz tudo, ou diante de quem faz tudo. Os Chaens que el Rei comumente manda de três em três anos, são homens inteiros nos negócios, e que não se inclinam a peitas: homens de quem el Rei confia que farão em tudo o que for bem do reino e del Rei e da justiça. :Estes trazem comumente mais poderes

que os demais. E estes se mandam no terceiro ano, quando todos os oficiais acabam seus ofícios. E porque estes comumente são muito rigorosos, e levam todo por rigor de justiça, destes trabalham mais os loutias de se resguardar que os não compreendam em culpas. Depois que os Chaens tomam a residência aos loutias, visitam os troncos e fazem audiência aos presos, e soltam os que merecem soltos, e castigam os que merecem castigados. E no fim mandam dar muitos açoites aos ladrões, que são os malfeitores mais odiosos que há na terra: e os açoites são de maneira que deles morrem muitos. Depois que acaba de visitar e prover tudo o que é necessário na província: examina com os demais loutias principais todos os estudantes, e os que acha que estudam bem, favorece-os e dá-lhe boas esperanças, e os que acha que não estudam bem, se vê que tem habilidade para aprender, manda-os açoitar. E se já foram outra vez açoitados e não se emendaram, manda-os meter alguns dias no tronco, além de os açoitar, para que com estes castigos dali por diante tenham melhor cuidado. Se acha que nem aprendem, nem têm habilidade, lança-os das escolas. Isto somente fazem os loutias que não são de três em três anos. Os que vêm de três em três anos, depois de se despedir de todos os negócios da província, entende em fazer loutias: os quais faz da maneira seguinte. Manda vir à cidade principal da província todos os estudantes que têm já bem estudado de todas as cidades da província, e de todos os lugares grandes, onde el Rei tem mestres em escolas gerais sustentando-os à sua custa (que nas escolas aprenderam as leis do reino, comendo os estudantes à custa de seus pais.) E ajuntados todos os loutias grandes da província com o Chaem, ali examinam muito bem cada um dos estudantes, perguntando-lhe por muitas cousas de suas leis: e se responde bem a tudo, mandam-no pôr à parte: e se não está ainda bem instruído, ou lhe mandam que aprenda mais, e se é por sua culpa ou o açoitam, ou açoitado o mandam meter no tronco como os portugueses viram muitos presos por esta causa no tronco onde eles também estavam presos. Depois de acabado o exame, alevanta-se o Chaem, e todos os loutias e com grandes cerimónias e festas, músicas e tangeres, dão grau a cada um dos que acharam suficientes, que é darem-lhe título de loutia. E depois de passarem muitos dias em festas e banquetes, mandam-nos à corte a receber as insígnias de loutias, que são barretes com orelhas, e cintos largos e sombreiros, e lá esperam distribuição de ofícios. De maneira que assim fazem os loutias que na terra hão-de

administrar justiça. Os da guerra são feitos por cavalarias e obras assinaladas que fizeram na guerra. De maneira que nesta terra os homens são muito honrados pelas letras ou por cavalaria, e mais ainda pelas letras, porque dos letrados comumente saem os cinco principais loutias e assistentes. Há todavia muitos loutias que são feitos por simples mercê, ou por fazerem algum serviço assinalado a el Rei, ou ao reino, ou em algum povo, ou por terem algum particular favor, ou habilidade. Como fizeram a um moço china, porque estando os portugueses presos lhes servia de língua, por onde os loutias lhe deram título e insígnias de loutia, por saber falar Português. Mas estes semelhantes não servem ofícios comumente del Rei, se não somente gozam de liberdades de loutia: como os portugueses fidalgos têm suas liberdades de que algum goza por mercê del Rei. E estes loutias têm grandes liberdades na terra: porque ninguém lhe pode fazer agravo sem castigo, nem podem ser presos se não por mui graves cousas: e podem mandar prender quem quer que os agrava, e outras muitas liberdades. E ainda que houve alguns portugueses que quizeram dizer sem certeza que os chinas aprendiam filosofia natural, a verdade é que não há nela outros estudos nem escolas gerais nem particulares, senão só os estudos reais das leis do reino. Verdade é que se acha algum por acerto que tem alguma notícia dos discursos dos céus, por onde sabem os eclipses do sol e da lua. Mas estes se o sabem por algumas escrituras que se acham entre eles, ensinam-no a algum, ou alguns em particular, mas não há disto escolas. Não têm os chinas letras certas no escrever, porque tudo o que escrevem é por figuras, e fazem letras por parte, pelo que têm muito grande multidão de letras, significando cada uma cousa por uma letra. De maneira que uma só letra lhes significa Céu, e outra terra, e outra homem. E assim de todas as outras cousas. E todavia é de saber, que também usam de certos caracteres para escrever nomes que são ou parecem ser peregrinos. Esta é a causa porque em toda a China há muitas línguas de maneira que uma se não entende a outra por fala, nem os cauchim chinas com os chinas, nem os japões com os mesmos chinas se entendem por palavra, e todos se entendem por escritura. Porque a letra que a todos significa céu, sendo uma só acerca de todos, uns a nomeiam de uma maneira, e outros de outra mas a todos igualmente significa céu. Muitas vezes pratiquei com homens discretos, como poderia ser entendendo-se tantas gentes por escritura, não se entenderem por fala, e nunca pudemos cair em



como seria, se não uma vez estando em um porto de Cauchim China. O escrivão do navio que era China fazia uma carta para os loutias da terra, para que nos mandassem dar por nosso dinheiro mantimentos. Quando lhe vi escrever a carta, disse-lhe que para que escrevia carta, pois bastava dizerem-lho de palavra: disse-me que os não entenderiam por palavra: deixei-lhe acabar de fazer a carta e pedi-lhe que me fizesse o a. b. c. fez-me só quatro letras, disse-lhe que me fizesse as letras todas do a. b. c. e respondeu-me que não podia logo assim fazê-las, que eram mais de cinco mil. Caí eu logo no que podia ser, e perguntei-lhe como chamam esta letra primeira, respondeu, tiem, perguntei-lhe tiem que quer dizer, disse-me que céu, a outra terra, a outra homem. E assim me ficou claro o que dantes me estava escondido. As suas regras não vão atravessadas como nas escrituras de todas as mais gentes, se não vão escritas de alto abaixo.

CAPÍTULO XVIII

DO PROVIMENTO DOS LOUTIAS, E DE SEUS MINISTROS.

Quando os loutias são despachados na corte com ofícios para as províncias onde hão-de governar, partem sem levarem de seu mais que os vestidos, que hão-de vestir, e alguns poucos servos seus de que se servem, ainda quando não têm ofícios, nem têm necessidade de levar provisão para o caminho, nem encavaladura ou embarcação à sua custa: porque por todos os caminhos por onde vai há provimentos, assim de embarcações como de bestas necessárias, como do comer necessário para todos os oficiais del Rei que são providos das rendas reais. Em todas as cidades e lugares grandes tem el Rei muito boas e nobres casas para se agasalharem todos os loutias, assim grandes como pequenos, e todos os que são por qualquer via del Rei, que têm rendas bastantes para provimento de toda a pessoa que na casa pousar segundo sua qualidade. E já está limitado o que se há-de dar a cada um para seu gasto. Pelo que chegando o que ali se pode agasalhar, o oficial da casa chega a ele e lhe pergunta se quer o seu ordenado que tem para comer em dinheiro, ou em as cousas necessárias para mantimento, e o que lhe pedir a que abranger o dinheiro lhe há-de dar, muito bem e muito limpamente concertado, ou carne, ou peixe, ou patos, ou galinhas, ou o que ele quiser. E qualquer loutia que ali pousar, pode mandar açoutar o seu hóspede, se o não servir à sua vontade. E se algum loutia quer ir pousar a casa de algum seu conhecente, toma o dinheiro, o que fazem às vezes os loutias pequenos também, ou por forrarem algum dinheiro, ou por irem a folgarem à sua vontade mais soltamente. E nas provisões destas casas não há falta nenhuma de nenhuma qualidade, porque os Ponchássis têm cuidado de lhe dar as provisões bastantes para que não falte. E no cabo do ano se toma conta ao oficial da casa dos gastos que fez. Pelos caminhos a cada légua, e a cada duas léguas há casas que somente têm leitos e cadeiras para os caminantes poderem repousar e descansar. E alguns dos que têm cuidado destas casas, têm provimento para darem vinho aos hóspedes: outros não dão mais que chá, que é água, com que acima dissemos que comumente todos agasalham aos que vão a suas casas. Depois que os loutias chegam à cidade onde hão-de residir e executar seus ofícios, acham as casas, nas quais se hão-de aposentar segundo os ofícios têm grandes ou pequenos, assim as acham maiores ou menores. Em estas casas acham todos os servidores necessários,

escrivães, porteiros, e todos os demais ministros para seu officio necessários. Porque estes são sempre perpétuos nas casas, para administrarem a todo tempo a todos os officiais das casas em que servem. E cada official segundo sua casa e pessoa tem a provisão necessária para comer, vestir e calçar (limitada que mui bem lhe basta:) a qual lhe pagam sem falta, mês entrado e mês saído: Quando os loutias são já velhos e cansados de servir a el Rei nos cargos e officios do reino, aposentam-nos em suas naturezas ou onde eles querem, e dá-lhe el Rei cada mês um tanto segundo sua qualidade para se sustentar até que morram. E porque os ordenados dos loutias são comumente bastantes, e com alguma abundância, sempre podem ir forrando alguma cousa que deixem a suas mulheres e filhos. Todos os porteiros, meirinhos, escrivães, algozes, e todos os outros ministros que há em cada casa dos loutias têm seus ordenados mui bastantes que lhe pagam cada mês mui bem pagos. Diante destes ministros fazem os officiais todas as cousas de seus officios e de justiça, porque estão presentes a tudo, e por estes nas residências são condenados ou absolutos, pelo que diante deles de nenhuma qualidade ousam fazer nenhuma desordem em seus officios, nem de nenhuma qualidade diante deles ousam tomar peitas. Se tomam peita, ou fazem alguma cousa fora das leis e de suas obrigações, é tão escondidamente e com tanto resguardo que de nenhuma qualidade estes ministros lho aventem. Enquanto o loutia está assentado na sua cadeira a ouvir partes e a despacho, estão os porteiros e os escrivães e meirinho e outros ministros à porta: e quando entra qualquer pessoa com negócio um dos porteiros a voz alta que o ouçam onde está o loutia, porque é longe, diz quem vai e ao que vai. E ninguém fala aos loutias se não com ambos os joelhos em terra, e comumente lhe falam de longe um arrezoadado espaço. E dali em voz alta que seja bem entendida lhe propõem sua causa, ou lhe mostram sua petição em papel escrita, alevantando-a na mão lhe pede que lha queira receber, e que o queira prover com justiça, ao que corre um ministro fazendo-lhe o loutia sinal, e apresenta-lha. Depois que o loutia a lê, ou lhe dá despacho do que pede, escrevendo-o ao pé da petição com tinta vermelha, ou remete a outro official inferior a pessoa para que a despache. Assim o vi fazer a uma petição que apresentou uma mulher ao Ponchássi.





CAPÍTULO XIX

DA PRESTEZA E PRONTIDÃO COM QUE OS LOUTIAS SÃO SERVIDOS.

A prontidão e presteza com que os loutias são servidos, e quão temidos sejam não se pode dizer por pena, nem por palavra explicar, mas somente se há-de ver para saber o que é. Todos fazem seus mandados e os servem correndo e com muita presteza, não somente os escrivães e meirinhos, e outros ministros, mas ainda os loutias pequenos aos grandes. E se algum falta tamalaves da diligência e presteza acostumada, ou comete a menor negligência do mundo diante do loutia, de nenhuma qualidade tem remissão, mas logo incontinentemente que faz a falta, lhe metem uma bandeirinha na mão e há-de estar com ela na mão posto em joelhos até que se acabem de despachar as partes: e então lhe manda dar o loutia os açoites que lhe bem parece: e são tais os açoites quais diremos abaixo. Pelo que todos os ministros e oficiais que andam nas casas dos loutias andam emplastados, ou assinalados dos açoites, de maneira que já entre si têm por afronta não andarem assinalados de açoites por ser a cousa muito geralmente comum entre eles. E quando se embravece e se ira de alguma cousa o loutia, é muito para ver a turbação e temor que há em todos os circunstantes. Estando eu com uns portugueses em casa do Ponchássi tratando do livramento de uns portugueses que estavam cativos e presos no tronco, para o qual levávamos umas oito onças de âmbar, que era deles naquele tempo muito estimado, e agora por lhe haverem levado muito não vale tanto, não lhe querendo nos dar o âmbar, sem nos dar ambos os portugueses tomou por ocasião por nos fazer terror, agastar-se contra um moço de um português que estava na companhia que nos servia de língua. Pelo qual se alevantou da cadeira e se fez vermelho como sangue, e fizeram-se-lhe os olhos encarniçados, e fez um pé avante pondo os polegares na cinta, olhando para os circunstantes com um aspecto terrível: e fazendo o pé avante, o alçou e deu uma pancada no chão com ele, e disse com terrível voz. Tá, que quer dizer, açoita. Causa foi maravilhosa de ver em quão pouco espaço tomaram o moço e lhe amarraram os braços atrás com uma corda e o estenderam de barriga com as coxas descobertas, e puseram-se dois algozes, um de uma banda e outro doutra com os pés feitos avante e com os açoites a ponto para darem-lhe os açoites que lhe mandassem dar. Certo foi tudo feito quase em um momento. Turbaram-se os mercadores que iam em nosso favor, e apartaram-se a uma parte tremendo

com medo. A isto disse um dos presos. Senhores não hajais medo que não pode açoutar esse moço. E na verdade soubemos que era assim, porque segundo suas leis não havia culpa porque o pudesse mandar açoutar, e tinha pena se o fizesse. Ouvindo o loutia a voz do preso, mandou com presteza que o tornassem ao tronco. E não fazia isto o loutia mais que para nos fazer terror para que lhe déssemos o âmbar por um dos presos, por que não nos podia dar o outro, porque era já sentenciado à morte, e confirmada a sentença por el Rei, que não tinha revogação, e ele queria haver o âmbar, porque esperava haver del Rei outra mercê maior que de Ponchássi pelo âmbar. Porque o comia para sustentar a vida, e havia já muitos dias que o pediam aos portugueses, mas como lhe não sabiam o nome que nós usávamos, não se acabavam de entender até que o ano dantes houve o Aitao de Cantão um pouco por via de soltar um português: pelo que o acrescentaram a Ponchássi. E este queria também haver para o mesmo fim de ser acrescentado o âmbar de nossas mãos. Todavia vendo-nos atados e não termos língua por quem falar, e o moço à desposição de açoutes, demos-lhe o âmbar. Veio-lhe logo um fogareiro para o provar, e também o preso lançou um pequeno no fogo, e vendo que o fumo ia direito acima, ficou contente, e espalhando o fumo pos os narizes e disse. Haoa, que quer dizer, é mui bom. E mandou-nos logo entregar o preso solto. Cousa foi maravilhosa de ver com quanta presteza foi pesado, e os pedaços contados e metido em um papel, e posto em cima pelo escrivão ali diante de todos o número dos pedaços e o peso que ali ia. E após aquele papel outro, grudado tudo logo. E após aquele outro. E no terceiro pôs o Ponchássi o seu sinal de letra vermelha, e o que se continha dentro. E no mesmo continente veio um caixãozinho e logo metido dentro foi tapado, e sobre o tampão lançado um papel grudado, e em cima o sinal do Ponchássi: e logo chegou um loutia pequeno capitão de armada com seus soldados, e todos longe se puseram de joelhos, e ali recebeu este capitão o recado em joelhos, dizendo a cada palavra Quó, que quer dizer sim, abaixando a cabeça e mãos até ao chão. E recebido o recado, logo assim como veio correndo se tornou correndo com o caixão a embarcar para levar o âmbar como lhe mandavam ao Tutão para dele ser mandado a el Rei. Conteí este caso pelo miudo, porque se veja com quanto concerto e recado fazem suas cousas e com quanta diligência obedecem os seus mandados: porque todo o que tenho dito se fez quase em continente, antes que nós dali bolíssemos. Queria também

este haver de nós o âmbar antes que viesse o loutia daquela cadeira, que se esperava cada dia por ele para entrar de novo: porque este era somentes Locotente. Quando sai pela cidade algum loutia que não é dos cinco, nem o Chaem, nem também é muito pequeno, mas é como se diz de meia jolha, leva diante de si um bom espaço dois ministros com duas maçãs que parecem de prata, sobre uns paus compridos, quase feitas ao nosso modo. E vai um de uma banda da rua e outro da outra. Após estes um pouco distantes, vão outros dois, cada um com uma cana direita, ou pau na mão. Após estes vão na mesma distância outros dois com duas canas a rojo pelas calçadas, que são os instrumentos de justiça com que açoutam. Após estes vão outros dois com duas tábuas como duas rodelas arcadas engessadas, em que vai escrito o título do oficial que passa. Significam os dianteiros nas maçãs, que o que passa esta no seu ofício como em lugar del rei. E os dos paus direitos a rectitude da justiça que deve fazer. Os que levam os instrumentos dos açoutes, levam por divisa umas fitas largas e vermelhas com grandes borlas nas pontas. E todos levam uns penachos muito galantes e muito bem assentados de cabos de rabos de pavões. E os que vão diante vão de quando em quando a voz grande dizendo uuf que quer dizer, dai lugar, ou guarda. Enquanto estes passam de nenhuma qualidade é licito a ninguém atravessar, nem ir pelo meio da rua, sob pena de ser sem remissão açoutado qualquer que o contrário fizer. Aconteceu irem dois portugueses pelo meio de uma rua de Cantão passeando, e vinha detrás deles um loutia pequeno, que não trazia mais que quatro ministros, os quais vinham bradando segundo seu costume que dessem lugar. Os portugueses, ou não atentaram ou não tiveram conta com os que vinham, pelo que achegando um ministro deu um grande empurrão a um deles e o português lhe respondeu com uma punhada e dar ele a punhada e ser atado com as mãos detrás para ir caminho do tronco, tudo foi um, não faltando valentia nem fantasia ao português. Mas como já disse a ninguém é licito trazer arma sob pena de morte, nem ainda faca. Foi necessário ao português chegar-se ao loutia e aplacá-lo com rogos, e acabou de o aplacar com catorze cruzados. Conteí este caso para que se saiba quanto rigor há no que tenho dito. Tornando ao que dizíamos, após os ministros vai o loutia em uma cadeira rica dourada e muito fresca, às costas de quatro homens. São estas cadeiras grandes e pomposas, e o loutia vai cercado de todos os escrevães e mais ministros seus. E todos enquanto vão pela cidade, vão

sempre correndo. E o loutia leva um pelote preto comprido de sarja fina com mangas largas, que é o trajo comum: leva as mãos canceladas como frade, e os olhos baixos sem olhar para uma banda nem para outra: porque nem com os olhos se querem comunicar com o povo comum, para que mais conservem sua autoridade para com eles e mais temidos sejam. Quando algum dos quatro loutias tirando o tutou sai fora, ou o Chaem de cada ano, levam muito grande pompa, vão muito acompanhados de muitos ministros, e levam-no seis ministros às costas e levam cavalo a destro com sela louçã e pano de seda por cima, a cadeira em que vão é mais pomposa e mais rica, e levam diante quatro, cinco ou seis maças e dois ou três instrumentos e mais ministros. Quando o Chaem que vem de três em três anos entra na cidade, ou por negócio importante sai fora, ou algum Quincai, fecham todos na rua por onde passam todas as portas, e nenhum oficial trabalha, nem aparece ninguém pela rua enquanto passa. As tendas fecham-se e toda cousa de venda não aparece. Os ministros com cordas lançadas ao longo das ruas fazem três ruas donde os arcos triunfais das ruas principais vão feitos em três arcos: e só pelo do meio passa o loutia, e os ministros pelos das ilhargas. E a ninguém é lícito passar pelo meio: vão acompanhados de muitos loutias pequenos que vão a pé. E de uma banda e da outra da rua estão muitos homens de armas e outros com bandeiras vermelhas de seda arvoradas, postos todos mui ordenados no pátio da casa onde hão-de entrar estão muitos atabales postos sobre paus altos para se poderem bem tocar, os quais estão cobertos até o chão de panos de seda quarteados. Após estes estão muitos todos postos em ordem com bandeiras de seda arvoradas. Após estes na mesma ordem estão muitos com trombetas, e todos estão em grande silêncio. Em assomando o loutia tocam todos por ordem os seus instrumentos: acabado o som dos instrumentos, tornam todos a ficar em tão grande silêncio como se naquele pátio não houvera ninguém, estando mui grande multidão de gente. A gente assim como vai entrando vai-se pondo às ilhargas, ficando o meio entre os instrumentos vazio, por onde passa o loutia. Diante destes loutias vão comunmente muitos loutias pequenos daqueles que levam maças quando saem fora. Estão também neste pátio muitos homens de armas com lanças compridas douradas e com bisarmas muito galantes. Isto tudo é no primeiro pátio. No segundo ao longo do corredor do meio de que havemos dito acima quando falámos das casas dos grandes, que só por eles passam os loutias, estão

de uma banda e da outra muitos loutias pequenos com capacetes nas cabeças, uns dourados, outros prateados e com espadas derrubadas sobre talabartes, e com uns pelotes ou saios feitos ao modo de dalmatigas com cravação dourada e prateada, que parece posta sobre lâminas, mas é obra mui subtil feita sobre seda muito singela, que serve só para ornamento e galanteria. Alguns usam nas cabeças de celadas brancas guarnecidas de ouro, mas são de uma folha muito delgada que parecendo armas não o são. Desta maneira vão também tratados os loutias pequenos que cercam ao loutia grande. As cadeiras em que estes vão são muito ricas e de muito preço, e muito louçãs. As tábuas em que vai escrito o título da dignidade destes grandes são escritas com letras de prata. E quando algum destes entra novamente em alguma cidade com estes aparatos e recebimentos, entra indo todos os loutias grandes e pequenos a recebê-lo a uma casa que está onde desembarcam muito rica e mui nobre, e desde ali o acompanham até sua pousada, e estando aposentado todos se despedem dele com muitas cortesias. Em estes recebimentos não usam de vestidos louçãos. Os grandes quando muito trazem uns pelotes de seda roxa. Em suas festas nas suas casas e às escondidas uns com outros e nos banquetes usam de seda carmesim e de toda a galanteria nos trajos e de vestiduras ricas. Quis contar estas cousas tão miudamente, para que se veja a polícia de gentes tão alongadas de nós, e de gentes bárbaras.



CAPÍTULO XX

DOS QUE SÃO SENTENÇADOS À MORTE, E DE OUTRAS COUSAS QUE PERTENCEM À JUSTIÇA É CAPITULO NOTÁVEL.

Quando quer que por via de inquirição ou de devassa se perguntam algumas testemunhas, fazem-no os loutias em público diante dos oficiais ministros de seu ofício, e diante de todos os de mais que por qualquer maneira ali se acertam de achar presentes, e isto para que se não possa usar de nenhuma falsidade, nem manha no modo de inquirir: e pelo conseguinte no que se escreve. E primeiro perguntam às testemunhas apartadas, e se se encontram ajuntam-nas e perguntam a uma diante da outra até os deixarem vir a altercações e peleja de palavra, para que pelas palavras que um diz a outro venham a cair qual é a verdade. E se por aqui não acabam de compreender a verdade, lhe dão muito açoite e tormentos para que por uma via ou outra acabem de saber a verdade do negócio de que inquirirem ou devassam: não usam de juramento porque nenhum de seus deuses estimam. Têm todavia respeito no testemunhar nas pessoas de qualidade e de quem se presume que não serão leves em mentir. Quando devassam sobre cousa de muito peso, ou sobre pessoas graves, com terem muitos escrivãos por quem possam escrever não fiam a cousa doutrem se não de si, pelo qual escrevem eles o processo da devassa. Acontece às vezes alguns loutias por peita grossa, ou por muita amizade soltarem algum preso, e pôr outro em seu lugar, que não falta um ruim que se queira pôr a perigo de açoites, ou morte por interesse, ou metem-no com engano enganando-o com palavras, e fazendo-lhe a cousa leve, e dando-lhe algum interesse lhe põem o nome do preso que querem soltar, para que as culpas e castigos do culpado caiam sobre o inocente. E quando às vezes desta maneira não podem soltar o culpado, trabalham de peitar todos os oficiais que o dêem por morto entre os mortos que morrem nos troncos. Mas estas invenções não se usam se não onde os interesses são muito grossos, ou as aderências muito grandes e valorosas; para evitar estes inconvenientes que algum ora há: quando alguns são presos por graves negócios, ou os presos têm grandes adversários escrevem todos os sinais dos presos, e fazem-nos assinar ao pé da escritura, para que assim não possam usar de alguma das malícias sobreditas. Se algum se prende por dívidas, as quais confessa, assinam-lhe termo para as pagar, e não as pagando dentro no termo assinado, dão-lhe muito açoite, e assinam-lhe outro termo: e se dentro nele não paga, tornam-no a açoitar, e assinam-lhe outro termo: e assim anda o desaventurado até que morre a poder de açoites, ou que paguem

os parentes por ele, não tendo ele por onde. Quando alguma pessoa se quer mudar de uma casa e rua para outra, ou quer ir para outra terra a viver, tangem uma bacia pela rua com um pregão que diz que foão se vai daquela rua, se há alguma pessoa a que deva alguma cousa que venha a ele antes que se vá, para que não perca o seu. Se se mudar sem dar este pregão, os vizinhos são obrigados a pagar por ele tudo o que lhe sair de dívida. Todos os que são presos por ladrões, ou matadores, ou morrem no tronco à fome, ou a poder de açoutes nas correições de cada ano: e se disto escapam, por terem remédio para comer e para o frio, e para se curarem, morrem segundo lhe cai a sorte como diremos. Todos os que estão já sentenceados à morte por sentença definitiva confirmada por el Rei, têm um tanto de arroz cada mês del Rei, com o qual e com fazer sapatos de seda que aprendem a fazer no tronco, ou com outras maneiras se remedeiam e sustentam enquanto vivem, pelo que mais são os que morrem por necessidade antes de sentenceados que depois de sentenceados à morte, porque são mui vagarosos em matar os que são sentenceados à morte. Tanto que ou morrem por justiça muitos anos depois de sentenceados, ou morrem de sua morte natural, porque somente matam do modo seguinte. O Chaem que como tenho dito é como corregedor que vem cada ano a tirar devassa dos oficiais, e a fazer outras cousas para bem do governo das províncias, manda vir o rol dos condenados à morte de todos os troncos, e todos os feitos os quais revê ele e todos os loutias principais da província. Depois de bem revistos escolhem de todos os condenados os que acham mais dignos de morte, cinco ou seis, ou poucos mais. E alta noite quando nisto se acabam de determinar, mandam logo ao tronco para que os façam prestes para irem a padecer ao qual mandado afirmam os portugueses que estiveram presos, que é o ruído e reboliço no tronco de maneira que parece que andam neles todos os diabos do inferno: porque se perturbam os presos grandemente temendo cada um que caia a sorte sobre ele. Depois de feitos prestes todos os que determinam que morram, tornam outra vez todos os loutias a rever todos os feitos daqueles que acharam mais culpados, para ver se acham alguma cousa por onde aliviem as culpas de algum a que não seja tão merecedor da morte, e assentando todavia que morram, mandam tirar três bombardadas, que é sinal que os tirem fora do tronco. E tornam outra vez a rever os feitos, e tornam a mandar tirar outras três bombardadas que é sinal que os levem ao campo onde hão-de padecer. E depois de os tornarem a rever tornam a tirar outras três bombardadas

que é sinal que lhe dêem a morte a que cada um está condenado. E acontece às vezes depois de estarem no lugar onde hão-de padecer mandarem tornar ao tronco um ou dois por acharem que por alguma via se lhe deve relevar a culpa, para que não sejam tão dignos de morte. O mesmo acontece também nas revistas antes desta derradeira. Quando querem executar esta justiça, como seja cousa que se não faz se não de tarde em tarde aí grande terror em todos os da cidade, e andam atemorizados. Fecham-se todas as tendas não se vende nada, nem trabalha ninguém. E os condenados metem-nos em uma roda de cinza só com as mãos atadas e dão-lhe muito bem de comer e beber: e depois repicam os sinos, que são grandes e de ferro fundido: ao que se faz grande burburinho na cidade, que é sinal que então os matam. Acabado isto, estão os corpos no campo até perto do sol posto. Então abrem as tendas e começam a negociar. Com quanta piedade e vagar matam, com tanta crueldade e ligeireza açoutam, porque a ninguém nesta matéria perdoam. São os açoutes tais que com razão devia ser suficiente castigo para emenda, porque as canas com que açoutam são espalmadas em baixo perto de quatro dedos de largo, e vão sendo estreitas até o cabo por onde os algozes as tomam: e são quase de grossura de um dedo, porque há naquelas partes cana tão grossa como a perna de um homem. E porque disto há muitas testemunhas de sabedoria em Portugal, ousou simplesmente afirmá-lo, e são de oitenta, noventa e cem palmos de comprimento. São os açoutes feitos destas canas de altura que darão a um homem de meia estatura pelos peitos. Os açoutes dão-nos nas curvas das pernas, deitado o delinquente de bruços, e estendidas as pernas e as mãos atadas detrás. São estes açoutes mui crueis que o primeiro faz logo arrebeitar o sangue: e um açoute são duas pancadas de dois algozes postos um de uma banda que açouta em uma perna, e outro da outra para açoutar outra perna: e de dois açoutes não pode ir o homem por seu pé, e levam-no pelas pernas e braços. E de cinquenta, sessenta açoutes morrem muitos, porque desfazem todos os miudos das curvas. E como o principal intento da justiça não seja matar, senão com o vagar e tento sobredito, com haver multidão como diremos de presos condenados à morte se há muitos ladrões, que são os presos e a gente mais odiosa, fazem-se pelos chaens grandes correções neles mandando dar quarenta cinquenta sessenta açoutes a cada um: dos quais muitos morrem. Quando há esta correição metem as canas em jarras grandes de água para que mais cruelmente açoutem. E estando os algozes fazendo carneçaria segundo lhe mandam, estão os loutias muito

desagastados praticando uns com outros, comendo e bebendo e esgaravatando os dentes. É a crueldade tal que se enche o pátio de sangue: e quando os acabam de açoitar, não os levam se não como carneiros com muita crueldade para o tronco a rojo por uma perna. E quando os algozes vão açoitando, vão a alta voz contando os açoites. Se os desafortunados dos presos que estão por graves culpas no tronco no tempo que se há-de fazer esta correição podem haver à mão um pedaço de corda, com a qual se possam enforçar andam às punhadas sobre quem se enforcará primeiro, porque se não faça neles a carneçaria dos açoites. E afirmaram-me uns portugueses que estiveram presos que um dia se enforcaram quarenta presos em um tronco onde eles estavam, por se escapar dos açoites quiseram antes perder a vida. E afirmaram-me que era a corda muito curta, que acaso puderam haver quanto bastava só para atarem o pescoço, e em um pedaço de pau que meteram na parede, e porque o pau estava baixo, estiravam-se até se afogarem, andando às punhadas sobre quem primeiro se havia de enforçar. Quando algum se mata, ou morre no tronco, é ordenação na China que o lancem nas necessárias e ali esteja três dias, onde o comem os ratos. E às vezes alguns chinas presos com fome comem deles. Acabados os três dias vem ali um oficial da justiça com um escrivão e ministros e lançam-lhe um laço no pé e levam-no a rojo até à porta de fora do tronco que está para a banda do campo, e chegado a aquela porta com um pau ferrado lhe manda dar o oficial três pancadas rijas na rabadilha. Depois disto feito faz o escrivão um assento, como foaõ que estava preso por tais culpas morreu no tronco, e segundo ordenança esteve três dias nas necessárias, e nele se fizeram os mais exames ordinários sem lhe acharem sinal de vida, antes por ser certo que era morto o mandaram lançar no monturo. Guarda então o tronqueiro este assento, e quando vem o Chaem Iho apresenta para que o desobrigue daquele preso. Fazem todos estes exames nos mortos para que não se possa nenhum fingir morto. Afirmou um português honrado que esteve preso, que no tronco onde ele esteve morreram em cada um ano dois mil homens pouco mais ou menos, uns à fome, outros ao frio, outros dos açoites. Quando levam presos de diversas partes da província para a cidade que é a cabeça, leva cada preso uma bandeirinha na mão em que vai escrito o porque vai preso com letras grossas, e fazem-lhas levar altas para que possam ser vistas e lidas suas culpas de todos os que passarem, para que assim escramente cada um, e não faça semelhantes delitos.





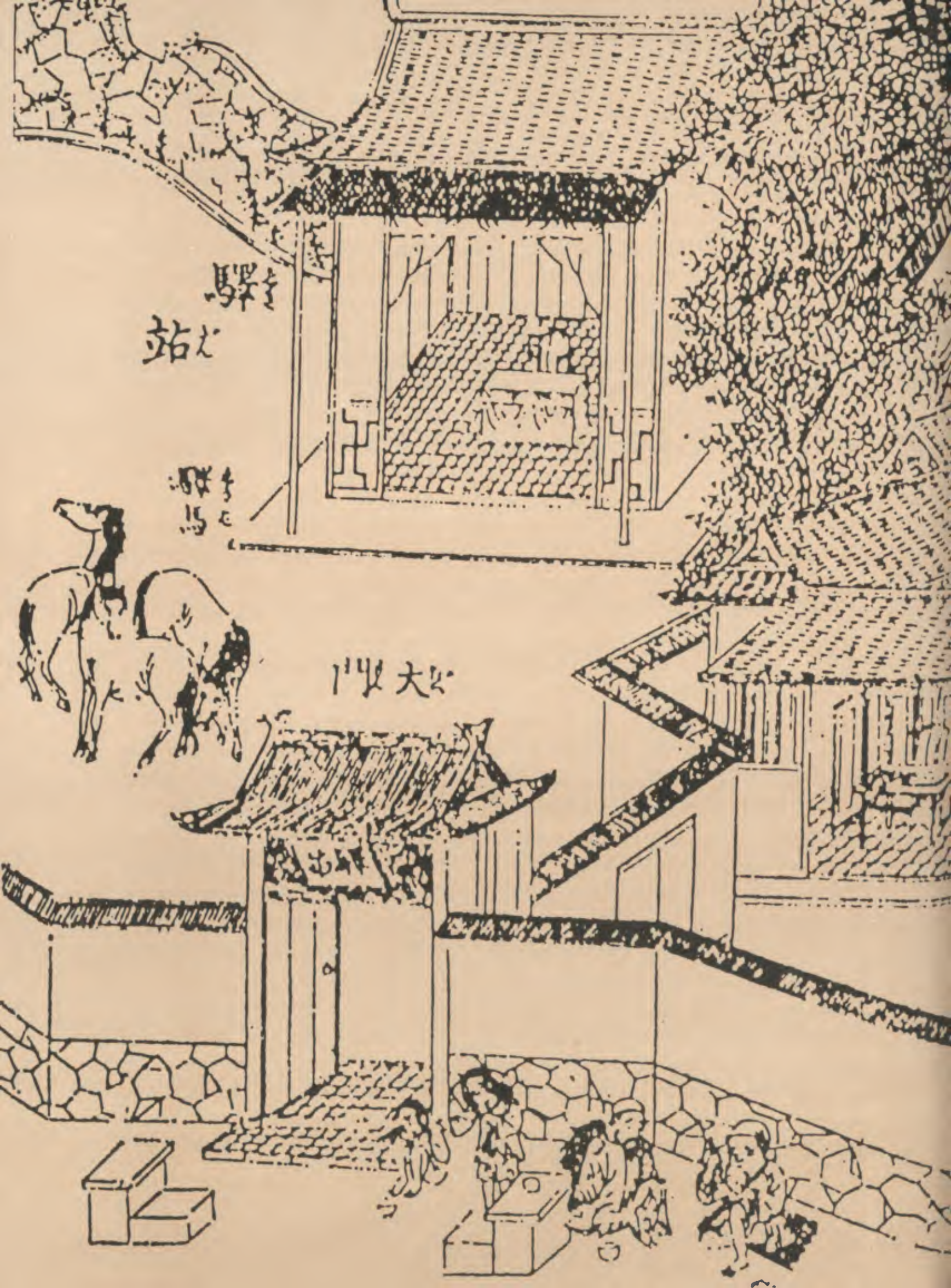
CAPÍTULO XXI

DAS PRISÕES E TRONCOS DA CHINA.

São as prisões da China mui ásperas, principalmente as dos condenados à morte e as de quem tem casos dignos de morte. E todos os troncos são mui fortes, e cada cidade que é cabeça de província tem treze troncos, e só em seis deles está a gente sentenciada à morte: haverá só em Cantão de quinze mil presos para cima. Há em cada tronco só para os condenados à morte, cento e vinte homens que servem de vigias e tem sobre si um loutia como seu capitão, ou como sobre rolda. São os troncos uns grandes encerramentos cercados de muro alto de pedra. Antes de entrarem nos troncos a três portas que todas estão fechadas, e têm seus porteiros. Da cerca de pedra para dentro há ainda outra cerca de madeira mui forte. Das três portas para dentro estão os aposentos do loutia que tem cargo dos troncos como carcereiro: os quais são muito grandes. Dentro destes aposentos está uma cerca grande que tem grande pomar e horta com grandes tanques de peixe. À entrada das casas em que pousa o loutia está um grande pátio lageado de pedras quadradas. E em uma das bandas deste pátio se começa um dos troncos, o qual se fecha com umas portas não muito fortes: e neste tronco estão os que são presos por leves casos: e é tamanho que há nele ruas e praças em que os mesmos presos vendem muitas cousas, assim de comer como necessárias para outros usos as quais lhe trazem ali de fora para vender, em que muitos ganham sua vida. E outros têm ali camas para alugar aos que têm delas necessidade e têm por onde as paguem. E nunca este tronco está tão só que tenha menos de oitocentos ou novecentos presos, com cada dia tirarem e meterem. Além deste tronco está outro dos que estão presos por graves casos, e dos que são já condenados à morte, o qual tem muito grande multidão de presos, ao qual entram por três portas de ferro, uma ao través da outra: passando estas três portas entram em um mui grande pátio lageado de pedras quadradas o qual é quadrado, com alpendres em roda a modo de crasta. Neste pátio há oito portas de ferro, a cada lanço duas: pelas quais entram para oito casas muito grandes e muito compridas. Cada casa destas tem pelo meio de frente da porta até ao cabo um corredor, ficando a cada banda um tabuleiro não alto. E no corredor que vai por entre os tabuleiros estão duas correntes com duas cadeias mui grossas de ferro, nas quais metem todas as noites os presos, e ficam metidos nelas lançados de costas, correndo-lhe a cadeia por

cima dos peitos: estando entre preso e preso uma grossa argola de ferro por onde corre a cadeia, e aperta-os a cadeia de maneira que afirmaram os portugueses que nelas estiveram, que os primeiros dias enquanto não tinham em costume estas prisões, os deixavam embaçados pela manhã quando os tiravam da corrente. Depois dos presos serem metidos na corrente, lançam em cima de todos uma grade de pau, a qual fecham mui bem, ficando um mui estreito vão por baixo, quanto somente cabem os presos. De maneira que ficam tão arrecadados que de nenhuma qualidade se podem revolver. E com estarem tanto arrecadados são continuamente mui bem vigiados de noite, estando as vigias de fora e de dentro: e as de fora respondem às de dentro, que toda a noite estão contando os presos a voz tão alta que os ouça o tronqueiro estando na sua cama deitado. Vigiam a quartos fazendo cada noite cinco quartos. De dia os contam também uma vez. E qualquer descuido que fizer qualquer vigia, ou se o acharem dormindo, é castigado gravemente sem remissão. São os troncos tão fortes e tão bem vigiados, que nunca se achou na China fugir preso de nenhum dos troncos. Há na China tantos presos pela gente que há em ela ser muita em demasia, e muitos faltando-lhe o necessário fazem-se ladrões, e daqui é que buscam muitas invenções para ganharem a vida para que não lhe falte o necessário para seu remédio. Além de serem os presos da maneira sobredita arrecadados e vigiados, todos os que têm graves casos trazem adobas nos pés, nas mãos trazem umas que eles chamam chucas, que são como algemas, mas são de pau grosso, que têm dois buracos quanto lhe cabem as mãos, de maneira que nada pode fazer com uma mão que não leve a outra após ela. Aqueles que têm que peitar ao tronqueiro metem-lhe as chucas de maneira que possam tirar uma das mãos fora. Todos os presos trabalham por tirar uma das mãos da chuca, e para isso buscam seus remédios, mas é-lhe necessário terem tal vigia sobre si que os ministros os não achem com a mão fora: porque se os acham castigam-nos mui gravemente. Os que são já sentenceados à morte trazem umas tábuas metidas pelos pescoços, compridas até aos joelhos engessadas, nas quais trazem escrito o caso porque estão sentenceados, e são de largura de um palmo pouco mais. Todos estes presos pela manhã são tirados das correntes, e todos saem fora para as crastas, e geralmente todos são sapateiros, principalmente de sapatos de seda, tecidos de retrós: e com isto e com o arroz que lhe el Rei dá aos já condenados como já acima tocámos, se

sustentam. Os que não são condenados, se os aperta muito a fome, com desesperação se matam da maneira que podem. Porque alguns troncos são mal cobertos, e alguns não têm roupa com que se cubram, morrem de frio. O comum castigo dos que têm leves culpas é açoites mais ou menos segundo as culpas são. Alguns também por leves culpas os fazem andar pelas ruas à vergonha com uma tábua grossa e quadrada, de três palmos pouco mais de largura, metida pelo pescoço por um buraco que tem no meio da largura do pescoço, sendo a tábua de duas peças que se abre para lha meterem pelo pescoço. E na tábua leva escritas as culpas porque anda à vergonha. E anda assim três ou quatro dias segundo as culpas o merecem. Os que têm culpas graves e não têm de nenhuma qualidade remédio para se soste, alcançam alguma hora licença de algum loutia principal para irem pela cidade pedir esmola. Então os levam a bom recado pelas praças a pedir. Há dois géneros de tratos, uns para as mãos, outros para os pés, os das mãos são uns paus de grossura de um dedo e de comprimento de um palmo, roliços feitos ao torno, os quais são furados, e corridos por dois cordeis entretalham os dedos entre eles, e apertam os cordeis de tal maneira que moem os ossos. Neste trabalho vi um moço de até treze ou quatorze anos, que era para haver grande piedade de o ver assim. E traziam-no daquela maneira porque vigiava um mancebo que estava retido por justiça em uma casa e fugira sem o ver por se ele descuidar: pelo que o traziam assim preso, andando em busca do fugido. Estes são os mais leves tratos. Os dos pés são mui trabalhosos e rijos porque são dois paus quadrados de quatro palmos pouco mais ou menos de comprido, ajuntados com um engoço de uma banda. E correm-nos por um cordel da outra banda, com os quais entalhados os tornozelos lhe dão com um maço em cima que lhe moe os ossos.



驛站

驛馬

大門



CAPÍTULO XXII

COM QUEM CASA EL REI DA CHINA, E DOS EMBAIXADORES, E COMO TODOS OS MESES É EL REI INFORMADO DE TUDO O QUE SE PASSA POR TODO O SEU REINO.

El Rei em seus casamentos não se mistura com nenhuma gente fora do seu reino. Casa seus filhos e filhas com outros seus parentes. O costume antigo que já agora entre eles não se guarda: era quando el Rei queria casar seus filhos e filhas, fazia banquete geral a todos os homens e mulheres principais: os quais levavam consigo, os homens os filhos e as mulheres as filhas: e eram levados os filhos del Rei por entre as mulheres, e as moças que mais lhe agradavam lhe ficavam por mulheres. Pelo conseguinte as filhas eram levadas por entre os homens, e os mancebos de que se mais agradavam lhe ficavam por maridos. Pelo que cada um trabalhava por ataviar seus filhos e filhas o melhor que podiam. El Rei por conservar a grandeza e autoridade de seu estado, nunca sai fora. Das portas adentro tem mui grandes cercas com muito grandes aposentos, grandes hortas e jardins e pomares com muitos tanques de água, nos quais anda muito peixe. Dentro tem bosques nos quais traz muitos porcos bravos e veados para montaria. De maneira que dentro de suas portas tem todos seus passatempos quantos quer a sua vontade. Nenhum homem o vê nem comunica se não só os capados, pelos quais como disse ordena e rege todo seu reino, pelo qual são bem doutrinados em suas leis: trazem por divisa umas orelhas nos barretes feitas de seda e alevantadas para cima, trazendo-as os loutias atravessadas como se pode ver nalguns panos que da China vêm pintados. Tem el Rei quantas mulheres quer: e das portas adentro quase todo o serviço é de mulheres: pelo que tem muita multidão delas e assim tem soma de capados e não há outra gente das portas adentro, o primeiro filho que lhe nasce de qualquer de suas mulheres, aquele sucede no reino, os outros filhos casa-os, e ao tempo que os casa os aposenta em alguma das cidades que lhe a ele apraz, onde são mui bem providos de tudo o que hão mister para sosterem bem suas casas como filhos de Rei. Mas não vêem mais a face do Rei depois que casam, nem saem fora das cidades onde se aposentam: como acima dissemos dos parentes del Rei. Todos os embaixadores que vêm à China com embaixadas de Reis ou príncipes, recebem del Rei muitas dádivas e mercês, e dão-lhe barrete e insígnias de loutia, pelo que têm grandes liberdades na terra. Podem açoutar e castigar aos próprios chinas, com tanto que não toquem em loutia pequeno nem grande: porque a tocar nisto seguir se hão grandes

inconvenientes. Esta foi a causa porque indo Fernão Pires de Andrade por embaixador à China, se alevantaram os chinas contra ele, e escapou com as mãos nos cabelos, perdendo alguns navios: porque tendo feito justiça desacostumada na China e em chinas, e relevando-lho, quis estender a mão a loutias. A fazenda do embaixador e dos seus é forra de direitos, e a ele e aos seus dão aposento em que morem, e tudo o necessário enquanto na terra estão. Nenhuma pessoa, nem loutia pode empecer em nada a ele nem a cousa sua. Quis um loutia um dia açoutar um Sião por haver levado recado a um tronco a uns portugueses que estavam presos, disse-lhe um dos ministros que estava presente que era de Sião dos da embaixada, pelo que tendo comprimento com ele o deixou ir em paz, rogando-lhe que não fizesse outra vez tal cousa. De maneira que se tem muita conta com os embaixadores e com sua gente. Com a China ser tão grande como em princípio dissemos e demos a entender, tem el Rei tal modo e indústria no governo dela, que todos os meses sabe tudo o que se passa em toda ela, e sabe-o do modo seguinte. Todas as cousas da justiça e da guerra e todas as novidades e tudo o que é digno de se saber em cada uma das províncias se refere pelos loutias, e por outras pessoas ao Ponchassi, e o Pochassi faz relação de tudo por escrito ao Tutão. Cada mês é obrigado o Tutão a despedir um correio para a corte que leva a informação por escrito a el Rei de todas as cousas que naquele mês passaram. Os meses contam-nos pelas luas, de maneira hão-de ser despedidos, que cada princípio de cada lua se hão-de achar todos os correios de todas as províncias na corte, para que no primeiro dia da lua apresentem ao Rei todas as relações de todas as cousas de cada província. E ainda que algumas províncias são muito distantes da corte, que não podem vir os correios à corte dentro de um mês: todavia de tal maneira se concertam que cada lua há-de de ter el Rei a relação de cada província, ainda que uma seja de mais tempo que outra por uma província estar perto e outra longe, o modo dos correios é como entre nós, levam corneta que tocam quando querem chegar a algum lugar, para que lhe tenham cavalo prestes em cada lugar de certa em certa distância, são obrigados ouvindo a corneta a lhe ter cavalo prestes, o que se faz com tanta diligência como os demais serviços dos oficiais. E onde há-de passar rio, em tocando a corneta com muita presteza lhe levam embarcação, como eu vi indo uma vez para a cidade de Cantão num lugar que estava no caminho, que chamam Cãmão. Algumas vezes acontece por malícia

dalguns loutias, quando lhe vai nisso algum interesse, terem ocultas algumas cousas que el Rei não sabe: mas tristes deles se el Rei o vem a saber, porque são mui gravemente castigados como em um caso adiante veremos. Estando na Índia e também na China fui informado que algumas vezes mandava el Rei da China alguns homens de muita confiança desconhecidos por diversas partes da China, para que lhe vissem como o serviam seus oficiais. E se havia algumas novidades ou mudanças de que o não faziam sabedor, ou algumas cousas a que fosse necessário prover. E porque el Rei tem tanto cuidado do governo de seu reino e o traz tão bem regido, com ser tão grande como é o sustenta e conserva unido em paz a muito número de anos sem nenhuns reinos estranhos entrarem a possuir nada na China, antes a China sujeitou e teve muitos reinos e muitas gentes sujeitas pelo seu singular governo.

CAPÍTULO XXIII

DE COMO TRATAVAM OS PORTUGUESES NOS TEMPOS PASSADOS COM OS CHINAS, E DE COMO ARMARAM SOBRE ELLES.

Porque falamos muitas vezes acima em portuguezes cativos na China, será conveniente cousa que se saiba a causa de seu cativeiro, onde se dirão muitas cousas notáveis. Há-de saber-se que desde o ano de cinquenta e quatro a esta parte, se fazem as fazendas na China muito quietamente, e sem nenhum perigo: e desde então até agora não se perdeu nenhum navio se não por algum grande desastre: havendo-se perdido no tempo passado muitos. Porque como andavam quase de guerra os chinas com os portuguezes, quando vinham as armadas sobre eles, alevantavam-se e saíam-se ao mar e estavam em lugares mal amparados dos tempos: pelo que vindo as tempestades perdiam-se muitos dando à costa, ou em alguns baixos. Mas do ano de cinquenta e quatro a esta parte sendo capitão mor Leonel de Sousa natural do Algarve, e casado em Chaul, assentou com os chinas que pagariam seus direitos e que lhes deixassem fazer suas fazendas nos seus portos. E de então para cá as fazem em Cantão que é o primeiro porto da China: e ali acodem os chinas com suas sedas e almiscar, que são as fazendas principais que na China fazem os portuguezes. Ali têm portos seguros onde estão quietos sem risco, e sem os inquietar ninguém. E assim fazem já agora os chinas bem seus tratos: e agora folgam muito os grandes e os pequenos com a contratação dos portuguezes, e corre a fama deles por toda a China. Pelo que alguns principais da corte vieram a Cantão só pelos ver por haverem ouvido a fama deles. Antes do tempo sobredito, e depois do alevantamento que causou Fernão Perez de Andrade, faziam-se as fazendas com muito trabalho, não consentiam os portuguezes na terra, e por ódio e aborrecimento lhe chamavam fancui, que quer dizer homens do diabo. Agora não nos comunicam debaixo de nome de portuguezes, nem este nome foi à corte quando assentaram pagar direitos: se não debaixo de nome de fangim, que quer dizer gente doutra costa. Há-de saber-se mais, que é lei na China que nenhum china navegue para fora do reino sob pena de morte. Só lhe é lícito navegar ao longo da costa da mesma China. E ainda ao longo da costa, nem de uma parte para outra na mesma China lhe é lícito ir sem certidão dos loutias da terra donde partem: na qual se relata para onde vai e o negócio a que vai, e os sinais de sua pessoa, e a idade que tem. Se não leva esta certidão é degradado para

as partes fronteiras. O mercador que leva fazenda leva certidão da fazenda que leva, e como pagou direitos dela. Em cada alfândega que há em cada província paga uns direitos, e não os pagando perde a fazenda e degradam-no para as partes fronteiras. Sem embargo das sobreditas leis não deixam alguns chinas de navegar para fora da China a tratar, mas estes não tornam mais à China. Destes vivem alguns em Malaca, outros em Sião, outros em Patane, e assim por diversas partes do Sul estão espalhados alguns destes que saem sem licença. Pelo que destes que já vivem fora da China alguns tornam em seus navios a navegar para a China debaixo do amparo dos portugueses: e quando hão-de despachar os direitos de seus navios tomam um português seu amigo a quem dão algum interesse, para que em seu nome lhe despachem os direitos. Alguns chinas desejando ganhar o remédio para sua vida, saem mui escondidos nestes navios destes chinas a contratar fora, e tornam mui escondidos que o não saibam nem seus parentes, porque se não divulgue e não incorram na pena que os tais têm. Pôs-se esta lei porque achou el Rei da China que a muita comunicação das gentes de fora lhe podia ser causa de alguns alevantamentos. E porque muitos chinas com achaque de navegarem para fora se faziam ladrões e salteavam as terras de longo do mar, e nem com este resguardo deixa de haver muitos chinas ladrões ao longo da costa do mar. Estes chinas que vivem fora da China e para ela navegam com os portugueses, depois do escândalo de Fernão de Andrade começaram a encaminhar os portugueses a que fossem a Liampó fazer fazenda porque não há naquelas partes cidades nem vilas cercadas senão muitas e grandes aldeias ao longo da costa de gente pobre, a qual folgava muito com os portugueses, porque lhe vendiam seus mantimentos com que faziam seu proveito. Nestas aldeias eram estes mercadores chinas que com os portugueses navegavam aparentados, e por serem conhecidos recebiam ali por sua causa melhor os portugueses, e por eles negociaram com que os mercadores da terra trouxessem suas fazendas a vender aos portugueses. E como estes chinas que andavam entre os portugueses eram os que terçavam entre os portugueses e os mercadores da terra nas compras e vendas, tinham deste negócio mui grande proveito. Os loutias pequenos de longo do mar recebiam também mui grandes proveitos deste trato, porque recebiam grossas peitas de uns e doutros pelos deixarem contratar e lhe deixarem trazer e levar as fazendas. Pelo que esteve este trato entre eles muito tempo encoberto del Rei

e dos loutias grandes da província. Depois de se haverem feito por algum tempo assim encobertamente as fazendas em Liampó foram-se pouco a pouco estendendo os portugueses e começaram a ir fazer fazenda ao Chinchéo e às ilhas de Cantão. E também já outros loutias pelas peitas o iam consentindo por todas as partes, pelo que chegaram alguns portugueses com a contratação até além de Nanquim, que é já muito longe de Cantão, sem nunca el Rei ser sabedor deste trato. Sucederam as contratações de maneira que começaram os portugueses a invernar nas ilhas de Liampó, e estarem nelas tanto de assento e com tanta isenção, que lhe não faltava mais que ter força e pelourinho. Os chinas que andavam entre os portugueses, e alguns portugueses com eles, vieram-se a desmandar de maneira que começaram a fazer grandes furtos e roubos, e matar alguma gente. Foram os males em tanto crescimento e o clamor dos agravados foi tão grande, que chegou não somente aos loutias grandes da província mas também a el Rei. O qual mandou logo fazer uma armada muito grossa na província de Fuquem, para que lançasse todos os ladrões da costa, principalmente os que andavam em Liampó: e todos os mercadores assim portugueses como chinas entravam na conta dos ladrões. Fazendo-se prestes a armada saiu-se ao longo da costa do mar. E porque os ventos lhe não serviam já para poder ir a Liampó, foram-se para a banda do Chincéo, onde achando navios de portugueses começaram a pelejar com eles, e de nenhuma qualidade deixavam vir nenhuma fazenda aos portugueses. Estiveram assim muitos dias, pelejando às vezes, para verem se podiam ter remédio para fazerem suas fazendas. Passados muitos dias e vendo que não tinham remédio, determinaram de se ir sem ela. O que sabendo os capitães da armada mandaram-lhe de noite mui secretamente um recado, que se queriam que lhe viesse fazenda, que lhe mandassem alguma cousa. Folgando muito os portugueses com este recado, fizeram-lhe um grosso e honrado presente, e mandaram-lho de noite por assim serem avisados. Dali por diante vieram-lhe muitas fazendas, fazendo os loutias que não atentavam nisso, e dessimulando com os mercadores. E assim desta maneira se fizeram as fazendas aquele ano, que foi de quarenta e oito.

CAPÍTULO XXIV

COMO ARMARAM OUTRA VEZ OS CHINAS SOBRE OS PORTUGUESES, E DO QUE SE SEGUIU DESTA ARMADA.

O ano seguinte que foi de quarenta e nove foi mais rigoroso resguardo na costa pelos capitães da armada, e maior vigilância nos portos e entradas da China, de maneira que nem fazendas, nem mantimentos vinham aos portugueses: mas por mais resguardo e vigia que houve, como as ilhas ao longo da terra sejam muitas, que todas correm em corda ao longo da China, não puderam as armadas ter tanta vigilância e resguardo, que não viessem algumas fazendas escondidas aos portugueses. Mas não foram tantas que pudessem acabar de carregar os navios e desbaratar as fazendas que haviam trazido à China. Pelo que deixada a fazenda que lhes ficou por desbaratar em dois juncos chinas dos chinas que andam já fora da China desmembrados, e tratam a sombra dos portugueses: em os quais deixaram trinta portugueses encarregados dos navios e das fazendas, para que eles defendessem os navios e em algum porto da China onde melhor pudessem vendessem as fazendas que lhe ficavam a troco das fazendas da China e ordenado isto se partiram caminho da Índia. Como a gente da armada dos chinas viu que ficavam os dois juncos sós, sendo idos os demais navios, vieram sobre eles, sendo induzidos por alguns mercadores da terra, que descobriram aos da armada a muita fazenda que em aqueles juncos ficava, e os poucos portugueses que haviam ficado para guarda dela. Armaram-lhe pois cilada, fazendo querena alguns chinas em terra, que postos em armas faziam que queriam cometer aos navios para pelejarem com eles, por quanto estavam pegados com terra, para que provocados os portugueses se saíssem dos navios a pelejar com eles e assim ficassem os navios sem defesa a armada que estava perto para os cometer detrás de uma ponta que a terra fazia ao mar. Provocados desta maneira os que estavam para defesa nos navios, sendo incautos à cilada que deveram cuidar poder lhe estar armada, saíram alguns a pelejar com os da terra. O qual vendo os da armada, que estavam vigiando em cilada, arremeteram muito rijo e mui prestes aos dois juncos, e mortos alguns portugueses que neles acharam, e feridos outros, tomaram os navios. Ficou o Capitão-mor, que é o lutissi tão glorioso e tão contente com esta vitória que foi cousa de admiração ver sua alegria. E logo fez muito graves crueldades em alguns chinas que com os portugueses tomou. Trabalhou de induzir quatro portugueses que tinham mais aparência em suas pessoas que os outros, que dissessem que eram Reis de

Malaca. E o acabou com eles porque lhe prometeu fazer melhor tratamento que aos demais, e com isso os provocou. E como achasse entre o fato que tomou um roupão e uma gorra, e perguntando a um de aqueles chinas que com os portugueses foram tomados que traço era aquele, meteram-lhe em cabeça que era traço de Reis de Malaca, pelo qual mandou logo fazer três roupões por aquela vitola, e três gorras, e desta maneira vestiu a todos quatro uniformemente, para mostrar verdadeiro seu fingimento, e mais gloriosa sua vitória. Ajuntou-se a este luthissi a cobiça de ver se lhe podiam ficar as muitas fazendas que nos navios tomara. De maneira que juntamente queria triunfar de Reis de Malaca, para que com o povo ganhasse grande nome e glória, e para com el Rei fazer-lhe grandes mercês pelo serviço que queria mostrar haver-lhe feito e juntamente se queria ajudar das fazendas que tomara, para com elas fazer mais mostra aos povos da China de gloriosa vitória. E para poder fazer isto mais a seu salvo, e não ser tomado em mentira, fez grandes justiças nos chinas que com os portugueses tomou, e matando alguns deles determinava matar aos demais. Vindo estas cousas a notícia do Aitao que era seu superior, estranhou-lhe muito o que fizera, e logo lhe mandou que mais não matasse a nenhum dos que ficavam, mas que logo se viesse ver com ele trazendo consigo toda a presa assim da gente que ainda era viva, como da fazenda. Ordenando o luthissi seu caminho para ir ao Aitao como lhe era mandado, mandou dar quatro cadeiras aos quatro que pusera títulos de Reis, para nelas com mais honra serem levados. E os outros portugueses iam metidos em capoeiras com as cabeças saídas fora metidos os pescoços pelas tábuas, de maneira que não podiam recolher as cabeças para dentro, mas levando-as algumas feridas, assim as levavam descobertas ao sol e ao sereno. Assim comiam e bebiam e ali faziam seus feitos, o que lhes não era pequeno tormento e pena: e iam assentados dentro nas capoeiras, e eram levados às costas de homens. Ia este luthissi com esta presa pela terra dentro com muito grande magestade, e levava diante de si quatro bandeiras estendidas, nas quais iam escritos os nomes dos quatro Reis de Malaca. E quando entrava nas povoações, entrava com grandes estrondos e aparatos com som de trombetas, e com pregoeiros diante, que iam apregoando à grã vitória que houvera o Luthissi foão dos grandes quatro Reis de Malaca. E todos os principais dos lugares o saíam a receber com grandes festas e honras, concorrendo todos os povos a ver a nova vitória. Tanto que chegou o luthissi com seus aparatos e glória aonde

estava o Aitao, depois de lhe dar conta pelo miudo de todas as cousas passadas e de sua vitória, manifestou-lhe seu intento e concertou-se com ele que dividissem as fazendas entre si ambos, e que perseverasse o fingimento dos Reis de Malaca, para que ambos recebessem del Rei honras e mercês. Isto assentado determinaram ambos para se isto conservar em segredo, que se levasse adiante o que o Lutissi havia começado, que era que fossem mortos todos os chinas que ali vinham cativos. E logo o mandaram pôr tudo em efeito, pelo que mataram noventa e tantos chinas, entre os quais foram mortos alguns moços pequenos. Deixaram todavia três ou quatro moços e um homem, para por eles (fazendo-os à sua mão) fazerem certo a el Rei tudo o que queriam, que era fazerem dos portugueses ladrões, e encobrirem as fazendas que tomaram. Fazendo certo também por esses, como os quatro eram Reis de Malaca. E os portugueses como não sabiam falar a língua da terra, nem tinham pessoa alguma em aquela terra que por eles terçasse e os favorecesse pereceriam: e eles como poderosos fariam a sua boa, seguindo o fim por eles intentado. E por esta causa e por maior triunfo da vitória, não mataram os portugueses, mas deixaram-nos vivos. Não puderam estes loutias fazer isto tão secreto, e tanto a seu salvo que se não manifestassem suas fraudulentas malícias, e se não estranhassem geralmente. E principalmente foram por todas as partes estranhadas as mortes e crueldades que tinham feitas, por ser cousa desacostumada na China matar-se ninguém sem autoridade del Rei, como já acima temos dito. E ainda no matar é a justiça nesta terra mui vagarosa e atentada, como também acima fica manifesto. Além de tudo isto, muitos dos que mataram tinham parentes na terra que se doeram das mortes dos seus. Pelo que assim por estes, como por alguns loutias que foram zelosos da justiça e não quiseram dar consentimento a tamanhos males e fraudalências, chegou este negócio a notícia del Rei, e lhe foi manifestado como os portugueses eram mercadores que vinham à China com suas fazendas a tratar, e não eram ladrões, e como falsamente a quatro deles puseram títulos de Reis, a fim que el Rei lhes fizesse grandes mercês e honras, e de como tinham usurpado mui grande cópia de fazendas: e por fim para encobrirem estes males mataram homens e meninos sem culpa, o que sabido por el Rei foi disso muito anojado e mui pesaroso, e logo com muita presteza e diligência mandou nisso prover com justiça, como se poderá ver neste capítulo seguinte, que disso dá larga conta.

CAPÍTULO XXV

DA DILIGÊNCIA QUE SE FEZ EM SABER QUE GENTE ERAM OS PORTUGUESES: E COMO FOI TIRADA A DEVASSA SOBRE SUAS PRISÕES.

Tanto que el Rei foi informado de todo o sobredito, logo despachou de sua corte um Quinchai, de que dissemos acima que quer dizer chapa de ouro, e que não se mandam semelhantes homens se não a negócios mui importantes. E com este mandou outros dois também de muita autoridade, dos quais um havia sido Ponchassi, e outro Anchassi estes dois como inquiridores deste negócio. Encomendando também ao Chaem que aquele ano ia visitar a província de Fuquem, e ao Ponchassi e Anchassi da mesma província, que todos ajudassem ao Quinchai, e aos dois inquiridores em tudo o que lhes fosse necessário neste negócio: encarregando a todos muito que neste caso o fizessem como bons servos e amigos da boa justiça, e bom governo de seu Reino. E como isto aconteceu em tempo que as províncias todas eram providas de novos ofícios, vieram todos os sobreditos juntos da corte, e todos entraram na cidade do Fucheo com muito grande aparato. E logo em chegando todos juntos começaram com muito grande diligência e cuidado a entender no negócio a que vinham, e que tanto lhes era encomendado. Os dois que vinham com o Quinchai como inquiridores, logo se foram a umas casas grandes que no meio tinham um grande pátio, e de uma banda do pátio estavam uns grandes aposentos e mui galantes, e da outra banda estavam outros da mesma maneira. Cada um dos inquiridores se meteu em uma das sobreditas casas. Foram logo trazidos os presos, e foram apresentados a um deles. Aquele por cortesia os remeteu ao outro que inquirisse ele primeiro com muitas palavras de cortesia. O outro lhos tornou a mandar com muitos agradecimentos. E assim foram por vezes levados do um ao outro, querendo cada um dar a mão ao outro para que começasse primeiro, até que um se deu por vencido e começou. E como o negócio era de muita importância e muito encomendado, tudo o que diziam os réus e os acusadores escreviam estes oficiais por suas próprias mãos. Tiveram os portugueses por grande contrário um china piloto de um dos navios que se tomou, e um moço china cristão, que desde menino se criara entre os portugueses: porque estavam ambos feitos da mão dos loutias contrários, movidos por dádivas e promessas: estando já os loutias depostos dos ofícios, e ávidos por delinquentes, pelo qual estavam diante del Rei acusados: mas ainda que estavam desta maneira, eram tão poderosos e tão favorecidos, que puderam tirar de entre os portugueses, e

de seu poder um moço china que lhes servia de língua, para que não tendo quem os entendesse não pudessem defender sua justiça. E o qual tornaram os portugueses haver à mão por uma petição que lhes fez um china preso, que apresentaram aos inquiridores, a qual vista por eles, logo lho mandaram entregar. E este moço lhe foi causa a eles de seu livramento: porque como por ele se entendiam com os oficiais da justiça, puderam mostrar muito bem ser sem culpa. Inquiriam-nos por esta ordem: eram primeiro trazidos os acusados e perguntados por um destes oficiais, levavam-nos ao outro, para que os tornasse a reperguntar. E entretanto o outro reperguntava os acusados, eram trazidos os acusadores ao que primeiro perguntara. E assim os acusados como os acusadores, todos eram perguntados por ambos os oficiais, para depois vistos por ambos os ditos de uns e dos outros, vissem se se encontravam. E primeiro faziam as perguntas a cada um à parte. Depois tornavam-nos a perguntar a todos juntos, para que vissem se se contrariavam uns a outros, ou se altercavam e se arguiam uns com outros, para assim irem pouco a pouco coligindo a verdade do caso. Nestas perguntas foram os dois contrários. s. o piloto e o china moço cristão, e foram servidos de muitos açoutes, porque se encontravam em algumas cousas. E mostravam sempre os loutias que folgavam de ouvir aos portugueses em sua defesa, o qual lhes foi causa de muito grande alívio. Foi-lhes também grande ajuda, para se não encontrarem, falarem todos por uma língua. E porque os portugueses alegaram em sua defesa, que se quisessem saber quem eles eram, e como eram mercadores e não ladrões, que mandassem devassar deles ao longo da costa do Chincheo, e que ali saberiam a verdade, o qual poderiam saber dos mercadores da terra, com os quais havia muitos anos que tratavam, e que também de aquela gente saberiam que não eram Reis, porque Reis não se abaixavam tanto que viessem com tão pouca gente a mercadejar, e que se antes disseram o contrário, que foi por enganos do Lutissi, e por receberem dele melhor tratamento em suas pessoas. Tendo esta informação dos portugueses, logo com parecer do Quinchai outros oficiais se partiram caminho do Chincheo, ambos a inquirir a verdade do que lhe diziam os portugueses, nem se fiou esta inquirição de outrem se não destas duas pessoas. Tanto que estes loutias acabaram de tirar a devassa no Chinchéo, como por ela souberam a verdade do que os portugueses diziam, e as mentiras do luthissi e do Aitao, despacharam logo um correio em que mandaram pôr o

Lutissi e o Aitao em prisões a mui bom recado. Aqui se pode ver quanto poder estes homens traziam, pois podiam prender tão grandes homens, cousa que fez admiração por toda a terra, e diziam muitos aos portugueses, que grande era sua ventura, pois por sua causa prendiam tão grandes homens. Pelo que daí por diante todos os começaram a favorecer muito. Se todavia esta devassa se tirara em Liampó como se tirou no Chincoo, não deixaram os portugueses de passar mui mal segundo os males que ali tinham feito eram grandes. Depois que os loutias tornaram do Chincoo, mandaram trazer os portugueses diante de si, e consolaram-nos muito, mostrando-lhes muito boa vontade e dizendo-lhes que já sabiam que não eram ladrões, mas que eram bons homens: e tornaram outra vez a inquirir assim a eles como aos contrários, para verem se se contrariavam em cousa alguma do que antes tinham dito. Nestas reperguntas o china piloto que antes muito se havia mostrado contrário aos portugueses e havia sido por parte dos loutias, vendo que já os loutias estavam presos, e que já lhe não podiam ser bons, e que os portugueses eram já favorecidos, e a verdade se manifestava, tornou-se a desdizer de quanto tinha dito, e disse que era verdade que os portugueses não eram ladrões, nem Reis, se não que eram mercadores e muito bons homens, e descobriu a muita fazenda que o Lutissi tomara quando prendera aos portugueses. E que se até então havia dito o contrário, que era pelas grandes promessas que lhe fizeram os loutias e pelos grandes medos que lhe punham se assim o não fizesse. Mas que pois eles já eram presos, e já sabia que lhe não podiam fazer mal, queria agora dizer a verdade. Foi isto cousa que pôs os loutias em grande admiração, e como atónitos e fora de si estiveram um grande espaço olhando um para o outro sem falarem palavra. E tornando sobre si, o mandaram atormentar e acoutar mui rijo para ver se se desdizia, mas sempre perseverou na mesma confissão. Acabados de fazer todos os exames e diligências que eram neste caso necessárias, querendo-se já o Quinchai com seus companheiros ir para a corte, quis primeiro ver os portugueses e dar uma vista de si à cidade. E foi amostra de muito grande magestade a maneira com que saiu pela cidade, porque foi acompanhado com todos os grandes dela, e com muita gente bem armada, e com muitas bandeiras estendidas muito louçãs e com muitas trombetas e com muitos atabales, e outras muitas cousas que em semelhantes negócios casos e aparatos se costumam. E assim acompanhado foi até umas mui nobres e grandes

casas. E depois de despedidos todos os grandes dele, mandou chegar os portugueses a si, e depois de poucas palavras os despediu: porque não era isto para mais que para os ver. Antes que se partissem estes loutias, mandaram aos loutias da terra, e aos tronqueiros que todos favorecessem os portugueses e lhe fizessem muito bom tratamento, e lhe mandassem dar todo o necessário para suas pessoas. E mandaram a todos que pusessem seu sinal em um papel, para que enquanto eles iam à corte e se despachavam seus feitos, manhosamente não fizessem faltar algum. E mandaram ter em muito bom recado ao lutissi e ao Aitao, e que os não deixassem comunicar com nenhuma pessoa. Saidos fora da cidade, recolheram-se em um lugar pequeno, no qual concertaram mui bem todos os seus papeis, tirando a limpo só o que era necessário: e porque eram os papeis muitos, e havia muito que escrever, ajudaram-se de três homens. E tirado a limpo tudo o que haviam de levar à corte, queimaram todo o demais. E porque estes três homens que tomaram por ajudadores não divulgassem coisa alguma do que tinham visto e escrito, deixaram-nos encerrados com muita vigia que ninguém pudesse falar com eles: mandando-lhe administrar todo o necessário mui abundantemente até que a sentença viesse da corte e se declarasse. Apresentados os papeis na corte, e visto tudo por el Rei e por todos seus officiais, pronunciou a sentença da maneira seguinte.

CAPÍTULO XXVI

QUE CONTÉM A SENTENÇA QUE EL REI DEU CONTRA OS LOUTIAS EM FAVOR DOS PORTUGUESES

Primeiro que ponhamos a sentença convem notar algumas cousas. A primeira é que a sentença era muito mais extensa e larga do que aqui está referida, e com os portugueses que a tinham em seu poder a terem encurtada, eu a encurtei mais, tomando só as principais forças dela e cortando tudo o mais. Há-de notar-se secundariamente para que se entendam alguns pontos escuros dela, que poutoos são as vigias do mar, e serem alguns condenados a capacetes vermelhos, e condenarem-nos por homens de armas para as partes fronteiras. Além disto os direitos da China, há-de saber-se que se não pagavam como entre nós, se não como se pagam em Sião, que é medirem-se os navios que levam fazendas à China de popa a proa aos covados, e segundo os covados assim têm a paga, um tanto por covado, e pagar-se agora na China a tantos por cento, foi concerto que se fez pelos portugueses com os regedores de Cantão por aviso dos chinas que tratam entre os mesmos portugueses pelo que são os direitos mais grossos do que houveram de ser se se pagaram pelo costume da terra. Estas cousas avisadas, a sentença é a seguinte. Pimpu por mandado del Rei, porque Chaipuu, Huchim Tutã sem meu mandado, nem mo fazer saber, depois de ser tomada tanta gente a mandou matar. Querendo eu nisso prover com justiça, mandei primeiro saber a verdade por Qinsituam meu Quinchei, o qual levando consigo os loutias que mandei que me soubesse a verdade dos portugueses, e assim do Aitao e Luthissi, os quais me tinham informado que os portugueses eram ladrões e que vinham a toda a costa de minha terra a furtar e matar. E sabida a verdade de tudo, vieram de fazer o que lhes mandei. E vistos os papeis pelo meu Pimpu e pelos loutias grandes de minha corte: e depois de bem vistos por eles me vieram a dar conta de tudo. E assim os mandei ver por Ahimpu e Atu Chaem e por Atailissi Chumquim, aos quais mandei que revissem muito bem os papeis por serem cousas de muito peso, nas quais eu queria prover com justiça. O qual assim visto por todos, foi manifesto que os portugueses vinham ao mar do Chincheo havia muiois anos a fazer fazenda, a qual não convinha que fizessem da maneira que a faziam, se não nas minhas praças como sempre foi costume em todos os meus portos. Estes homens de que até aqui não soube: já sei que a gente do Chincheo ia a seus navios ao mar a fazer fazenda, pelo que já sei que são mercadores e não ladrões como me

tinham escrito que eram. Eu não ponho culpa mercadores ajudarem a mercadores, mas ponho muita culpa a meus loutias do Chincheo: porque tanto que chegara um navio a meus portos, houveram de saber se eram mercadores, e se me queriam pagar direitos, e querendo-os pagar, escreveram-me logo. Se assim o fizeram não fora feito tanto mal. Ou como foram tomados se mo fizeram saber mandara-os logo soltar. E ainda que seja costume em meus portos os navios que a eles vêm medirem-se para pagarem os direitos: estes por serem de longe não era necessário mais que deixarem-lhe fazer fazenda, e irem-se para suas terras. Além disto os meus poutos que sabiam que eram estes homens mercadores não mo diziam, mas tinham-mo encoberto, pelo qual foram causa de ser tomada e morta tanta gente. E os que ficavam vivos como não sabiam falar olhavam para o céu, e pediam de seus corações justiça ao céu (não conhecem outro Deus supremo se não o céu.) Além destas cousas sei que o Aitao, e o Lutissi fizeram tanto mal por cobiça da muita fazenda que tomaram aos portugueses, e não atentaram se os que prenderam, aos quais tomaram a fazenda se eram bons ou maus. Assim mesmo os loutias do longo do mar sabiam que estes homens eram mercadores e não mo disseram. E todos como maus foram causa de tanto mal. Soube mais pelo meu Quinchey que o Aitão e Lutissi tiveram cartas pelas quais souberam que os portugueses eram mercadores e não ladrões, e com saberem isto não se contentaram com os tomarem, mas escreveram-me muitas mentiras, e não se contentaram com matar homens, mas mataram meninos, cortando a uns os pés, e a outros as mãos, e por derradeiro a todos as cabeças: escrevendo-me que tomaram e mataram reis de Malaca. A qual causa cuidando eu ser verdade me doeu o coração. E porque até aqui sem meu mandado se fizeram tantas cruezas daqui por diante mando que se não façam. Além disso os portugueses resistiram à minha armada, sendo melhor deixarem-se tomar que matar-me gente. Além disto há muito tempo que vem ao mar de minha terra a fazer fazenda à maneira de ladrões e não como mercadores: pelo qual se foram naturais como são estrangeiros tinham pena de morte e perdiam a fazenda, pelo que não são sem culpa. O Tutão por cujo mandado foram mortos os que se mataram dizia que por esse feito o havia eu de fazer maior, e a gente que mandou matar depois de não ter cabeças, seus corações. s. a alma e seu sangue pediam justiça ao céu. Eu vendo tamanhos males serem feitos, meus olhos não podiam acabar de ver os papeis com

lágrimas, e o meu coração tinha grande dor. Não sei os meus loutias já que tomavam esta gente porque a não soltavam, para que eu não viesse saber tamanhas cruezas. Notai a natural clemência del Rei gentio: a qual se provoca ainda mais pelas piedosas leis de sua terra, que como dizemos são mui piedosas acerca das mortes dos malfeitores, e vagarosas nelas. Segue-se adiante a sentença. Pelo que vistas todas estas cousas, Faço Senfuu loutia grande, porque fez o que devia em seu cargo, e me falou verdade. Faço também loutia grande Quinchio porque me escreveu a verdade dos poutoos que iam fazer fazendas às escondidas ao mar com os portugueses. Os que são maus, eu os farei mais baixos que os que semeiam arroz. Assim mais: porque Pegu fazia fazenda com os portugueses, e por peitas deixava também ir os mercadores da terra a fazer fazenda com os portugueses, e com fazer estas cousas escrevia-me que os portugueses eram ladrões e que vinham a minha terra só a furtar. E isso mesmo disse aos meus loutias, que logo responderam que mentia: porque já sabiam o contrário. E com este foão e foão nomeia dez loutias. Todos vós outros não é nada serdes degradados para capacetes vermelhos, para os quais vos condeno: mas mereceis que vos faça mais baixos como vos faço. Chaem por tomares estes homens dizias que serias maior, e sendo em se fazer tanto mal dizias não haveres medo de mi foão e foão, nomeia nove, por tomardes estes homens dizieis que os faria grandes, e não havendo medo de mim todos mentistes, foão e foão nomeia muitos. Também sei que tomaveis peitas. Mas pois assim o fizestes, eu vos faço baixos (priva-os de dignidade de loutias,) foão e foão, nomeia muitos. Se o Aitão e Lutissi queriam matar tanta gente porque lho consentistes. Mas pois consentindo fostes com eles a matá-los, todos tendes a mesma culpa. Chifuu, e Chanchifuu, também fostes conformes com as vontades do aitão e lutissi, e fostes com eles a matar, assim os que tinham culpa como os que a não tinham. Pelo que todos os sobreditos condeno a barretes vermelhos. Lupuu tinha bom coração, porque querendo o Tutão mandar matar esta gente, disse que mo fizessem primeiro a saber. A este não farei mal, senão bem como ele merece, e mando que fique loutia. Sanchi faço meu Anchassi da cidade de Camsi. O Antexeo mando que seja deposto de sua honra. Assão pois sabe falar com os portugueses, tenha honra e ordenado, e será levado para Chaqueam donde é natural. (Este é o moço com que os portugueses se defenderam servindo de língua, deram-lhe título de loutia e comedia). Chinque

cabeça dos mercadores que iam fazer fazenda com os portugueses ao mar, e os enganava, trazendo muita fazenda à terra, ser-lhe-á pedida e por-se-á em boa arrecadação para o comer e gasto dos portugueses, e ele e seus quatro companheiros condeno para barretes vermelhos e serão degradados para onde parecer bem a meus loutias. Aos mais culpados e presos por este caso, mando a meus loutias que dêem a cada um a pena que merecer. Ao Chaem mando que me traga cá o Tutão, para que vistas suas culpas pelos grandes de minha corte, mande fazer dele a justiça que me bem parecer. Este Tutão foi juntamente consentidor nos males do Aitão e Lutissi: porque o Lutissi e Aitão o fizeram participante, e lhe deram parte dos interesses que tomaram aos portugueses, porque como cabeça houvesse por bem o que eles faziam: porque à verdade eles não se atreveram a fazer o que fizeram se ele não dera consentimento, e interviera com seu parecer. Este ouvindo o que era sentenceado contra ele, se enforcou, dizendo que pois o céu o fizera inteiro que lhe não havia ninguém de tirar a cabeça. Os Poutoos que ainda estão presos, serão outra vez perguntados, e logo serão despachados. Cuichum será logo tirado de loutia, sem ser mais ouvido. Chibé, cabeça de vintaseis, mando que ele e os seus sejam todos soltos, porque eu acho que tem muito pouca culpa. Os que deverem dinheiro será logo deles arrecadado. Famichim e Toumicher morrerão, se bem parecer a meus Loutias, e se não façam o que lhes melhor parecer. Afonso de Paiva, e Pero de Ceia (estes eram portugueses,) Antonio e Francisco (estes eram escravos) por acharem serem culpados em matarem gente de minha armada, serão com o Lutissi e Aitão metidos no tronco, onde segundo costume de meu Reino todos morrerão devagar. Os mais portugueses que são vivos, com todos os seus moços, que são por todos cinquenta e um, mando que sejam levados a minha cidade de Camsi, onde mando que sejam bem tratados, pois meu coração é tão bom para eles que por sua causa castigo desta maneira a gente de minha terra. E o faço assim com eles, porque é meu costume fazer justiça a todos. Os loutias da armada por achar que têm pouca culpa mando que sejam soltos, uso-o desta maneira com todos, porque vejam os meus loutias que tudo o que faco, que o faço com bom zelo. Estas cousas todas mando que sejam feitas com brevidade. Até aqui é a sentença. Claro se há mostrado no processo desta sentença, o bom processo e ordem de justiça que a seu modo têm estas gentes idólatras e bárbaras, e a natural clemência que Deus pôs em

um Rei que vive sem ter conhecimento de Deus. E quanta diligência põe, e com quanto peso trata negócios graves: o bom governo que há nesta terra, e a muita justiça dela parece ser causa, porque com ser a China um Reino tão grande como temos mostrado, é sustentado há muito grande número de anos em paz sem levantamentos, e a sustenta Deus, porque os inimigos nela não façam entradas e danos, e porque comumente a sustenta em muita abundância, prosperidade e fartura. E a rigorosa justiça desta terra é causa de freio das más inclinações e desassossegos que a gente dela tem, que com ser tão rigorosa como é, estão todavia todos os troncos comumente cheios de presos, com serem tantos como temos dito. E se acerta algum ano de haver fome, é necessário, assim pela terra dentro como ao longo do mar continuamente haver muitas armadas, para refrear as solturas dos muitos ladrões que se alevantam. Os portugueses que foram livres pela sentença, quando os levavam onde el Rei mandou, achavam no caminho todo o necessário em muita abundância, nas casas que dissemos acima que el rei tinha em todos os lugares para os loutias quando caminham. Levavam-nos em magotes sobre cadeiras de canas em costas de homens, e iam encarregados a loutias pequenos, que lhes faziam dar todo o que lhes era necessário por todas as partes por onde iam, até serem entregues aos loutias da cidade de Camsi. Dali por diante não tiveram de el Rei mais que cada mês um foom de arroz, que é uma medida quanto um homem pode levar às costas: o mais que haviam mister cada um o buscava segundo sua indústria. Depois os tornaram espalhar de dois em dois e de três em três por diversas partes por atalharem que por tempo não se fizessem poderosos ajuntando-se a outros. Os que foram condenados à morte, foram logo metidos no tronco dos condenados. E o Afonso de Paiva pode ter maneira com que fez a saber aos portugueses livres que de boa entrada lhe deram logo quarenta açoutes que o trataram muito mal, mostrando-se em Deus confortado. Os que ficaram soltos, poucos a poucos se vieram para os navios dos portugueses por indústria de alguns chinas que os traziam mui escondidos movidos pelos mui grossos interesses que recebiam dos mercadores portugueses, que faziam suas fazendas em Cantão.



CAPÍTULO XXVII

DOS RITOS E ADORAÇÕES DOS CHINAS.

Não tem esta gente conhecimento algum de Deus nem entre todos eles se acha rasto de tal conhecimento, o que mostra ser verdade não serem dados à contemplação das cousas naturais, nem haver entre eles estudos de filosofia natural como alguns portugueses quizeram dizer que havia, movidos pelos estudos qua sabiam que tinham, mas não sabiam serem de leis e não de filosofia, ainda que como disse alguns por algumas escrituras de antigos têm alguma noticia dos eclipses do sol e lua, mas não que haja disto estudos gerais. Se este estudo tiveram, era bastante para por ele virem a conhecimento de Deus como o tiveram os filósofos antigos: dizendo o Apóstolo S. Paulo na epístola aos Romanos: que as cousas invisíveis de Deus e sua divindade poder e eternidade se vêm a conhecer pela contemplação e conhecimento das cousas criadas e visíveis. Pelo que não terem os chinas conhecimento de um Deus, é bastante argumento para mostrar que os chinas não têm estudos de filosofia natural, nem se dão à contemplação das cousas naturais: contra alguns portugueses que quizeram afirmar o contrário. Estando eu na terra onde o Apóstolo S. Tomé padeceu martírio, a que os portugueses chamam S. Tomé, e os da terra Mailapur soube que vindo ali um arménio muito honrado em romaria de Arménia por devoção do Apóstolo, depusera por juramento que lhe foi dado para mais certeza pelos portugueses, que na casa do Apóstolo serviam de mordomos, que os arménios tinham em suas escrituras certas e autênticas, que antes que o Apóstolo padecesse martírio em Mailapur, fora à China a pregar o evangelho, e depois de estar nela alguns dias vendo que não podia fazer entre eles fruto, se tornara a Mailapur, deixando na China três ou quatro discípulos que lá fizera, o que se assentou no livro da casa. Se estes discípulos que o Apóstolo deixou fizeram fruto na terra e por eles a terra veio a conhecimento de um Deus, não o sabemos, que geralmente entre eles nem há noticia de lei evangélica, nem de cristandade, nem ainda de um Deus, nem cheiro disso, mais que terem que de cima depende tudo, assim a criação de todas as cousas, como a conservação e governo delas, e não sabendo particularmente quem é o autor destas cousas, atribuem-no ao mesmo céu, assim às cegas rastejam a Deus. Na cidade de Cantão no meio do rio que é de água doce e muito largo, está uma ilha pequena, na qual está uma maneira de mosteiro de sua maneira de

padres, e dentro neste mosteiro vi um oratório alto do chão muito bem feito, com umas grades diante douradas e feitas ao torno: no qual estava uma mulher muito bem feita com um menino no colo, e tinha uma lâmpada diante acesa: suspeitando eu ser aquilo algum rasto de cristandade, perguntei a alguns seculares que ali achei, e a alguns dos sacerdotes dos ídolos que ali estavam que significava aquela mulher, e não mo soube ninguém dizer, nem dar razão dela: bem podia ser imagem de nossa senhora, feita pelos cristãos antigos que ali deixou S. Tomé, ou por sua ocasião feita, mas a conclusão é que tudo é esquecido: podia também ser alguma gentildade. Assim que o maior Deus que tem é o Céu, pelo qual a letra que o significa é o princípio e a primeira de todas as letras. Adoram o sol e a lua e as estrelas, e quantas imagens fazem sem respeito nenhum. Têm todavia imagens de loutias que adoram por haverem sido em alguma cousa ou cousas insignes. E assim estátuas e imagens de alguns sacerdotes dos ídolos e algumas doutros homens por alguns respeitos particulares. E não sómente adoram estas imagens, mas quaisquer pedras que alevantam nos altares dentro nos seus templos. Chamam comumente estes deuses omitofois oferecem-lhes incenso e benjoim, aguilha, e outro pau que chamam caio, laque e outros cheiros. Também lhe oferecem ocha, de que já dissemos acima. Todos têm oratórios e à entrada detrás das portas das casas, nos quais têm seus ídolos de vulto: aos quais todos os dias pela manhã e à noite oferecem incenso e outros cheiros. Têm por muitas partes, assim nas povoações como fora delas templos de ídolos. Em todos os navios em que navegam, logo fazem nas popas lugar para seus oratórios, nos quais levam seus ídolos. Em todas as cousas que hão-de cometer, ou caminhos por mar ou por terra, usam de sortes e lançam-nas diante dos seus ídolos. As sortes são dois paus feitos ao modo de meia noz, chãos de uma banda, e roliços da outra: e maiores outro tanto que meia noz, cosidos por um cordel. E quando querem lançar a sorte, falam primeiro com o seu Deus, namorando-o com palavras, e prometendo-lhe alguma oferta se lhe der boa sorte e na boa sorte lhe mostrar sua boa viagem ou bom sucesso de seu negócio. E depois de muitas palavras lançam as sortes, e se caem ambas com o espalmado para cima, ou uma para cima e outra para baixo, têm-no por ruim sorte, e volvem-se contra os seus deuses muito menencorios, chamando-o de perro cão e muitas outras injúrias. Depois que se enfadam de os injuriar, tornam com palavras brandas a afagá-

los, e a lhe pedir perdão, dizendo que a menencoria de lhe não dar boa sorte lhe causara fazerem-lhe injuria e dizerem-lhe palavras injuriosas: mas que lhe perdoe e lhe queiram dar boa sorte, que lhe prometem de lhe oferecer mais tal cousa, porque as promessas são para proveito de quem as promete, fazem muitos e grandes oferecimentos, e desta maneira tantas vezes lançam as sortes, até que caem ambas com o espalmado para cima que tem por boa sorte: então ficando muito contentes, oferecem a seus deuses o que lhes prometeram. Acontece muitas vezes quando botam as sortes sobre cousa de peso, se a sorte não sai boa, ou se botando um navio ao mar não vai bem, e lhe acontece qualquer falta, arremetem aos deuses e os lançam na água, e metem-nos na chama às vezes do fogo, e os deixam chamuscar um pouco, e dão-lhe muitas couces e trazem-nos debaixo dos pés e injuriam-nos de palavras, até que acabado seu negócio o levam com tangeres e festas e lhe levam suas ofertas. Têm por grande oferta cabeça de porco cozida: e oferecem galinhas, patos e adens e arroz, tudo guisado. e grã pichel de vinho. Depois de apresentarem tudo aos Deuses, põe-lhe sua ração à parte, a qual é, porem em um bacio as pontinhas das orelhas do porco, os bicos e pontas das unhas das adens patos e galinhas, uns grãos de arroz muito poucos e lançados com grande tento, três ou quatro gotas de vinho muito atento, que não cavam muitas gotas do pichel. Estas cousas assim postas em um bacio põem-nas aos Deuses no altar que comam, e eles põem-se ali diante dos Deuses a comer todo o que trazem. Adoram também estas gentes o diabo, o qual pintam ao modo que se pinta entre nós: e dizem que o adoram porque aos bons faz diabos, e aos maus faz búfalas ou vacas, ou outros animais. E dizem que o diabo que tem um mestre que lhe ensina suas maldades: estas cousas diz a gente baixa: os mais polidos dizem que o adoram porque lhe não faça mal. Quando querem lançar ao mar novamente algum navio, vêm os seus sacerdotes chamados por eles dentro aos navios a fazer seus sacrifícios com vestiduras de seda compridas e roçagantes. Estendem em todo o navio muitas bandeiras de seda, põem na proa do navio o diabo pintado, ao qual fazem muitas referências e ofertas e dizem que o fazem para que o diabo não faça mal ao navio. Aos Deuses oferecem papeis com diversas imagens pintadas, e outros de diversas maneiras retalhados, e queimam-nos diante dos ídolos com certas cerimónias e cantares bem entoados, e tangem enquanto cantam à maneira de sinos pequenos: e à volta de tudo há

muito comer e beber. Há nesta terra duas maneiras de sacerdotes, uns que trazem as cabeças de todo rapadas, trazem estes nas cabeças uns barretes grossos, como de pano de sombreiro, e detrás são altos e chãos, diante mais altos que detrás quase a mão travessa, mas feitos em ameias: os seus trajos são pelotes brancos feitos ao modo dos seculares. Estes vivem em mosteiros, têm refeitório e celas e muitas frescuras de sua cerca para dentro. Há outros de que comunmente usa o povo para suas mortalhas e sacrifícios, que criam cabelo, e trazem pelotes pretos de seda, ou sarja ou linho, compridos ao modo dos seculares, tendo por divisa arrematado o cabelo no cume da cabeça com um pau muito bem feito ao modo de uma mão fechada, envernizado de preto. nenhuns destes sacerdotes tem mulheres, mas vivem mal e sujamente. O primeiro dia do ano, que é na lua nova de Março fazem por toda a terra muito grandes festas, visitam-se uns a outros, e andam os grandes principalmente em grandes banquetes. Quão polida é esta gente, no regimento e governo da terra e no comum trato, tão bestial é em suas gentilidades, no tratamento de seus Deuses e idolatrias. Porque além do que está dito têm muitas desistorias e mentiras gentílicas de homens que se tornaram em cães, e depois se tornaram em homens, e de cobras que se tornaram em homens, e outras muitas ignorâncias. Há muito aparelho nesta gente desta terra para se converter à fé: assim por terem seus Deuses e padres em pouca conta e estima: pelo que conhecendo a verdade a estimaram, o que não há em nenhum género de gente de todas as partes da Índia. Como também porque folgavam muito de ouvir a doutrina da verdade, e a ouvem com muita atenção, como eu nele por vezes experimentei, pregando-lhe algumas vezes em rua pública, onde pondo os olhos como a cousa nova, e a trajos novos, se ajuntavam até não ficar lugar para uns nem outros passarem. Como eu via muita gente pregava-lhe, e folgavam muito de me ouvir e formavam perguntas no que duvidavam mui bem formadas. E satisfeitos diziam que o que eu dizia que era muito bom, mas que até aquele tempo não haviam tido quem lho dissesse. Esta resposta tive sempre deles, assim em práticas públicas, como em colóquios singulares. Entrei um dia em um templo e cheguei-me a um altar, no qual estavam umas pedras alevantadas a quem adoravam, e confiado no pouco em que estimavam seus Deuses e em serem homens que se satisfariam da reza, dei com as pedras no chão, ao que arremeteram alguns rijo a mim e indignados dizendo porque fizera

aquilo. Fui-me eu a eles brandamente, e sorrindo-me lhe disse, que porque eram tão inconsiderados que adoravam aquelas pedras: disseram-me que porque as não adorariam, mostrei-lhe eu como eles eram melhores que as pedras pois tinham uso de razão, pés e mãos e olhos com que faziam diversos ofícios que a pedra não podia fazer, e que pois eram melhores não se haviam de abaixar e ter em tão pouco que adorassem cousa tão vil sendo eles tão nobres. Responderam-me que tinha muita razão, e saíram-se comigo acompanhando-me para fora, deixando ficar as pedras no chão, de maneira que achei neles estas mostras e aparelho para cristandade. E faz ainda muito a este caso não fazerem nenhuma diferença de manjar como fazem todas as gentes da Índia. E como quer que entre todos os manjares o porco estimem mais, é quase impossível tornarem-se mouros. E assim em toda a China não se acha nenhum china mouro. Os mouros que há na China não são dela naturais, como se mostrará no capítulo seguinte.

CAPÍTULO XXVIII

DOS MOUROS QUE HÁ NA CHINA: E DOS INCONVENIENTES QUE HÁ PARA SE PODER FAZER CRISTANDADE NELA.

Alguns mouros há na China espalhados por diversas partes dela, os quais não são chinas de nação, e descendem dos mogores, que é do reino que chamam Samarcam por causa da cabeça se chamar assim. Foram estes mouros vindos à China e espalhados nela na maneira seguinte. Tinham os mogores de que falámos no princípio da obra contratação com os chinas com quem confinam ainda que há lugares desertos no meio. Um mercador rico de os mogores no tempo que com os chinas contratavam veio a ter muita conversação e mui familiar amizade com um loutia principal da cidade onde contratavam, ao que servia com grandes dádivas de cousas que de sua terra lhe trazia. Veio este mouro pela mística e familiar amizade que com o loutia tinha, a lhe tratar da Seita de Mafamede, engrandecendo-lha, e dizendo-lhe grandes cousas de Mafamede, de maneira que o veio a induzir a que fosse mouro, e o acabou com ele: pelo que o loutia e toda sua casa se circuncidou com grandes festas e mandou que mais a sua casa não viesse porco, nem pessoa de sua casa o comesse mais. Foi este loutia tão bom discípulo, que logo começou a induzir outros loutias e a outros da cidade a que também fossem mouros: consentiram muitos, não querendo alguns. Vendo o loutia os muitos que tinha na cidade convertidos a esta pestilencial seita, atreveu-se para seu mal e perdição a pôr lei nova em toda a terra que não se matasse porco na cidade e todos fossem lançados dela sob graves penas. Os que não consentiram dos principais, e o povo comum, como lhe tiravam manjar que eles muito estimavam, e também como viram novidade que a ninguém era lícito fazer na terra se não só ao Rei, começaram a clamar e a queixar-se: e foi logo o clamor e queixume a el Rei, como o loutia foão se alevantava na terra com os estrangeiros pondo leis novas. Proveio nisto logo el Rei mandando um Quinchai com outros loutias, para que com diligência provessem neste negócio devassando de tudo o que era feito e lançando em prisões os que fossem culpados para que assim a novidade se refreasse, e fossem castigados todos segundo suas culpas o merecessem. Tirada a devassa e presos os culpados, foi o negócio à corte e foram condenados à morte todos os principais autores do movimento assim mouros como chinas. E os mouros que não tinham no maleficio tanta culpa, foram degradados para diversas partes da China, donde vem que em Cantão há alguns poucos mouros

e em Camsi outros poucos: e assim por diversas partes se acham aqui uns poucos e acolá outros poucos. E com estes mouros estarem tão espalhados pela China desde que foram desterrados até ao presente nenhum China tem feito mouro: antes os que agora vivem como sejam filhos dos que foram desterrados e netos, e nascessem de mulheres chinas, assim por razão das mais, como pela terra lhe ser já quase natural, e pela conversação dos chinas, quase todos comem porco e bebem vinho, que aos mouros é proibido, e quase já não são mouros, tendo já em pouco a seita de mafamede e seus costumes. Poderei (presuposto todo o sobredito) ser arguido de alguns, que pois os chinas nada se afeiçoam à seita de mafamede, e tem tanto aparelho e disposição para receberem a fé de Cristo, que pois o meu principal intento (como disse no princípio) foi ir à China a fazer cristandade, porque me não deixei nela ficar, pregando e fazendo fruto. A isto respondo que há dois inconvenientes mui grandes para se poder fazer cristandade nesta terra. Um é não se consentir em nenhuma maneira na terra novidades, como nalguma maneira se pode ver no acontecimento dos mouros. De maneira que qualquer novidade que na terra houver, logo os loutias acodem atalhar que se reprima e não vá avante. Donde aconteceu em Cantão, que por verem um português medir as entradas das portas, logo puseram vigias para que nenhum entrasse sem licença, nem andasse pelos muros. O segundo é, que nenhuma pessoa estrangeira pode entrar na China, nem estar em Cantão, se não com licença dos loutias, que lha dão por certo tempo para estar em Cantão, e acabado o tempo da licença logo trabalham que se vão. Pelo que por eu e os que comigo estavam haver um mês que estávamos em Cantão, puseram tábuas pelas ruas escritas, que ninguém nos tivesse nem recolhesse em sua casa sob pena de tanto, até que houvesmos por nosso barato de nos ir para as naus. Ajunta-se ao sobredito a gente comum temer grandemente os loutias pelo que ninguém se ousaria de fazer cristão sem licença deles, ou ao menos não ousariam muitos de fazê-lo. Pelo que como homem não pode estar de assento na terra, nem pode continuar pregação, não pode pelo conseguinte frutificar e conservar o fruto. Havia todavia uma maneira com que se pudesse pregar livremente, e se pudesse fazer fruto na terra sem cão ladrar a pregador, nem loutia lhe poder empecer por nenhuma via: que é se houvesse para isso licença del Rei: e poder-se-ia alcançar se fosse mandada uma solene embaixada com solene presente a el Rei da China

em nome del Rei de Portugal, indo com o embaixador padres que alcançassem licença para andarem pela terra, mostrando serem homens sem armas. E como nossa lei não lhe é prejuizo nenhum a seu domínio e governo, mas muita ajuda para que todos o obedeçam e guardem suas leis. Este só remédio há para na China se poder fazer fruto, e outro nenhum não (falando humanamente). E sem este é impossível poderem religiosos pregar nem frutificar, e porque eu não tinha este remédio, tendo os sobreditos inconvenientes, por isso me vim da China, e por isso nem eu nem os da companhia que cometeram já este negócio por vezes pudemos na China frutificar.

CAPÍTULO XXIX E ÚLTIMO

DE ALGUNS CASTIGOS DE DEUS QUE OS CHINAS RECEBERAM NO ANO DE CINQUENTA E SEIS.

Têm estas gentes além das ignorâncias já ditas uma torpeza abominável, que é serem dados de tal maneira ao pecado nefando à natureza repugnante, que se não estranha de nenhuma qualidade entre eles. Todavia pregando eu algumas vezes, assim em público como em particular contra este vício folgavam de me ouvir, dizendo que tinha muita razão no que dizia, mas que nunca haviam tido quem lhes dissesse que era pecado nem cousa mal feita. Parece que por causa deste pecado ser público entre eles, lhes quis Deus dar em algumas terras um grave castigo, o qual foi público em toda a China. Estando eu na cidade de Cantão e querendo saber os males que na terra haviam sucedido de um China mercador rico, e não mos sabendo dizer de palavra, me deu uma carta que lhe haviam escrito do que acontecera, dizendo-me que a trasladasse e lha tornasse: mas não se fiando de mim ele a trasladou logo, e ficando-lhe o traslado me deu a própria, a qual eu volvi em português com ajuda de um que sabia nossa língua e a sua, o teor da carta é este. = Os loutias principais de Sanxi e de Savitõ escreveram a el Rei dizendo que naquelas províncias tremera grandemente a terra e os dias se escureceram como noite (não diz quanto tempo,) um adivinho disse tudo o que havia de acontecer. No ano atrás no mês de Setembro a terra se abriu por muitas partes e debaixo dela se ouviu grã ruído como soido de sinos, sucedeu mui impetuoso vento com muita chuva, e correu o vento quase tudo em roda. De maneira que este vento chamam na China Tufão, e venta muitos anos uma só vez no ano, e é tamanho que põe um navio à vela em terra, e o leva assim pela terra um espaço, e os homens se não podem ter em pé, nem ainda encostados e firmados um no outro, e faz cousas dignas de admiração e incríveis. No ano em que eu estive na China, no porto onde estavam os portugueses me mostraram um batel de um navio de bom tamanho e o lugar onde estava em terra (que o levou este vento) seria um grande tiro de pedra de água, e me afirmaram muitos, que o vento tivera tanta força que de terra o levava em trambulhões até dar com ele no mar. E quantas casas tinham os portugueses feitas de madeira e cobertas de palha, que eram muitas e estavam armadas sobre estacões grossos e não compridos, todas as derrubou quebrando os estacões. E estando uma casa posta a quatro amarras, na qual muitos se acolheram, por derradeiro caiu, e só uma

que ficou emparada de um alto escapou que não caiu. Derrubar estas casas não foi nada, porque outras muito grandes cousas e incríveis faz. Este vento há quase todos os anos na China, o qual dentro em XXIV. horas que cursa corre em roda todos os rumos. Com este vento e por estar a terra movida pelos tremores, caíram e se assolaram muitas cidades, nas quais morreu gente inumerável. Em uma cidade por nome Vinhanfu neste dia tremeu muito a terra. E da banda de poente se abriu um grande fogo que levou dentro de si toda a cidade, na qual pereceu inumerável gente, escapando em uma parte dois, noutra três e assim alguns mogores. Em outra cidade perto desta aconteceu o mesmo mas nesta não escapou ninguém. Numa cidade por nome Leuchimem encheu o rio de maneira que alagou a cidade onde morreu afogada muita gente. Numa cidade por nome Hiem tremeu muito a terra, com o qual caíram muitas casas que mataram perto de oito mil almas. Em Puchio caiu a casa do parente del Rei e matou quantos havia na casa, tirando um menino de sete ou oito anos seu filho, o qual foi levado a el Rei, e dia e noite se ouvia na terra ruído como de sinos. Em uma terra por nome Couchue com fogo do céu e com muitas águas da enchente pereceram muitos, e ficou a terra indesta para se poder aproveitar. Numa terra por nome Enchinoem à meia noite caíram as casas e a cidade se assolou, onde pereceram perto de cem mil almas. Numa cidade por nome Inchumem, num dia e uma noite encheu o rio e vazou dez vezes e pereceu com a grande enchente muita gente. Até aqui é o trelado da carta: o que se segue foi ouvido de palavra pelos Portugueses que estavam no porto de Cantão no mês de Maio, e eu recebi a carta no mês de Setembro. Em uma cidade por nome Sanxi, desde a meia noite até às cinco da manhã tremeu a terra três vezes a XVIII. de Janeiro de M. D. LVI, e outro dia logo seguinte, da meia noite até meio dia aconteceu o mesmo: o dia seguinte XX. do dito mês depois de meia noite deu grandíssimo tremor a terra com grandes trovões e relâmpagos, e se abrasou toda a província e toda a gente dela e todos os arrealdes, aldeias e cidades: dizem que terá de termo a termo cinquenta ou LX. léguas, que se não salvou se não um menino filho de um parente del Rei, o qual foi levado a el Rei. E a três dias de Fevereiro do mesmo ano na cidade do Pequim onde está el Rei choveu chuva como sangue. Estas novas deu um China que veio a Cantão de uma cidade perto de Sanxi a dar novas a um loutia para que acudisse a sua casa, e disse que a cidade onde ele era morador ficava alagada e que não sabia

se pereceria com as outras. Até aqui é a relação do que ouviram os portugueses, e tinham por escrito notado. Parece que o chineza que trouxe estas novas com o grande medo que consigo trazia lhe parecia que toda a província de Sanxi era assolada, como as filhas de Loth vendo a perdição de Sodoma e Gomorra cuidaram que todo o mundo perecera: o que se deve ter por verdade é que em três províncias que comumente se diz serem destruídas, não houve mais perdição que daqueles lugares de que a carta faz menção, ou pouco mais. A concórdia do menino mostra que aquele lugar de que a carta faz menção com o menino, foi na província de Sanxi. Isto tem mais aparência de verdade por ser escrita a carta da corte, que dizer que todas três províncias pereceram. o que diz a relação dos portugueses que a província de Sanxi terá de termo cinquenta ou LX léguas não sei quanta verdade tem, porque a província de Cantão que é uma das menores da China, além de ter debaixo de si a ilha de Ainão, que é de cinquenta léguas tem de costa mais léguas das que diz este referimento de Sanxi. E afirmaram os Portugueses que foram cativos, que com os levarem sempre correndo, puseram do meio da província de Fuquem até o cabo dela xx. dias. E de Cantão até onde está el Rei dizem comumente que são seis meses de caminho: pelo que me parece que os portugueses não tomaram bem os tentos à grandura da província de Sanxi. O que referem da chuva de sangue a mesma maravilha aconteceu um dia fazendo-se grande matança em uns portugueses que os chinezas tomararam em um navio, os quais levados a terra os puseram à espada.

Depois das sobreditas cousas acontecerem: no mesmo ano na província de Cantão foi uma mulher ao Ponchassi, e disse-lhe que a província de Camsi se havia de perder com poder do céu, a qual depois de bem açoutada foi presa: mas vindo o mês de Maio do mesmo ano choveu muita chuva mui quente, com a qual parecia que ardia a terra, e com grande calor pereceu muita gente: mas não pereceu de toda a província: pelo que foi a mulher levada a el Rei, a qual esteve presa no tronco onde estavam presos os portugueses que isto contaram. Um raio apareceu em uma estrela da banda do norte que apontava para a mesma banda do norte, a qual foi vista em todas as partes da Índia e em Portugal. E apareceu quase por espaço de xv. dias que também foi vista na China. E apareceu o mesmo ano quase no tempo que as sobreditas cousas aconteceram: parece que deu mostra deste grande castigo que deu Deus aos chinezas. Bem

pode ser como o sinal foi universal a todo o mundo, que significasse a nascença do Anticristo: porque o mundo dá grandes mostras de acabamento, e as escrituras em muita parte mostram que se vão acabando de cumprir. E a escritura diz que da parte Aquilonar virá todo o mal: ou seja uma cousa ou outra, ou o que a Deus apraz Deus por sua infinita misericórdia abra os olhos a estas gentes cegas com a ignorância da verdade, para que venham em seu conhecimento. E todos lhe roguemos que abra caminho a seus servos para que pregando a estas gentes as traga ao prémio de sua santa igreja. Amen.

Fim do tratado da China

RELAÇÃO

DA CRÓNICA DOS REIS DE ORMUZ, E DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DE ORMUZ, TIRADA DE UMA CRÓNICA QUE COMPÔS UM REI DO MESMO REINO, CHAMADO PACHATURUNXA, ESCRITA EM ARÁBICO, E SUMARIAMENTE TRADUZIDA EM LINGUAGEM PORTUGUESA POR UM RELIGIOSO DA ORDEM DE S. DOMINGOS, QUE NA ILHA DE ORMUZ FUNDOU UMA CASA DE SUA ORDEM.

Reinando em Amão, que é dentro na Arábia feliz el Rei Maomé, em princípio do seu reinado, desejando dilatar seu Reino e fama, ajuntou a conselho os principais de seu reino e lhes disse, como as terras da costa da Pérsia haviam sido de seus antepassados e por descuido de alguns deles estavam perdidas, despovoadas e desaproveitadas, que ele determinava em sua pessoa passar a elas com os principais de seu Reino que o quisessem seguir, e com alguns do povo para fundar algumas cidades e lugares naquela terra e que se aproveitasse pois era terra boa. E assim seria seu reino e fama aumentada, e que deixaria para governo da Arábia seu filho que era homem para a reger bem. E assentando todos que lhe parecia bem sua determinação, mandou logo fazer prestes muita gente seguindo-o muitos dos principais, e partindo de Amão veio ter a Calciate, que é perto do mar na própria Arábia. Pareceu bem a ele e aos seus fundar naquele porto uma cidade, por quanto era lugar disposto para os da terra negociarem com os navios que por ali passassem: pelo que ficou ali o filho com muita gente pondo em efeito a determinação de seu pai e dos de seu conselho, e foi-se prosperando pelo tempo a cidade de maneira que hoje em dia se mostra nas ruínas haver sido mui grande e mui nobre a cidade de Calciate. Depois que el Rei Maomé teve ordenadas as cousas da Arábia e as de Calciate, embarcou-se com a gente que tinha para sua companhia determinada em cópia de navios que mandara fazer prestes, e passou-se da banda da costa da Pérsia e veio ter ao cabo de Jasques, que é donde agora é Ormuz, para fora do estreito trinta léguas. E vendo aquela terra e a disposição dela não lhe pareceu conveniente para nela fazer assento, pelo que cometeu o caminho pelo estreito dentro ao longo da costa, e veio ter a uma terra que então chamavam Ormuz, que é junto do que agora chamam Magostão e Braami, a que agora chamam Costeca, está de frente donde agora chamam Ormuz na costa de Pérsia. Contentando-se pois el Rei e os seus da terra, determinaram fazer nela assento e habitação, e assim puseram logo em obra edificar casas e aproveitar a terra. E porque este Rei foi mui liberal e favoreceu muito a gente mesquinha da terra,

e os lavradores e agasalhava bem os estrangeiros, foi muito bem quisto geralmente de todos os que dele tinham notícia. E correndo a fama de suas virtudes e nobreza por todas as partes de arredor, chegou-se-lhe muita gente para viver debaixo de seu amparo e governo. Foi isto causa pela qual em muito pouco tempo se enobreceu muito esta nova cidade. Correndo a fama de suas virtudes e bondade por todos os Reis daquele estreito, assim da Pérsia como das outras partes de Arábia, todos o mandaram visitar com grandes presentes, mostrando o grande contentamento que tinham com sua boa vizinhança. Como este Rei se viu nesta terra próspero e favorecido de todos os comarcãos e com muita gente, por mais adquirir o amor de todos mandou bater moeda, que a não havia na terra, o que grandemente acrescentou o amor de todos para ele, e juntamente a prosperidade de sua terra. Por este benefício que fez a toda aquela terra em lhe inventar moeda, lhe chamaram geralmente Deranquu, que quer dizer, Cello de moeda. Depois da cidade de Ormuz ser fundada na costa de Pérsia e estar próspera com muita gente e riquezas, mandou el Rei a seus principais que se fossem pelas terras do Magostão e cada um tomasse a que lhe melhor parecesse, para que a aproveitasse e fizesse habitar fundando diversos lugares. Eles o fizeram assim, e cada um tomou a terra que lhe bem pareceu e a aproveitou e fez habitar, e cada um pôs à terra que habitou seu próprio nome, do qual são denominadas hoje em dia cada uma daquelas terras. E porque os Reis que a Maomé sucederam foram poderosos e muito bons no governo, tiveram a terra próspera em suas sucessões, crescendo sempre em gente e nobreza. E eram tais continuamente os filhos que deles descendiam, que os pais em sua vida lhes entregavam o governo do Reino, ficando eles descansando em sua velhice. Era costume entre estes Reis, porque não percesse a memória dos passados, que como chegavam à décima geração, começavam suas denominações de novo, começando os dez seguintes a tomar os nomes dos dez atrás. De maneira que o primeiro no número de dez havia de tomar o nome do fundador. E assim ordenadamente até que se acabava o número de dez. Conservou-se esta ordem por alguns anos, indo reinando por linha direita. Depois pereceu esta ordem e costume porque uns por cobiça de reinar matavam os outros, e muitos eram cegos por outros que queriam ter o governo do Reino. Mas há uma cousa grande e notável neste Reino, que posto que muitos governavam tiranicamente, matando os Reis naturais, até o presente nunca

reinou nenhum que não fosse da linha real. Somente estando Ormuz na banda da Pérsia, morrendo um que então reinava, e não havendo na terra nenhum da geração real, se alevantou o aguazil, que é governador do Reino por Rei. Neste tempo um genro do Rei morto que era seu sobrinho, estava com muita gente de guerra por mandado do tio sobre a ilha e cidade de Cais. Foi-lhe dada a nova como o tio era morto e como o Goazil se alevantara por Rei pelo que alevantou logo o cerco de sobre Cais e se veio com toda a gente que consigo tinha caminho de Ormuz e chegando foi recebido de todos com muito grandes contentamentos e festas, porque estavam muito pesarosos de terem por Rei homem que não era de casta Real, pelo que com grandes festas alevantaram o sobrinho del Rei por Rei. O qual mandou logo cortar a cabeça ao aguazil que se havia alevantado por Rei e a todos seus chegados.

Depois que se quebrou a linha direita na sucessão do Reino, não houve no Reino tão bom governo, nem se prosperaram as cousas dele, antes foram caindo em diminuição, pelo que não havia já tanta resistência para os contrários. Crescendo a guerra dos Reis comarcãos, sucedeu de vir o Rei de Cremam que é na terra dentro da Pérsia, com muita gente e muito poderoso contra Ormuz para o destruir. El Rei Cabadim que naquele tempo em Ormuz reinava, não se atrevendo esperar o encontro e poder do Rei de Cremam, embarcou-se com toda a gente que pôde, e deixando a terra desamparada se recolheu na ilha que chamam Queixome, que está perto da ilha de Ormuz. E estando nela alguns poucos meses e parecendo-lhe que não estava nela seguro por ser algum tanto grande, e que nela se não poderia bem defender, se passou então com sua gente para a ilha que agora se chama Ormuz, por ser mais conchegada, tendo que nela se poderia melhor defender de quaisquer inimigos. Foi esta ilha antes deserta e não tinha mais que alguns pobres pescadores, e chamavam-lhe Jaru, que quer dizer Mato. Porque como a ilha quase toda seja de sal e a terra quase toda salgada, porque algumas ribeiras que por ela correm que vêm de uma serra que está no meio dela, são de água salgada, e pelas bandas dágua está o sal alvo como neve: e quem há-de passar a ribeira salta por cima do sal. E os penedos da serra em algumas partes são sal, que as naus levam por lastro para a Índia. Todavia nascem-lhe pela terra alguns matos fracos e árvores, como maceeiras Danafega, que dão umas que os portugueses chamam maçãs pequenas como maçãs Danafega, que se comem mal, que com a virtude de água das

chuvas se sustentam. Assim que por a ilha ser estéril, e não dar mais que o que disse por ser salgada lhe chamavam Jaru. Também por ser despovoada era nos tempos passados mais pequena e mais conchegada do que agora é, como mostram ainda agora os da terra os lugares até onde chegava o mar. Desembarcando pois el Rei Cabadim nesta ilha, e determinando fazer assento nela começou a edificar casas para habitar ele e os seus, e ali se remedeavam com o que iam buscar pelas terras darredor. E também porque como se tornou el Rei de remam para suas terras tornaram dali a sustentar as terras que antes possoam, lavrando-as. E porque a cidade fundada na ilha de Jaru se prosperou e fizeram dela cabeça de seu Reino. os que sucederam puseram-lhe nome de Ormuz que lhe ficou até ao presente, que era o nome da cidade principal que tinham na terra firme, que por el Rei de Cremam foi derrubada.

É de saber que neste estreito de Ormuz, mais para dentro algumas léguas de Ormuz está uma ilha que chamam Cais na qual estava naqueles tempos fundada uma cidade mui rica e mui nobre, de que hoje em dia entre os da terra há lembrança, e agora está a ilha deserta, na qual parecem as memórias dos antigos edifícios que nela houve. Era esta ilha e cidade mui rica e mui populosa e próspera por causa da grande escala de navios que concorriam de todas as partes da Índia com muitas riquezas e muito grossas fazendas, e pelo grande concurso das gentes da Pérsia e da Arábia que a ela vinham a buscar as fazendas que ali vinham da Índia, trazendo também muito ricas fazendas, a troco das quais ou do dinheiro que delas faziam compravam as que da Índia ali vinham. De maneira que todas as riquezas que agora tem Ormuz e todo o trato tinha então a ilha de Cais. sendo a que se chama agora Ormuz como tenho dito despovoada. No tempo que Ormuz estava próspero, na terra firme da Pérsia tiveram muitos tempos os Reis dele guerra com os moradores da ilha de Cais: e haviam muitas vezes ido sobre ela com muita gente de peleja, e matavam-lhe muita gente e lhe faziam muitos danos. O senhor de Cais vendo-se maltratado dos Reis de Ormuz, veio a concerto de pazes com ele, com se obrigar a lhe ser tributário. Foram feitos os concertos e firmados, e pagaram os de Cais as pareas enquanto os Reis de Ormuz estiveram prósperos na terra firme da Pérsia. Mas como os viram fracos e desbaratados não lhas quiseram mais pagar. E porque depois que os Reis de Ormuz se passaram da terra firme para a ilha que depois denominaram Ormuz, se foram prosperando muito em gente

e nobreza de edificios, e juntamente as naus que da Índia continuamente haviam ido a Cais já começavam a frequentar Ormuz, no que lhe tiravam muito proveito aos de Cais. Os quais arreceando pela desobediência, e por se haverem alevantado com as pareas, que lhe sucedessem alguns males piores que os que haviam recebido dos Reis de Ormuz: e também temendo prosperarem-se tanto no trato que lho tirassem a eles de todo, porque viam que lhe ia já em diminuição. Escreveu o senhor de Cais a um Rei da Pérsia a que então era sujeito, que chamavam o rei de Xiras, que ainda agora é reino por si, que em todas as maneiras e sem dilação viesse poderosamente a destruir a cidade que na ilha de Jarú se ia prosperando: porque se o assim não fizesse, que Cais de todo perderia seu senhorio, prosperidade e trato: porque lho ia já tirando a cidade novamente fundada em Jarú. El rei de Xiras não fez caso desta embaixada e deu a entender que por muito que se prosperasse que lhe não seria dificultoso a todo tempo destruí-la. Todavia o senhor de Cais vendo o perigo que se seguia da tardança, tornou a escrever ao rei de Xiras, que em nenhuma maneira lhe convinha fazer detença porque se seguia mui grande perigo. E para lhe dar a entender a brevidade com que lhe era necessário acudir usou desta metáfora: que soubesse quanta brevidade era necessária, que o avisava que se tinha a cabeça suja que a não fosse lavar. O que vendo o Rei de Xiras, fez logo suas gentes prestes, e se veio à ilha de Cais, na qual fez prestes muitas embarcações, a que chamam terradas e nelas se passou com sua gente à ilha Dangan que está duas léguas de Ormuz, a onde el rei de Ormuz o foi cometer e lhe deu batalha, na qual o desbaratou. E com ficar desbaratado, ainda que não de todo, mandou cometer a el rei de Ormuz que lhe desse o seu tesouro e dos seus antepassados, e que se iria e o deixaria em paz: e não o querendo fazer assim que lhe havia de fazer guerra de fogo e de sangue até o destruir de todo. A estas cousas respondeu el rei de Ormuz, que um homem de tão baixa sorte como ele era que descendia de mercadores, como se atrevia a cometer tal cousa a rei que vinha de tão antiga geração de reis, os quais em Amão sempre foram mui excelentes cavaleiros, e assim o foram sempre até povoarem aquela ilha que se chamava já Ormuz, e que ele não pretendia desmerecer de seus antepassados, pelo que não tinha de que se temer dele: (Ainda agora os reis de Ormuz se gloriam muito de virem de mui antiga geração dos reis de Amão, e dão-se por parentes de um senhor que vive na Arábia que chamam o

Catane, e desprezam os outros, tendo-se por melhores e mais nobres pela antiguidade que eles). Vendo-se pois afrontado o rei de Xiras se tornou a Cais e reformou-se de gente e de mais navios e tornou mais poderoso contra Ormuz: e não ousando dar-lhe batalha, manhosamente trabalhou de vir com ele à fala, e arditosamente o prendeu, e preso o mandou à ilha de Cais, e ele se veio a pôr cerco à ilha de Ormuz. Susteve-lhe o cerco outro que foi alevantado por rei, por aviso que pôde mandar o Rei que fora preso. Durou o cerco alguns meses. Vendo el Rei de Xiras que não podia tomar Ormuz, e que se chegava o inverno, e que lhe não era seguro andar no mar, se tornou para Cais, com determinação de tornar o ano seguinte outra vez sobre Ormuz. Tornou dali a seis meses, trazendo consigo o Rei de Ormuz que havia preso. Mas deu nele uma tempestade prosseguindo o caminho, a qual lhe espalhou e desbaratou a armada. E aconteceu neste desbarate que a terrada em que ia o Rei de Ormuz que fora preso, foi aportar a Ormuz, onde o que estava por Rei o não quis receber com honra, pelo que depois de haver estado alguns dias em Ormuz se passou a Costeca onde antes fora Ormuz. Sucedeu daí a alguns dias, ser necessário ao que estava por Rei de Ormuz ir fazer guerra a uma gente que vivia onde agora vivem os Noutaques que são grandes ladrões no mar. Sabido isto pelo próprio rei, que estava em Costeca, se passou a Ormuz, e foi recebido pelos moradores como seu Rei e senhor, com muitas honras e festas, e reinou quieto até sua morte. O Rei de Xiras não quis tentar mais a fortuna e foi-se para seu Reino deixando a conquista de Ormuz.

O Rei de Ormuz vendo os males que lhe haviam sobrevindo por causa do aguazil de Cais, foi sobre ele com grande exército e tendo-o de cerco alguns dias e não o podendo subjugar tornou-se a Ormuz por se chegar o inverno: e tornou logo o ano seguinte sobre ela e a tomou e saqueou, e deixou nela um aguazil feito de sua mão com muita gente. E o aguazil desbaratado pôde escapar e fugiu em uma terrada para a ilha de Bare: tornou-se a refazer em Bare com favor do aguazil de Bare, e tornou sobre Cais, e manhosamente vindo à fala com o aguazil que el Rei de Ormuz ali deixara por guarda da cidade, o prendeu e lhe arrancou os olhos, e tornou a senhorear Cais. Mas sucedendo no Reino de Ormuz Pacaturuna que foi autor desta Crónica e reinou haverá trezentos anos pouco mais ou menos, a meteu debaixo de seu domínio, e dali por diante ficou sempre sujeita ao Reino de Ormuz. E logo sujeitou a ilha de Barem este

Pacaturuna em castigo do favor que dera ao aguazil de Cais: e assim se foram prosperando os Reis de Ormuz de maneira que senhorearam todas as ilhas que estavam neste estreito e toda a terra ao longo da costa da Arábia até Lassa e Catifa, e assim outras da banda da Pérsia, pelo que se fez um Reino mui grande, e mui rico e próspero: principalmente porque se passou de todo o trato de Cais à ilha que agora se chama Ormuz: pelo que Cais se perdeu de todo, assim nos edifícios como nas riquezas, pelo que agora é de todo despovoada, havendo sido a principal cousa daquelas partes. E Ormuz com ser uma ilha estéril e desabitada, e um monte de sal é entre todas as ricas terras da Índia uma das mais ricas, pelas muitas e grossas fazendas que a ela vêm de todas as partes da Índia, e de toda Arábia, e de toda a Pérsia, até dos Mogores, e até de Russia na Europa vi nela mercadores, e de Veneza. E assim dizem os moradores de Ormuz, que todo o mundo é um anel e Ormuz é a pedra dele. Pelo que comumente se diz, que a Alfândega de Ormuz é um cano de Prata que continuamente corre. E o derradeiro ano que em Ormuz estive, havendo estado três, me afirmaram os oficiais que rendera a Alfândega cento e cinquenta mil pardaos a el Rei de Portugal, afora o que se presume que furtam os mouros e o aguazil, que são oficiais de alfândega. E dado que nesta terra se não dá fruta, nem tenha água nem mantimentos, tem mui grande fartura de carnes, pão, arroz, e muito peixe, e muitas e mui boas frutas, de que é provida de muitas partes, principalmente da Pérsia donde lhe vem muitas peras e pêssegos, ameixas, maçãs, uvas, figos, marmelos, de que se fazem marmeladas que provem toda a Índia. Daqui se prove toda a Índia de passas para enfermos, e de vinho, e de ameixas passadas e amêndoas para os enfermos, e para comeres deliciosos. Também lhe vem muitos melões em duas temporadas, que são muito bons, das listras e maneira dos de Abrantes. Uns vêm de quinze de Março por diante, até quase todo Abril. Depois vêm outros que duram de Julho até Setembro. Há também muita fruta que lhe vem da Pérsia e Arábia a que chamam mangas, que é mui boa fruta. As romãs que lhe vêm da Pérsia, não lhe ganham as de Sevilha. E as peras e maçãs em Dezembro e Janeiro que todas estas frutas vêm de maneira que parecem colhidas de pouco das árvores, e são muito boas. Vêm-lhe também da Pérsia muitas nozes, hortaliças, laranjas, limões e outras muitas provisões. Das fazendas não digo nada, porque a ela vêm todas as riquezas de todo o mundo, e dela vão para todas as partes. Assim que com justa razão

dizem ser todo o mundo um anel e Ormuz a pedra, com não dar em si mais que sal. De água é mui bem provida, assim da terra firme da Pérsia como das ilhas de arredor. Assim que com não ter em si nada, tem todas as riquezas e abastança de todas as cousas que de fora lhe trazem.

FOI IMPRESSO ESTE TRATADO DA CHINA NA MUI NOBRE E SEMPRE LEAL CIDADE DE ÉVORA EM CASA DE ANDRÉ DE BURGOS IMPRESSOR E CAVALEIRO DA CASA DO CARDEAL INFANTE. ACABOU-SE AOS XX. DIAS DE FEVEREIRO DE MIL QUINHENTOS E SETENTA.

CRITÉRIOS DE ACTUALIZAÇÃO DO TEXTO

Não tendo a presente edição como objectivo o estabelecimento de uma edição crítica, mas antes tornar conhecido para um leitor comum um texto fundamental para a história das relações Luso-Chinesas, procurou-se essencialmente valorizar a inteligibilidade deste mesmo texto. Neste sentido procurou-se a aproximação o mais possível da ortografia actual.

Indicam-se algumas modificações/orientações sistemáticas:

- a) redução das geminadas (v.g.: fee/fé; anno/ano).
- b) supressão do “h” inicial, intervocálico e etimológico que não exista na ortografia actual.
- c) eliminação das grafias latinizantes (v.g.: fructus).
- d) actualização da grafia das palavras em que não se justifica o emprego do “y”.
- e) a transformação da sílaba final “am” em “ão”, nas palavras agudas.
- f) actualização da grafia de muitos grupos vocálicos e consonânticos (v.g.: ao/au; eo/eu; io/iu; oens/ões; ss/ç; ae/ai;...).
- g) actualização da grafia das nasais (v.g.: hu/um).
- h) actualização da acentuação gráfica de acordo com o actual sistema.
- i) a escrita com minúsculas dos nomes comuns, e com maiúscula a dos nomes próprios.
- j) a actualização dos topónimos, na medida do possível, segundo o “Glossário Toponímico da Antiga Historiografia Portuguesa Ultramarina”, de Visconde de Lagoa.
- l) separação do verbo e do pronome complemento pós-verbal com hífen (v.g.: levamlhe/levam-lhe).
- m) manutenção da ordem sintáctica, com a excepção da forma perifrástica com pronome complemento (v.g.: ha se de saber/há-de saber-se).
- n) manutenção da pontuação, uma vez que não parece afectar a compreensão.
- o) manutenção de formas que não afectam a inteligibilidade do texto (v.g.: cousa; os Chinas; el Rei;)
- p) manutenção de formas arcaicas, mas que ainda aparecem no dicionário actual.
- q) transformação em contracções (v.g.: em os/nos), ou eliminação de contracções (v.g.: dalmas/de almas), sempre que se justificar.

GLOSSÁRIO

O glossário pretende esclarecer termos presentes no “Tratado das Cousas da China”, quer sejam vocábulos do século XVI, quer termos menos vulgares na linguagem actual, e ainda os topónimos, fazendo a sua actualização ou dando algumas indicações que possam torná-los identificáveis.

Para a realização deste glossário houve o recurso às seguintes obras:

(1) *Enformação das Cousas da China*, textos do século XVI, introdução e leitura de Rafaella d’Intino, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1989.

(2) Loureiro, Rui Manuel, *O Manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental”, de Tomé Pires*, Instituto Português do Oriente, Macau, 1996.

(3) Viterbo, Joaquim de Santa Rosa, *Elucidário das Palavras, termos e Frases*, Livraria Civilização – Editora, Porto, 1962.

(4) Lagoa, Visconde de, *Glossário Toponímico da Antiga Historiografia Portuguesa Ultramarina*, Ministério do Ultramar.

(5) Figueiredo, Cândido de, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 23^a edição, Bertrand Editora, Venda Nova, 1986.

(6) Silva, António Morais, *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, Editorial Confluência, 1992.

A cada fonte bibliográfica é atribuído um número-código (de 1 a 6), que aparece depois da explicação de cada termo, identificando deste modo a obra donde foi retirada a explicação.

Absoluto	– absolvido.
Abusão	– mau uso das coisas; abuso; engano (6).
Acatasolado	= acatassolado – de catassol, antigo tecido fino e lustroso (5).
Acharam	= acharão – o mesmo que charão, verniz especial da China e do Japão (5).
Achinar	– dar aparência ou semelhança chinesa (6).
Adem	– ave da ordem das palmípedes (6).
Adobas	– o mesmo que adobe (tijolo cru); adube – Toicinho para tempero (5).
Adufa	– resguardo exterior das janelas feito de tábuas (5).
Aguilla	= águila – árvore da Índia, de madeira resinosa e aromática (1).
Aitão	– almirante (1).
Almareos	– almareio - tontura, vertigem (5).
Almiscar	– produto fortemente aromático, segregado nos folículos prepuciais do gato almiscarado (<i>Moschus moschiferus</i>), um ruminante tibetano (2).
Almorreimas	– dilatação das veias almorroidais (6).
Amboino	– ilha do mar das Molucas, pertencente ao arquipélago homónimo (1).
Anchasi	– juiz provincial (1).
Arreversar	– lançar fora (6).
Atabale	– o mesmo que timbale, espécie de tambor de metal em forma de meio globo e coberto de uma pele tensa (5).
Atabaque	– espécie de tambor afunilado; atabal (6).
Atafona	– Engenho ou máquina de moer grão (6).
Baar	– bahar – medida de peso indiana (1).
Bada	– animal selvagem.
Balsas	– plantas aquáticas (5).
Banção	– embarcação chinesa menor que o junco (1)
Bategaria	– termo genérico para indicar pratos e bacias de metal (1).
Burnido	– polido (6).
Bombardada	– tiro de bombardada, antiga peça de artilharia (5).
Caiolaque	– madeira vermelha, que se usa como incenso (1).
Calambuco	– o mesmo que lenho, aloés (2).
Camsi	– Jianxi (1); Guangxi (4).
Capha	= Cafa = Kaffa – ou Teodósia na costa sudeste da Crimeia (1).

Cauchim China	= Cochinchina – antigo reino indochinês, que ocupava a parte meridional do território actual do Vietname (2).
Celada	– antiga armadura de ferro para a cabeça (5).
Chaem	– comissário de tribunal (1).
Champa	= Champá – antiga cidade de Champaner, no reino de Cambaia, actualmente desaparecida (2).
Chaqueam	– Zhejian (1).
Chilao	= Chilão – Saãbham, perto do golfo de Manos (1).
Chilim	– Nanquim (1).
Chorão	– a ilha de Chorão fica a três milhas de Goa, entre o rio Mapuçá e Naroa (1).
Chudurmuch	= Chadermuk – nome antigo de Phnom Penh (1).
Conhecente	– o mesmo que conhecedor (5).
Conderim	– centésima parte do tael chinês (1).
Coromandel	– região do Sudeste do Indústão, que abrangia o litoral dos actuais estados indianos de Jamilnadu e de Andhua Pradesh (2).
Culão	– importante porto do sul do Malabar, também conhecido como Quilon (2).
Cranganor	– porto do Malabar, a norte de Cochim, antigamente dependente do reino de Calicute (2).
Crasta	– cerro que limita as dunas (5).
Crespa	– (crespo) – rugoso (5).
Decumbente	– deitado, recolhido ao leito.
Derribados	– derrubados (5).
Desar	– desaire, desventura; falta de elegância (5).
Devassa	– acto de reunir depoimentos e outras provas, concernentes a um acto criminoso; processo que contém essas provas (5).
Doçaina	= doçaína – espécie de charamela grande que se usou desde o século XII ao século XVII (5).
Empecer	– impedir, estorvar (5).
Encavalgadura	– o mesmo que cavalgadura (5).
Enchêvão	– vistoso; que é perfeito (5).
Ende	– pequena ilha na parte sul da Costa de Flores (1).
Enxerido	– intrometido; inserido (5).

Esburgadas	– descascadas (5).
Esmar	– calcular, conjecturar (5).
Essoutras	– designativo de um objecto próximo que distinguimos de outro também próximo (5).
Foão	– fulano.
Fucho	– Fuzhou (4).
Fuquem	– Fujian (4).
Fuquom	– Yunnan (1).
Granjeadas	– adquiridas.
Guzarate	– antigo reino do Industão, também conhecido por Cambaia, que abrangia aproximadamente o território do actual estado indiano de Gujerat (2).
Ismaos	– era o nome com que Ptolomeu indicava as serras de Pomir (1).
Jaos	– Javaneses.
Lacões	– lacão, pernil de porco (5).
Lanteas	– barco ligeiro do Extremo Oriente (1).
Léquios	– são as ilhas Ryukyu e os seus habitantes (1).
Locotente	– substituto (1).
Loech	– Lovek – ao longo do rio Joulé (1).
Loutia	– senhor, fidalgo (1).
Lutissi	– lutisse – comandante militar na China (5).
Mafamede	– Maomé (1).
Maluco	– Molucas.
Massancracés	= Maha Sângreach, grande príncipe de assembleia (1).
Maz	– um dezasseis avos do tael chinês (1).
Menencorio	– o mesmo que melancólico (5).
Meothis	– mar de Azov (1).
Meru	– espécie de veado (1).
Mitires	– homem sábio (1).
Mogor	– mongol (5).

Moleapur	– Maliapur.
Nacsendeches	= Neak Sámdach – religioso de grau inferior a Massancracés (1).
Narsinga	– grande império hindu de Vijayanagar (Bisnaga), na Índia do Sul (1).
Omitoffois	– Amita Fo – o “Buda da luz ilimitada” (1)
Omquom	– Hangzou (4).
Ouchoe	– Wu Zhou (1).
Panaraca	= Panarukan – porto na costa noroeste de Java (1).
Panicaes	– elefantíase (1).
Pegu	= Peg – antigo reino asiático, que abrangia regiões meridionais da actual Birmânia (2).
Pelote	– capa forrada de peles (3).
Pichel	– vasilha antiga para onde se tira vinho das pipas ou tonéis;pequeno vaso antigo para beber vinho (5).
Pimpu	= Bingbu - ministério da Guerra de Pequim (1).
Ponchassi	– governador civil da província (1).
Possança	– possibilidade, poder (3).
Poutoos	– “cabeças de turbante” (1).
Pralocussur	= Prás Lok Eysaur – título de uma seita budista no Camboja (1).
Praissur	= Prás Eysaur – um dos títulos para Siva (1).
Praput	= Prasar Metri – título do Buda futuro (1).
Probar missur	= Prás Baram Eysaur – um dos títulos de Siva (1).
Puchio	= Pinzhonfu (1).
Quedá	= Kedah, na península de Malaca (1).
Querena	– parte do navio que fica abaixo do nível da água (5).
Quichai	– comissário imperial (1).
Quichio	= Guizhou (4).
Quinsi	= Shanxi (1).
Rábão	— rábano (5).
Recadar	= recatar – acautelar, resguardar (5).
Retelhar	– telhar novamente (5).

Rolda	– ronda, grupo de soldados, que percorre as ruas para manutenção da ordem (5).
S.	= scilicet
Samarcam	= Samarcanda – antigo empório asiático, que pode ser identificado com a actual cidade de Samarkand, no Usbequistão (2).
Siensi	= Shenxi (4).
Siões Mãos	= Siameses Mons (1).
Siquam	= Sichuan (4).
Tabarte	– boldrié, cinturão, correia a tiracolo, em que se prende uma arma (5).
Taissu	– director de cárcere (1).
Tamalavez	= tamalaves – de algum modo, algum tanto (3).
Tanaçarim	= Tenasserim – porto do antigo reino do Pegú, identificado com a actual cidade Tailandesa do mesmo nome, situado na costa ocidental da Península Malaia (2).
Tanga	– seis táeis chineses (1).
Thanas	= Tanais – Tanas – Tana – é um velho nome do rio Don (1).
Tipre	– tiple – soprano (5).
Treçado	– arma, espada.
Tronco	– prisão, cárcere (5).
Tronqueiro	– carcereiro (5).
Tutom-dudang	– a maior autoridade da província (1).
Vaipim	– ilha do litoral do Malabar nas proximidades de Cochim.
Vinam	= Hunan (4).
Vinhãfuu	= Weinanxian, na província de Shenxi, destruída pelo terramoto de Janeiro de 1555 (1).
Xuteafim	– Kiangxu (4).

专著

详细讲述

中国情况

及其特点，还有

霍尔木兹王国情况

多明我会加斯巴尔·

达·克鲁神父

为我主、非常强大的唐·

塞巴斯蒂国王撰写

1569年准印。第二版。

序言

出版者安德雷·德·布尔戈斯致葡萄牙及阿尔加维非常崇高和强大的国王唐·塞巴斯蒂昂一世。

通过阅读来了解重要事物，尤其是作品出自博学者笔下、可望不脱离真理现实的时候，才智出众的人会非常喜欢和高兴，这一点顺理成章。而对国王和亲王们而言，似乎会更加喜欢，更加高兴。因为，地位越是崇高，其才智可望更加高尚和细腻。还因为，我知道，这方面您在一切人之上，希望看到新事物，尤其是中国的事务，其中许多会令听众赞叹，为此，马六甲兵头唐·弗郎西斯科·恩里克已向殿下呈交过一份简短的报告。所以我决定印刷这篇专著，它讲述中国的伟大及其奇闻异事，出自一位多明我会的神职人员之手，此人学问高深，生活富足，不至于脱离事实，因为所纪录之事皆为亲眼目睹。请殿下接受我的绵薄之劳，并希望得到殿下的庇护；得到如此崇高的王室厚爱将使之免遭诽谤和中伤之虞。愿我主让殿下增寿，永掌王室，以服务于这些王国，对其加以扶持。

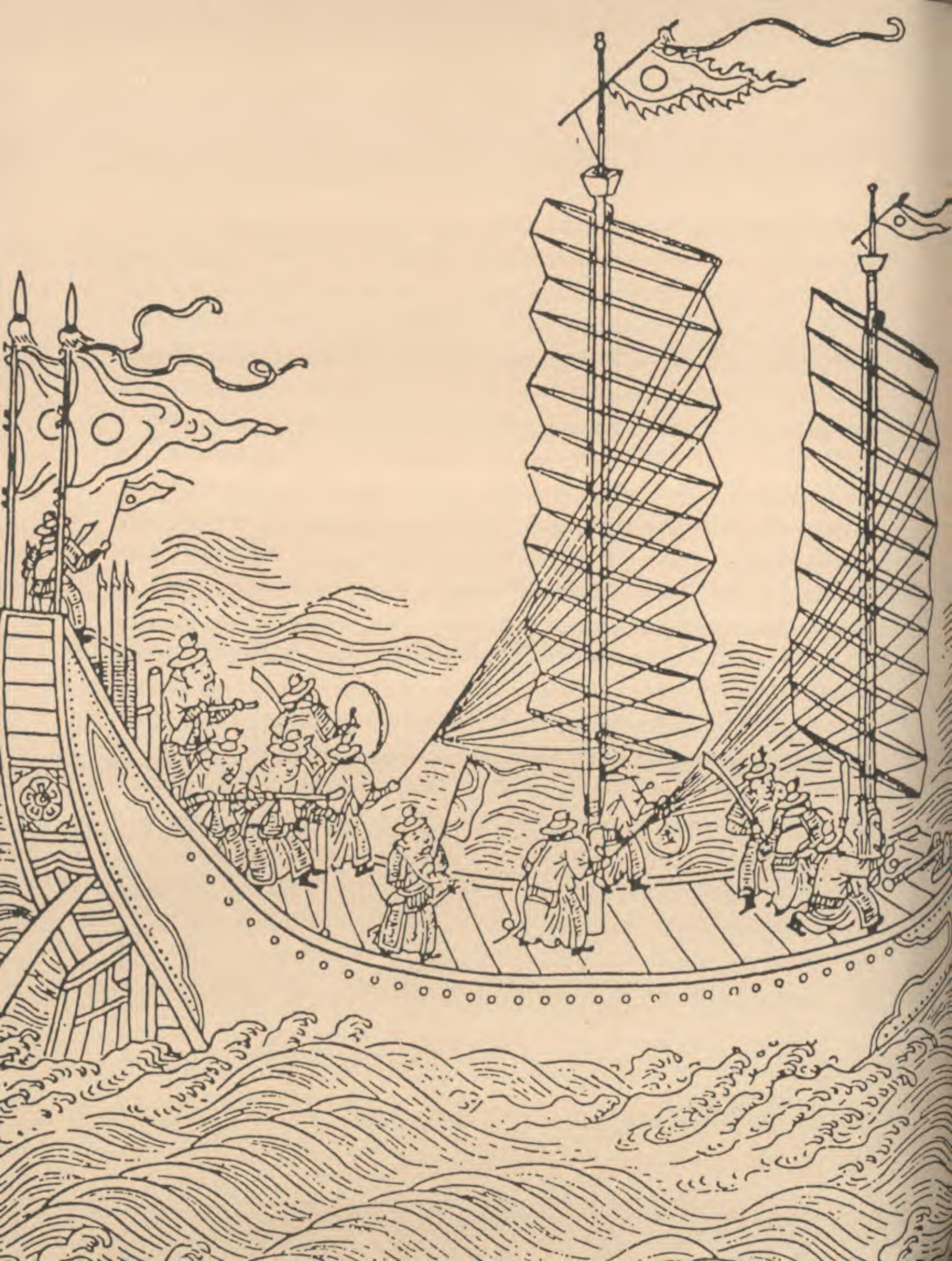
本书序言

据圣徒保罗所说，并根据基督借圣徒马太之口所说，为了让人们在世界末之前受到福音的召唤，上帝命令卡斯蒂利亚人发现新土地，曾命令葡萄牙人向印度航行；以此，上帝通过其仆人使许多人重新皈依教会，并且正在也必将让人们皈依，如同使徒保罗所说，直到让犹太人和异教徒们成为羊群，所有人都进入天主教教堂的羊圈，每个羊圈都有其牧师，以色列人统统得救，基督就是这样说的。受到葡萄牙人召唤并且其中许多皈依教会的是巴西人，还有整个几内亚海岸的人；从这里到好望角以远，直到整个马林迪海岸，包括索法拉和莫桑比克，许多人通过各种途径成了基督教徒；在霍尔木兹及其属地（即阿拉伯和波斯沿岸）的葡萄牙人当中有许多基督教徒，因为霍尔木兹是个岛屿，岛上有座极为雄伟和富足的城市，这个岛位于海上；波斯和阿拉伯之间也有许多基督教徒；但是，这些人由于是摩尔人，所以较之崇拜偶像的异教徒皈依者要少。从整个印度沿海，例如从迪乌到卡莫林角，是葡萄牙人的主要力量及其主要居住地所在，在葡萄牙人拥有的各个地方基督徒数以千计，拆掉了许多偶像崇拜的庙宇，许多地方已摧毁了偶像崇拜，建立起许多教堂，其中不少建得富丽堂皇，还有许多修道院。在所有这些地方不停地进行洗礼；虽说这些地方皈依宗教的人们当中有许多人是不好的基督教徒或者放弃了信仰的叛教者，但我以亲身经历肯定地说，他们当中许多人比在那里的一般葡萄牙人生活得更好，作为基督徒也比他们更好。基督教群体主要集中在巴卡纳和塔纳岛角一带，即在称为萨尔塞特的勃生对面，在那里，圣方济各会的神父们在各地都建有教堂，在教堂里布道和举行圣事，各教堂在布道上大有成就。城内的教团神父们在传播基督精神方面也作出了贡献。现在，圣多明我会的神父们在那里建起了住处，也开始帮助其他神父进行洗礼和布道。该教派的神父们还在塔纳发展了大批基督教徒，建起了住处和雄伟的教堂。这些神父管理着果阿附近的一个叫柯兰的岛屿，这个岛很小，但岛上有座很好的教堂和很好的基督教徒。并且人数很多，长时间以来，他们在果阿市其华丽的住处发展了数以千计的基督教徒，向前去的所有人认真布道。多明我会的神父们在果阿有其住处并管理五座教堂，进行宗教教育并举办圣事，发展了数以千计的基督教徒。在离科钦五里格远的克朗加诺尔及其他地方，例如威平和格拉萨圣母教堂，尤其是在克朗加诺尔，方济各会的神父们发展了许多基督教徒，在克朗加诺尔收容和教养了许多孩子。东方朝圣博士的故乡科钦位于该岛的角上，葡萄牙人在那里建立了城堡，多明我会教士们发展了许多基督教徒。同样，在科钦，他们通过一个罗萨里奥圣母教友会增加了对圣母的信仰和忠诚，这个教友会是马拉巴尔贵族在当地建立的，它的存在增强了贵族们的信仰，增加了基督教徒的数目。在库兰，方济各会的神父们在发展新基督教徒方面也果实累累，为此多明我会的神父们提供了帮助。这是在印度沿岸取得的主要新成果。除此之外，各地都有大量基督教徒。由于多明我会的神父和其他神父的努力，不久以前第乌的基督教徒人数开始大大增加。在锡兰岛我看到许许多多基督教徒群体（由于战祸而衰落以后依然如此），他们都是在方济各会的神父们劝说下皈依的，这些神父在该岛各地的教堂里宣讲教义，不断地进行洗礼，举

办圣事；由于都是新基督徒，加之葡萄牙人四分五裂，当地政府腐败，终于这一切均丧失殆尽，非常令人痛心，相比之下，印度的情况更让我感到高兴。在卡莫林角的圣多美附近——这是圣徒殉教的所在，他所建立的教堂至今尚存——，葡萄牙人当中的基督教徒数以千计，在那里一个叫“捕鱼场”的地方，一直有该教团的人居住，虽说他们是些极糟糕的人，但在基督教徒群体内却很正经，绝对与偶像崇拜无缘，甚至在没有神父的地方他们会向孩子们教授教义，礼拜天修理神龛和教堂，到教堂去祈祷；偶尔有个神父到来，人们便把孩子带去请他举行洗礼。该教团在日本各地（我估计至少有三个地方，这是我五十六年去中国时的情况，不知道现在是否增加了）该教团神父们也发展了许多基督教徒，他们影响下的基督徒们都很好。这些神父在马鲁古发展的基督教徒数以千计，这些地方和安波那岛上还有另一些人通过其他途径皈依了基督教。多明我会的一位修士在给我们运送檀香木的帝议岛发展了五千多基督教徒，在英德岛也发展了許多人。该教团的其他修士在同样属于爪哇的巴纳鲁卡岛上也收获颇大。除了这些主要的基督教徒群体之外，在他们居住的所有地方都有许多基督教徒，这些教徒属于各个民族，例如班加刺人、勃固人、马六甲人、爪哇人、中国人、马尔代夫群岛人和许多其他地方的人们。但是，这些地方的基督教徒大多是通过俘获皈依的，因为在班加刺、勃固、爪哇和中国，葡萄牙人都没有城堡，也没有自己的土地，这些地区的居民中也没有修士发展教徒。因为在我上面提到的人当中，中国人在人口众多、幅员辽阔、治理有序和领地、财富充足方面大大超过所有其他人，这里不是指黄金和宝石等珍宝方面，而主要是指用于人类需要的财富、物资和钱财。因为这些人有许多非常值得一提的东西，所以我才决定，在力所能及的范围内，根据我的亲眼目睹，根据从一个被俘后到过内地的贵族写的记事上读到的，还根据从值得信赖的人们那里听到的，对那里的事情作个全面报道；这样，人们可以从这里讲述的事情推测出尚不能知道的事情，使读这部作品的人在齐声赞颂上帝的伟大，并且怜悯许多对真理一无所知的堕落的灵魂，乞求上帝把其天主教神圣的信仰在这些和其他人当中传播，使之脱离崇拜偶像的无知和盲目，为您的仆人开阔道路，让他们走上正路，让我们所说的这些人和其他人到教堂请求教团为其举行洗礼。尤其是看到有那么多精明而又如此盲目的人。让他们感谢救世主吧，因为尽管还没有唤醒他们，或者还没有把他们带到其教会的团体中去（因为这里是上帝的美德所在），却已把他们带到神父身边，让他们得到信仰之光，认识自身，由于感谢而爱上帝并为其效劳。

告读者

读者不能指望我滔滔不绝的雄辩，也不能指望我妙笔生花，请仅仅满足于我这篇简单的叙述真实可信。为了不让读者一开始便感到厌烦，觉得有缺欠之处，我认为最好在这里说明本书内容的次序：首先对中国及其人民和土地作个笼统的叙述，接着专门描写这个王国及其省分。然后我们再谈谈建筑和船只；这以后是对土地的利用和人们的职业，还有男人和女人的服饰以及一些风俗习惯。再往后，我将详细地讲述管理这块土地的人士及其政府。这一切之后是他们的信仰与崇拜和我认为在那里发展基督教徒的方法以及这方面存在的障碍。在结尾部分，还要在上面简单扼要地介绍中国人群体的基础上详细谈一谈中国的状况。我知道，好奇的读者会从中发现许多赏心悦目的东西；即使有的读者觉得对某些内容不大喜欢，也不至于认为全书都是这样而不继续下去。我说这些是因为，在关于游记的书中，有时完全理解不了的内容会令人生厌，但如果有一点不明白便对其余部分一概摒弃，那就不应该了。不应当因为不喜欢一小部分而失去对大部分主要内容的兴趣。现在我也对读者提出必要的告诫，使他们能够推测中国的事情是如何宏大，即：尽管一般认为远方的事物听起来比其本身更加美好，但中国却相反，因为它本身比听来的要好得多，看到的与读到和听到的所产生的印象大不相同。我和其他看到过中国的人正是这种情况，我们说：对这一切必须亲眼看到，不能只限于听，因为与看到的相比，听到的就微不足道了；这如同萨巴王后与所罗门之间发生的情况一样，萨巴听说他以智慧著称，想试验一下，就前往耶路萨冷；在听了所罗门的许多事情又看了他的家和政绩之后，她说：神圣的上帝喜欢以色列，让你当了它的国王；我看到的比听到的关于你的事要伟大得多；对我们在这里讲述的关于中国的情况，读者会有同样的感受，它比我们说的伟大得多，这足以让读者更加喜欢读这本书。



第一章

是什么原因促使作者去中国，中国这个名称，地方的名称。

任何一位有好奇心的读者看到本书一开头就写我去过中国，都可能想了解我去那里的动机，实际上已经有几个人对我说过这一点，所以我觉得还是不给读者留下悬念为好，应当在一开始便部分地满足他们的愿望。应当知道，我当时正在马六甲为我的教团建立一座教堂和传教，听说在高棉王国（臣属于暹罗国王，在中国那边，与昌巴交界，珍贵的沉香就是从那边运来的，沉香在当地语言叫卡朗巴吉）有很好的条件宣讲福音，人们乐于接受，定能取得成果。这个情况太好了，以至于尽管在马六甲的人们无不反对我前往，想方设法阻拦我，但我觉得不去那里良心不安，放弃前往不能不算严重的罪孽；于是，在得到我的教长允许后便启程了。一路上受尽饥饿劳累之苦，屡遭危险和疾病折磨，终于到达了那里；好不容易通过第三者开始学习语言，与当地人和神父们交往，但还没有学会便发现，一切都与原来听说的相反；是俗人们搞错了，他们根据道听途说的些须小事推测出当地人身上没有的东西。还有，我发现，实现自己的愿望和意图有重重的阻碍，首先，由于国王是婆罗门教徒，他最宠爱、最熟悉的人都是婆罗门教徒，因为这些人都是巫师，非常熟悉于以巫术获得报酬；在王国里，人们做任何事情之前都要征询巫师和婆罗门教徒的意见，因为他们掌握着魔鬼（用这种办法吓唬人）。于是，国王问我的第一件事就是我是否是巫师。他希望婆罗门教徒成为最难以改变信仰的人，因为他们与其仪式和偶像密不可分，国王是婆罗门教徒，他尊重的人和宠臣也都是婆罗门教徒，这是在那里发展基督徒群体遇到的最大阻碍。并且，我曾向偶像崇拜教的神父们说，婆罗门教徒们崇拜的一个叫婆罗贺摩的上帝（他们说这个上帝创造了天和地，允许他这样做的是他们称为毗瑟拏的另一个上帝；而这个上帝是从他们称为湿婆的上帝那里获得权力才准许婆罗贺摩那样做的）不仅没有创造天和地，而且是个非常坏的人，罪孽深重；那些神父们回答说，所以他们已经不再崇拜婆罗贺摩了，后来一直作为上帝崇拜的是商羯罗，因此婆罗门教徒对我越来越仇恨；为了维护他的上帝和他的婆罗门教徒的上帝，国王从此以后就厌恶我了。除了这些事情之外还有，偶像崇拜的神父们及其一伙以神职人员自傲，只与神父们来往，无论在交往还是在居住方面都与其他人隔离，在我看来这些其他人是王国的三等人，此地的国王曾把十万人赶到农村去干活。神职人员或者自视为神职人员者整日里无所事事，趾高气扬，活着的时候就被当作上帝崇拜；甚至年幼者把年长者当作上帝崇拜；普通人非常相信他们，非常尊敬他们，非常崇拜他们；没有人敢在任何事情上触犯他们；在普通人当中，他们的话神圣之极，绝不得有反对的表示；有一次我正在布道，许多人围着我听，看来对我讲的非常满意，这时他们的一位神父来了，他们便说，你讲的很好，但我们的更好，说着都走开了，留下我一个人。还有，他们极为无知，却自认为非常英明，普通人也认为他们非常英明。他们所有的知识都是无知和俗人的愚昧，认为有二十七个天堂，在一些天堂中有吃、有喝、有美丽的女人，说

一切活物都要进天堂，什至跳蚤和虱子也不例外，说因为活物都有灵魂，一定要到另一个世界生活。他们还平民们说，所有非教徒都象你们一样去天堂，说还有其他一些高级的天堂，神父圣人们按其等级到那里去享受洪福，在旷野中生活，坐在那里沐浴清风。他们说还有一些更高的天堂，上帝们到那里去生活，说上帝的躯体都象球一样，圆圆的，所以给予平民荣誉即给他以圆圆的躯体，因为上帝的躯体是圆的。既然他们说有许多天堂，那么势必有许多地狱，共有十三个，根据每个人罪孽的严重程度决定他去上层或下层地狱。这类无知太荒唐了。我没法说服他们，但他们往往仍然固执地相信。他们的教徒们分为各种等级，一种叫马桑克拉赛斯（婆罗门）他们是最高等的，地位在国王之上；另一些叫纳克森德赛斯（刹帝利），相当于我们这里的大主教，地位与国王相等；还有一些叫米蒂雷斯（毗舍），即一般等级的神父，地位在国王之下；再往下是首陀罗，他们又分为两等，即卡普泽斯和萨泽斯。这些人随着特级的提高变得越来越虚荣和趾高气扬，越来越受人们崇敬。愚昧无知的看法被奉若神明，再加上他们专横跋扈，受到崇敬和信赖，更无法让他们改邪归正，明白事理，无法让民众恢复体面。所以说，在此地发展基督教徒群体，这是个极大的障碍。除了这一切之外还有一个巨大的障碍，即除神父（僧侣）和所有自称神职人员者外，王国的所有其他人都是国王的奴仆；一家的主人死后，家中所有的一切均归国王所有，所以其妻子儿女想方设法尽量隐藏一些东西，以便重新开始生活。国王之所以在当地取得了这一权利是因为，从前人们起而反对当时任国王的他的兄弟，他镇压了人们的反抗，癩黜了兄弟，自任国王。从此以后，人们不敢自作主张，没有国王的意愿不敢越雷池一步，所以，若是国王不赞同，就不能在那里发展基督教徒。有人会说，不能瞒着国王发展吗？对此，我的回答是，当地人做的任何事情国王不可能不知道；不论地位多么低下的人都可以与国王谈话，所以每个人都想方设法发现新鲜事，以便有机会与国王谈话；因此，没有国王的意愿任何事都不能做成，而上面我们已经说明，国王对基督教之类的事不感兴趣。除了这些事外，还有葡萄牙人某些做法欠妥，所以我尽管想尽办法，但到处遇到重重困难和障碍，无法实现我的愿望和意图；因此，我在当地逗留了近一年的时间，发现那里不能取得成果，并且得了重病，于是决定离开那个地方；由于人们对我说了许多关于中国的事，告诉我那里的人们乐于接受基督教义，并且有理性，所以我决定，既然在这里没有取得任何成果，既然再也没有为一个俗人举行洗礼，还不如到中国去，于是乘上一条在这里停泊的中国人的船，他们非常乐意带我去，在船上给我最好的照顾，不仅分文不收，而且对我非常同情。这就是促使我到中国去的原因和如何去的。至于我在中国做了些甚么，我遇到的那里的人们是否乐于听上帝的话，以及我在为取得成果进行的努力中遇到的障碍，在本书末谈到中国人的礼仪时再说，这里先向读者做个交待。既然已经满足了在本书前边人们对我的期望，现在就该开始言归正传了。首先，应当了解，中国（China）这个名字不是该地的人的称呼，也不是这个地方的称呼，一般来说在当地也听不到这个名字，只是在印度的人们以及住在马六甲、暹罗、爪

哇等南方地区的人们和与我们在一起或有交往的中国人之间不使用 China 这个称呼。这个地方的真正名称是“Tame”（唐），不过最后一个字母“e”几乎不发音；当地的人的名称是“Tamgin”（唐人），“China”这个名字就由此而来，本地以外的人不知道，不过可以推测，很久以前航行到那一带的人经过一个王国的海岸，他们称该王国为“Cochinchina”（交趾支那），在那里做买卖，补充给养，乘凉，以便继续往前走，目标是 China(中国)，那个王国就附属于中国，按照中国人的方式生活。于是人们便去掉这个王国名称上的“交趾”，把前方那片土地称为中国。不管怎样，那片土地的名称是“唐”，上面我们已经说过，它的人民称为“唐人”。



CHINA

CAVCHIM

CHAOPA

CAO BOJA

BORNEO

LINHA Equinoctial

FILIPINAS

MINDA NAO

CILLBES

MALUCAS

LAVA MAYOR

第二章

说明中国是个什么样的地方，中国人是甚么样的人。

中国的版图占了西徐亚的大部分，因为据埃罗多托认为，西徐亚一直延伸到印度，这一点可以用两种方法中的任何一种来理解，也许因为中国人在古代占领了印度的许多地方，至令那里的人们仍然记得中国人征服这些地方事，例如在与纳尔辛伽王国相对的科罗曼尔海岸就是如此，我们把该地称为圣多美，因为这位使徒建立的教堂和他本人的遗骸就在那里。现在还有一座很大的偶像庙宇，它表明航海家们已经到过此地，据当地人说这座朝宇是中国人建造的，成了他们永久的纪念，所以被称为中国塔，意即中国人的庙。在马拉巴尔海岸最大的王国卡利卡特有许多非常古老的果树，据当地人说中国人种植的；当地人还说，在锡兰岛和科罗曼德海岸之间的奇洛一带，中国人丧失了一支前往印度的非常巨大的船队，因为中国人是初次在那一带航行。所以当地人说，中国人曾统治爪哇和雅塔纳，后者即马六甲，暹罗和占巴等王国，这一带的人们都是这样说的；有些人说这一带的人象中国人，小眼睛，扁鼻子，宽脸庞，那是因为早年中国人与他们大量混染的缘故，尤其是与爪哇人混血更甚，所以一般来说他们长得更像中国人。但是，中国国王发现，由于想占有外国的许多土地，他的王国越来越衰败，并且屡冒风险，所以又把其人民限制在王国之内，为此张贴布告，规定对航行到中国以外者处以死刑；这一规定沿用至今。这些回忆表明中国人不仅曾与印度各地通商，而且还征服和占有了印度的许多地方，所以埃罗多托说西徐亚一直延伸到印度。至于说中国一直延伸到西徐亚的边缘，也许埃罗多托所说的西徐亚延伸到印度似乎更符合实际，因为有的人认为有三个印度，把雅塔纳，即人们称为地角的马六甲视为最后一个，即第三个印度。那里的人们把新加坡海峡的那个地角当成走向大海的出口，从这个地角和海峡直到中国的土地当成第三个印度，即所有印度中最后一个，也是西徐亚的最后一个王国，那么埃罗多托所说的西徐亚延伸到印度就真实可信了，因为它是印度的最后一部份，或者更确切地说，是各个印度中的最后一个。雅各布·菲利波·贝尔戈内斯在其见闻录补正中说了有两个西徐亚——北西徐亚和东西徐亚——之后也认为，东西徐亚终止于一点，这一点在亚洲沿岸。我认为，他的东西徐亚终止于一点之说和先于他提出这一看法的人们全都错了，之所以产生这个错误是由于某些地图学家因为缺乏真实可靠的资料在地图上画成这个样子；因为他们画的那个既有土地也有人的角——琉球——并不是大陆的延伸，而是中国海上的一个岛，离中国本身大概有三十里格。这个岛上确实有人生活，他们情绪极好，对白人比对黄种人更加热情；他们很干净，讲究穿着，头发梳得和女人一样，拢到头的一侧，把一个银质的钉子插进去；那里土地肥沃，天气凉爽，水源丰富并且水质很好，由于处于海中，当地人的航海术令人赞叹，并且使用武器，配带很好的刀剑，过去曾臣服于中国，与中国人有过许多交往，所以非常像中国人。正如上面所说，这个岛位于中国附近的海上，但沿着中国海岸走，从广东转过去，沿其海岸直到葡

葡萄牙人曾航行过的南京省沿海，均找不到地图上画的那个角，这一点在葡萄牙人的海图和地图上标得很清楚。所以，雅各布·菲利波所说的西徐亚止于一点是错误的。但是，他说整个亚洲在海岸上，毫无疑问，这指的是中国；关于中国，确实可以这样说，下面我们将清楚地加以说明；他说的西徐亚止于一点尽管有错，但毕竟向我们清楚地表明指的是中国，那是古人在想像中国时出的错误。雅各布·菲利波还说西徐亚人分为十七个省份，最后一个称为西萨耶塔，塔纳斯河流经该省。就我们而言，必须认为它是最后一个省份，与我们这边交界，即与欧洲交界，位于亚洲一端，塔纳斯河把亚洲与欧洲分开，流入地中海。关于塔纳斯河沿中国边界流过的事，我是从一位善于描述的威尼斯大商人那里听说的，他为做买卖在广州逗留过几天。广州是中国的主要城市之一，葡萄牙人于其有交往，他是与一个葡萄牙人的公司前去的；他说，他从中国人那里得到了可靠的消息，而那些中国人了解中国那一端的情况，说一条叫塔纳斯的河流流经其王国的一端。这表明中国王国有两端，也就是西徐亚的两端，一端在大亚细亚的尽头，即印度的尽头，另一端在同一个大亚细亚的另一个尽头，与欧洲的尽头相邻，形成与欧洲的分界线。除此之外还表明，如同雅各布·菲利波所说，亚洲有很多海岸，因为它的一边是整个印度甚至整个鞑靼，而塔纳斯河是沿鞑靼流过的，在下一章我们将对这一点详加说明。尽管有人会说，对上述塔纳斯河作这样的推测是不合适的，因为在不同地方可能有几条同名的河流，但读过下一章的叙述之后人们就会认为这样的推测理由并非不充分。这还因为，一个有力的理由是，鞑靼人从东方到达地中海，再北上到达塔纳斯河，这些鞑靼人也被视为西徐亚人，他们沿中国边界活动，与中国战争不断，一般都认为中国人和鞑靼人之间有一堵一百里格长的墙。还有人说那堵墙的长度在一百里格以上。假如果真如此，那么，作为塔纳斯河水源的湖在中国的土地上，在一段地方与向南流的河汇合，把中国人的土地与鞑靼人的土地分开，这有甚么说不通或者不可能的呢？我认为这种说法没有任何不妥之处，并且认为以下的看法论据充分，迹象明显：不应当怀疑中国占西徐亚的一大部份。

第三章

与中国接壤的诸王国：怎样得知它的辽阔；说中国与德国接壤；为什么说有两个俄国，其中一个与中国相邻。

中国周围有许多大的王国，它们沿那个湖展开，塔纳斯河的源头就在湖的欧洲那边；那里是欧洲的最后个国家俄国，它属于西徐亚，是西徐亚的一部分；这个俄国与德国相邻；德国要么与中国接壤，要么是中国的一部份，因为我从在中国被俘的葡萄牙人那里得知，中国人知道德国，称该国人为德国人，中国国王雇佣许多人为其守护与鞑靼之间的边界上的关隘，据说那些人身材高大，红头发，大胡子，穿短裤，佩带重剑。这样看来好象很清楚，中国与德国交界；因为俄国在欧洲那边的西徐亚，那么与它交界的似乎分明是中国的一部分了。这也是有根据的，因为我们已经说过，俄国包括西徐亚的大部份；可以肯定，在德国以远的地方居住着未接受教化的人，他们是偶像崇拜者，是异教徒，即中国人，因为与前者接壤。应当知道，有两个俄国，一个在波兰和德国之间，濒临地中海，沿海有个非常优良的港口，港口有座繁华的城市，人们称为卡巴；关于这座城市，我在霍尔木兹的时候就听从那一带到霍尔木兹做生意的人说过，俄国国王曾率大军夺取该城市。在此之前已夺取了土耳其王国的另外两座城市。另一个俄国与德国相邻，属于西徐亚，是欧洲最边缘的国家，现在我们说的正是这个俄国。这就是说，在沿地中海那边，整个德国位于两个俄国之间，是欧洲的边缘；根据以上所述，可以毫无顾虑地认为，中国与德国相邻，这就清楚地表明中国多么辽阔，本身包括许多土地，并且其漫长的海岸一直延伸到作为它的一部份的印度，在印度海那边与中国相邻的第一个王国称为交趾支那(Cochinchina)，它的海岸大概有一百里格左右，它与海南岛之间海成了重要入海口，而海南岛已属于中国人，岛长五十里格。这个入海口王国的陆角与中国王国相望，从属于中国国王。在服饰，制度和管理方面，这个王国的人民与中国人雷同，土地上人口密集，也非常富足，这表明他们不需要与其王国以外的其他人民交往，生活得井然有序，吃穿方面都很讲究；在住宅修建方面，他们的建筑物极好，这一切均表明这里肥沃、富足、繁荣。他们与中国人有相同的文字，但语言有差别，相互之间可以通过文字沟通，但通过语言却不能；请任何人都不要以为此事荒唐，因为中国各地在语言上差异极大，通过说话相互之间无法沟通，只能通过文字相互沟通，这与日本诸岛上的居民遇到的情况相同，他们与中国人以文字沟通，但语言不同。至于为甚么会这样，我们在下面适当的地方再谈。除了交趾支那人的王国之外，还有一个与中国相邻的很大的王国，该王国是个内陆国家，一些人称之为寮国，另一些人错误地称之为暹罗王国，寮国在印度另一面，与高棉王国，巨大的暹罗王国和非常富有的勃固王国接壤，与所有这些王国都有贸易往来；这样从勃固到与交趾支那相邻的昌巴王国的全部印度海海岸可供该王国使用。也就是说，在印度海那边，与寮国人相邻的有辽阔的勃固王国，特纳塞林姆王国、格达王国、马六甲王国、庞奥王国、巴特那王国、高

棉王国和与交趾支那接壤的昌巴王国；仿佛这还不够让人眼花缭乱，因为下面还会看到，暹罗和勃固相互有内陆边界，而在海上相距许多里格，两者之间多次爆发大战，每一方都曾成为皇帝，而上述其他王国都濒临大海。这是因为，从勃固到马六甲甚至暹罗，陆地向大海内伸出很远，并且两边越来越收缩，它的一边是勃固，另一边是马六甲，两者各占一边，在印度海上形成一大片陆地，上述各王国就位于这片陆地上。到这里就明白了，为甚么爪哇人或者所谓暹罗人在印度海对面有那么多王国，而这些王国又位于中国边缘，与中国为邻，因此与其做生意。寮国人或者所谓暹罗人这个王国在五十六年曾被蒲甘国征服；他们带到勃固的俘虏中有几个被寮国人俘获的中国人，这是一位叫若热·德·梅格的人告诉我的，他曾在前往勃固的航线上担任船长。但是，一般来说寮国人和中国人之间不会发生战争，因为两者之间有大山阻隔，中国人在与寮国和蒲甘相邻的广西省拥有重兵，其中一些往往就是用来保卫那些地区的；不过，这边或那边也常常有人越境抢掠，所以寮国人能有中国俘虏。在寮国人被蒲甘人征服之前，把一些很好的麝香和黄金带到了暹罗、高棉和勃固，说那里有很多这种东西；从这些人有麝香可以推测出，中国人有大量麝香，麝香取自麝鹿，在该王国边界地区的广西省有许多这种动物，他们就是从那里带来的，麝香就是这种据说与狐狸差不多的动物的肉和血；用棍棒把麝鹿打死，把皮和肉堆起来，腐烂变色后出售，葡萄牙人称之为麝颊囊；即使是新鲜的，看上去也像是腐烂的血肉；各部位都零卖，而这些颊囊是最好的麝香。现在回过头来谈论刚才说的内容，这是他们带到上述各王国的货物，带回去的则是布匹和其他需要的东西。这些人的皮肤呈浅黄褐色，脑袋下边一圈头发剃光，其余的往往向上挽起，仿佛当作帽子使用，因为他们头上不戴帽子；腰部以上和臂部以下全部赤裸，身体的中间部份用一色白棉布缠绕：女人们胸部至腿的上半部份不袒露在外；他们长得有点象中国人，和勃固人，暹罗人和高棉人一样相信异教；其偶像崇拜的神父们也像其他人一样缠着棉布，不过布是黄色的，还佩有黄色襟带，襟带的折摺和缝制方式表明他们的迷信；我去中国之前在高棉逗留了一年的时间，见过许多这样的人，但在我逗留的那一年中没有看到有人因为上面所说的被蒲甘人征服的战争来到高棉。寮国人在一条河上顺流而下来高棉，要用许多天的时间，那条河很大，据说象流入印度海的许多其他河一样，源头在中国；据我在很长一段河道根据经验估计，河水深在八、十五和二十英寻；它流经许多荒无人烟、灌木丛生、森林茂密的土地，那里有无数大象和许多水牛出没，在那一带我亲眼见过不少野水牛和鹿，这种鹿很像母骡，还有一种当地称为“巴达”的野兽，雄兽头上的角不尖，有的角带各种颜色的斑点，另一些则呈黑色或者蜡色，看来角没有甚么功能；除了大象之外没有比它更大的野兽了，它的鬃是金黄色的，蹄子如大象，头和牛一样，颈部有很大的一块下巴肉垂下来，在那里的时候我曾吃过这种下巴肉。那一带生长着一些象柠檬和橙子树似的带刺的树木，丛林中还有许多荆棘。这些寮国人返回家乡时要逆流而上，需要用三个月的时间才能到达。高棉土地上的这条河太雄伟了，值得说一说。流经离高棉的主要城

市春都木十二里格的一个地方时，这条河与源自高棉和暹罗之间一个大湖的另一条河相交，那个湖非常大，在湖中间朝四面望去看不到任何陆地；这条河也非常大，经过高棉的主要城市莱奇直到春都木；其水流的大部分在春都木附近汇入来自寮国的那条河，其余的往南直接入海；即使高棉的土地上冬天无雨也会洪水泛滥。从寮国流过来的那条河在这里被称为席斯托尔河，其汹涌的河水在春都木市前经过时汇入流经莱奇市的那条河，此时河水更加湍急，从莱奇奔腾直下，汇入许多支流，却造成部份河水倒流，使高棉所有土地被淹，所以洪水季节不能在陆地上行走，只能乘船；那里的房子都是高高的阁楼，洪水季节下面全部浸泡在水中，所以，房子下层的顶庄往往造得很高，以便在里边居住，不致弄湿衣物；这条河河水在七月至十二月上涨，从来自寮国的那条河——即席斯托尔河，这是该河本来的名字——的许多河水在莱奇汇入其中，流向大海，但在下游有许多河叉，由于水位高，也淹没一些地方，但不象上游那么严重。在莱奇，几个葡萄牙人带我去看农村的一堵土墙，他们站在上面告诉我，在洪水泛滥时期，一艘在陆地上造好的大船曾在这里经过，这种船是可以从印度航行到葡萄牙。依我看来，造成这一奇迹的原因是，这些河非常大，非常宽，所以，当海水非常活跃的时候，即由于涨潮海水冲击力极大，涌入这些河流的时候，莱奇河便由于其支流倒流而流倒，因为它的水流不象席斯托尔河那样汹涌；根据涨潮情况，从春都木往南流的两条河有时倒流强一些，有时弱一些。尽管我们说的这件事脱离了正题，但它太重要了，我觉得不能不谈一谈。现在言归正传。关于寮国，上面说的已经足够了，前面还谈到过与中国接壤的交趾支那；下面就是蒲甘了。蒲甘人口很多，黄金和宝石非常丰富，尤其是盛产红宝石。该王国的人高傲、勇敢；他们现在统治着勃固，是在征服寮国人之前几年征服勃固人的，他们皮肤呈红褐色，体格健壮，精神抖擞，在他们的印度海方向是勃固和孟加拉的一部分。这里食品缺乏，穿的衣服和我们说过的寮国人一样，也许布更好一些，许多人穿染花或绣花布；他们的脸也长得有些象中国人；他们在河上航行的船只非常华丽和优美，镶着金边；使用的容器用金银制成，木头房子雕梁画柱；这个王国非常大，一般来说不与中国人发生战争，因为一则两者之间有山脉阻隔，二则中国人那边有重兵防守；当然，难免有窃贼从这边或那边越界行劫，所以中国人有一些蒲甘俘虏，这是被囚禁在那一带的几个葡萄牙人告诉我的，他们在广西省见过那些蒲甘人囚徒并与之交谈过；蒲甘囚徒们说，当地离蒲甘不远，还说在勃固曾见过葡萄牙人。为了使这一章不至于太长，我们把这个内容的其余部分放到另外一章。



第四章

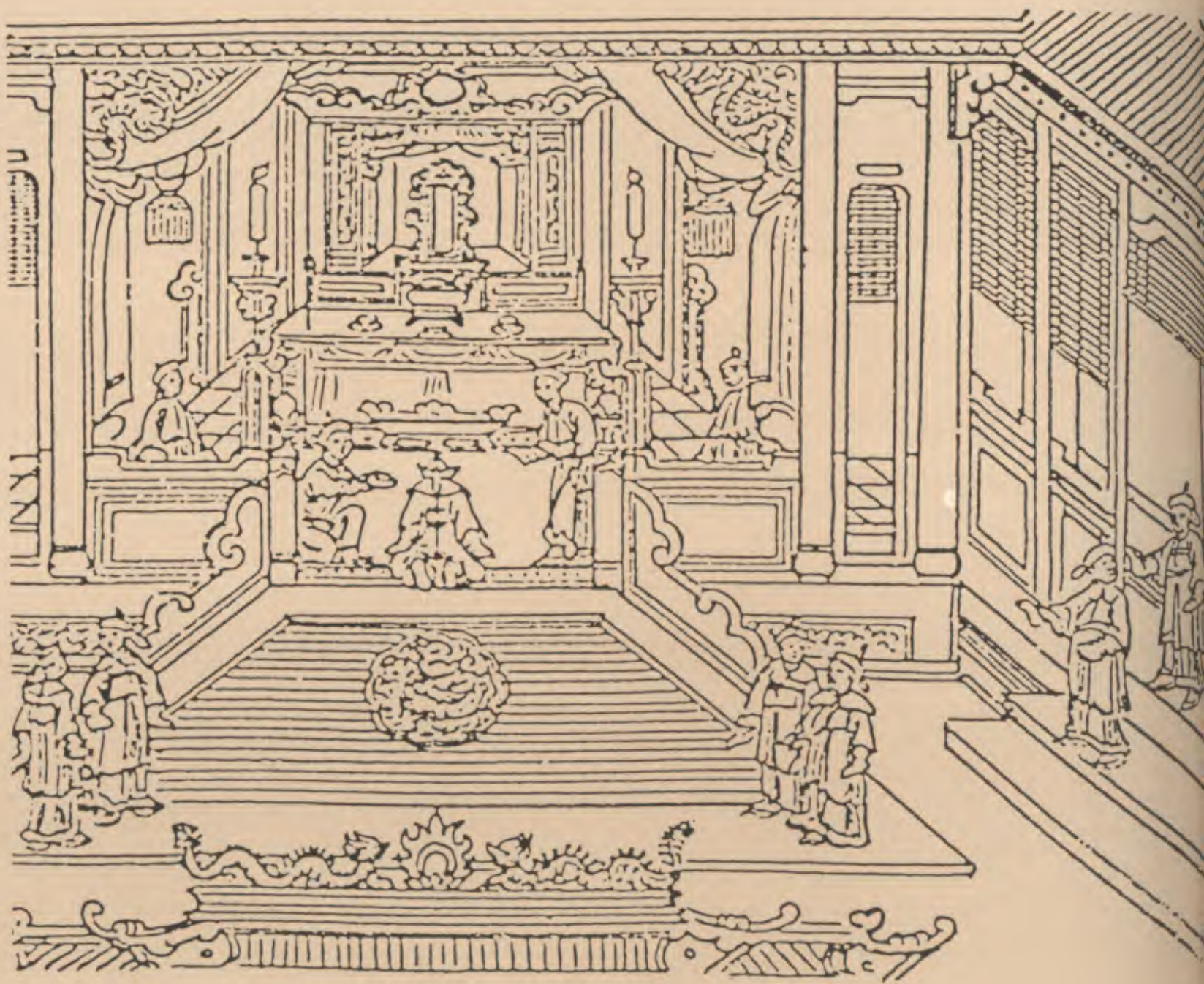
继续有关中国周边的内容

中国周边除蒲甘外还有帕坦人的王国，帕坦人现在统治着班加刺，隔印度海相对的是印度的其他部分和班加刺，还有古札拉德王国，有时他们也进入古札拉德王国，因为他们好战，善于骑马射箭，使用锋利的大刀，他们与莫卧儿人原属于同一个王国、同一代人，后来发生分裂，分为几个王国；他们的王国到了班加刺什至坎贝——一个在印度中间，另一个几乎在顶端——，坎贝王国与菲尼德相邻，而菲尼德是印度的起始之地或结束之地，以流经此地的菲尼德河得名；恒河流经班加刺，直至菲尼德，在后面围绕整个印度，所以从班加刺到菲尼德乘一种叫亚苏克雷的船，从菲尼德到霍尔木兹乘叫做维尼亚加的船，我住在那里时曾去过霍尔木兹。帕坦之后，在中国周边的便是莫卧儿人了，他们的王国非常大，人口无数；莫卧儿人非常好战，善于骑马，使用弓箭，身披甲冑；他们多次与坎贝作战，并多次进入该王国，现在统治着菲尼德和德里诸王国，其版图深入内地，直到坎贝边界。其王国的都城是大萨马坎达，地图上称为鞑靼首都；他们也属于西徐亚人，若泽弗在其《古代》一书第一卷中就是这样说的，他认为莫卧儿人是玛各人雅发·德·诺埃的后裔。他们是历史学家们非常器重的西徐亚人，即所谓西徐亚人中的玛萨杰塔人，据说从未被其他民族征服过；历史学家们曾描写过他们愚蠢地赶走了埃及国王维若因，还赶走过波斯国王达里约；他们杀死了西罗，此人也是波斯国王，还消灭了亚历山大大帝的统师西菲里约纳，三次用武力征服亚洲，在许多年里整个亚洲向其纳贡称臣；非常有名的统师达梅尔兰大帝就是他们的后裔，此人在亚洲取得多次胜利，以武力占领了许多地方；在一边，他们与波斯人接壤，现在与波斯人交往频繁，贸易活跃，他们当中每年有许多人带货物到霍尔木兹来，他们濒临里海，另一边与鞑靼人相邻；尽管希腊人称他们为西徐亚人，但在整个大亚细亚和小亚细亚仍然坚持用第一个名称，因为这个名称来自他们的祖先玛各。彼得拉扎在其报道中说西徐亚人是假基督教徒，生活在里海以远的地方，有许多人，他们必将来帮助假基督教徒们，我提到这一点是为了表明，他的看法与我曾说过的相符合。关于这些人必将来帮助假基督教徒这一点，圣徒热罗尼莫在讲述以法西经时同意一些人的意见，认为这些莫卧儿人过去曾深入中国内地，与中国人做买卖；说他们确曾到中国，下面我们还要谈到，他们当中许多人在那里被捕，分散到中国各地，另一些则死了，只留下其子孙们还活着；但是，在广西省——那个城市很大——，被捕的葡萄牙人曾遇到最早到那里的摩尔人，他年岁很大了。对葡萄牙人说他出生在离波斯不远的大萨马坎达。在广州市，我看见过一个他们的后代，还带着一个儿子，长得非常英俊。这些人身材高大，匀称，相貌堂堂，精神抖擞，并且大部份人皮肤很白，因为他们生活在圣城东北和北方的寒冷地带；除了这些莫卧儿人之外，中国边界还有鞑靼人，他们分布在从莫卧儿到第中海和塔纳斯河之间，是个非常大的王国，人口很多，多得数不清。一般来说他们的皮肤不是白色的，而是红色的，从

腰部以上一丝不挂，吃生肉，以动物的血涂抹身体，所以他们身上往往发出臭气，很是难闻。一位中国老翁告诉我，有时候他们侵入中国的土地，如果风从他们那边吹来，人们从气味上就能发现他们。他们前去打仗时都随身携带生肉作为食品，吃生肉并且把血涂在身上以使身体强壮，在战斗中更加残忍；他们也穿着甲冑，善于骑马射箭，不断与中国人作战；正如我已经说过的，中国人在他们和鞑靼人之间建起了几百里格（另一些人说更长）的墙，墙上一直有重兵把守，以阻止鞑靼人入侵。可以认为这些墙不是连绵不断的，而是建在某些山或者山脉之间，因为波斯一位先生对我说过，波斯某些地区也有类似的工程，这些工程就建在丘陵和山岭之间。在五十年被捕并关在监狱中的葡萄牙人说，中国人和鞑靼人曾有几年停战，在五十年鞑靼人曾一度大举入侵中国，并夺取了一座非常主要的城市；不过，许多中国人前去救援，包围了那座城市，只是靠武力攻不下来；后来由于一个下层人献计，才杀死了鞑靼的人马，重新夺回该城。那些葡萄牙人在获释后说，鞑靼人入侵时监狱里的囚徒们曾兴高彩烈，大事庆祝，指望鞑靼人占领中国之后可以获得释放。

在广州市，我看到过许多被俘获的鞑靼人，他们不再是囚徒，而是在远离鞑靼的地区当兵，头戴红色帽子作为徽记，衣服则与和他们一起生活的中国人一模一样；可以肯定，中国国王供给他们生活必需品，他们也肯定会报答国王。中国人称呼鞑靼人时不叫“Tartaro”，而叫“Tato”，因为他们发不出“R”这个卷舌音。在海以北，即塔纳河发源之处，就是上德国的边缘，已经属于欧洲了。中国与德国之间以山脉为界；中国人说，山脉那边的人当中有许多人为中国国王当雇佣兵，为他守卫关隘和与鞑靼那边之间的大墙，还说这些人身材高大，留着大胡子，身穿短裤，头戴圆帽，使用大刀，一位被俘获到内地去的葡萄牙人告诉我，他听中国人说称那些雇佣兵为德国人；有些人认为，中国的版图更加往北，一直到上俄罗斯，还属于西徐亚，因为有两个俄罗斯，一个位于波兰和德国之间，另一个靠近更北方，与德国相邻；说中国一直延伸到德国不会不确实，因为前面已经说过，很明显，中国占有西徐亚的大部份，即包括伊斯茂山内外一带。说这些已位于欧洲的俄国人是西徐亚人没有甚么太不合适之处；既然如此，既然在此之前我们刚刚说的是正确的，那么我们在第二章中所说的塔纳斯河的情况就显然是正确的，这一切清楚地表明，正如我们上面提到的雅各布·菲利波所说的，中国管理着整个亚细亚洲。以上所述表明，中国的版图到了亚细亚洲的极端，因为印度的一边是它的一部分，在欧洲方面到了亚细亚洲的尽头。此外，怎相信从中国一端走到另一端的人们所说的，所有中国人是一个整体呢。又怎能相信倭人们的祖先所说的，中国人到达了西徐亚的边缘呢。倭人是西亚人，生活在西徐亚一端，他们非常矮小，曾为争夺黄金与鹰狮搏斗，这是神话里说的，还有其他一些神话，比如，说印度有些人嘴非常小，吃在木桶里捣碎的食物，说另一些人一只脚很大，拾到头上能当伞用。过去人们曾说过这类事，但葡萄牙人发现印度之后就成了神话。实际上印度人吃的是稻米，他们所有的嘴都跟其他人一样。实际上马拉

巴尔的贵族种姓的人——即所谓帕尼卡依人——有一条腿很粗，不过也只是腿粗而已，并非脚大得能为脑袋遮荫。所以，应当把这些事和倭人的事看作神话，认为上面所说的一切都是猜测，但从中足以使人们能猜测出中国国王是多么了不起，中国的土地有多么辽阔。



第五章

中国的省份

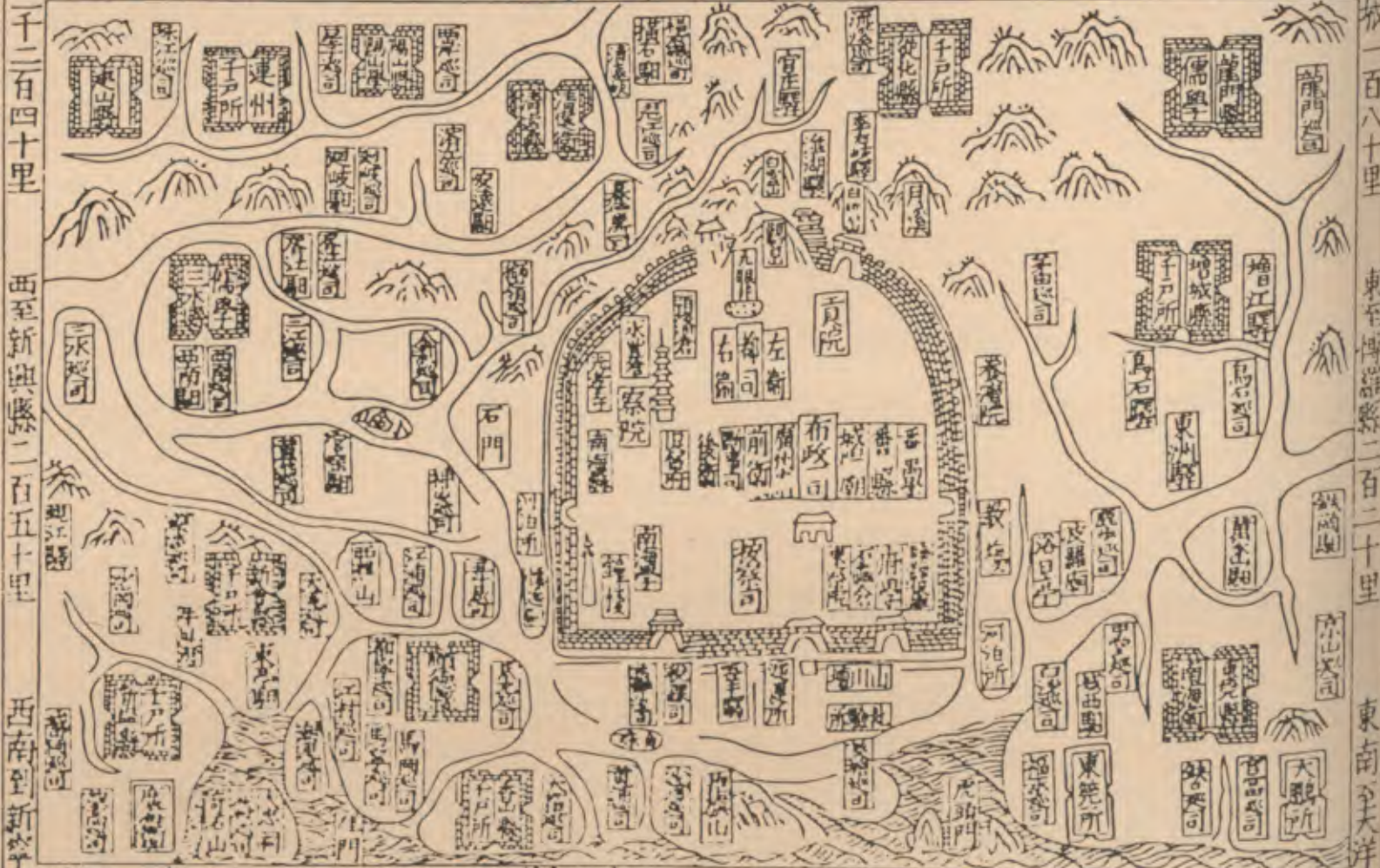
当地人一般说中国有十三个省份，每个省都有一个人口很多、建筑宏伟的大城市作为省会。靠近印度一边的第一个省是广东，这个省的省会是广州，省会以省名为名。该省连同省会共有十一座城市，还有八十一个有围墙的镇，在其他地区每一个这样的镇都能算做城市，因为非常宏伟，人口很多。没有围墙的村庄（其中许多非常之大）更是数不胜数，因为这一带人口非常稠密。另一个省份称为广西，比广东省要大得多，其省会城市叫广西。这个省有十七座城市，有围墙的镇很多，没有围墙的村镇也很多。由于广西比广东面积大，所以其村镇的发展也快很多。还有一个省份称为福建，其省会叫做福州。该省有十座城市，都很大，很宏伟，因为福建是最大和最有地位的省份之一，有大量的带围墙的镇，没有围墙的村镇不计其数。该省比广东和广西大得多，这一点很明显，因为福建省单独有一位总督，而广东和广西两省才有一位总督。从另一方面也可以看出其辽阔，即广东省包括海南岛，该岛本身就可以成为一个王国，因为人口很多，很稠密，岛的直线长五十里格，沿海岸线的长度就会更长了，而广东是最少的省份或者最小的之一，而福建是最大的省份之一，其大小就可想而知了。漳州就位于这个省，葡萄牙人过去曾在这里做过生意。另一个省称为浙江，葡萄牙人过去曾在这里做过生意。另一个省称为浙江，省会是宁波，葡萄牙人过去曾在这个大城市做过生意，现在一切都转移到广州去了。再一个省叫作江苏，省会是北京，国王一般就住在这座大城市里。这个省有十七座大城市，其规模和雄伟都大大超过其他省份。据说北京城太大了，一个人骑马不拐弯穿过它需要从太阳初升走到太阳落山，因为北京的街道都是直的，要通过一座座门；这还仅仅是城墙以内，加上郊区就更大了。另一个省份称为直隶，省会是叫做南京的大城市，这个省有十六座城市，从前国王在南京住过，因为这里土地肥沃，气候凉爽宜人，后来王室迁往北京，为的是就近增援对鞑靼人的战争。以前这个省与浙江曾是一个王国，从这里逐渐占领其他省份，把中国统一成了一个王国。人们说这座城市与北京一样大；为了纪念国王过去曾在这座城市住过，在布政使——即本省财政监察官——的宅院里有一块金匾，上面写着在位国王的名字，上面用华丽的布盖住；管理这个省的主要官员只要在本市居住，就必须每天前去朝拜，就象国王本人在那里一样；每到中国人的节日，——主要是在所有新月之日——都把这块金匾的盖布揭开。在各省布政使的宅院里都有一块这样的匾，但除了节日揭开盖布之外平日里官员们不去朝拜；由此可以看出这里的国王们是多么受崇拜。另一个省份称为山西，省会也叫山西。该省有十三座城市，仅出产瓷器，因为离宁波不远，所以宁波出售许多很好的瓷器，并且价钱便宜，葡萄牙人当年买瓷器就是在宁波。另一个省份称为贵州，有十一座城市。另一个省份称为福江，另一个称为江西，另一个是湖南，另一个是四川，这些省份各有多少城市尚不清楚。

廣州府輿地圖

北至英德縣五十五里

北至英德縣五十五里

北至英德縣五十五里



西至新興縣一百五十里

西至新興縣一百五十里

西南到新寧

東至博羅縣二百二十里

東至博羅縣二百二十里

東南至大洋

南至香山縣二百四十里

南至香山縣二百四十里

南至香山縣二百四十里

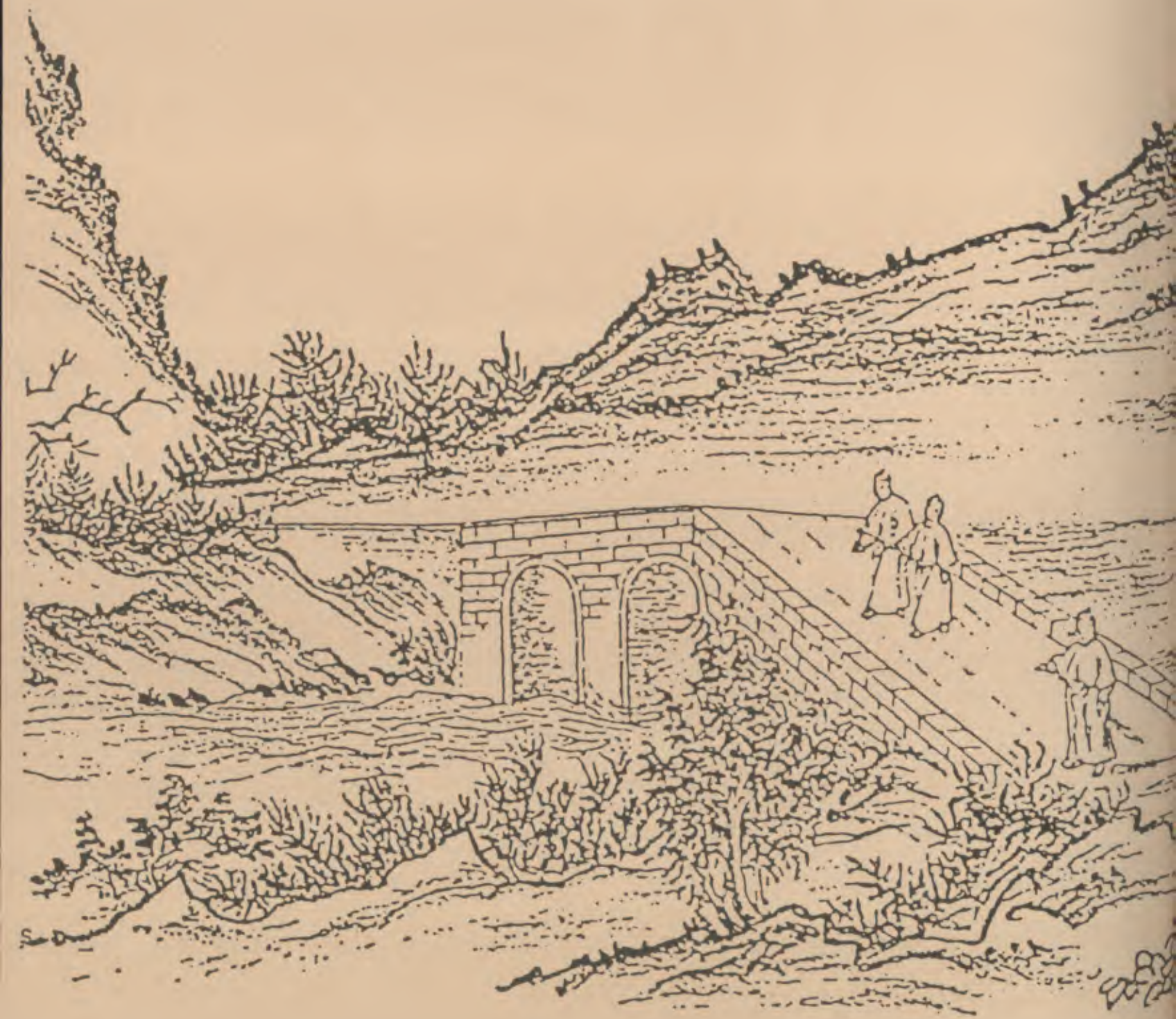
第六章

特别谈谈广州市

谈到广州这座城市，我必须首先告诉读者，广州虽然比许多城市人口众多，但在中国所有雄伟的城市当中却是许多不太雄伟的之一，在建筑物方面也非常一般；所有到过广州和在内地旅行过的人都是这样说的。得知这一点之后还应当了解，广州的城墙很坚固，建得很好，高度也不低，据中国人说是一千八百年前建造的，但看上去象新的一样；城墙还很整齐，既没有窟窿也没有裂缝，没有任何要坍塌的迹象，其原因是下面是石头砖垒的，一人多高，上面是用土制的砖头，这种砖头几乎和瓷器一样，非常坚硬，我在马六甲建造了一个小教堂，用的就是这种砖（从中国运去的），只有很好的尖头镐才能打碎。除此之外，像其他城市一样，广州有一位国王任命的官员，他唯一的任务就是照看城墙，薪俸非常丰厚。地区法官每年巡查本省时都要会见各位官员，包括该官员在内，以了解他是否忠于职守，政绩如何。如果发现他有什么过错或者渎职之处，便将其撤职查办。如果他需要修理城墙的开支，那么布政使就必须向他提供必要的经费，否则，如果因为缺少经费不能修理，他就要被查办。因此，一般来说，所有城市的城墙都得到非常精心的维护，保持非常完整。城墙一般比该城一层房屋稍高一些，所以城里通风非常好。城墙周长一万二千三百五十步，上面有八十三座堡垒。到过广州的一些葡萄牙人曾说其城墙与里斯本的城墙大小一样，另一些人则认为更大一些。前者所说周长的步数和堡垒数是仔细丈量 and 数出来的，后者是根据堡垒之间的距离估算出来的，但堡垒之间距离并不完全相等，有的大一些，有的小一些。所以一种算法绝不可能准确。和其他城市一样，广州几乎建在围栏之中，一面临河，另几面有宽宽的护城河环绕，护城河和城墙之间有不小的距离，可供人们并排奔跑，挖护城河取出的泥土就垫在护城河和城墙之间，所以城墙墙基比平地高得多。除护城河之外，临河的那边城墙与河之间垒起一座不论不类的土墙，在上边能看到城墙之内的一切。城四周有七座城门，座座都非常高大、雄伟，建造得非常精致、坚固，上面有雉堞，雉堞不呈正方形，而是台阶式。城墙的其他部份没有雉堞，城门入口处的城墙厚十二步，各扇门都从上到下包以铁皮，每座城门前都有一个非常坚固的吊桥，吊桥总是吊起，不到必要时绝不放下来；所有城门的入口都有护墙，沿河的土墙那面的护墙的每个入口有三个门，一个正门和两个旁门，旁门供沿城墙各街道人等出入，护墙几乎和里边的城墙一样高，护墙的正门也和里边的城墙门一样，同样有吊桥，只是门比较小一些。临田野的那边的护墙出入口只有一个门，并且不正对着城墙的门；城里的街道条条笔直，没有任何变曲之处，有些主要街道比里斯本的铁匠新街还宽；所有的胡同都象街道一样笔直，没有一条弯曲的街道或胡同；所有街道和胡同的地面都铺砌得很好，两边房屋很高，水在路中间泄下；主要街道上有漂亮而又高大的过街牌楼，使街道显得加美丽，城市显得更加雄伟；主要街道两边的房屋有屋檐遮挡，屋檐和凯旋门下各种货物出售；当地统治者的房屋的大门非常壮观，

屋檐高大，以砖瓦巧加装饰，正门像城门一样大，门前矗立着两个手持守棍棒的巨人；在一座塔（塔即偶像崇拜的庙宇）中，我看到过四尊如同真人一样的塑像，据一些人说是为国王把守鞑靼边境险关的人，个个膀大腰圆，大概有十二三拃高；宅院大门临街，有个不大的迎宾场，门前有堵不高不矮的墙，大门开着的时候路上过往人等不至于看见门里边；除非有司法文书送达，此门不用，也不打开；不过家中的主要人物或象他们一样有身份或比他们身份更高的人从此门出入；这个正门旁边有另外一个门，也很大，但比正门小些，用于办事人出入，正门关闭时供家中要人出入；两个门之间贴着一张纸，上面有一家之主的签名，在正门关闭时必须由管家拿来一块写有同样签名的油漆木牌交给看门人才能打开正门，不见木牌不得开门，否则会受到严厉惩处。进门之后是个很大的院子，几乎是正方形的，跟跑马场差不多，中间是一条比门稍窄一点的通道从正门直通院子尽头的一个非常大的平台，平台完全由方块石铺成，两旁的扶手的高度到人的腰部，上了平台之后便是厅门了，从平台到厅门只须上一层台阶；通道两旁的院子较低，有台阶供人们上下；中间这条通道极为神怪，除了家长和家一样有身份或身份更高的人之外任何人不得行走；那些前去与管家商讨事情的人进大门之后必须立即转弯下台阶到院子里；院子里有许多大树遮荫；院子非常大，走到尽头以后才能沿台阶走上前面提到的平台，平台那边有一层同样宽的台阶，上了台阶再往里边是一个非常大的廊檐，廊檐和外边的平台一样由方石建造，很高，饰以石雕艺术品，廊檐下面中间靠墙的地方放着两把椅子，每把椅子前面有一张桌子，两桌子保持一定距离；其中一把椅子，即左边的那一把，供一家之长使用；右边那一张空着，供前来造访的比家长身份更高的人坐。家长的坐位后面摆放着两排椅子，每排五把，每把椅子前面有一张桌子，这些桌椅与家长保持适当距离，家长转过身一眼就能看到他们。坐在这里的是家长处理重要事务的十位助手；廊檐里边是许多非常大的卧室，有家长的卧室，助手们的以及管家和听差的住处，此类人非常多，这一点下面我们还要谈到。院子的每一边都有很大的牢狱和大住房，还有狱卒（他们也很有权势）以及日夜巡逻的哨兵们的住处；不过，这些监牢和管家的房屋以及家庭主要人物的住处均不暴露在外，因为处处有关闭的大门遮挡，而且往往由看门人把守。广州有四所这种宅院分别供四位主要官员居住；每个省的省会都有五座这种宅院，但在广州只有四座，因为广东总督同时也是广西总督，不住在广州，而是两省交界之处的一座城市，为的是更便于处理两省事务。在广东，除了主要官员的这些主要宅院之外，还有许多虽说不如前者雄伟但也非常大的宅院，属于地位低一些的官员，尤其是监狱长的宅院，非常之大。在广州临河的城墙上有一座非常高的塔楼，后面门窗紧闭，为的是从我们提到的城墙外土墙上看不到在塔楼内的人；塔楼沿城墙而建，所以长且窄，一面是非常雅致的阳台，从阳台上可以俯瞰全城，眺望河那边的稻田和原野，是统治者门消遣的地方。其他城市也有这种用于消遣的建筑物，有很多，都很雅致，还有一些样式别致。普通人家的房子从外表看一般不够漂亮，但里边非常值得一看，因为大都是乳白色的，像是贴了

一层光纸，方石铺地；墙下边一抔左右染成深红色或者近乎黑色，所有的木头都非常光滑，有的经过涂色，有的是原木白色，有一种原木白色太漂亮了，看上去赏心悦目，近乎闪金的花缎，若要涂色，那简直是对它的污辱。我真心实意地承认，从来没有见过那么漂亮的木头；有的院落进门后便是一个院子，院子里种着一棵棵矮小的紫盆花，令人陶醉，还有一个非常漂亮的小池塘。有的宅院一进门便是女人的住室；有的屋檐伸向院内，院子里有修剪得非常整齐的草坪，像给院落铺上了一层锦缎，草坪上的神龛里供奉着木雕或泥塑的神像，神龛因各人的财力而异，有的精致一些，有的粗糙一些；所有房屋都以瓦铺顶，瓦非常好，比我们的更好，也更结实，因为不仅做得好，而且制瓦的土质也非常好；承雨水的瓦宽而短，封住屋顶上面的则窄一些，临街一边的瓦涂一层石灰釉，很是雅致；这些瓦多年无须更换，因为土质非常好，不像我们的瓦那样粗糙而且多孔，而是非常平滑，由于铺设得当而绝不易弄脏。许多院落里边非常漂亮；阁楼很少，大部份是平房。城市中心有一座偶像神庙，神庙的塔顶很高，其围墙下边我们再谈；还有一座带高高的尖顶的清真寺；城市郊区非常大，住户很多，有些葡萄牙人曾认为与里斯本郊区不相上下，但我和一些人则觉得，虽然比城墙之内的市区要大，住户也很多，但比里斯本的郊区要小一些。本城人口非常多，人太多了，甚至临河的城门口拥挤不堪，无法通过，进进出出的人们往往要大声吼叫，让其他人为负重载者让路，一片噪染声；城市的统治者曾下令调查全市每天消耗多少食品，结果发现仅猪肉一项就需要五六千头，此外，许多人吃牛肉或着水牛肉，还有大量的鸡和鱼，广场和街道上到处都有出售；青蛙和海产品也很多，还有各种水果和蔬菜。从这里大致可以看出广州人的情况，判断是否能与里斯本相比。郊区的民房和城内的一样，形成和城内一样笔直的街道，大部分以碎石铺设路面，有些还很宽，有过街牌楼，但比较少。城内和城外的一些街道两旁沿房屋栽种了树木遮荫。所有郊区街道的两端都有大门，大门必定有看门人，他们的一个特殊任务是每天晚上把大门关好，如有疏忽就会受到严励惩处；每条街都有法警兼狱卒，如有乘夜晚为非作歹的坏人，要么将其关押，要么对其处以罚款，因此，所有街道整夜都有人警戒，他们分为四组，每夜分六段轮流；使他们保持警觉的信号是每条街都敲鼓，一个大灯笼通宵亮着。傍晚时分所有城门统统关闭，两扇门之间贴封条封住，代表守门总队长，太阳出升时必须由该总队长以在一块油漆木板上的签名为号传下命令才能开门。每座城市都有一名队长，此人诚实可信，手下有几名士兵，士兵日夜守卫城门。关于广州的其他可谈之处，后面谈中国一般情况时涉及某些个别地点时再说。



第七章

内地的一些建筑物

我已经说过，中国的许多城市比广州更加雄伟，在许多方面都在广州之上，在城门到城墙顶上有用石头或非常坚固的砖建造的阳台，阳台的确建得相当精致，顶上有塔尖，一切都显得极为优雅，把城市装扮得更加壮丽。许多城市的城墙非常宽，上面可以三四个人并肩而行，有的部份还有细砖铺地；城墙上都有带顶蓬的凉台，所有堡垒也都有高高的带尖顶的凉台，这一切都建得非常精致优雅，统治者们常常去那里消遣。城墙顶蓬和凉台内均可供人居住。我们已经说过，福州是福建省省会，在福州市，布政使门前的塔楼非常值得一看；塔楼建在四十根柱子之上，每根柱子由同一块石料雕成，呈八边形，围长十二拃，高大概在四十拃左右，因为葡萄牙人无法丈量其高度，不过他们认为可能有那样高，上面与极大极粗的横梁以榫头相接，上面是一座非常高又非常漂亮的塔楼，塔楼完全由一个个做工精细、形式优雅的凉台构成，不过这件作品丝毫无需赞叹，因为在整个中国类似的建筑太多了；这座塔楼值得一提之处在于其根基，因为那么多非常粗的柱子完全一样，每根都由同一块石料雕成，堪称神奇。在许多主要城市里，尤其是当地统治者下船的码头到布政使的宅院的路上，街道都非常雄伟、非常宽阔，可以容得下十个或十五个人骑马并行，街道旁边有很好的屋檐遮盖，很多商人在那里出售各种各样的商品，出售很多水果和其他东西，各个城市所有较宽的主要街道两旁都有这种屋檐，其用途我们已经谈过了。雄伟的城市中王室的或主要的街道上都有许多非常华丽的过街牌楼，但广州的这种牌楼不多，也不够华丽。各雄伟的城市中这些牌楼都非常华丽、非常雅致并且精雕细刻，致使葡萄牙人（他们是被俘获后带到内地的）认为，每座牌楼的造价需三千克鲁扎多；还有，这些牌楼建在八根又粗又长的木支柱之上，三个拱门横贯街道，中间的拱门较宽，两边的较窄，木支柱每两根为一组。上面是极为别致优雅的木制建筑物，顶部覆以非常漂亮的瓷瓦，显得非常雅致，非常美丽，这些牌楼的宽度和式样使许多人能在下面避雨和遮阳；并且下面能出售各种水果、玩具和许多其他东西。尽管在一些地方牌楼以木柱为基，但也有些地方完全用石头修造，并且是优质石头，雕工精细。这些牌楼使城市显得更加雄伟、高雅和美丽。每当新官员来本地上任，或者中国人庆祝共同节日的时候，他们便搭起绸缎牌楼；节日庆祝活动主要在晚上进行，届时在牌楼上挂起许多灯笼；他们用绸缎做的灯笼非常大，上面绘有图画，很雅致，里边点上油灯后更是好看。夜晚，以绸缎包裹的牌楼与灯笼交相辉映，非常美丽，非常悦目。这些牌楼是主要官员下令建造的，为的让人们永远记住他们，所以上面写上官员的名讳；象治国安邦之道和统治一个地区的法律、在高高的桌子上吃饭等类似事情一样，这种留下永久纪念的发明似乎是从罗马人那里剽窃来的，因为亚洲没有任何人懂得这些，所以说，奥维德被流放到西徐亚时好像来到了塔纳斯河一带人们中间，使这些人学会了这种政治生活和习俗，因为他在“悲歌”中就这样说过；被流放到西徐亚，我在这

些野蛮人当中收获不小，因为我使他们生活在罗马人的法制之中。几乎所有的城市都沿河而建。如果所临河流不是水大浪急，这些城市便在河上建造非常雄伟、非常精致的石桥；桥墩呈拱形，很高，墩基很深，上面用很大很厚的一块块石板连接；葡萄牙人丈量过那些石版的长度，认为一些十一步，另一些十二步；这些桥很宽，由于河很宽所以也很长。葡萄牙人数过一座桥一边的桥墩，一共四十九个；由于不是拱形，所有桥墩都直线排列，所以能一览无余；两边入口和栏杆都雕砌得很漂亮，这些桥是城市的主要市场，出售各种食品；中国一个令人惊异的现象是在全中国人烟稀少的地方也有许多座桥，这些桥的造价和工程不亚于城市附近的桥梁，两者都造价高昂，建造得很好。在水急浪大的河流旁边的某些城市里，石桥难以承受洪水，于是就用船造木浮桥，木浮桥分为两排，每排都用粗铁链连接，两端固定在造得极好又很漂亮的木制支撑物上。葡萄牙人曾数过一座这样的桥的船，一共有百一十二只；这些桥上也成了城市的主要市场，出售各种物品，主要是食品，许多船运载着食品停在桥的两边出售带来的东西。到了冬天，河水喘急，人们便把浮桥拆掉，一排船停靠在河的一边，另一排停靠在另一边，此时这些船便做渡船使用；统治者必须把这些船只作为城市服务设施，以国王的公共收入向其支付渡船费用。中国许多地方有不少这种桥。在一些城市里，几乎每条街道都是河，街的这一边和那一边之间由石板桥相通，供人们共同使用；所有街道都有几座造得很好并且很美观的桥，人们可以从桥上通行。街中间船只来来往往，在河水流进城市的地方，城墙上开一个大门，大门上有坚固的铁栅栏门，以便夜里关上。内地的大部份道路都铺着石砖，铺得很好，关于没有石砖的道路的情况我们在第六章已经说过。所有山峦和山丘上有路的地方，都用尖头镐开辟道路。有必要的地方还铺上石砖。这是中国一项很有用的工程，在中国非常普遍。在与蒲甘和寮国交界的山峦上开出了台阶，台阶开得非常好，山顶上精心开出一块平地，上边有一个非常高的塔，塔与最高的山一样高，并且很坚固，人们曾丈量过塔门处的墙，其厚度为六英寻半。那一带有许多这样的工程，大概其他地方也有。在没有建造城墙的地方也有一些富有农家的住宅，从远处望去（掩映在郁郁葱葱的树木之中，似乎没有其他住宅），看起来像葡萄牙的庄园一样，既高大又雄伟。在许多地方都能看到这种住宅，表面上好像无人居住，但走近之后就会发现地方很大，有不少邻居，街道一般来说比较窄，但排列得井然有序。这些房子很高，有三四个阁楼；屋顶是看不到的，因为墙壁一直垒到高处，非常好看。雨水通过管子排出；这些住宅非常坚固，有很雄伟的石头大门，一进大门便是坚实的高墙围起的前院。宅院如此坚固并且带有前院，这是因为，在这些没有城墙的地方常常有成群的盗贼出没，而住在里边的人又很富有，所以把住宅建成这样，住在里面安全可靠，保护其家人不受盗贼侵袭。走进第一个这样的宅院（很大的宅院），就能发现有一些做得非常好的壁柜，这与其说是为了显得优雅不如说是为了坚固；另外还有一些带靠背的椅子，用非常坚固的木头制成；这样，他们便得以把财产保存完好，越积越多，留给子孙。

第八章

在皇家血统的人的豪华住宅以及雄伟的城市统治者们的住宅。

前面已经说过。广州市统治者们的宅院多么雄伟，我们还说过，在各个雄伟的城市当中广州是最少的之一。所以，许多城市比广州雄伟，这些城市比广州雄伟多少，其统治者的住宅也就在多大程度上比广州的统治者的住宅更雄伟。在雄伟的城市统治者们的住宅，进得门来首先看到的是有两个很宽很长的院子，这些院子有郁郁葱葱的花园，种着许多果树，中间是高高的通道供统治者行走，通道和花园之间的地方供前来商谈事务的人和家中办事的人行走；这些住宅中一般有许多很大的房间，供统治者及其助手居住，还有很大的监牢和供狱卒及警卫人员居住的房间；住宅里还有很大的菜园和池塘，池塘中养很多鱼，主要是为了吃而不是为了观赏。每个这样的宅院的房子都围成一圈，像一座名副其实的村镇一样。我们已经说过，广西省是广西省的省会，那里有一千座由国王的亲戚居住的宅院。这些宅院都很大，在雄伟和漂亮方面均大大超过当地统治者们的宅院，以红色的围墙和大门为标志；据到过那里的人说，几座这样的宫殿式院是名叫万福玲的女人的亲戚的住宅，这女人是国王的妻子。宅院有很大的围墙，像一个村镇一样，呈正方形，四座大门分别向着四条主要街道，大门建得非常好，非常威风，大门上有高高的门楼，门楼上有非常雅致的凉台；围墙内的花园很大，一片葱郁，有许多果树和很大的池塘，池塘里养着许多鱼。既为观赏又供家里人食用。宅院内的花坛里种着粗茎菊、石竹花和芳香草类，还有放养着许多鹿和野猪的丛林，所以在大门以内便能进行种种消遣活动，因为主人地位显赫，绝不能外出，王国的法律就是这样规定的，国王想以此保证王国的安全，使有王家血统的人没有机会造反。城市的统治者必须一年当中的所有节日里前去访问和参拜。国王的其他亲戚有时可以到城内走走，但绝然不得到城墙以外，否则会立即被逮捕并处以极刑，决不宽恕。这些人在广西的住宅也是如此，因为广西是王国的边陲，在这种地方国王的亲戚们即便想强大起来也不可能，因为国王规定了这些预防措施，使王国内任何人都不能造反。在全中国，没有任何人拥有爵位，因为国王的这些亲戚，即有王室血统的人，一旦结婚就得到住宅赋闲，国王根据血缘关系的远近为他们举行婚礼，向他们提供管家人和陪伴其妻子的女人；向其家人，包括本人及其妻子，提供非常丰厚的收益，从国王的公共收入中拨出，每月必定支付，用这种方法对有王室血统的人进行管理，提供俸禄，绝不拖欠。当地的统治者们是王国的骨干，每人根据其资格和职务得到俸禄，使他们绝不缺少任何东西，但也不让他们剩余太多而足以强大起来；至于产业，要么由于留给了兄弟们而一无所有，要么只有很少一些，不能使其实力雄厚，况且他们都讲究吃喝，生活奢侈，花钱如流水，所以往往难以供养其众多的听差。通过这些途径统治各地区，使这些地区不可能有人造反。这些与王室有血缘关系的人的宅院一般都很大，非常雄伟，有很高的围墙，里边有池塘、菜地和郁郁葱葱的树木。因为不能出城，可以在宅院内进行各种消遣活动；当地统治

者经过这些贵族门口时，不论乘马还是坐轿，都必须下来步行以示尊敬，过了大门之后才重新上马或上轿；由管家陪同出行时，管家们习惯于叫喊着开道，但路过这里时却鸦雀无声。有个值得可信赖的贵族名叫加里奥特·佩雷拉，是亚拉伊奥洛斯修道院院长的兄弟，被捕后曾在广西囚禁过一段时间，他告诉我，国王这些亲戚的宅院非常多，个个都很大，而广西市也非常大，使人感到这些宅院占整个城市的很小一部分，很不引人注目。他在一本游记里就是这样写的，我这里讲的很多东西取材于他那本游记。也就是说，城市之大掩盖了这些宅院之大。这是此人亲眼所见，他似乎不会撒谎；所以，人们常说北京和南京大到骑马在城墙以内穿行一次要从太阳出升走到太阳落山，这似乎真实可信，因为北京和南京是王室所在地，是全中国最主要的城市。一般来说，这些与王室有血缘关系的人都是音乐家，崇尚弹琴，由于很少活动并且生活很好，所以往往非常肥胖；他们个个衣着非常整齐，令人喜欢，善于交谈，头脑清楚，非常客气，受到过良好的教育。葡萄牙人出狱获得一些自由之后，从他们那里得到照料和恩惠比从任何人那里得到的都多。他们把葡萄牙人带到家里，和他们一起吃喝；如果葡萄牙人拒绝前往或者找不到葡萄牙人，他们便把先前伺候葡萄牙人，与其一起被捕或被释放后没有依靠的佣人接去，对这些佣人象对其主人一样敬重。这里应当指出，此地政府极为重视并竭尽全力保持安宁，消除一切导致出现暴动的条件；所以许多年来中国政权牢固，局势平稳，没有发生内战。





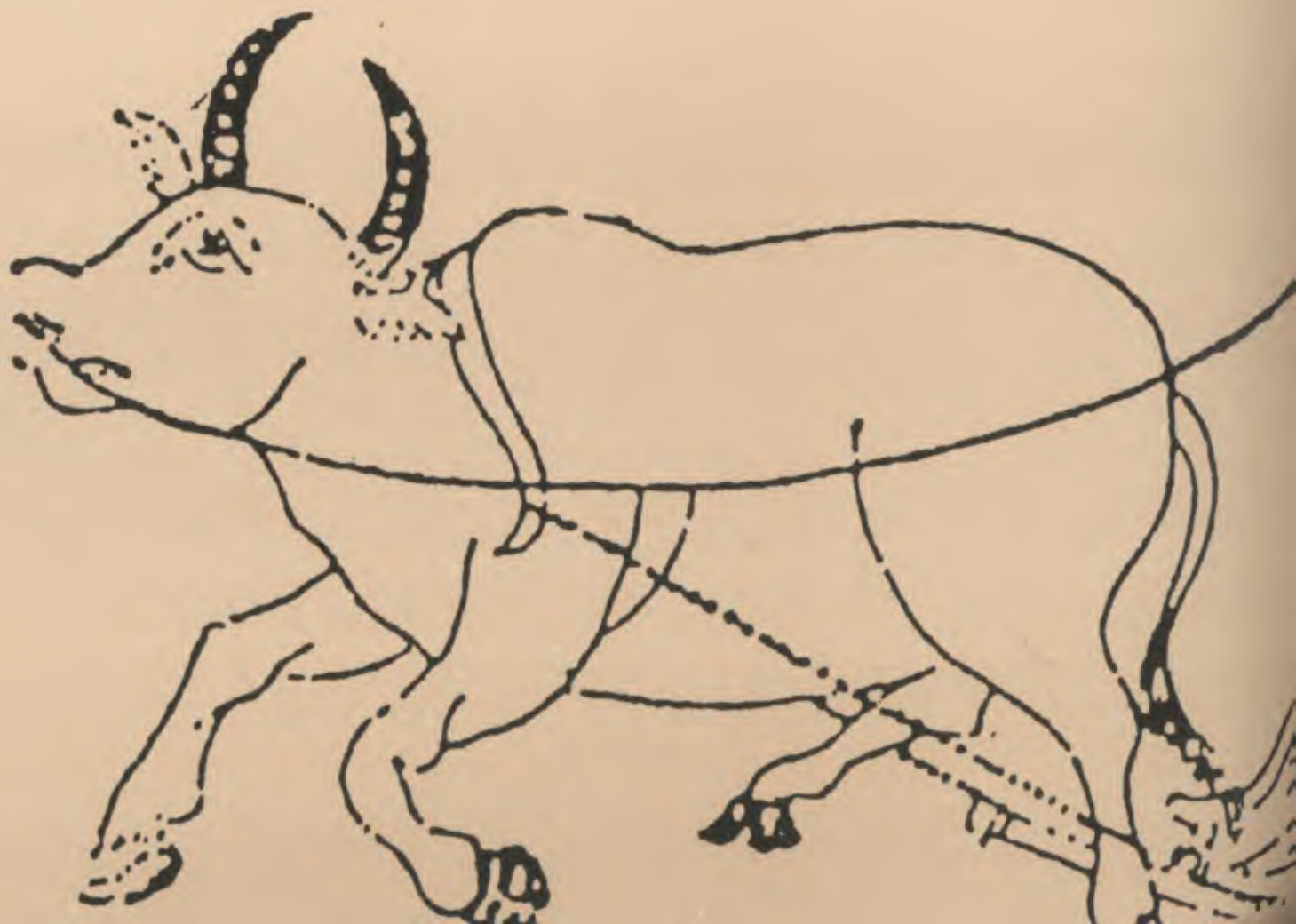
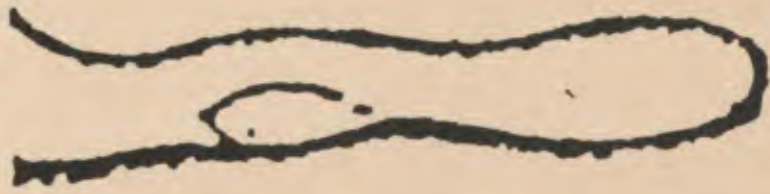
第九章

当地的船只

由于这里有大量木材并且价钱低廉，生产大量优质铁并且价格低廉，所以有无数大大小小的船只；因为到处都有数不清的松树和其他树木，因此任何人，即使是不太富裕的人，都不难制造和拥有船只，这就大大满足了他们和他们这片土地的需要，使他们增加收益，因为这里的沿岸有大量岛屿，而且有很长的海岸线可供航行；此外，整个中国内地到处河网交错，不仅可以航行，而且有利灌溉，有些河流非常大。这样，直到王国的边缘都可以航行，可以乘船到王国的尽头。沿海的任何兵头都能在很短的时间内召集所需要的二百、三百甚至一千艘船舶进行战斗。沿河任何无名的小地方都聚集着大大小小的船只。沿广州市的半里格多的河面上成群结队的船只多得令人惊异，更令人惊异的是这些船只几乎全年均不见减少，因为某一天三十艘、四十艘或者一百艘船开走了，另外同样数目的船又开进来了；我说从来不见减少是因为，尽管有时候少一些有时候多一些，但那成群结队的船只总是让人眼花缭乱；更令人眼花缭乱的是，所有船只进来时都载满货物，出去的船只也都载满货物，不停地带来货物和运走货物，这充分表明此地多么繁华，多么富足，因为所有这些船只运来的大量布匹、绸缎、食品和其他货物中，有些将销往内地，有些从内地运来，没有任何货物来自中国以外；没有任何货物销往中国以外，至于葡萄牙人运走的货物和暹罗人运走的一些，与当地大量的交易相比就太少了，几乎等于没有，可以略去不计；除了葡萄牙人和暹罗人运走的一些货物外再没有任何货物出口；货物太多了，出口的那一点仿佛不能减少一丝一毫，只不过五六艘大黑船运出绸缎和瓷器；所以当地物品充裕、丰富，完全可以自给自足；葡萄牙人运走的主要是胡椒和象牙，没有这些东西人们照样可以生活；内地所有城市的商品交易和此地一样，因为我已经说过，几乎所有的城市都建在临河的地方。中国人常说的一句话足以表明其王国的繁华；中国的国王可以用船连接成一座从中国到马六甲的桥梁；两地之间的距离近五百里格，虽说看来不可能，但这是一个比喻，说明中国多么强大，拥有大量船只。最大的船是一种中国式帆船，叫做“容科”船。“容科”船用于作战，样子像大黑船一样，船头和船尾都有高高的船楼供战斗时使用，以便居高临下地对付敌人；因为他们不使用火炮，所以往往许多船一起到达，把敌船团团围住，与其相撞；在头一个回合他们抛出大量石灰，把对手的眼睛弄瞎，接着从船楼和桅楼上抛出许多烧红的尖木棍，木棍用硬木制成，象短矛一样锋利；他们也使用大量石块，主要目的是损坏敌船的干舷，然后俘获该船，拆除船上遮盖部份，只要下边部份；一旦能冲上敌船，使用矛刺，用刀砍，他们的矛很长，剑很重，用肩带倒挂在身上。另外一些中国式帆船用来载货，不象战船那样高，但有的也很大。所有这些船，无论是战船还是商船，都使用船头的两支桨，四五个人摇一支桨，推动船快速前进，这对进出防波堤非常有用，也用来冲上去撞击敌船。人们称这种桨为橹，各种船都使用这种桨，没有任何船只使用其

他样式的桨。另外一些船没有中国式帆船那样长，叫做“班康船”，每边有三支桨，划起来非常便当，载货量很大；另一种船更小一些，叫做“朗蒂亚船”，每边七支桨，桨很好用，载货量也很大；这两种船，即“班康”和“朗蒂亚”，都非常轻快，所以海盗们经常使用，划桨手呈站立姿势，两人划一支桨，分站在桨的两边，每个人都一只脚在前一只脚在后。而在中国式帆船上四个、五个或六个人划一支桨；他们还使用一种非常长的船，象加莱船一样，但既没有桅楼也没有船首冲角；船造得如此长是为了载有很多货时更好地在有时不很深的河流中航行。除此之外还有许多种货船，再一种一种地讲下去就是多余的了。还有许多穷人家的小船，丈夫、妻子和儿女都在上面生活，他们没有别的住处，靠船当中搭起的篷子遮阳避雨；我说过的象加莱船一样的班康船和朗蒂亚等船上是有遮盖的，遮得非常好，在大船上还有很好的住处和房间，而穷人的船上就简陋得多了；在船上养猪，养鸡，还有一块可怜的菜地，有伴着他们的贫穷和遮风挡雨的篷子。男人们到城里找点活干以帮助支撑可怜的家，女人们在船上，用一根能伸到河底的长杆、尖上扎上一个小篮子捞水产品，靠这点技巧和把行人从河边摆渡到河那边来帮助支撑这个安身之处。不过，这些穷人比起葡萄牙过着贫穷生活的人们来生活得还不算可怜，穿得也不那么衣衫褴褛。还有一些大船，夫妇二人的全部财物都在船上，船的篷很大，可以盛很多东西，他们确实有些财物。船的两侧有用竹篱做的宽宽的“翅膀”，象船的长度那样大，里边有两三千只绿头鸭，根据船的大小不同，有的多些，有的少些；其中有些船有东家，在船上干活的是佣人。人们用下述方法放牧绿头鸭。天亮以后，给所有绿头鸭一点米饭，但不让它们吃饱，然后打开朝河的门，门前有个木棍搭的支架，放出它们，让它们从支架上跳出去觅食。成群的绿头鸭争先恐后地涌出去，形成一大片，景象实在壮观；整整一天，直到晚上，它们都在稻田里觅食，照看船只的牧鸭人还因此得到稻田的主人的奖赏，因为绿头鸭吃掉了稻田里长出的野草；夜幕降临，船上敲起小鼓，尽管很多船聚集在一起，但绿头鸭们能根据鼓声知道自己的船只是哪一只，返回船上；时间长了，总会有几只没有回到船上，所以到处都有成群的野绿头鸭，普通鸭子也有这种情况。看到每条船上都有那么一大群绿头鸭，大小都一样，我觉得不大可能是绿头鸭本身孵出来的，也不可能是母鸡孵出来的，假如果真如此，它们会有大有小，因为那么多绿头鸭不可能在一天、两天或十五天内孵出来。我打听是怎么孵的，人们告诉我有两种方法。夏天，把两三千个蛋埋到动物粪便里，靠天气和粪便的热量孵出来；冬天则搭一个很大的竹篱床，把那么多蛋放在上面，下面则生一堆不大的火，小火不停地烧，一些天后便孵出雏鸭。因为是这样孵出来的，所以那么多的绿头鸭都一样大小；所有的河里都有许许多多牧鸭船，所以当地这种食品非常充足。这种景象让人赏心悦目：成群结队的船在河上来来往往，有的是帆船，有的靠划桨；由于稻田一眼望不到边，远方的帆船象是从陆地上开过来一样，只见船帆，不见人影，直到离得近了，才看到人伴帆走，帆随人行，最后才能望见巨大的船身。河上还有些统治者们的船只，这些船上造有很高的船舱，里边有

不少房间，建得非常好，布置得金碧辉煌，极为漂亮，船的两侧各有几个很大的丝网窗，窗外支着竹帘，里边的人能看到外面的一切，而外边的人却不能窥视里面。据说勃固王国贵族们的船非常豪华，非常漂亮，但看到过两者的人认为，中国的船要好得多。靠近寮国和蒲甘那边的河上总是有许多守卫和警戒人员乘坐的船只；从那里到广西省要航行一个月之久。这些警戒船布置在有河叉之处，因为那一带地处王国边陲，常常有许多盗贼出没；由于河流上支流很多，必须有许多船只布置在许多地方，每个地方还有两只轻便小船，一只白天巡逻，另一只夜间警戒；大船上的人分为几组，轮流在轻便小船和大船上值班。过往船只总是有许多只一起航行，以便能互相保护，同时还有兵船和警戒船随时准备救援；天黑以后，过往船只就地停泊到第二天早晨，由小船护送，交给另外的警戒船；这样，一路上一直有警戒船护卫，直到到达安全的港口。肇庆是广西和广东总督的居住地，从那里到广西边界是最危险的地段，总是有四五十艘组成的兵船队保护；所有这些守卫和警戒船只均由王国公共收入开支。从中可以清楚地看到，中国治理得多么井然有序，为保证商贾和旅行者一路安全支付多大费用。



第十章

对土地的利用和人们的劳作

中国的土地利用得非常充分；因为这里人口密集，人多地多，人们又大手大脚地花钱，非常注重吃、喝和穿衣以及家里的其他服务，尤其是很爱吃，所以每个人都为维持生计而劳动，所有人都想方设法挣钱吃饭和支撑其巨大的消费。更加推波助澜的是，在这片土地上懒散者受到其他人厌恶和憎恨，不劳动者不得食，所以往往谁也不向穷人施舍；有一次一个穷人向某个葡萄牙人乞讨，葡萄牙人向他施舍了，却遭到中国人的嘲笑和讥讽，他们说：你为什么向这个不去挣钱的家伙施舍呀。只有某些说书者站到高处招揽一些人，给他们讲些笑话，人们才肯给他们点东西。偶像崇拜的神父和神职人员一般令人讨厌，被人看不起，因为人们认为他们堕落，游手好闲，因此统治者们也不给他们脸面，动辄因为一点小小的过错用鞭子狠狠地抽打他们。有一次一位官员当著一个葡萄牙人的面鞭打他的神父，葡萄牙人问为什么这样对待他的神父，为什么人们如此看不起神父们，得到的回答是，他们都是些堕落和游手好闲的家伙。有一天我和几个葡萄牙人到布政使的宅院去谈释放几位被囚禁的葡萄牙人的事，此案事关国王的重大利益，应当由他处理，许多人跟着我们进去看热闹，其中有一个是他们的神父；该官员说了声看座，吓得人们慌忙往外跑，神父也象他们一样因为怕挨鞭子飞快地逃跑了。从这里可以看出，此地懒散的人受人厌恶，谁不能挣钱就吃不上饭，所以每个人都要寻求一种自立的生活方式或者方法；每个人都为谋生而劳动，因为劳动所得能自由享用，随心所欲地花费，死后剩下的就留给子孙；对于耕种所得的果实和经营的收入，须交纳王家赋税，但税额不大；最重要的赋税是，每个已婚的人，或者自己有房产的人，每年每人交两个马六甲元，相当于六十个雷阿尔；只须交纳这些税收，再没有别的横征暴敛。人们的钱财和所有的一切均可随心所欲地享用；因此，所有的人都劳动挣钱，都耕地种田，尽量充分利用土地。在昌巴—我们已经说过，昌巴与交趾支那交界—甚至整个印度，有许多闲置的土地，荆棘丛生、灌木遍野，人们大都对挣钱和积蓄兴趣不大，不想挣到被人横征暴敛的地步；国王索要之后不想再多要了，剩下的才归本人所有。例如，国王知道他的某个官员有许多钱，于是便差人把他抓起来，百般虐待，直到他把聚敛的钱财全都交出来为止；因此那一带有许多人一天或一星期挣几个钱，花完以前不再干活，把挣来的钱都吃光喝光；他们这样做为的是，要是哪一天有人来横征暴敛，什么也拿不走。因此正如我所说，印度许多地方有许多荒芜的土地，而中国却不一样，因为每个人都享受其劳动果实。也正因为如此，在中国，撒上种子能出产某种果实的所有土地都利用起来了。高的地方不适合种庄稼，就生长非常漂亮的松树，松树之间还尽量播种上豆类；干旱的山地用来种小麦和豆类；大片大片的水田用来种水稻，其中有些水田每年三次收成。只有被久远的年代劈开的高山上无法种植任何东西，仍然荒芜着；在中国这片土地上，多么微不足道的东西都不肯扔掉，因为连骨头，包括狗和其他所有动物的骨

头，都被用来代替象牙，制成耳环或雕刻艺术品放在桌上、床头和其他雅致的地方；他们连任何破布都不肯扔掉，因为除了羊毛织物外的粗布和细布都能用来制造薄的和厚的纸张；他们还用树皮和甘蔗杆造纸，绸缎也用来当作纸，在上面写字；一些纸用来包裹一匹匹绸缎；他们甚至连人的粪便也利用起来，要用钱买或用蔬菜换才能从各家运出来；也就是说，他们必须向房主付钱或者给其等价的东西，人家才让他们清扫厕所；他们背着的粪便会使城市臭气熏天；为了防止发出臭味，他们使用外面非常干净的木桶运送，即使用不带盖的木桶，也使当地和城市显得比较干净。在一些城市使用封闭的木桶，不让人感到恶心。他们用这些粪便来为菜地施肥，据说人粪便与土混合后再经太阳一晒施到地里，人们用肉眼就能看到蔬菜生长，他们就是这样利用粪便的；在一切方面，他们使用机器多于使用力气；他们用牛犁地，犁造得非常精巧，虽然犁刀不像我们的那样大，但土地翻得很好。一艘船，不论有多么大，不论里边积多少水，水泵都是那样的，一个人在上边，双脚不停地走，像上台阶一样，在很短的时间就能抽干。这些泵由许多部件组成，象水车一样，安放在舷侧的肋材之间，每个部件有一块两拃长的木棍，其中有一拃左右巧妙地雕刻，木棍中间嵌上一块方形板，几乎一拃宽，把一根棍插入其中，使之能自由折动，各部分嵌合非常严密，这种水车转动起来以后，因为每个部件的各个木板里面宽度相同，所以能把木板和木板间容下的水都屏上来。中国人也会使用木偶，象葡萄牙人那样用木偶表演；木偶是一些外国人为挣钱带到葡萄牙的，中国人也用木偶挣钱。他们还养百灵鸟，给鸟儿穿上男人和女人的各种衣服，教它们表演各种动作。非常好看。他们把鸟儿养在形状不同的笼子里，鸟笼做得非常精致，并且雌鸟和雄鸟分笼饲养，把雌雄分开为的是相互能感到对方但又看不到，这样它们就爱叫。这样分养的百灵鸟整年叫个不停，不仅唱歌，还会讲广东话。我养过两只，一只雄的一只雌的，在十二月份还像四月份叫得那样欢；用米饭搀上蛋黄等做成条形，让它们误以为是虫子。上面我已经说过，此地不向穷人施舍；有些人会问，那么，如果因为瘫痪、残废或双目失明而受穷的人不能挣钱吃饭，那么他们怎么活下去呢；我也曾认为应当向他们施舍。值得注意的是，人们给盲人安排挣钱吃饭的活计，让他们象母骡一样拉磨磨小麦；一般有石磨的地方都有两台，由两个盲人每个人拉一台，两个人一边干活一边相互交谈解闷，我就看到过他们一面转着圈拉磨一边扇着扇子，同时友好地谈话。女盲人则去作妓女，有侍女为她们打扮，涂脂粉，并替她们收钱，这样就给盲人解决了生活问题。至于残疾人和瘫痪者，如果没有几等以内的亲戚，或者有亲戚但他们不肯或者没有能力供给其生活所需，那么就可以向国王的布政使提出申请；官员们对申请进行审查之后，如果认为亲戚中有某人或某些人能够供养，则强制他们供养，如果亲戚们无力供养或者当地没有亲戚，则命令国王的慈善院收住。慈善院的官员们必须向其中卧床不起者提供一切必需品，为此王国国库每月向慈善院拨充足的款项。对于那些能起床活动的残疾人，则每月给一定数目的大米，让他们在所住的慈善院养些鸡和猪，使他们完全可以自立，因为他们所干的一切活计一定得

到相当好的报酬；这些慈善院收住的一般都是无法治好但仍然活着的人，对那些根据布政使命令收住者造册登记；对慈善院官员为贫穷病人所作开支和供应的帐目每年都进行检查，如果发现有其么过错或疏忽，则必定加以惩处，绝不宽恕。

打圍



畫
回青



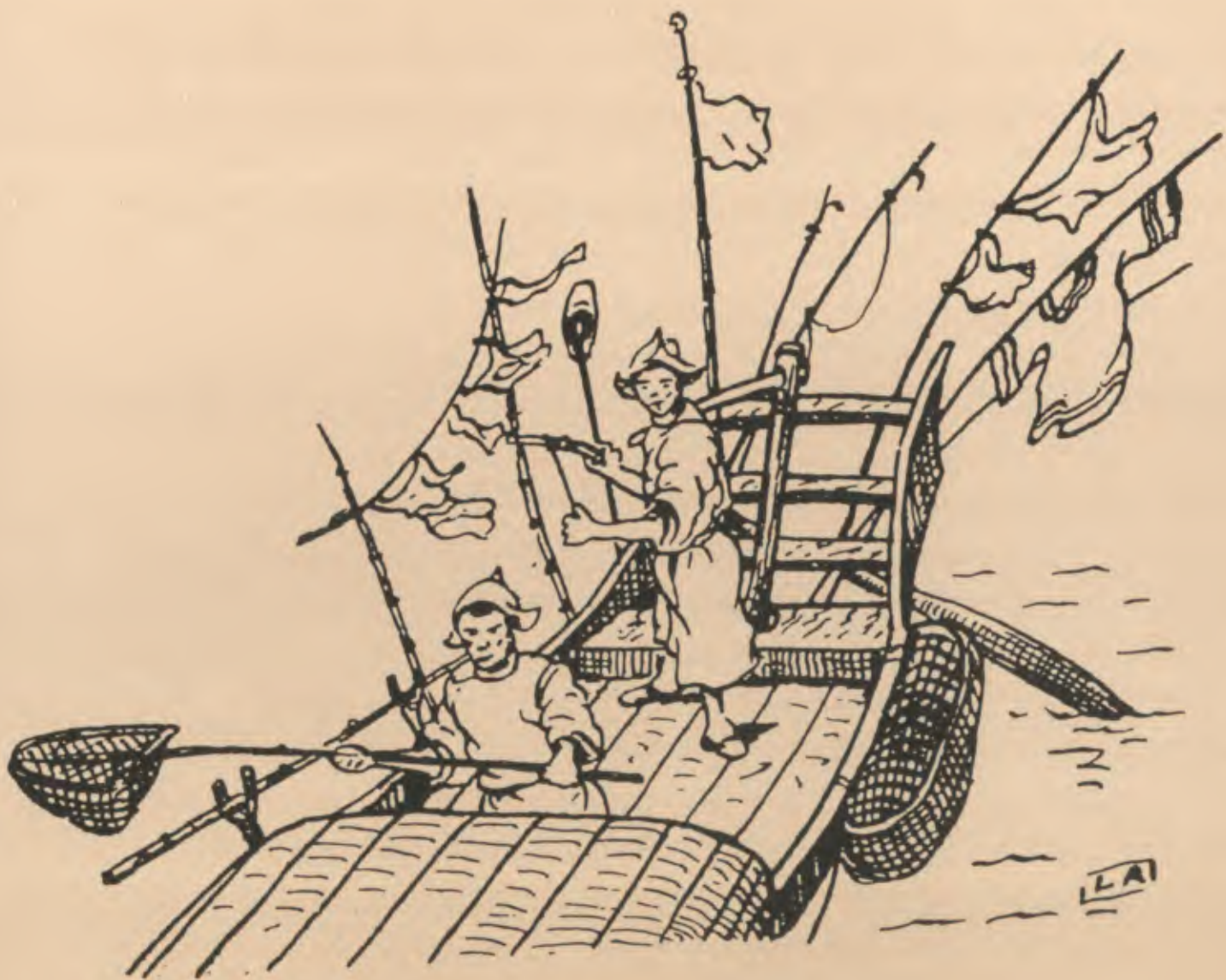
第十一章

工匠和商人

这里各行各业都有大量工匠，各种日用品非常充足，也必须如此，因为人口太多。由于鞋是消耗最多的东西，所以鞋匠比其他行业的工匠数量更多。广州有两条鞋匠街，都很长，一条卖豪华的丝绸鞋，另一条卖普通皮鞋，除此之外，还有这一行业的许多工匠遍布全城各处。豪华的鞋或者靴子外面是各色丝绸，并饰以丝线绳，做工非常精美；这种靴子每双价值在十克鲁札多到一克鲁札多之间，鞋在两克鲁札多以下；在有些地方还有半个雷阿尔一双的鞋。这样富人和非常穷的人都能穿上鞋子；富人想穿什么鞋子就穿什么；半个和一个雷阿尔一双的是草鞋；我说半个雷阿尔指的是把当地货币换算成我们的货币值半个雷阿尔。有些富有的农民打发人带许多这种草鞋在路上送给可怜的行人，这些非基督教徒施舍草鞋并不奇怪，因为在印度各地有许多富有的异教徒宅院很大，常常在院子里准备许多大米饭供穷人充饥，不论是什么人，只要愿意就可以去吃；也有人站在路边向过往行人提供饮水。还有许多很好的木匠，能造各种木制品。他们打造各种各样的棺材，一些是油漆的，也还有许多其他种类。他们制造许多椅子，有些由原色白木制成，非常精致，还有一些是金色或银色的，雕工非常精细，也非常雅致。还有一些椅子，官员们坐在上面，作为交通工具，由几个人抬着在城中走动，这种椅子非常豪华，非常漂亮，价钱非常昂贵；另一种椅子很高，豪华鲜艳，完全封闭起来，每边有一个用象牙或骨头或木头制成的网做的小窗户，坐在椅子上的人可以看到街道两边，外边的人却看不到里边乘坐的人。这类椅子供妇女到城里时乘坐。椅子坐位的高度与我们的椅子一样，女人们坐在上面可以把腿伸直。这种椅子很多，都很豪华，价钱昂贵；也有些椅子较矮，上面有个很漂亮的尖顶；有些木床很别致，很豪华，做工精细，四面封闭。我在广州的时候见过一张镶着象牙的床，非常豪华，用一种叫“卡伊奥拉克”的香木和檀木制成，要价四百克鲁札多；各种金色或银色用具，例如餐盘、篮子、写字台、桌子，有很多很多，并且都精美绝伦；另外，金银首饰匠、白铁匠、铁匠以及其他工匠都有许多，而且手艺炉火纯青，每个行业都生产很多产品，每种产品都完美无瑕。中国人使用大量的黄铜容器，在印度叫铜盆，这种容器在整个爪哇和暹罗到处可见，每个都造得很好。他们使用生铁铸造的锅、火炉和容器；不仅铸造生铁容器，而且这种容器破了之后他们回收，用来重新冶炼铸造。有无数绸缎商人，因为当地以及印度和暹罗需求量很大；中国人还有极好的绵缎和塔夫绸，非常漂亮，没有人带到我国，因为谁也不肯出那样高的价钱；他们还出售各色粗细哗叽布。有许多卖白色和染色麻纱布的商人，当地人穿麻纱布最多。有人给了我一块麻纱布，约有十科瓦杜长，价钱约十个克鲁札多；根据个人喜好，可以买细麻纱布或者粗麻纱布；同样，如果喜欢，也可以购买中国各地和整个印度都使用的陶土制作的一般瓷器，不过，既有许多这种粗瓷器也有细瓷器；有某种瓷器依法不得出售，因为红色和绿色、金黄色和黄色而只供官员们使

用；这种瓷器也有人出售，但数量很少，而且非常秘密地进行。关于什么地方制造瓷器以及用什么原料制造，没有到过中国的葡萄牙人众说纷纭，有些人说用贝壳制造，另一些人则说用因年深日久而腐烂的粪便制造，这是由于他们不了解实际情况，所以我觉得应当在这里说一下，根据亲眼目睹过的人所说的实际情况，瓷器是用什么材料制造的。瓷器的原料是一种白色的软质石头，有些这种石头是红色的，但不象前者那样好；或者更确切地说，是一种坚硬的泥土，经捣碎并磨成粉末后放进水池里，水池用石料精心建造，有些用石灰建造，非常干净；把池子里的水和粉末充分搅拌，停留在上面的乳脂状物用来做非常精致的瓷器，越往下的原料造的瓷器越粗，剩下的土渣用来制作中国穷人们使用的非常粗糙、非常低级的瓷器；制作这种瓷器与制作任何陶瓷器皿的方法是一样的；做好后在太阳下晒干，晒干后用人们见过的那种非常细腻的靛蓝颜料画上所要的图画，图画干燥后涂上釉子，涂好后经烧制便成了瓷器。商人们的主要街道即城市的最主要街道，两旁都有房檐遮挡；但卖瓷器的主要地方是各个城市的城门旁边；所有商人都在其门口挂一个牌子，上面写着该店出售的各种物品；那些简陋的杂货店则在其门口挂一根绳子，把出售的各种东西都取上一点儿吊在上面。中国有大量地黄，但运到广州的都是熟地黄，所以买不到生地黄。由于中国商品数量极大，种类很多，所以中国国王在其王国各地的收入非常可观。一些中国商人说，仅在广州一地他每年的收入就达三千皮科白银，每三千皮科是一巴尔，每巴尔是四金塔尔，每金塔尔是十六阿罗巴；因为三千皮科等于一千巴尔，所以一千巴尔就是一万六千阿罗巴；这一切都是按重量计算的，因为中国既没有金币也没有银币，只有铜币，黄金和白银都按重量流通，但是，以种地为主的普通人未必对这一切都了解得很清楚，即王家所收赋税数额很大，因为土地非常肥沃，商品种类多、数量大。这些情况我是通过官员们了解到的，应当非常准确，因为王家收入都经过他们的手；据说广州向国王缴纳的盐税一项就达三百皮科白银，即一百巴尔，等于四百金塔尔，或者一千六百阿罗巴白银。正如我们已经说过的，在中国既没有金币也没有银币，金银只以重量流通，购买和出售一切都按重量计算。每个人家里都有天平和砝码，做得都无可挑剔。一般来说砝码从十个到一个克鲁札多、从十个到一个藤加不等，一个藤加是三个文特姆。按当地的名称，大重量单位中最小的是两，一两等于六马六甲元，一个马六甲元等于一个藤加；小重量单位中最小的是毫，十毫相当于一个藤加，即一个马六甲元；一毫价值十个铜币，一个马六甲元等于一百个铜币；因为一般不使用铜币，而使用白银，按重量收付，所以每个人都有天平，这我们已经说过；因为每个人都想方设法欺骗别人，所以谁也不相信别人的天平，谁去市场买东西都带上天平和碎银子；所谓天平即一个象牙细杆，一边用绳子吊着砝码，另一边是一个小天平盘，绳子在刻着一毫至十毫即一至十马六甲元的点上滑动。这些天平用来购买细小的东西，买大宗物品则用非常漂亮的天平，砝码也很雅致。人们带的银子往往搀有其他金属，使其增加重量，因此，要想在中国土地上赚钱并买到既好又便宜的东西，最好带银子而不是带货物去，因为用真正

的银子能买到既好又便宜的货物。一般来说商人们都虚伪，说谎话，在货物中掺假以欺骗买主，因为他们习惯于这种毛病，意识不到别人会怪罪他们。



第十二章

大量的土地，丰富的产品

正如我们已经说过的，所有的土地都充分利用；人们爱吃，爱花钱，善于谋生；有大量土地，所以一切吃的和生活需要的其他东西都非常丰富；因为当地的主要食品是大米，各地稻米产量都极为丰富，因为有大量水田，每年可收获两三次。还有许多非常好的小麦，他们也用小麦做面包，是从葡萄牙人那里学来的，原来只会用小麦制作蛋糕之类的食品；有许多豆类和菜蔬；有牛肉和水牛肉，水牛和牛差不多；有许多鸡、许多鸭子和大量绿头鸭；有成群成群的猪，猪肉的价钱最贵；他们用猪肉做的香肠别有风味，葡萄牙人到印度进行贸易时带上许多这种香肠。中国人非常喜欢吃猪肉，甚至作为礼物送给病人吃。他们也吃青蛙，把青蛙放在盛满水的木桶里在门口出售，卖青蛙者必须负责剥皮，他们在很短时间就能剥一百只；剥皮时从青蛙的背部开始，只消一下就能把皮完全剥下来；所有肉类都在动物活着的时候论只卖，但牛、水牛和猪不同，是论重量零卖；当然也可以买整只的，但买整只也必须称重量；为了增加分量，他们在称之前让动物吃饱喝足；为了让鸡增加分量，他们让其吃下很多沙子或其他东西。一定重量的鸡、鸭和青蛙价钱完全相同；猪、牛和水牛价钱便宜一些，但后两种肉价钱完全相同。鱼很多，各种鱼都有，都很好吃，市场上从不缺乏；有许多螃蟹、牡蛎和其他海鲜产品，都非常好吃；市场上摆满了所有这些东西；一般来说各市场均设在城门附近、较宽的主要街道的过街牌楼下面和这些街道两旁的房檐下面，这一点我们前面已经说过；但这里不卖鱼和肉，鱼和肉在专门的街道上出售，不过，活的禽兽在任何地方都可以卖；蔬菜很多，例如萝卜、白菜和各种调味品：蒜、葱头，还有其他蔬菜，非常充足。还有许多水果，例如桃、李子，还有一种我们这里没有的李子，核是长圆形的，两头尖，很多干果是用这种李子做的。有很多非常好的核桃，还有许多非常好的栗子，以及诸如山栗之类的野果，非常大，非常好吃，比我们的要好，因为壳很容易完全剥下来，而我们的却不能；野果都非常好，和我们的最好的一样，但数量少，在丛林里生长，他们既不栽种也不施肥。有许多非常好的橙子，其中三种橙子最好，很甜，有一些皮非常薄，几乎象葡萄一样，另一些皮厚且皱，但汁多，味道极佳，人们可以连皮一起吃；另一些橙子比其他的都大，皮厚薄适中，既不薄也不厚，因为太甜而不如前两种。无花果也有一些，即使熟了以后也只能吃一两个，但可以做成很好的干果，人们把这种干果运往印度。有一种苹果颜色和核都像褐梨，但味道要好得多。有一种水果，树很大，枝叶茂盛，形成大片大片的果园；果实象李子一样圆，或者比李子稍大一点，剥下皮之后便是极为独特的果肉，没有任何人能吃得不想再吃，吃过之后还愿意吃，并且对人无害。还有一种较小的这种水果，但大的最好，叫做荔枝。还有许多其他水果，说起来话就太长了。每座城市都有几条专门开旅店的街道，但几乎每条街上也有旅店。在这些旅店中有极为丰富的红烧食品，有许多烤的或煮的鸭、鸡和绿头鸭，以及许多其他肉食、许多红烧鱼

类。我见过一个门口挂着一整头烤猪，每个人都可以要想吃的部位，因为都很干净；门口摆放着红烧的种种菜肴，激起过往行人的食欲。门口还放着一只大缸，缸里盛的是米饭，做得极好，晶莹得象樱桃一样；因为正式的交易往往都在十点钟以后进行，由于城市太大，许多人离家很远，而有些人是从外地来做买卖的，所以不论当地居民还是外地人都在这些旅店吃饭。如果某人碰到一个从外地来的熟人，或者一个几天没有见面的熟人，两人便以询问是否吃过饭相互致意；如果对方回答说还没有吃，就带他到一家这样的旅馆，两个人一起躲到里边吃饭喝酒，因为这里有许多酒，并且是调兑出来的，比印度各地的酒要好；如果对方回答说已经吃过了，则把他带到一家只有酒和下酒的海味的旅馆，旅馆里养着许多海产品。广州城外沿着城墙还有一条街道，街上所有旅馆都卖屠宰后切成四块的狗肉，有烤的，有煮的，还有生的，还有去了毛的狗头和狗耳朵，因为他们象给乳猪去毛一样，把狗的毛去得干干净净，这是下等人的美味佳肴；另外，城里边还有卖养在笼子里的活狗的。城门口洞里的景象令人开心：进进出出的人们熙熙攘攘，有些人带着狗，另一些带着乳猪，还有的带着绿头鸭，另外一些带着蔬菜和其他各种东西，每个人都吆喝着要别人让路。此地还有一个不同之处，即出售肉、鱼、蔬菜、水果和一切必需品时总是不停地吆喝；由于一切必需品都要经过城门，人们不用到市场去就能买到。在离海二百、三百至四百里格的内地也有大量海鱼出售，每天一清早市场上摆满新鲜的海鱼，看来这是个奇闻；但是，只要看看他们为供应海鱼进行的令人叹为观止的劳作，人们就不会感到惊异了。人们必须了解，在二月末，三月和四月初涨大潮的时候，许多海鱼来到沿海河口产卵，所以在各个河口都有大量各种鱼苗。在海鱼产卵之后，沿海渔民都开着船聚集到这里，船只太多，都挤在河口处，致使从外面开来的大船看到后以为那是一片陆地，金枪鱼游到附近，发现这成群结队的船只也大吃一惊。我听说那里聚集的船只有两千艘左右，我不敢肯定，因为知道人们一定不会相信；不过，既然那里人很多，陆地上船只也很多，到过中国土地上的人们不会认为这是不可信的，这主要是因为临海的陆地有无数渔民，他们大量捕捞鱼苗，然后投放到用铁丝网围起来的池塘里喂养，等鱼苗长到能吃的时候才打捞上来；另外，在这个季节，中国内地的大量船只也开到这里，我们已经说过，中国各地的河流都能通航，许多大河既用于航运又用于灌溉；这些船只内外都挂着许多篮子，篮子用浸过油的纸糊上，里边盛上水后漏不出去；每条船根据所携带的篮子多少买鱼苗，直到把所有篮子装满，然后把这些篮子运往内地各个地方，一路上不断给篮子换水；每个有一定条件的人院子里或栅栏内都有鱼塘，根据鱼塘大小买几篮子鱼苗；用水牛或黄牛粪喂鱼，鱼儿长得极快，所以鱼苗在很短时间就能长大。城里边所有池塘里都用这种办法养了许多鱼，是供官员们吃的。这样就能明白，为什么在离海许多里格之遥的内地市场上每天都摆满了新鲜海鱼。我已经说过，所有城市都建在河边，这些城市里都有国王笼养的许多鸬鹚鸟，这些鸟是用来为国王捕鱼的。承担用这些鸬鹚鸟去捕鱼的义务的船只全都集中在一起，在河里排开，看管鸬鹚的人用绳子把

鸟的脖子捆住，使之不能把鱼咽到胃里，然后把它们放到河里去捕鱼，它们捕的鱼塞满嗓子、大鱼叼在嘴里之后回到船上，人们让它们把鱼吐出来，这样反覆进行，直到人们对捕到的鱼的数量满意为止；为船捕鱼之后，人们才把它们脖子上的绳子解开，放出去为自己捕鱼；它们吃饱之后回到船上，人们再把它们装进笼子里；这些鸟儿能捕许多鱼。国王根据每个官员的不同情况赏给他们一条或两条船，供他们各自家里吃鱼。

子排設

客坐位



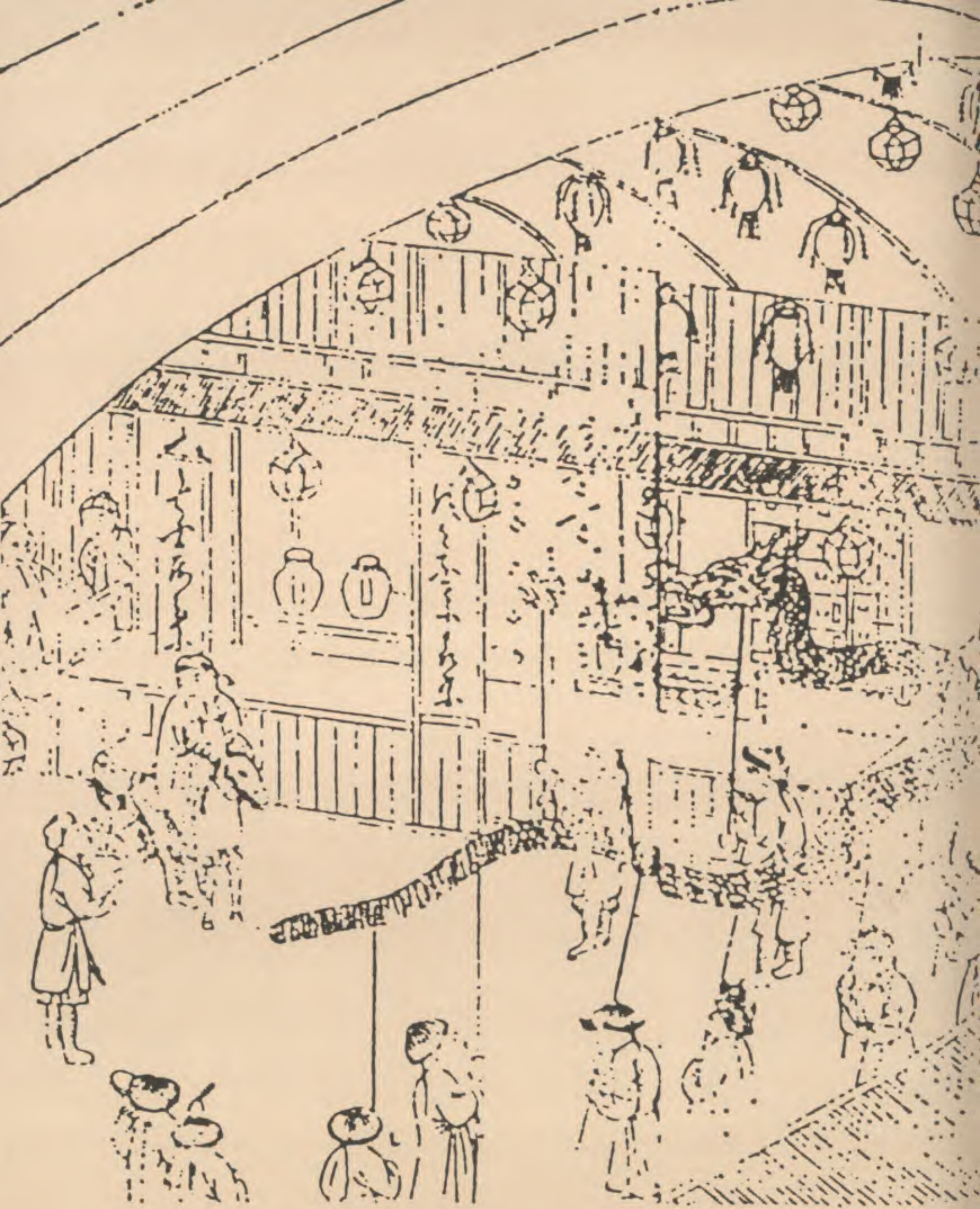
第十三章

男人们的装束和习惯

尽管一般来说中国人长得难看，小眼睛，扁脸蛋，塌鼻子，不留胡子，仅仅颧骨上面有几根，但还有些中国人的脸非常好看和匀称，大眼睛，胡子整齐，鼻子也好看，不过这种人很少，也许是古代混入中国人之中的其他民族，因为那时候中国人就与其他民族有交往。他们普通的衣服象我们古时候样式的长袍，袍襟盖住胸部，在一侧打结；一般来说所有人穿的长袍袖子都很肥大；最普通的黑色麻纱长袍或者各色粗细哗叽长袍；有些人穿绸缎长袍，许多人在节日才穿；官员们平时穿细麻纱长袍，在节日才穿非常漂亮的绸缎长袍，主要是大红色的，除了他们之外当地任何人不得穿红色长袍。穷人一般穿白色麻纱长袍，因为价钱便宜；他们头戴高顶圆帽，用极细的木棍织上黑色绸缎制成，做工非常精细；下身穿长裤，做工非常好，非常细；根据每个人的喜好和可能，有的穿靴子，有的穿鞋，靴子和鞋既有绸缎的，也有皮革的。冬天穿用毡做的裤子，厚薄不等，至少布料是毡的；冬天他们还穿貂皮，主要是用于围住脖子；另外，也有的穿棉袍，还有人在冬天把毡袍罩在长袍下面；头上留着象女人一样的长发，并且对头发非常看重，每天梳几次，拢到头顶，束在一起，在打结之处插上一根又长又细的银簪；未婚男人，例如单身青年，把头发巧妙地簪在前额作为标记，戴上帽子之后头发也能露出来；他们崇拜头发，所以才留得那么长，认为头发长了才能升天。一般神父不留头发，而是剃光头，因为据说无需头发的帮助也能升入天堂。但是，他们当中一些偶像崇拜神庙的神父留着长发，把头发盘在头顶，用一个漆得很亮的木制品簪住，这物件样子象合起来的手掌，叫“阿沙朗”，这些神父在中国人当中最受尊敬，他们不象其他神父那样穿白色袍子，而是穿黑色袍子；中国人非常讲究礼貌，普通的礼节是左手攥紧，右手捂住左手，放到胸前，然后再慢慢举起，表示把对方放在心中，在用手做这个动作的同时说客气的话，普通人的客套话是相互问对方吃饭了没有，因为他们生活中最大的幸福在于吃；文雅之人三四天未见则有特殊的礼节，双臂弯成弓形，两手手指交叉，躬身施礼，同时说很多客套话，一方尽量首先把对方搀扶起来；双方越是有身份，这种礼仪用的时间就越长。有身份的贵族在饭桌上更是非常讲究礼节，一方劝对方喝酒，尽量让对方多喝，因为饭桌上除了喝酒之外没有别的事可做。如果又有朋友或者亲戚来做客，没有事先通知就进来了，宅院的主人没有想到，没有穿上节日的衣服，这时就会差人把好衣服拿来，穿好之后才衣帽整齐、礼貌有加地去迎接客人，因为身穿便服迎接新客人是不适当的，身穿节日服装出迎表示客人的到来是主人的喜庆之日。一个或几个人来到任何有教养的人家里，主人通常必须根据来人多少用漂亮的盘子端上一个或几个瓷碗，瓷碗里是被称作“茶”的温水，稍显红色，用有点儿苦味的草煮成，他们习惯于喝这种水，有很好的健身作用；他们通常用这种东西招待一切所尊敬的人，不论是熟人还是生人，他们曾多次用茶招待过我。中国人非常讲究吃，吃许多美味食品，餐桌上有鱼有肉，

下等人有时把各种东西放在一起炖；各种美食都摆在桌上，让每人都能吃他最爱吃的。有教养的人和高贵的人非常讲究举止、谈话和衣着。普通人的举止则有些粗鲁。有一天几位高贵的葡萄牙人在广州请我去参加一个有身份的富商举行的宴会，让人大开眼界。举行宴会的房子是二层楼，非常雅致，有许多带护窗板的窗户，非常漂亮，一切都妙不可言；里面的桌子摆成三排，每位宾客占一张非常漂亮的桌子，椅子有的是金黄色的，有的是银白色的，每张桌子前面都有垂到地面的锦缎帷布，桌子上既没有桌布也没有餐巾，因为桌子非常漂亮，非常干净，无需这些东西；每张桌子边上都放着水果，摆得整整齐齐，有去了皮的炒栗子，干干净净的核桃仁，切成一块块的甘蔗，还有上面我们说过的叫做荔枝的水果，有大小两种，但都是干果，用非常干净的小棍穿起来，码放在一起，各张桌子上都有这样一串串的荔枝，象是装饰品一样。水果之后就是放在细瓷盘中的各种美味佳肴，每一种都非常干净，切得非常讲究，在桌上摆得井然有序，并按顺序撤下盘子，放上新盘；吃饭的人无须挪动盘子就能吃到桌上一切想吃的东西；还有夹在手指间用来吃饭的两根很漂亮的金黄色小棍，他们使起来象使用钳子一样，吃桌上的任何东西都无须用手触到；用两根小棍吃瓷碗里的米饭时，一粒米也掉不下去；因为不用手触摸食品，非常干净，所以既不用着桌布也用不着餐巾。摆到桌上的所有食物都已经切好，做得也非常好。他们还使用一种很小的金黄色瓷杯，里边盛一点儿酒，只是为了斟酒才有服务的侍者；每次都喝一小口，因为每吃一口就必须喝一口，所以杯子才那么小。有些中国人留的指甲非常长，有半拃什至一拃，总是非常干净，他们也以其长指甲代替两根小棍用来吃饭。





第十四章

中国人庆祝的一些节日，他们的音乐和葬礼

中国人习惯于在其生日那一天举行盛大的庆祝活动，在他们之间依然保留着古代非教徒的遗风。往往是所有的亲戚朋友都去参加，给过生日者送礼品；为活动的开销提供帮助，因为他们过生日的时候别人也同样报答；因为有这些帮助，所以就花很多钱，办得很隆重。这种节日庆祝活动都通宵达旦，因为这些非教徒不知道有上帝，在黑暗中生活，所以印度和中国各地的这类节日活动主要在黑夜进行。在这些庆祝集会里都有丰盛的食品和酒，整整一夜人们都用在吃喝和以各种乐器演奏的乐曲上。他们的神父向身穿各种华丽服装的上帝们奉上供品，神父们的服装也各式各样，唱经的声音非常悠扬；在上供、演奏乐曲和唱经的时候，桌子上一直摆满各种食物，每个人都想吃什么就吃什么。其他人也象神父们那样唱经；家门口搭起用纸做的过街牌楼，非常漂亮；还搭起临时戏台，上面摆着图画和塑像，各种角色在上边表演节目；几棵大树垂下的树枝巧加修整，吊着许多点着的油灯，到处都挂着既奇特又漂亮的灯笼。在全民共庆的节日里，主要是一年的头一天，所有街道和城门都修整一新，特别是各个过街牌楼更加精心修饰，裹上许多锦缎和其他绸缎，挂上许多灯笼。用各种乐器演奏乐曲，摆上大量食品和各种美味佳肴，还有大量的酒类。这些日子里还经常有戏剧演出，表演得非常精彩，非常逼真，演员们根据所扮演的角色的要求身穿非常漂亮而且合身的服装，如果扮演的角色是女人，演员除了穿角色要求的服装外还要涂上厚厚的胭脂和铅白粉；听不懂戏中人物说话的观众有时会感到厌烦，但听得懂者会听得津津有味。整整一夜，甚至一连几夜，人们不停地一场接一场地看戏，而且只要演戏，就必须满桌酒菜。这些戏中有两个很不雅之处，一个是，假如同一个演员必须演两个人物，那就必须换服装，而换服装是当着周围众人的面进行；另一个是演员表演说话时声音很高，几乎是象唱一样，有时候他们到大黑船上演戏就是这样高声道白，葡萄牙人给他们钱作为报酬。所使用的乐器有中提琴，和我们的差不多，但做得不那么精致，为其伴奏的是一串小铃铛；有一种样子象吉它的乐器，但比较小一些，还有另外一种更小一些的带弓子的小提琴；他们还使用笛子和小提琴，所使用的笛号几乎跟我们的大小一样；有一种类似击弦钢琴的乐器，以许多黄铜细丝为弦，用专门为此留起来的指甲弹奏，声音很响，很动听。在很多情况下多种乐器合奏，四种声部配合得非常和谐。一个月光明媚的夜晚，我和几个葡萄牙人正坐在我们住处门前河上的一座桥上，这时几个小伙子乘一条船演奏几种乐器消遣，我们觉得音乐很悦耳，便差人叫他们到我们这边来，请他们演奏；这几位高雅的青年人把船开到我们旁边，开始给乐器调音，看到他们为乐器调音以免不协调，我们很高兴；开始演奏了，但不是所有人同时开始，而是有几个人等其他入演奏到一定时候才加入，整个曲子有许多节拍，有时一些人等待，另一些人演奏，大部分时间是四声部一齐演奏。四个声部是，两把中提琴充当男高音，一把大提琴充当男低音，一个类似击弦钢琴的乐器紧随

其后，一把小提琴或古笛充当女高音。他们确实技艺高湛，为了吊我们的胃口，他们只演奏了两支曲子。我们恳求说，如果他们愿意的话请第二天再来，并且带着歌唱家来。他们答应了，但却没有来。但是，有一天清早他们带着原来那些乐器来了，让我们大为惊喜，总算没有对我们食言。一般来说他们都心灵手巧，在所有工作中都有许多发明创造，尤其是在细木工艺的制作和构思方面；在绘画方面有很好的画家，主要画花鸟，这些我们可以在从中国运来的布匹中看到。在所有事情上他们都精明、敏锐，因为都非常活跃，有着天生的创造能力。因此，在战争中，尽管也意气风发地冲锋陷阵，但使用计谋和人群战术多于依靠力量。他们使用锁子甲和头盔，还有我们前面提到的其他武器。在整个中国的土地上，任何人携带任何种类的武器均不为法律所容，一般的刀也不例外，所以一些人和另一些人打斗时都是用拳头打和揪头发；只有士兵和军官可以佩带宝剑。如果有一个宅院、亲戚和儿女的人死去，在断气之后人们便为他洗浴，给他穿上其最好的衣裤和鞋，戴上帽子，把他安放在一把椅子上坐好，其妻子走到他面前双膝跪下，痛哭着向他依依不舍地告别；妻子之后是儿女们按长幼同样告别，儿女们之后是其他亲戚和家里所有人等以及朋友们。这些仪式过后，人们便把死者放进事先为他做好的樟木棺材里；这种棺材能很好地保存尸体，并且还有香味，盖得严严实实并且用钉子钉住之后不会逸出臭气；把棺材放在两个小凳子上之后，用一块布盖住，布垂到地面，死者躺在棺材里边，前面以白布搭起一座小房子，正对着死者正面之处开一个门，里边放一张桌子，桌子上摆着烛台和油灯，还有面包和当地的各种水果。放在桌上的一切只不过是一种仪式，因为死者要在那里停留八天或者十五天，在这期间他相信的神父们每天晚上都来上供和念异教的祈祷词。他们还带来许多画着许多人的图画，有男有女，挂在绳子上，一边不停地祈祷一边扯动绳子让画摇晃，接着又大声喊叫，让死者升天。在举行这些仪式的时候，不论是白天还是夜晚，总是在桌子上摆满食品和酒。仪式完毕之后，把棺材抬到埋葬死者们的田野，让时间去吞噬。他们哀悼的方式是我见过的当中最粗犷的了，因为他们一般都穿上粗布袍子，腰间以粗绳捆住，头戴用同样织物做成的帽子，帽子式样与当地人的帽子无异，只是帽檐垂下来，遮住眼睛。不过，亲缘关系越近，哀悼的方式就越粗犷。其他人也穿粗布袍子，但比前者要细一些。为父亲和母亲穿孝服三年；如果孝子是官老爷，得到消息后就脱离所担任的官职，回到家里守孝三年，三年结束后才返回王室谋求官职。据说中国九百年前已使用印刷术，不仅印书，而且还印各种图画。

第十五章

女人的服饰和习惯，中国是否有奴隶

除了沿海和山区的女人之外，一般来说中国妇女皮肤白皙，长得漂亮，有些人的鼻子和眼睛也很好看。女孩子的脚从小用布紧紧裹住，使脚长得非常小，之所以这样做是因为，中国人认为鼻子小、脚小的女人才算漂亮。不过这只是显赫人家的习惯，在很下层的人当中并不如此，她们对发式很讲究，头发拢到头顶，从下到上用很宽的带子绾起来，带子上饰以宝石和金器。她们穿的裙子和葡萄牙人穿的一样，腰带样式也相同，长袍则有很宽的袖子。一般来说中国女人在穿着上用的绸缎比其丈夫要多，不过平日里往往穿白麻纱衣衫。她们鞠躬的姿势与葡萄牙女人一样，但不象后者那样一连鞠三次，一次比一次快。她们也涂胭脂和粉，并且施得很得体。一般都深居简出，所以在整个广州城里看不到任何女人，只有客棧女老板和底层的女人们才在街上露面。即使她们出门也不会被人看见，因为坐在封闭的椅子上，我们在前面谈及官员的时候已经描述过这种椅子。某人进了其家门之后也看不到她们，除非进去的是外国人，她们出于好奇撩开门帘往外看的时候。男人一般只有一个妻子，是从女人的父母那里买来的，付钱多少视女人如何而定。不过男人可以有许多妻子，只要他供养得起，但其中一个为主，男人跟她一起生活，其他女人则住在别的宅院里。如果男人在不同地点做生意，那么就在每个地方有个妻子及其住的房屋。如果妻子与人通奸，丈夫控告妻子和奸夫，则两者均处于死刑。如果丈夫同意妻子通奸，则他会受到严厉惩处。在广州的时候，我曾看到一个中国商人被一再审问，受到粗暴对待，只因为他同意妻子通奸。任何等级的妓女都不得在城墙以内居住，城外有她们生活的专用街道，不允许她们在其他地方生活，这与我们那里的情况正好相反。所有妓女都是奴隶，人们在她们还是女孩子的时候从其母亲那里买来加以哺养，教她们弹琴和演奏其他乐器以及唱歌。弹唱得好的挣钱多，也更值钱，弹唱得差的值钱少。主人要么把她们据为己有，要么把她们卖掉；在她们被安排到街上接客的时候，国王的一个官员要把她们登记入册，主人必须每月向该官员交纳一定数量的钱，而她们也每月向主人交一定数量的钱。她们年岁大了，还可以靠脂粉显得年轻一些。到已经不能从事这个行当以后，就完全自由了，对主人和其他人都不承担任何义务，靠原来的积蓄糊口。我特别提到这一点，为的是说明，在中国的土地上没有比这些姑娘所处的更严重的奴隶地位了。任何人都不要提出不同看法了，这是因为，由于几个葡萄牙人持不同看法，我在广州进行过一些调查。这里的奴隶状态只有以下情况才能出现。如果一个女人因为失去丈夫而成了寡妇，没有留下钱维持生活，并且儿女们也不能挣钱让她糊口，她本人也不能供养儿女，那么处于如此贫困状态的这个女人就找到一个富有的男人，与之商量以六个或七个克鲁札多卖出一个儿子或女儿，收了钱之后便把儿女交给那个富人；卖出的如果是女儿，那么这个女儿将成为妓女，富人为此而养育她成人；如果是儿子，他便为其主人服务，服务一段时间到了结婚年龄时，主人便给他找

个女人，他们所生的子女都是自由人，不担负任何义务，不过这个奴隶必须每年向其主人交纳一定数量的钱，但他有自己的家，因为结婚时给他住处，他也有活可干，要么在某个工场做工，要么靠手艺谋生。任何中国人不得把这些奴隶中的任何一个卖给葡萄牙人，否则会受到严厉处罚。对于成为妓女的女人，他们指望从中得到巨大利益，自然绝不会卖出，而且卖出还会受到严厉处罚。现在请每个读这本书的人做出判断吧，是不是会有中国人肯把这些奴隶中的某一个卖给葡萄牙人；还有，奴隶中的任何人更不能卖身；那么葡萄牙人是否能完全合法地拥有奴隶就不言自明了。一般来说，所有卖给葡萄牙人的人都是被拐骗来的，偷偷带到葡萄牙人那里卖给他们的。如果这些拐骗行为被发现，便会被逮捕，被处以极刑。如果某个葡萄牙人说他在中国买了一个中国人，是经某个中国司法官员批准买到的，这也不表明他有权合法地拥有这个中国人，因为那个官员是因为接受了贿赂才允许的。如果那个法官的过错暴露，必定受到严惩，因为他违犯了王国的法律。中国的法律准许女人卖自己的儿女，但不准许男人这样做，因为男人自己应当谋生并养活子女，如果他没有办法，那是他本人的过错。这也是为了让男人们为了自己及其子女而更好地劳动。中国绝没有完全受奴役的奴隶，即使战俘也不是奴隶，他们只受国王驱使，被派到边远地方去当兵，靠国王发放的军饷为生。他们的标志是戴红色帽子，我在广州就看到过在战争中被俘的鞑靼人戴着这种帽子。





第十六章

各省官员的数目和区别

因为至此我们多次提到市政长官和司法官员，下面我们将着重谈一谈政府官员。最好先知道一下这些官员的称谓，以便于在下文中使用。在中国，一切依靠国王担任什么官职、有什么权势或尊严的人都称为“老爷”，以我们的语言来说就是主人。至于如何获得这种称号，我们在谈及这个问题时再说。在中国的每个省都有一千老爷，还有些人说有三千；除这些人之外还有在京城居住的老爷，宫廷通过他们管理王国的一切事务，王国的一切重要问题也通过他们处理。因为他们要与国王办理事务，到宫廷内通报，任何其他人员不得进入宫门，也见不到国王，而得以进入的地方是国王的很多女人们的所在之处，所以他们一般都是阉人。但是，这些人精通王国法律，因为进宫后首先上学，仔细学习王国法律。每个省有五名，他们在所有老爷当中是最主要的，有很大的权势，本人也很威风，无论是平民百姓还是其他老爷们都对他们言听计从，毕恭毕敬。五个人当中最主要的是总督，全省大小事务均由他决断，由于此人极有权势和威风，所以不与其他老爷们住在一起，为的是不经常与他们见面，从而更受他们敬畏。各省之收益，除去正常开支之外均由总督处理。一切事务和收益以及各省发生的各种事情均由他报告或呈交王室。各省的第二显要人物是布政使，他们负责差人在全省征收该省收入，为此手下管辖着许多老爷，这些人分别管理商业和财政征收。他提供全省的一切日常开支，把余下的呈交总督，再由总督呈交王室；他可以干预地位较低的其他官员的重要事务，有权管辖他们。另外，省内的一切事情和事务均由他呈报总督。在他之下的显赫人物是按察使；尽管还有许多其他司法官员，但他在所有人之上，有权管辖他们。按察使之下的显要职位是海道。海道的职责是下令军队准备战斗，管理打击敌人或盗贼所必须的船只、给养和器械；海道还管理除财物之外的一切有关外国人的事务；最后一个、即第五个显要职务也是军事指挥官，他负责执行军事事务，海道在陆地时由他主管各个舰队，如果事务需要他出面处理，他便亲自前往；如果事情极为重要才交由海道处理；这位军官叫提督。这五位身居要职者有很大权势，非常威风，而总督在其他四位之上，所以总督从不走出其宅院，以保持其尊严；出门的时候则排场极大，由众多的官员和管家陪同。除五位当中职务最低的提督之外，每位其他重要官员的家中都有十位助手，他们也都极有权势。在谈到建筑物的时候我们已经说过，其中五位助手坐在主要人物右边的五把椅子上，另外五位坐在左边；这些助手协助宅院主人处理重要事务；如果主人死亡或因故不能视事，则由其中资历最深者代替之；如果主人需到省内某地处理某项本宅院主人职权范围内的重要事务，则由十个人当中某一个作为主人的全权代表前往。坐在右边的五个助手在等级和职权上均高于左边的五位助手。因为职权在腰带和伞盖上体现，所以右边五位使用金色腰带和黄色伞盖，而左边的使用银色腰带和蓝色或杂色伞盖。腰带差一点不到三指宽，一指厚，四周镶满金银饰物。伞盖很大，很漂亮，由绸缎做

成，由一名家人用一根镶饰得很漂亮的伞杆撑着。除了这些助手和五位主要官员之外，在较小的官员中有一位权势较大，即监狱长，当地称为典卒，他拥有很大的宅院，宅院中有很大的前院和许多监牢，不过他和其他任何低级官员一样都不能使用金腰带或银腰带，也不能使用黄色伞盖，除非他们当中有人是军事将领，因为是骑士而得以使用黄伞盖；其他人系的腰带仿照金或银腰带的式样用玳瑁或其他材料做成，所使用的伞盖为杂色或蓝色；所有这些下级官员与五位高官说话时必须在他们面前双膝跪倒，在谈话过程中一直跪着；典卒略有不同，他在进去后先下跪，但马上便站起来，然后一直站着说话；每位高官管辖着许多小官员，他们依职务各司其责，这些人都是国王命官，有老爷称号和徽号。五位高官和他们的助手都带有国王的标志作为徽号，即衣服的前胸和后背用金线绣上一些蛇，这种标志陆续传到葡萄牙，作为饰物出现在教堂上。每年都有一位称为差官的人被派往各省对所有大小老爷的行为进行审查，考核所有学生，选拔老爷，视察监狱，以及对全省一切必要的事务进行检查和处理。每当他进入城市时，他所经过的街上不准有任何人劳作，必须关门闭户，没有人在街上行走，为的是保持其尊严和权威，不想暴露在平民百姓的目光之下；许多家人打着洋红色绸缎旗帜前呼后拥，全城大大小小的老爷们必须全部前去迎接。五位高官中每一位来本省上任时也都要这样迎接。在所有这些官职之上还有一种叫做钦差，意为金牌或者金印，他们奉派前来必定是为了处理极为严重、极为特殊、对王国或国王极为重要的事务。所有的老爷，不论身份高低、官职大小，除了上面提到的那些标志之外，还有一个象征，即戴一顶圆圆的高帽，用丝线裹住的小棍横穿其间，成两个耳朵。

第十七章

怎样成为老爷，学习，以及不同语言如何以笔而不以话相互交流。

各种职务每三年任命一次，任何人均不得超过这个时间；所有被任命者都不是本地人，这样做是为了在他们职权范围内的司法事务上不受感情影响，也是为了使他们不能扎根本地变得强大起来，以避免他们造反。各种官职经阉人们提出建议由国王根据每个人的品德和才干加以分配。军事官职根据每个人的骑术和战绩分配。由于阉人们对官职的分配提供建议，所以老爷们有时以大量钱财贿赂他们，以便升官进爵。为了每个人都兢兢业业，尽职尽责，在管理上不出现偏差，差官每年都前去视察；如果认为他们尽职尽责，就给予奖赏，使之有更高的荣誉，更令人崇敬的职位；如果认为他们疏忽职守，或者不维护王国的法律，或者收受贿赂，认为他们过错严重，必须撤职，则将他们解职，命令他们返回京城，任命其他人取代其职务。无论官职多么小的老爷，对其惩罚只能是撤销职务、将其逮捕并把其劣迹呈报王室，因为任何司法官员，不论权力多大，均不得对任何老爷判刑。但是，由于差官有权管辖老爷们，调查他们，所以在差官来到之前他们就设法打听差官是否收受贿赂；如果得知差官收受贿赂，他们便放心了，相信只要肯于行贿，其政绩就会符合自己的愿望了；如果得知对方不收受贿赂，则与家中所有手下人及司法官员密谋，收买他们，重新整理文书，使差官不能发现任何破绽；必须收买家中的文案和管事人是因为，在差官前来调查时主要由他们作证，老爷们的一切事情都是和他们一起做的，或者说一切都是当着他们的面做的。一般来说，国王每隔三年派差官巡视一次，这些差官都是在处理事务上非常正直的人，不易接受贿赂，国王相信他们所做的一切都着眼于王国和国王的利益。一般来说这些差官拥有比其他官员更大的权力，他们往往在第三年受命出巡，即官员们结束其任期的时候。因为他们往往非常严格，严格按法律办事，所以老爷们着重于设法不让他们发现自己的过错。在审查了老爷们之后，差官便视察监狱，接见囚犯，释放那些应当释放者，惩罚那些应当惩罚者。最后，他们命人狠狠鞭打那些盗贼，当地人们最憎恨的就是盗贼；鞭打起来非常狠，很多人被活活打死。结束巡视并处理完该省一切应处理的事务之后，差官便和其他主要老爷们一起考核所有学生；对那些他认为有能力学好但不好好学习的学生，则命令对其鞭打。如果有些学生已经受过一次鞭打，但没有改正，则除了鞭打之外还要在监狱里囚禁数天，为的是用这种惩罚让他从此以后更加用心学习。如果认为某些学生既无天资又不肯学习，则把他们从学校开除出去。这并不是每三年一度的选拔老爷。每三年来一次的差官在处理完全省的所有事务之后才开始选拔老爷。选拔老爷的方式如下。在全省各城市以及所有较大的地方都有普通学校，国王派导师在其中任教，学生自费学习（学生在学校学习王国法律，由其父母供给吃穿）；先命令各学校学习好的学生到省会集中。全省各高官和差官一起逐个仔细考核学生，向其提出许多关于王国法律方面的问题；如果全都回答得很好，就下令把他挑选出来；如果他的学问还不够，则命令他再去学习；如果因

为他的过错没有学好，则处以鞭打然后关进监牢，被囚禁的葡萄牙人在他们所在的监牢里看到过许多因此而坐牢的人。考试结束以后，差官站起身，和所有老爷们一起举行盛大仪式，鼓乐齐鸣，给每个他们认为有才干的考生定下等级，授予老爷称号。经过许多天的庆祝活动和宴会之后，便让他们前往京城接受老爷的徽号，即带耳朵的帽子、宽腰带和伞盖，然后在那里等待分配官职。就是以这种方式选择老爷的，他们将执掌司法职能。军事官员是根据骑术和在战争中立下的功勋选拔的。也就是说，这里的人门是以文才武略获取很大荣誉的，更多的是以文才，因为五位高官及其助手一般从文人中产生。然而，也有许多人仅仅通过恩惠而成为老爷，例如某人为国王、王国或某地人民做了什么突出贡献，或者得到什么特殊宠信，或者有什么技能。有一个中国年轻人就是这种情况。葡萄牙人坐牢的时候这位青年为他们充当翻译，于是老爷们赐予他老爷的头衔和徽号，因为他会说葡萄牙语。象他这样的老爷一般不担任国王任命的职务，而只享有老爷的特权，就象由于国王赏赐而有其特权的葡萄牙贵族一样。这类老爷在本地享有很大特权，因为任何人不得伤害或者惩罚他们，除非由于非常严重的问题不得逮捕他们，他们可以差人逮捕任何欺凌他们的人，除此之外还有许多别的特权。有一些葡萄牙人不太有把握地认为，中国人学习自然科学，实际上中国既没有综合学校也没有专门学校，除了学习王国法律之外不学习任何其他东西。确实有的人知道一些关于天体的论述，了解日食和月食的情况。但这些人是通过在他们当中流传的某些文字材料知道的，他们把这些知识私下教给某个人或某些人，但没有这方面的学校。中国人在书写中没有固定字母，因为写出的都是图形，一笔一划地写，所以说他们有许多字，每个字代表一个意思。于是一个字代表天，另一个字代表地。对其他东西也都是这样。然而，应当了解，他们也使用某些字来表示外国的或似乎是外国的名称。因此，在全中国有许多种语言，说起话来互不相通；如果用话说，交趾支那人与中国人、日本人与中国人都无法交流，但通过文字他们都能相通。因为代表天的那个字所有人都用同一写法，但说起来各不相同，写出来之后大家都知道表示天。我曾多次问过一些人，那么多人如何通过文字互相交流而通过说话却不能沟通，这是怎么回事，但一直没有弄明白，但有一次我在交趾支那的一个港口上弄明白了。船上的文案是个中国人，他正在写信给当地的老爷们，请他们给我们提供补给，我们向他们付钱。我看着他写信的时候对他说，何必要写信呢，告诉他们一声不就可以了吗？他对我说，他们之间语言不能相通；等他写完信以后，我请他写出字母表，他只写了四个字；我说，你写出全部的字吧，他回答说，无法立即写出来，因为一共有五千多字。我马上明白了是怎么回事，问他这头一个是甚么字，他说是天；第二个呢，第二个是地，第三个呢，第三个是人。就这样，我总算弄清楚了这件一直不明白的事。他们书写的规矩不象其他所有人民那样写横行，而是从上往下写。





第十八章

给老爷的供给及其管家

老爷们被派往所治理的省份上任，离开京城时只带必要的衣物和少数几名仆人；即便尚未任职，也无须携带路途上的生活必需品，也无须支府马匹或船只费用，因为一路上均提供食物和必要的船只和马匹；国王命官的饭食由王家收益支付。在所有城市和大地方，国王都有极好的雄伟馆舍，过往的大小老爷均可居住；所有国王命官均有充裕的费用，根据其地位高低分配房屋和饭食。不过，对每个人提供的开支规定了限制。因此，老爷到了住宿地之后，馆舍的官员就去问他，是想领取用于吃饭费用的现金呢，还是想要所需食物；老爷所要求的食物，只要在该款范围之内，都必须提供，并且当场明确商定，或者要肉，或者要鱼、鸭、鸡，或者他所要求的其他任何食物。如果馆舍伺候得不称心，任何住宿的老爷都可以差人鞭打馆舍的官员。如果某个老爷想到某个熟人家里住宿，则把钱拿走，有时候地位较低的老爷也这样做，要么是为了省下一些钱，要么是为了歇息得更加自由，更加随便。这些馆舍提供的必需品应有尽有，因为布政使们总是注意提供足够的东西，以免不够用。在每年年底与馆舍官员清算支出的帐目。在路上，每隔一里格和二里格就有一个只有床和椅子的馆舍，行人可以在里边歇息，其中有些馆舍的管理人还给客人们喝酒，另外一些则只提供茶，即茶水；我们前边已经说过，一般所有人都向前去投宿的人提供住处。老爷们一到达行将居住和行使职务的城市，早已为他预备好居住的宅院，根据官职的高低，有的宅院大，有的宅院小。这些宅院中已有必要的佣人、文案、看门人以及执行职务所必须的其他管事人员，因为所有这些人一成不变，一直在这个宅院做事，为住在这里的所有官员效劳。根据所住宅院和本人情况，每位官员都得到吃穿必要的费用（有一定限制，但非常充裕），按月准时付给。老爷们年老之后不愿再担任王国职务，为国王效劳，便退休回到故里或者愿意去的任何地方，国王则根据其资格每月给一定数目的钱供其生活，直到死为止。因为老爷们的薪俸一般都很多，有些剩余，所以总能够给妻子儿女留下一些。所有的看门人、法官、文案、刽子手以及老爷宅院中的其他管事人的薪俸都很丰厚，按月准时付给。官员们处理一切政务和司法事务时都有这些管事人在场，所以他们什么事情都知道；由于他们一直住在宅院里，不随老爷变更而变更，因此，当着他们之中任何人的面老爷在处理政务时；都不敢胡作非为；当着他们之中任何人的面都不敢收受贿赂。即使收受贿赂，或者做什么违反法律、不符合其义务的事，老爷必须做得非常隐蔽、非常小心，不让任何管事人察觉。老爷坐在其椅子上听取各方陈述并作出处理的时候，看门人、文案、法官和其他管事人站在门口；任何人进来办理什么事务时，其中一个看门人便高声说什么人进去，去办什么事，因为距离比较远。任何人与老爷说话时必须双膝跪倒在地，一般来说与老爷保持一定距离，所以必须高声说话让老爷听清其陈述，或者呈上书面请求，后一种情况下要双手举起书面请求，请求老爷接受并秉公而断，这时老爷打个手势，一个管事

人便跑过去接过，呈给老爷。老爷阅读后，要么亲自处理所要求的事情，要么批给较低级的官员处理。我见过一个女人向布政使呈交请求书的场面。

第十九章

殷勤和周到也伺候老爷们

对老爷们伺候得非常殷勤和周到，并且极为惧怕，这无法用笔墨形容，也无法用话语来解释，只能亲眼看见才会知道是怎么样的。所有人都立即跑步执行他的差遣和为他效劳，不仅文案和法官如此，而且小老爷们对大老爷们亦然。如果某人在约定俗成的殷勤和迅速上有什么差池，或者在老爷面前稍稍表现出漫不经心，老爷就会差人把一面小旗交到他手中，只到老爷处理完各种事务，他必须一直手执小旗跪在地下；然后老爷下令对其鞭打，至于如何打，要取决于老爷的想法。鞭打的情况我们下面再谈。因此，老爷宅院中的所有佣人和官员身上总是敷着药膏或者带着鞭痕；在他们当中，身上不带鞭痕反而成了一种污点，因为他们遭受鞭打已经成了司空见惯的事。每当老爷因为什么事情恼火或者愤怒的时候，所有在场的人那种惶恐和胆战心惊的样子非常值得一看。有一次我和几个葡萄牙人到布政使的宅院设法营救被逮捕后关在狱中的葡萄牙人，为此我们带去了八盎司琥珀，当时他们还非常珍视琥珀，现在由于带去的太多，就不那么值钱了。他不肯把两个被囚禁的葡萄牙人全部交给我们，我们就不想把琥珀给他。在这种情况下他开始吓唬我们了，顿时向一个陪同葡萄牙人并为其充当翻译的年轻人大发雷霆。他从椅子上站起来，脸涨得血红，两只眼睛中冒着怒火，一只脚向前跨出一步，两个姆指叉在腰带上，凶神恶煞地看了看周围的人们，然后抬起一只脚，猛地往地下一跺，用令人胆寒的口气说：打。打的意思即用鞭子抽。人们立即把年轻人抓住，把双臂拧到背后用绳子捆上，放倒在地，肚子朝下，扒开裤子，露出臀部，两个刽子手分站两旁，两只脚一前一后，手持鞭子，单等一声令下便开始鞭打，这一切都是在很短时间完成的，动作非常快，亲眼目睹者无不瞠目结舌。跟我们一起去为我们说话的商人们惶惶然不知所措，吓得不停地浑身颤抖，躲在一边。这时其中一个囚犯说，先生们，不要害怕，不会鞭打那个年轻人的。情况确实如此，我们已经知道，因为根据他们的法律，下令鞭打是没有错的，但他不肯打那个年轻人。听到囚犯的话之后，老爷立即把那个囚犯押回监牢。老爷之所以这样做无非是为了吓唬我们，让我们为释放其中一个犯人把琥珀交给他；为什么他不能把另一个囚犯交给我们呢，因为这个囚犯已被判处死刑，判决书已由国王核准，不能撤销，而他又想得到琥珀，因为他还指望通过琥珀从国王那里得到恩宠，即比布政使更高的职位。他希望靠吃琥珀延年益寿，很多日子以来一直向葡萄牙人讨要，但苦于不知道我们使用的琥珀的名称，直到前一年海道通过释放一个葡萄牙人得到了一点后才弄明白，这位海道因此晋升为布政使，而这位布政使也想为此从我们手中得到更多的琥珀。我们无计可施，没有翻译帮助我们说话，那个年轻人又马上要遭受鞭打，只好把琥珀交给他。有人马上端上来一个火盆检验琥珀，把一点儿琥珀扔进火盆；看到冒出的烟直接往上升，他非常高兴，用鼻子嗅子嗅，说：好啊，意思是说很好，于是立即下令把囚犯释放并交给我们。他们立即称量琥珀，点清块数，用一张纸包好，文

案当着众人上面写上块数和重量，接着又包上一层纸，并立即黏牢，随后又包上一层纸，布政使在第三层纸上用红笔签上名字，并写明里边包的是什么，整个过程进行得速度之快令人惊叹。就在这同时，有人拿来一个小匣子，把琥珀放到里边之后马上盖上盖，在匣盖上黏上一张纸，布政使又在这张纸上签上名字。马上来了一位较小的官员，他是舰队的长官，率领其士兵来了，他们在离得很远的地方一齐双膝跪倒，长官跪着接过匣子，一边接一边用头和双手触地，嘴里不停地说：是，是。接过匣子之后，他率领部下捧着匣子象进来时那样飞快地返回，按照吩咐把琥珀送到王宫总管处，请他呈交国王。我把这件事讲得非常仔细，为的是让人们了解他们吩咐得多么具体，人们遵照吩咐办事又多么勤勉认真，因为我上面说的这一切是在我们离开那里之前做完的，几乎是在顷刻间做完的。这位布政使还想在那位老爷来这里之前从我们手中得到琥珀，那位老爷正日复一日地期待着琥珀以便再次进宫呈送呢，而这位布政使只不过是地方官员。每当某个既非五位高官之一又非差官、也不是非常小的官员，即人们所说的半吊子官，出门到街上去时，在他前边相当距离的地方有两位管事人，每人手持一根长长的棍子，棍子上端是权杖，权杖似乎是银质的，几乎和我们的一模一样，他们一个人走在街道一边。另一个走在街道另一边。他们后边是另外两个人，每人手中拿着一支纓枪或者棍棒。在他们后边同样距离的地方是另外两个手持棍棒的人，棍棒拖在地上，是行刑的工具，即行使鞭刑。这两个人后面走的是另外两个人，他们各自手持一块象圆盾似的油漆木板，上面写着在这里经过的官员的官衔。最前边手持权杖者表示经过此地者是国王命官在执行职权。手持棍棒者表示司法应当公正。手拿鞭打用具者身上披着的标志是很宽的红布条，在条两端是很大的红纓。所有这些都戴着非常漂亮的孔雀翎毛。走在最前边的人不时大声喊：噢，意思是命令人们让开路，或者是要众人回避。这些人经过的时候，不论什么人都不准通过，也不准到街道中间，谁敢违反，必遭受鞭打，绝不宽恕。有一次，两个葡萄牙人正在广州街道中间散步，他们后面来了一位只带四个管事人的小老爷，这四个人照例一边走一边喊着命令人们让路。两个葡萄牙人要么是没有注意，要么是没有把来的人当回事，所以一位管事人走过去猛地推了一下其中一个，这个葡萄牙人回敬了他一拳，就因为这一拳，他被反剪捆住双手，要送往监牢。应当说，这位葡萄牙人不缺乏勇气，会干出古怪的事来。但是，前面我们已经说过，任何人不准佩带武器，连刀也不准带，否则处以死刑。因此他不得不走到老爷跟前，恳求他息怒，最后总算用十四个克鲁札多让老爷平静下来。我讲这件事是为了让人们知道，我所说的一切都千真万确。现在我们回到原来的话题。这些管事人后边就是老爷了。他坐在一个非常漂亮、雅致的椅子上，由四个人抬着；椅子很大，很豪华，老爷四周由所有文案和其他管事人簇拥着。只要来到街上，所有这些人总是跑步前进。老爷身穿黑色细哗叽长袍，宽宽的袖子，这是他们普通的装束。他象个修道士似的双手在胸前交叉，目光低垂，不左顾右盼，因为他甚至不愿意以目光与平民百姓交流，为的是保持其尊严，使众人对其望而生畏。除了王室总管出巡或差官每

年一次莅临之外，四位大老爷中每一位出门时场面都非常大，由许多管事人陪同，六个管事人抬着，还牵着配有上面盖着丝绸的华丽的鞍子的骏马，老爷乘坐的椅子更加气派，更加华丽，前面有四个、五个或六个持权杖的人，两三个持刑具者以及其他管事人。每当三年来一次的官差进城，或者钦差因重要事务到此，他们经过的街道家家关门闭户，任何工匠都停止工作，街上空无一人。各个商店都停止营业，不做任何买卖。管事人把绳子沿街拉开，把街道分为三条，主要街道上的过街牌楼分成三个拱门，中间的拱门只供老爷通过，各管事人则从两个旁门通过。任何其他人均不得走中间的拱门。老爷由许多步行的小老爷们陪同。街道两旁站着许多士兵，有的手持武器，有的举着红色丝绸挂旗，排列得整整齐齐。在老爷们要去的宅院里有许多鼓，鼓用高高的木架支起以便于敲打，并且用四色调缎盖住，绸缎直垂到地面。这些人后面是许多旗手，他们排列整齐，高举着的绸缎旗帜随风飘扬。旗手后面是排列得同样整齐的号手们。大家都鸦雀无声。老爷刚一出现，众人便依次击鼓吹号，奏完之后立刻静下来，虽然有众多的人在场，但整个宅院毫无动静，象一个人也没有一样；人们鱼贯而进，分站两旁，鼓乐手们中间的路空着，老爷在这里通过。在这些老爷前头往往是许多外出时持权杖的小老爷们。宅院里还有许多士兵，他们手持非常漂亮的长标枪或者戟。这一切都是在第一个院子里。在第二个院子里，中间的甬道只供老爷行走，在前边说到大官们的宅院时我们已经谈过这一点，甬道两边站立着许许多多小老爷，他们都带着头盔，有金色的，也有银色的，身佩宝剑，穿着古罗马式的长袍或者长及膝盖的外套，长袍和外套上缀着金黄色的或银白色镜饰物，看上去非常锋利，但实际上是缝在绸缎上的精巧绝伦的装饰品，仅仅为了漂亮。有些人戴白色头盔，上面镶金色饰物，饰物是很薄的金箔，看上去象武器一样，其实不是。这些小老爷都簇拥着大老爷。大老爷们乘坐的椅子非常豪华，非常讲究，非常贵。写着大老爷们职位的木牌上的字是银白色的。当某个大老爷威风凛凛地进入某个城市时，当地大小老爷们全都到他下船处的一座非常雄伟豪华的宅院去迎接，并陪同他到下榻之处，等他安顿好之后，所有大小老爷们还要用非常复杂的礼仪告别。在这些接待仪式中，人们并不穿华贵的衣服。大官们充其量穿紫色绸缎长袍。在宅院中的聚会和私下会见以及宴会上，他们才穿上大红绸缎袍子和华贵的服装。我如此不厌其详地讲述这些事是为了让人们知道，离我们十分遥远的外国人是如何治理国家的。



第二十章

被判死刑的人们和司法范围内的事。这是值得重视的一章。

无论是通过审讯还是通过调查询问当事人的时候，老爷们都公开进行，当着他属下的官员和管事人以及不论通过什么方式在场的所有人进行。这是为了避免一切弄虚作假的行为，在询问时也不得要什么阴谋，在书写案卷上也是如此。首先是分别询问证人，如果在一起审问，则当着一个人证人的面询问另一个，直到他们互相唇枪舌战地争吵起来，以便从他们一个人对另一个人说的话中弄清真相。如果这样还不足以明白真相，则对其狠狠鞭打和拷打，以便最终了解所审问或调查的案件的真相。他们不使用宣誓的方法，因为任何人都不尊敬他们的上帝，但在作证时他们尊敬有身份的人，认为一旦撒谎那些人绝不轻饶他们。在调查非常重要的案件或者罪刑严重的人时，虽然有许多文案可以代笔，但他们除了相信自己之外不相信任何别人，所以往往亲自书写案卷。有时候也发生这种情况，某些老爷因为接受了巨额贿赂或出于深厚的情谊释放了某个要犯，用另一个人顶替他，因为不乏一些混帐东西为了得到财物甘愿冒受鞭打或被处死的危险，或者使用欺骗手段，告诉他案情很轻，给他一些财物，让他冒名顶替他们想释放的囚犯，以便使罪犯的罪过和处罚落到无辜者头上。如果有时以这种方法还不能释放囚犯，则以贿赂买通所有官员，让他们把该罪犯列入在狱中死亡者的名单之中。不过，若非利益非常巨大、关系非常深厚和重要，他们是不会使用这些发明的。为了防止这种时有出现的弊端，当有些人因严重案件被捕或者囚犯有强大的仇人，则写下囚犯的一切特征，并让其在该文件上签字，为的是人们不能使用上面提到的手段。如果某人因债务被捕，并且承认所欠债务，则为其定下偿还期限；如果在定下的期限内没有偿还，就把他狠狠鞭打一顿，再定一个期限；如果在这个期限内仍然未偿还，那么就再鞭打他一次，并且再定下一个期限；这样周而复始，直到那倒霉的犯人要么被鞭打至死，或者他无法偿还，由其亲属替他还清这笔债务。如果某个人将要搬家，从这条街搬到那条街，或者想搬到别的地方生活，人们就会敲着锣沿街吆喝，说某某人要离开这条街了，如果他欠什么人的东西，乘他没有离去之前去找他，以免吃亏。如果他没有这样吆喝就搬走了，那么他的邻居们就必须替他偿还他所欠的一切债务。所有因盗窃和杀人而被捕的囚犯，要么在监狱中饿死，要么在差官年度视察时被鞭打而死；如果他们有机会吃饱穿暖，有钱治病，死与不死就看运气如何了。所有被判处死刑并经国王核准为最终判决的囚犯，每月能得到国王配发的一定数量的大米，用这些大米和在监狱中学会的做丝绸鞋的收入或者其他方法，勉强可以维持生命；所以，在判刑之前因冻饿而死者比判处死刑之后死去的人还多，因为杀死被判处死刑的囚犯要拖很长的时间。这样，他们要么在判决以后很多年后才被依法杀死，要么自然死亡，因为执行死刑是以下述方式进行的。我已经说过，差官象视察法官一样，每年调查各官员，使各省治理得更好。他命令把各监狱死刑犯的名单及案卷送来，和省里的各主要官员重新审查。仔细检查之后，他们从所有死刑

犯中挑选认为最应处死的人，五个或者六个，或者稍多一点。深夜，做出决定后立即差人到监狱，通知犯人准备被处死；据曾在监狱被囚的葡萄牙人说，听到命令后牢房里一片嘈杂声，混乱不堪，好象地狱里的魔鬼全都集中到那里了，因为囚犯们心惊胆战，每个人都怕厄运降到头上。所以被确定处死的人准备好之后，全体老爷再次去查看他们认为罪行最严重者的案卷，看是否发现其中某个人的罪过不太足以处死；决定了处死的人之后便命令放三声炮，这是把他们从狱中提出来的信号。这时老爷们再次查看案卷，并命令再放三声炮，这是把囚犯押赴刑场处死的信号；查看完案卷后再次命令放三声炮，这是对罪犯执行死刑的信号。不过有时会出现这样的情况，确定了必定处死者的名单之后，其中有一个或者两个又被押回监狱，因为老爷们认为因为某种原因应当宽恕其罪过，使其不足以非处死不可。在最后这次审查之前的几次也会出现同样情况。行刑都在下午进行。老爷们要执行死刑的时候，人们个个提心吊胆，全城笼罩在一片恐怖气氛之中。各商店都关了门，不出售任何东西，没有任何人继续干活，这时，把死刑犯排成一圈，只捆住他们的双手，让他们吃饱喝足；接着敲起钟来，钟很大，用生铁铸成；此时全城一片嘈杂声，因为这是处死的信号。行刑之后，尸体在刑场放到太阳落山时分。这时，各商号开了门，开始做买卖。处死罪犯时他们充满怜悯之心，非常缓慢，而鞭打时却极为凶残，非常快捷，因为他们在鞭打方面不肯轻饶。他们的鞭刑确实是一种足以令人改过自新的惩罚，因为他们实施鞭刑使用的工具是扁平的棍子，下面大概有四指宽，从下面到刽子手握着的把越来越窄；棍子几乎有一指厚，在那一带也有象人的腿一样粗的行刑棍。葡萄牙不乏这方面的智慧，许多人可以作证，所以我敢断然地说，那里的行刑棍有八十、九十甚至一百拃长，而这里的棍子竖起来只到一个中等身材的人胸部那样高。鞭打的时候让罪犯趴在地上，反剪捆住双手，把腿伸直，棍子打在腿的 部。这种鞭刑非常残酷，第一下就能打出血来，而每一下要打两次，两个刽子手分站两边，一边的打一条腿，另一边的打另一腿；打上两下犯人便站不起来了，要拉着他的腿和胳膊拖走。而打五十、六十下之后，许多犯人便死去了。因为 部已被打烂。如此执法的主要目的不是打死犯人，上面已经说过，处死犯人的过程非常缓慢；我们下面还要谈到，在判处死刑的罪犯中有许多被逮捕的窃贼，这种囚犯最可恨，所以差官对他们严加惩戒，命令打每人四十、五十、六十下，许多人被活活打死。在进行这种惩戒时，不时把棍子放进盛满水的大缸里浸湿，以便打得更狠。这些刽子手遵命行这种血肉横飞的酷刑的时候，老爷们却悠闲自在地吃喝，互相让酒布菜，或者若无其事地剔牙。这种刑罚太残酷了，往往弄得院子里满地是血。鞭打完之后，只能象拖绵羊一样拉着他的一条腿拖回牢房，其状惨不忍睹。刽子手们在鞭打时一边打一边高声数着数目。在监狱中，那些罪行严重的可怜虫们在行将遭受这类惩戒时可能手头有一截绳子自缢，谁首先自缢必定遭到其他犯人的一顿拳打，因为如此一来血腥的鞭打会落到他们身上。有几位曾坐过牢的葡萄牙人告诉我说，他们所在的监狱中一天之内有四十名囚犯自缢身亡，因为这些人宁肯丧命也要逃脱鞭打。那些葡萄

牙人还说，犯人假若有绳子的话，绳子也很短，只够把脖子绑住，在墙上钉个橛子，橛子钉得很低，只要把身体一伸就够得到，挂在上面憋死，众人就挥拳对第一个上吊的人痛打一顿。如果有人自杀，或者在监狱中死亡，中国的规矩是把尸体扔进粪便坑里，在那里停三天，任老鼠去吃。有时候也有饿极了的中国囚犯去吃尸体。三天之后一位司法官员带领一个文案和管事人到那里，用绳子把他的脚捆住，拖到监狱大门外边的旷野，在经过大门时官员命令管事人用包着铁皮的棍子朝其臀部狠狠打三下，打完之后让文案纪录下因什么什么罪过正在坐牢的某某人在监狱中死亡，根据规矩已在粪便池中停留三天，对其进行了常规检查，未发现任何生命迹象，认定该人已死，已命人将其扔进垃圾堆。监狱长把这一记录保存起来，待差官来到时交给差官，以便从此不再为该囚犯负责。对死者做这些检查是为了不让他装死逃走。一位曾经被囚禁的有身份的葡萄牙人说，他所在的监狱每年死两千人左右，有些是饿死的，有些是冻死的，有些是鞭打死的。把全省各地的囚犯押往作为省会的城市时，每个犯人手里都拿一个小旗子，旗子上用大字写着因什么罪过被捕，他们必须高高举着小旗，让所有过往的人都看到和读到他们的罪过，以此警告众人不要犯这类罪行。



第二十一章

中国的监狱和监牢

中国的监狱非常残酷，尤其是那些关押已判处死刑的罪犯和应该判死刑的案犯的监狱。所有监狱都十分坚固，每个作为省会的城市有十三座监狱，其中只有六座关押死刑犯。仅广州就有一万五千多名囚犯。每座只关押死刑犯的监狱有一百二十名看守，一位老爷作为他们的长官，或者叫督察。所谓监狱即用高高的石头墙围起来的关押犯人的大房子；进入监狱要通过三道门，平时每道门都紧紧关闭并且有看门人把守。石头围墙里边还有一道十分坚固的木头栅栏。三道门里边是老爷住的房子，房子非常大，他作为狱长负责各个监牢。老爷住处往里是一个很大的栅栏，里边有很大的果园和菜地，还有一个很大的鱼塘。老爷居住的房子入口是一个很大的院子，院子以正方形的石板铺地。这个院子的一边就是其中一个监牢，监牢有几个不太坚固的门，这个监牢里关押的是些案情轻的囚犯；监牢非常大，里边有街道和广场，犯人们在那里卖种种东西，既有食物也有其他日用品，这些东西是他们从外边带进来卖的，许多人靠卖这些东西为生。另一些犯人有床，出租给那些需要床又付得起钱的犯人。这个监牢关押的犯人数目从不少于八九百，因为每天都有人被放出去，每天都有人被关进来。这个监牢那边是关押案情严重的囚犯的监牢，也关押已判处死刑的罪犯；这个监牢中犯人很多，要进去必须通过三个铁门，过了三个铁门之后就进入一个很大的方形院子，院子以方石板铺地，四周有回廊式的房檐。这座院子有八个铁门，每排房子两个，通过这些门进入八个很长的大房子，每个房子门前是有一个通道，通道两边各有一个平台，平台不算太高，平台中间的通道上有两根非常粗的铁链，每到晚上就把犯人们背剪着手锁在铁链上，铁链稍稍高于犯人的胸部，每两个犯人之间有一个粗粗的铁环，铁链从其中穿过；据在那里坐过牢的葡萄牙人说，犯人被铁链紧紧勒住；新犯人头几天尚不习惯监狱的关押方法，早晨从铁链上解下来时往往失去知觉。把犯人锁在铁链上之后，还要在他们上面放一个木头格栅，格栅紧紧箍住犯人，尤其是下边，非常窄，使任何犯人都无法动弹。夜间，犯人不仅被紧紧箍住，而且时刻受到严密监视，里外两边都有看守，整个夜间里边的看守都高声点着犯人数目，外面的看守不断应答，由于声音极高，所以监狱长官躺在床上也能听得清清楚楚。夜间看守们分为五班，轮流值班。白天也点一次犯人数目。任何看守稍有粗心，或者被发现睡着了，必定受到严惩，决不宽恕。因为监牢极为坚固，监视非常严密，所以中国任何监狱都从未发生过犯人逃跑的事件。中国人口太多，许多人缺衣少食，想方设法谋生，成为窃贼，以此谋取生活来源。除了以上述方法禁锢和监视犯人之外，还给所有那些案情严重的犯人脚上带上脚镣，手上带上手拷，他们称之为手枷，用厚木板制成，上面有两个刚好容得下手的孔，犯人想用一只手做什么事时不得不把另一只手也抬起来。有条件贿赂监狱长的人戴手枷的方法不同，可以把一只手抽出来。所有犯人都想方设法能从手枷中抽出一只手来，为此他们必须弄到钱，但自己也必须十分小心，

不让管事人发现他的手在外边，因为一旦被发现就会遭受非常严厉的惩罚。被判处死刑者在脖子上套上夹板，夹板上涂了漆，很长，直到膝部，上面写着他为什么被判死刑，宽度在一拃或稍多一点。每天上午，所有囚犯都从铁链上解下来，到回廊上去，一般他们都充当鞋匠，主要做带丝线的绸缎鞋子，以做鞋子和国王给的大米养活自己，这一点上面我们已经提到过。那些未判刑的犯人，往往难忍饥饿的煎熬，绝望地想办法自杀。因为有些监牢四面透风，一些没有衣服禦寒的犯人活活冻死。对罪过轻微的犯人最普通的惩罚是鞭打，鞭打的程度视其罪过而定。对一些罪过轻的犯人也使其游街受辱，即用三拃多宽的方形厚木板，中间有一个和脖子粗细差不多的洞，木板分为两部分，可以打开来夹在犯人的脖子上。木板上写着因为什么罪过游街受辱。根据罪过大小，有的游三天，有的游四天。那些罪行严重又没有任何钱财来源的犯人经某个主要老爷恩准可以到城中行乞。但要有人押解着到广场上乞讨。折磨犯人有两种方法，一种是对手，另一种对脚。对手施刑用的是一指粗一拃长的圆木棍，木棍上有孔，在孔里穿上绳子，两根棍夹住犯人的手指，拉紧绳子，木棍便挤压骨头。我看到过一个十三四岁的小伙子受这种酷刑，看到他那个样子真让人可怜。他之所以戴上这种刑具，是因为他原来在一个监牢看守一个被依法逮捕的青年，结果由于他不小心让那个青年跑了，因此他带着这种刑具寻找那越狱犯。这还是最轻的刑罚。脚上施刑才是最难忍受和最痛苦的。两个四拃长的木板，一头用合页连接，另一端用绳子勒住，拉紧绳子时木板挤压脚踝，能把骨头压碎。

第二十二章

中国国王与谁结婚，使节，国王如何每月得知整个王国发生的事情

国王结婚不与其王国之外的人混杂。其儿女与其他亲戚结婚。现在，在他们当中已不保持原有的习惯：当国王想为其儿女成婚的时候便设宴招待所有高贵的男人和女人，这些人都带着自己的儿女们赴宴，男人带儿子，女人带女儿。国王的儿子被领到女人们中间，他们看中了了的姑娘们就成了他们的妻子。同样，国王的女儿们被领到男人们中间，她们看中的小伙子就成了她们的丈夫。因此，每个人都尽其所能打扮其女儿和儿子们。为了保持本身的威风 and 尊严，国王从来不出去。在高大的城墙的大门以内有许多宽敞的房间，很大的菜地和花园及果园，内中有许多水塘养着许多鱼。还有不少丛林，里边有许多野猪和鹿供骑马狩猎之用。这样，在大门之内他就可以随心所欲地进行各种消遣。除了阉人之外，他不与任何人见面，不与任何人说话，上面已经提到过，国王通过阉人们下达命令，管理整个王国，因此阉人们都深谙王国的法律。国王帽子上的标志是用丝绸制作的向上翘的耳朵形的饰物，而老爷们帽子上的耳朵则是横的，这些可以在来自中国的某些绘画上看到。国王想要多少妻子就娶多少，大门之内几乎所有的事都由女人们做，所以有成群的女人，所以那里有许多阉人，没有其他人。国王的第一个儿子，不论是哪个妻子生的，将继承王位；至于其他儿子，结婚之后便安置到他喜欢的某个城市居住；作为国王的儿子，他们家中豪华生活所需要的一切都由国王提供。但是，结婚之后他们再也见不到国王，也不能走出他们所居住的城市，我们说到国王的亲戚时曾提及这一点。作为其他国家国王或亲王的使团来中国的所有使节都能得到中国国王的许多礼物和赏赐，还能得到作为老爷标志的帽子，所以在当地享有很大的特权。他们可以鞭打和惩罚中国人，但是，对于老爷们，不论是大老爷还是小老爷，却不能污辱，否则会招致很大的麻烦。正是由于这个原因，费尔南·皮来资·德·安德拉德作为使节到中国后，中国人群起而攻之，他不得不丢下几艘船抱头鼠窜，因为他在中国和中国人当中以人们所不习惯的方式主持正义，尤其是企图干涉老爷们的事务。使节及其随从人员的财产免于征税，并且还给他们提供住处和在当地期间所需要的一切。任何人，包括老爷们在内，均不得伤害使节或损害其财物。有一天一位老爷想鞭打一个暹罗人，因为他给关在狱中的几个葡萄牙人送了信，这时一个管事人告诉他，那人是暹罗人，是使团成员，于是那老爷向他致意，让他平平安安地走了，并且恳求他不要再干这种事。所以说，他们对使节及其随从人员非常尊重。一开始我们便说明中国非常之大，国王治理有方，每个月都能了解到全中国发生的一切事情。他是通过以下方式知道的。每个省份的老爷们和其他人把本省一切有关司法和战争的事情以及所有值得了解的新鲜事呈报布政使，布政使把这一切书面向总督呈报。总督每月必须派信使向王室呈送那个月发生的一切事情的报告。他们的月份按月亮圆缺计算，所以必须及时呈送，各省的信使必须在月初送达王室，以便在每月的第一天向国王呈交每个省份发生的各种事情的报告。有些省份

距京都很远，信使不能在一个月內到达，但他们设法让国王每个月都能收到各省份的报告，尽管一些省份较远，用的时间较长，另一些省份较近，用的时间较短。信使们使用的方法与我们一样，他们都随身携带军号，快到某个地点时便吹起号来，让那里准备好马匹，因为每隔一定距离便有一个这样的地点。听到号声后那里必须把马准备停当，象官员们做其他事情一样，他们干得非常尽职尽责。如果要渡河，听到号声后会立即把船开来。有一次我在前往广州路上路过一个叫江門的地方时就看到了这种情况。有时候一些老爷为了某种利益故意隐瞒某些事情不让国王知道，不过国王知道以后他们便遭了殃，因为会受到非常严厉的惩罚，这我们从下面的例子中可以看到。我在印度时听说过，在中国也听说过，有时候中国国王派出一些他非常信任而中国各地都不认识的人去了解官员们为他效力的情况，了解是不是有老爷们不让他知道的事情或者变化，是不是有必须处理的事情。由于国王如此细心治理其王国并且管理得很好，所以一个这么大的国家才在许多年中一直保存下来并且维系着团结与和平，没有任何其他王国得以进入中国或占有其任何东西，而中国却征服和占有了许多王国，使许多臣服于他独一无二的统治。

第二十三章

过去葡萄牙人如何与中国人打交道，如何对他们耍阴谋。

既然上面我们曾多次提到在中国的囚禁的葡萄牙人，那么就应当让人们知道他们被捕的原因了，这方面有许多重要的事可说。人们应当知道，从五十四年至今，在中国做生意非常顺利，没有任何危险；从那时到现在，除了发生大灾害之外没有损失过一艘船，而过去损失的船非常多。因为过去中国人和葡萄牙人几乎一直处于交战状态，当船队向他们冲过来时，他们启航朝海上驶去，处于难以对天气变化有所防备的地方，所以风暴一来，许多船要么撞在岸上，要么搁浅在海滩，损失惨重。但是，从五十四年至今，莱昂诺尔·德·索萨担任兵头，此人是阿尔加维人，在稍埠结婚；他与中国人商定向其交纳税款，对方则允许葡萄牙人在中国港口做生意。从那时起到现在，一直在广州做生意，而广州是中国最大的港口，中国人带着他们的丝绸和麝香云集那里，这是葡萄牙人购买的主要货物。那里港口安全，他们平平安安，没有危险，也没有任何人打扰他们。所以，此时中国人对葡萄牙人很好，乐于与他们做买卖，于是他们的名声传遍了全中国，王室的某些大员因为听说了他们的名声专门到广州来看他们。在上述时期之前和费尔南·皮来资·德·安德拉德引起反抗之后，做生意非常麻烦，中国人不允许葡萄牙人到陆地上，出于仇恨和厌恶称呼葡萄牙人为番鬼，即魔鬼的人。现在他们也不称我们为葡萄牙人，同意交税以后向王室报告时也不用葡萄牙人这个称呼，而是称为番人，即彼岸的人。还应当知道，中国的法律不准任何中国人到王国以外航行，违反者处以死刑。只允许沿中国本国海岸航行。即便是沿海岸航行，没有启航地老爷们开具的证书也不得从这一地方到那个地方，虽则这些地方均属于中国；证书上写明到何地去，去做什么买卖，本人的特征和年龄。不携带这一证明者被流放到边远地区。载运货物的商人要带所运货物的证明，还要为货物纳税。每个省份都有海关，在每个海关都要交一定税款，不交税者会失去货物并被流放到边远地区。尽管有上述法律，但一些中国人仍然航行到中国之外的地方做生意，但他们不再返回中国。未经准许出去的人当中有的住在马六甲，有的住在暹罗，有的住在八特那，总之，散布在中国以南的各个地方。某些已经在中国以外生活的中国人靠葡萄牙人的庇护把自己的船只开往中国，在为船只办理纳税手续的时候，便找一个葡萄牙人朋友，给他一些好处，让他以其名义办理纳税手续。为了谋生，一些中国人偷偷乘这些船离开中国到外边做买卖，然后非常秘密地返回中国，连其亲戚也不让知道，因为传扬出去会受到法律制裁。实施这样的法律是因为，中国国王认为，与外边的人交往太多会招致人们造反。还因为许多有到外边航行恶习的中国人成了盗贼，不断抢掠沿海地区；虽然如此防范，仍然有许多中国盗贼在沿海活动。在费尔南·德·安德拉德事件以后，这些在国外生活、与葡萄牙人一起航行到中国的中国人开始引导葡萄牙人到宁波去做生意，因为那一带没有带城墙的城镇，只有沿海穷人们的许多大村庄，他们乐于与葡萄牙人交往，因为可以卖给他们食物，从中得很好的收

益。在这些村庄，由于葡萄牙人与熟悉当地的中国商人结伴航行而来，所以受到欢迎，通过这些商人，还可以与带着货物向葡萄牙人出售的当地商人进行交易。在葡萄牙人与当地商人做买卖时，与葡萄牙人一起来的中国人成了中间人，所以这些人从中得到很大收益。沿海的小老爷们得到的收益也很大，因为他们由于允许进行交易并允许运来和运出商品而收受巨额贿赂。在很长时间里，这种交易一直不为国王和省里的大老爷们所知。在宁波秘密进行了一段时间的交易之后，葡萄牙人渐渐向其他地区扩展，开始到漳州和广东的岛屿上经商。其他老爷们也接受贿赂，于是葡萄牙人被允许到各地去，有些葡萄牙人甚至到了离广州很远的南京一带做生意，但这些事国王一直被蒙在鼓里，生意越做越大，葡萄牙人开始在宁波附近的岛屿上过冬，他们在这些岛上有住处，很安全，甚至连绞刑架和行刑台也不缺，与葡萄牙人在一起的中国人和一些葡萄牙人开始胡作非为，大肆偷窃和抢劫，并且杀死了一些人。事情越闹越大，受害者们的呼声越来越高，不仅该省大老爷们知道了，而且也传到了国王耳朵里，他立即下令在福建省组建一只强大的舰队，以把所有窃贼赶出沿海，特别是在宁波一带活动的窃贼；这样，所有的商人，无论是葡萄牙商人还是中国商人，都被视为窃贼。舰队组成后立即起锚沿海岸航行，但因为风向不对无法前往宁波，于是开到了漳州一带，在那里发现了葡萄牙人的船只，开始与其作战，不允许任何货物到葡萄牙人手中。一连许多天，他们有时与中国人作战，看有没有办法弄到商品。又过了许多天，看到没有办法，就决定空船离开那里。舰队的船长们得知以后，乘着夜色非常秘密地捎去口信，说如果葡萄牙人要装载货物的话他们可以允许运去一些东西。得到这个口信后葡萄牙人非常高兴，按照他们口信中说的乘着夜色给他们送去了厚礼。此后葡萄牙人得到了许多货物，对此老爷们佯装不知，为商人们掩护。因此，那一年葡萄牙人得到了货物，此事发生在四十八年。

第二十四章

中国人的舰队再次进攻葡萄牙人，这次进攻后发生的事情。

第二年，即四十九年，舰队的船长们对沿海守卫得更加严格，对中国的各港口和出入口更加严密监视，不让任何货物和补给品流到葡萄牙人手里。但是，不论控制得多么严密，总能有些货物能偷偷运到葡萄牙人那里，因为中国沿海岛屿很多，形成一长串，舰队防不胜防。不过，来的货物毕竟没有那么多，不足以装满大船，也无法卖出运到中国来的货物。于是，他们把剩下的货物留在那些离开中国的中国人的木船上，这些中国式的木船离开大船，在葡萄牙人的保护下去做生意。同时留下三十个葡萄牙人负责大船和货物，以便保护大船，寻找个合适的中国港口把剩下的货物卖出去，换取中国货物。安排好这一切之后，他们就启程前往印度去了。中国舰队的人看到其他大船走了，只剩下两只中国式木船，当地的某些商人又告诉他们，说葡萄牙人把许多货物留在了那两只中国式木船上，只有为数不多的葡萄牙人保护，于是他们便把舰队开过去。他们设下了埋伏，让一些中国人在陆地上维护船只，准备武器，摆出一副要冲向大船与其战斗的架式，但却停在岸上不动，为的是挑逗葡萄牙人从大船上下来与他们战斗，这样大船就无人保卫，此时隐藏在附近陆地伸入海中的一个角后边的中国舰队就发起攻击。保卫大船的葡萄牙人果然上了当，他们本该想到有舰队设伏却没有防备，一些人离开大船去与陆地上的中国人作战。在埋伏地暗中监视的中国船队立即迅猛地冲向中国式木船，杀死了船上的几个葡萄牙人，打伤了一些，并夺取了大船。取得这次胜利之后，担任舰队队长的提督非常高兴，神气活现，那副兴高采烈的样子让人惊异。他马上非常残忍地拷打与葡萄牙人一起被抓获的中国人，并设法引诱四个长得较好的葡萄牙人，让他们自称是马六甲国王，并最终说服了他们，因为他许诺说，如果他们这样做就给他们以比其他人的好的对待，让他们动了心。由于他在缴获的衣物中发现了一件宽大的长袍和一顶圆帽，就问其中一个与葡萄牙人一起被俘的中国人，那是什么东西。人们把帽子戴到那个中国人头上，说这是马六甲国王的衣服，于是他立即差人按照这种样式做了三件宽长袍和三顶圆帽，让那四个葡萄牙人都穿上这种衣服，以显示他的说话是真的，使他的胜利更加辉煌。这位提督还想看看能不能把在大船上缴获的许多货物据为己有。这样，他既想以俘获了马六甲国王而炫耀，在国人面前得到声望和荣誉，又想向国王报功以获得赏赐，还想利用缴获的货物向人民显示，使这次胜利更加光辉。为了把这件事做得万无一失，谎言不被识破，他对与葡萄牙人同时被俘的中国人严厉处理，杀死了几个，决定把其余的统统杀掉。他的上司海道得到消息，对他的作为非常怀疑，马上命令他不要再杀尚活着的人，一个也不能再杀，并立即带战利品和还活着的人前去，货物也要带去。提督遵命前去见海道，命令准备四个椅子供他封为国王的乘坐，让带去的这四个人显得更威风。其他葡萄牙人则装进囚笼，脖子用木板夹住，头不能缩进里边，其中还有几个人受了伤，也要这样毫无遮挡地遭受日晒雨淋。他们在囚笼里吃，在囚笼里喝，在囚

笼里大小便，这是对他们不小的折磨和惩罚。他们坐在囚笼里，由人们抬着。这位提督带着战利品威风凛凛地朝内地走去，前面打着四面旗帜，上面写着四位马六甲国王的名字。每当路过村庄时，他都大张旗鼓、威风凛凛地进去，前边有人吹号，还有人吆喝，大声宣扬某某提督活捉四位了不起的马六甲国王，取得了伟大胜利。当地所有主要官员都出来迎接，举行盛大仪式，所有的平民都竞相前来观看这新的胜利。就这样，提督既威风又荣耀地来到海道所在之处，详细报告了事情经过和胜利之后，他向海道表示出自己的意图，两个人商定平分那些货物，继续让那几个人装作马六甲国王，这样他们两人都能从国王那里得到荣誉和赏赐。商定之后，两人决定保守秘密，把提督开始的事情继续干下去，即杀死带来的所有被俘的中国人。他们立即下令执行，杀死了九十多个中国人，其中有几个还是小青年，但他们留下了三四个小青年和一个成年人，想通过这几个人（让他们听使唤）让国王相信他们的话，即把葡萄牙都说成是窃贼，并且隐瞒了缴获的货物。他们还通过那几个中国人使国王相信四个葡萄牙人确实是马六甲国王。四个葡萄牙人既不会说当地语言，又没有人为他们作翻译或为他们讲情，自然会死去；而他们有权有势，能随心所欲地安排，达到预期目的。因此，也是为了使胜利更显辉煌，他们没有杀死葡萄牙人，让他们活了下来。这些老爷们做这些事的时候不可能如此秘密，他们的阴谋诡计不可能不露出马脚，不可能不引起普遍的怀疑。尤其是各地都对他们杀了那么多人的残暴作法感到奇怪，因为上边我们已经说过，没有国王批准处死任何人都是不寻常的做法。还有，在当地，处死的过程非常缓慢，非常小心，这一点我们在前面已经说过。除了这一切之外，被杀死的人当中许多人在当地有亲属，这些人为亲人之死非常悲痛。由于有这些人在，由于有某些老爷热衷于维护司法，不容忍这等坏事和欺诈行为，此事让国王知道了。人们告诉国王，葡萄牙人不是盗贼，而是带着货物到中国来做生意的商人，有人把他们当中的四个人假扮成国王，以从国王那里骗取很大的荣誉和赏赐，并且还窃取了大量货物；最后，为了掩盖这些坏事，他们杀死了成年人和无辜的孩子。国王了解这些情况后非常恼怒，非常沉痛，立即下令依法查办。下一章对此详细叙述。

第二十五章

为了解葡萄牙人是什么人而进行的调查；如何对囚犯进行审问。

国王清楚地知道上述情况以后，立即从其王室派出一位钦差，上面我们说过，钦差的意思是金牌，若非极为重要的事务是不派钦差的。与钦差一起派出的还有两个也很有权势的人物，一个曾任布政使，另一个曾任按察使，由这两个人担任审讯官。另外还要求当年巡查福建省的差官以及该省的布政使和按察使在此案一切必要的方面帮助钦差和两位审讯官，要求所有这些官员在本案中做国王的好仆人，执法严明，以利于他的王国的治理。因为当时正值各省任命新的官员，从宫廷来的这些人一起浩浩荡荡地进了福州城，场面非常壮观。刚一进城，各位官员便开始一起非常认真、非常仔细地了解案情，他们为此而来，而且受到国王一再嘱托。作为审讯官与钦差一起来的两个人马上进入一个很大的宅院，宅院中间是个很大的院子，院子一边有些很大很漂亮的房间，另一边也是如此。两个人各自住进其中一个房间。犯人马上押来了，带到其中一个审讯官跟前。这个审讯官说了许多客气话，把犯人交给另一个审讯官首先审问。另一个百般感谢之后又把犯人交给第一个审讯官。每个人都想让另一个首先开始，这样几经谦让之后，其中一个才勉强同意，开始审理。因为案件极为重要，国王一再嘱托，所以被告和原告所说的一切都由这两位官员亲手作记录。葡萄牙人遇到的重要对头是一条被俘获的大船的中国领航员和一个从小在葡萄牙人中间长大的基督教徒，他们被对方的两位老爷以赏赐和许诺收买，成了其帮手；虽然两位老爷因贪婪而违法已被革职，在国王面前受到控告，但他们还在，仍然有权有势，什至在此之后还把为葡萄牙人充当翻译的一个中国青年弄走，让葡萄牙人无法被人了解，不能在大堂之上为自己辩护。后来葡萄牙人又有了一个中国犯人当翻译，写了一份诉状呈交两位审讯官。审讯官立即命令呈交。这个年轻人因此获得释放，因为葡萄牙人通过他与司法官们说话，也就完全能证明他无罪。审讯的程序是这样的：先把被告们带来交给其中一个官员审问，然后交给另一个官员再次审问。第二个官员审问时把原告们带给头一个审问的官员。这样，所有被告和原告都经两位官员审问，然后他们核对原告和被告说的话是否相符。首先分别逐个审问，然后把所有人带上来一起审问，看他们当中一些人和另一些人是否相互矛盾，是否相互争辩或争吵，从而渐渐弄清案件的真相。葡萄牙人的两个对头，即领航员和年轻的基督教徒，他们因为参与了一些事情而遭到狠狠的鞭打。审讯的老爷们在听葡萄牙人辩护时总是表现出高兴的样子，这使他们一下子轻松了许多。葡萄牙人虽不在一起受审，但说的话全都一样，这对他们帮助也很大。因为葡萄牙人在辩护中都说，请了解他们是什么人，他们是商人而不是盗贼，请派人到漳州沿岸去了解他们的情况，在漳州就能弄清真相，可以询问当地的商人，他们与那些商人做生意多年，从那些人的口中也能知道葡萄牙人不是国王，因为国王们不会屈尊带如此少的人来做生意；以前他们说过相反的话，那是由于受了提督的骗，为的是本人受到比其他人更好的对待。听到葡萄牙人提供的情况之

后，两位官员按照钦差的意见立即启程前往漳州，亲自调查葡萄牙人说的话是否属实，因为钦差不想把这次调查的任务交给其他人，只肯相信他们二人。这两位官员在漳州进行了调查，了解到葡萄牙人说的话属实，提督和海道撒了谎，于是马上派信使传令，把提督和海道关进监牢，命令立即执行了。由此可以看出这些人有多大的权力，竟然能逮捕这么大的人物，让各地均惊叹不已；许多人对葡萄牙人说，你们福大命大，为了你们的事逮捕了那么大的大人物。所以从此以后所有人都开始帮助他们。由于在宁波和漳州所作的调查使人们看清了，葡萄牙人并不象那些坏人说的那样干了许多坏事，两位老爷从漳州返回以后立即把葡萄牙人招去，对他们安慰一番，表示出极大的善意，说已经知道他们不是盗贼而是好人；然后又一次审问他们和他们的对头，为的是了解在某些事情上是否与原来说的有不同之处。在这次讯问中，原来站在老爷们一边与葡萄牙人作对的中国领航员，看到老爷们已经被捕，不可能再对他有什么好处，而葡萄牙已经得势，并且事实已经清楚，于是推翻了原来说的话，改口说葡萄牙人确实不是盗贼，也不是国王，而是商人，是很好的人；他还揭露了提督俘获葡萄牙人后把缴获的大量货物据为己有。在这之前他说的一直正好相反，那是因为老爷们给他许多许诺，他太怕老爷们了，不敢不照他们的话去说。现在他们被捕了，他知道老爷们再也不能坑害他了，所以他才把真话说出来。这时候两位老爷大吃一惊，目瞪口呆，好长时间你看着我，我盯着你，说不出一句话来。清醒过来之后他们又下令狠狠拷打他，看他会不会翻供，但他一直不改口，坚持这一供词。做完这宗案件所需的一切调查和审理手续之后，钦差和随从们要返回王室了，不过在离开之前要看一看那些葡萄牙人，然后再在城里走一走，炫耀一番。这次游行极为气派，全城高官陪伴，许多士兵保卫，锦旗如海，鼓号喧天，还有这类场合照例必不可少的其他排场和礼仪。这样，由众人簇拥着来到一个非常雄伟的大宅院。众人告别之后，他命令把葡萄牙人召来，交谈了几句便把他们打发走了，因为只是想看他们一眼。启程之前，老爷们还嘱咐当地老爷和典狱官，让他们照顾葡萄牙人，好好对待他们，满足他们个人的一切需要。他命令所有当地高官在一张纸上签字画押，以免他们返回王室报告所做所为时那些高官当中有人耍什么阴谋。还命令对提督和海道严加看管，不许他们与任何人接触。离开该城之后，他们躲到一个小地方，仔细整理所有文书，把必要的文书誊写一遍；因为文书太多，需要写的也太多，所以由三个人帮助干这项工作。必须带到京城去的文书誊写完毕之后，把其余的全部烧毁。为了这三个助手不至于把所看到的和抄写过的东西宣扬出去，下令把他们禁闭起来，严加看管，不得让他们与任何人说话，直到王室宣布判决时为止，但在这期间要向他们提供非常丰富生活必需品。文书呈交王室、国王和各大官阅过之后，以以下方式宣布了判决。

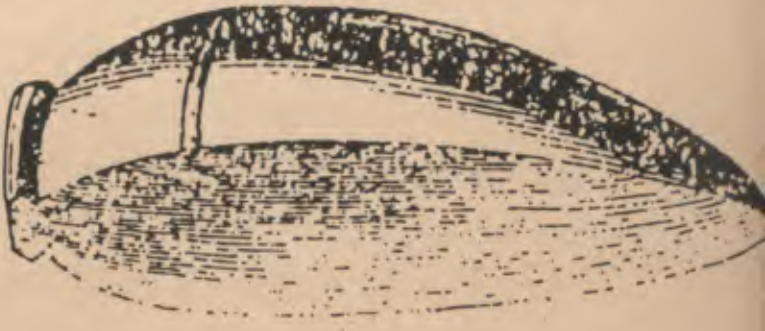
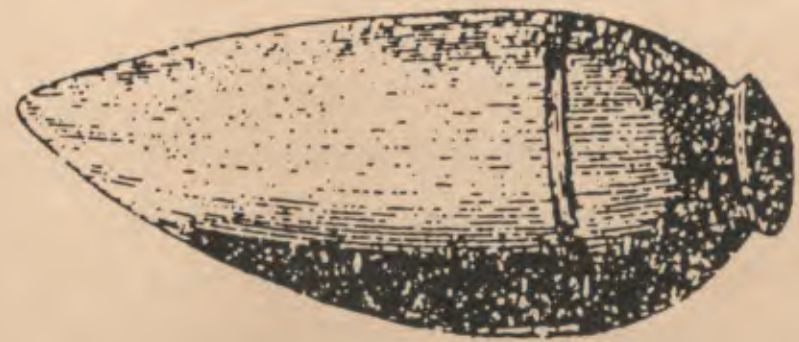
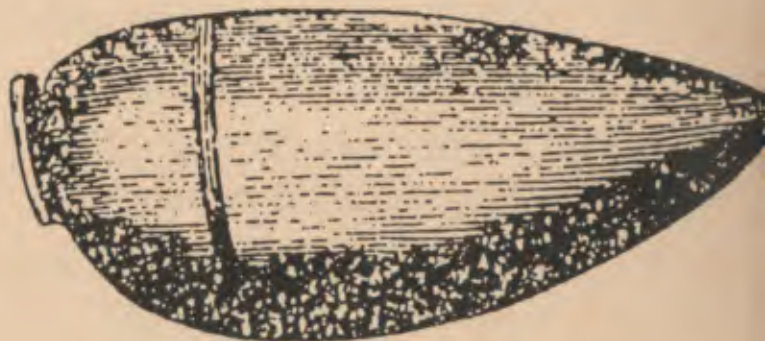
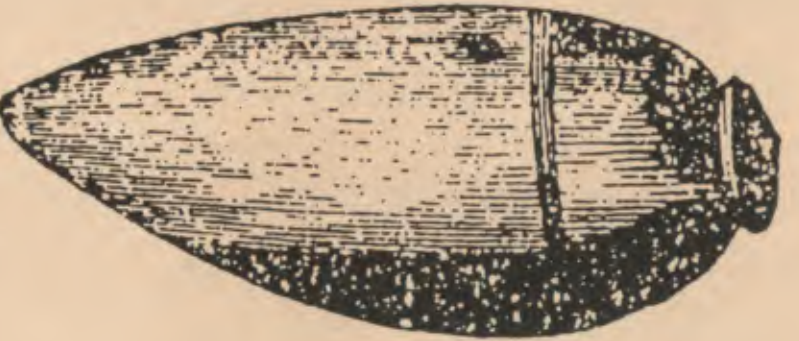
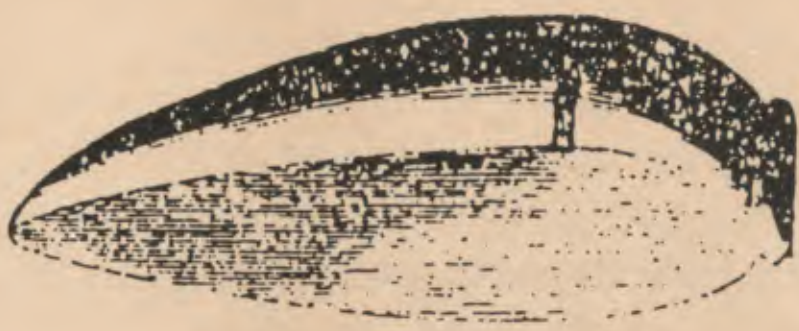
第二十六章

国王做出对老爷们不利、对葡萄牙有利的判决，判决书的内容

在谈判决书之前应当对一些事情加以说明。首先要说的是，判决书比这里记下的要长得多；拿到判决书的葡萄牙人删掉了一些，我再删掉了一些，于是只剩下了其主要内容，其余的全部删除了。其次，为了让诸位了解其中某些难以看懂之处，应当说明一下，“捕头”即海上巡警，他们当中有些人是被判处戴红帽子的，即被罚到边境地带当兵的人。除此之外还应当知道，中国税收的交纳方法与我们不同，与暹罗也不同，我们和暹罗都是丈量船只的大小，往中国运送货物的船从船头到船尾有多少“科瓦多”，每科瓦多交多少税，从中算出该船的税额，而在中国是交百分之多少税，葡萄牙人就是按此向广州的官员们交税的，与葡萄牙人做生意的中国人也是这样告诉葡萄牙人的，说税额比当地一般的税额要高，该说明的事说完了，下面就是判决书。在俘获许多人并下令处死之后，兵部尚书按国王命令已经向我禀报；福建总督蔡普未得到命令，没有向我禀报。为了秉公而断，我首先派我的钦差江希堂了解内情，他率领我派去的老爷数人去调查葡萄牙人及海道和提督的情况；海道和提督曾向我禀报过，说葡萄牙人都是盗贼，来到我国海岸杀人抢掠。了解这一切的真相之后他们回来覆命。我的兵部尚书和我王室的主要官员阅读了所有有关文书，阅读之后向我禀报了一切情况。此后我又命令都指挥使司和按察使司阅读，说事关重大，所有文书都必须好好审查，对此种重案我要秉公而断。众官员阅过之后认为事实清楚，葡萄牙人到漳州海域通商已有多年，他们这样做生意是不适当的，应当按照以往的习惯在我国各港口的市场进行交易。在此之前我对这些人一无所知；现在我才知道，漳州人出海到停泊在那里的葡萄牙人船上做生意，由此我得知葡萄牙人是商人，而不象原先书面禀报的那样是盗贼。商人帮助商人，对他们我不治罪，但对漳州官员，我要治重罪，因为只要有船开到我的港口，他们就必须了解对方是不是商人，是不是愿意向我纳税；如果愿意交纳，就必须立即向我禀报。如果当初这样做，就不会酿成这么大的过错。如果抓获他们之后及时向我禀报，我会立即下令释放他们。虽然按照惯例对所有来到我的港口的船只都必须称量其货物以便征税，但他们从遥远的地方来，无须称量，让他们做完生意回去就是了。另外，我的捕头明明知道他们是商人，却不向我禀报，而是对我隐瞒事实，所以才抓了那么多人，杀死了那么多人。活下来的人因为不会说话，只能望着天上，心中乞求苍天主持正义（除了苍天之外他们不知道有别的最高神仙）。还有，我知道海道和提督贪图从葡萄牙人那里夺取的货物，干了那么多坏事，至于俘获的人是好人还是坏人，他们一概不管。沿海官员们明明知道那些人是商人，却不向我禀报实情。他们居心不良，所以才干出这等坏事。我通过钦差得知，海道和提督通过信件已经知道葡萄牙人是商人而不是盗贼，他们明明知道却逮捕那些人，并且写信向我禀报，信中谎话连篇，不仅把成年人杀死，还把孩子们也杀死，砍掉一些人的脚，砍掉另一些人的手，最后把所有人的头砍掉，又写信告诉我说他们俘获

并杀死了马六甲的几个国王。我得知真情之后非常难过。没有我的命令，他们竟然做出如此残忍的事；我命令，今后不得再这样做。还有，葡萄牙确曾抵抗我的舰队，但被我方俘获总比杀我方的人要好。还有，他们很久以来便在我国沿海做生意，其作法与其说象商人倒不如说更象盗贼；他们是外国人，如果是中国人的话本应处以死刑，没收其货物，所以说他们并非没有罪过。总督下令杀了那些人，还说我一定会因为这一功劳而提升他的官职；他下令杀的那些人已经身首异处，他们的心，即他们的灵魂和鲜血乞求苍天主持公道。面对已成事实的恶行我眼泪汪汪，再也无法阅读这些文书，内心极为悲痛。我不明白，我的官员们抓获这些人以后为什么没有释放，那样的话我就不会知道如此残忍的行为了。你们要了解本国王天生的恻隐之心，因此本国的法律以怜悯为本，处死恶人也充满怜悯，所以处死的手续办得缓慢。判决书接着写道，审阅这一切之后，我决定提升巡抚大人，因为他按职权行事，向我禀报了实情。我也决定提升钦差大人，因为他书面向我如实禀报了捕头们偷偷出海与葡萄牙人做生意的事。对于行为不端者，我决定对他们进行降职处理，降到种稻子的农夫以下。不仅如此。勃固与葡萄牙人做生意，并且接受贿赂，允许当地商人去与葡萄牙人做生意；虽然这样做，却向我禀报说葡萄牙人是盗贼，是为了盗窃才到我的国土上来的。他们对我的官员这样说，我的官员们知道情况正好相反，于是回答说他在说谎。某某，某某，他一连点出了十个老爷的名字。把你们这些人都发配到边疆充军，戴红帽子，和那些人一样；不过，按你们的罪过我应当更加重罚。嘉义，你抓了这些人，还说你会因此升官，做了那么多坏事，还说不怕我；某某人，某某人，他又点了九个人的名字；你们抓了那些人，还说会因此升官；你们说不怕我，全都是胡扯；某某人，某某人，他又点了许多人的名字。我知道你们也收受了贿赂。既然你们干了这等事，我就要贬黜你们（即剥夺老爷名分）；某某人，某某人，他又点了许多人的名字。海道和提督之所以杀那么多人，是因为得到了你们同意，你们同意了就是和他们一起杀了那些人，全都有同样罪过。启福，张启福，你也同意海道和提督的意愿，就是和他一起杀了那些人，他们当中有的人有罪，有的人没有罪。因此，我判处以上人等全都去戴红帽子。陆浦心地善良，因为总督派他去杀那些人时，他说应当先向我禀报。对他我不加处分，他做了好事，我封他为老爷。我任命桑奇为广西省按察使。罢免安德硕的职务。亚参，你会与葡萄牙人说话，给你荣誉头衔和薪俸，送回原籍（他就是葡萄牙人自我辩护时充当翻译的那个年轻人，大老爷们给了他老爷的头衔）。秦克是到海上与葡萄牙人做生意的那些商人的头目，他们欺骗葡萄牙人，把许多货物运到陆地上，让他把货物交出来，全部没收，用于葡萄牙人吃饭和花销的开支，判处他和他的四个同伙去戴红帽子，至于发配到什么地方，由我的官员们考虑。此案中其他罪人和在押犯，我命令我的官员们对他们每个人量罪定刑。我命令嘉义把总督带来，由我的王室各位大臣审查其罪过，然后按我的意见法办。这个总督也同意了海道和提督的恶行，因为海道和提督把他拉下了水，把从葡萄牙人那里夺来的东西给了他一份，因为他作为首领嘉许了他们的所做所

为，并且还出了主意。得知我对他的判决之后，他自缢身亡了，说苍天给了他完整的身体，他不想让任何人砍下他的头。对在押的捕头们还要再次审问，然后立即处理。对崔春不再审问，立即撤销其老爷资格。对二十六个人的首领师毕，我命令把他和他手下的人全部释放，因为我认为他们罪过很小。他们所欠钱财立即追回。过米钦和屠米赛均已死亡，我的官员们认为他们罪有应得，死有余辜。阿丰索·德·帕依瓦和佩罗·德·塞亚（他们是葡萄牙人）以及安东尼奥和弗朗西斯科（他们是奴隶）被认定因杀死我舰队人员而有罪，我命令把他们与提督和海道一起投入监牢，根据我的王国的习惯让他们全都慢慢死去。活着的其他葡萄牙人及其所有仆人共五十一名，我命令把他们送到我的城市广西；我命令，在广西要好好对待他们，因为我用善良的心对待他们，为了他们的事我这样惩罚了我的国家的人。我这样处理他们是因为，我的习惯是为一切人伸张正义。对舰队官员，我认为他们罪过很小，命令全部释放。我对所有人都同样处理，请看我对我的官员们都是如何做的，我对他们都非常关心。我命令，对所有这些事情均尽快办理。判决书到此为止。显然，这一判决的过程表明，这个偶像崇拜和野蛮的人民按其行为方式有着良好的司法程序和秩序，表明上帝给予一个不知道上帝的国王以天生的宽厚仁慈；表明他办事如何认真，对重要事务如何深思熟虑；这片土地治理有方、非常讲究司法似乎可以说明，为什么象我们前面已经说过的中国这样巨大的王国无数年来得以支撑下来，并且国泰民安，没有叛乱；可见上帝也宠爱这片土地，因为它的敌人未能侵入其国土，未能造成破坏，它得以丰衣足食，繁荣富强。这片土地上严厉的司法使其人民的不良倾向和不肯安分守己得以遏制；由于司法极其严厉，所以所有监狱一般都关满了囚犯，这一点前面我们详细谈过。如果某一年发生饥荒，必定在内地和沿海各处布置许多军队，以弹压众多造反的盗贼，制止他们胡作非为。根据判决书获得自由的葡萄牙人在被带往国王指定的地点时，一路上一切必需品都很充足，住在老爷们上任时路上居住的馆舍，前面我们已经说过，国王在各地都设有这种宿舍。他们分组赶路，坐在由几个人用杠子抬着的椅子上，沿路各地的小老爷们受命向他们提供一切所需之物，直到把他们交给广西城的老爷们为止。此后，国王只须每月给他们一斛大米，斛是一种量具，能容纳一个人能扛得动的重量。至于其他需要，就要每个人靠自己的能力想法解决了。此后又把他们每两人或三人一组分散在不同地方，使他们在一定时间内相互隔绝，不能与其他人联合起来聚集力量。判处死刑者被关进死囚监牢。阿丰索·德·帕依瓦找到办法告诉那些自由的葡萄牙人，说刚一进去就挨了四十鞭，受到极恶劣的对待，只得听天由命。通过在广州做生意的葡萄牙人以重金收买的几个中国人打点，那些获释的葡萄牙人先后都来到了葡萄牙人的船。



第二十七章

中国人的礼节和崇拜

这些人对上帝一无所知，在他们当中找不到任何知道上帝的痕迹，这表明他们确实不关注自然界的事物，也不象某些葡萄牙人认为的那样研究自然科学原理，这些葡萄牙人根据一知半解得出结论，但不知道中国人研究的是法律而不是哲学；尽管有人通过某些古代的书面的材料得知中国人了解日蚀和月蚀，但他们对此并没有全面的研究。如果他们确有全面研究，那么就该象古代哲学家们那样知道有上帝存在；正如使徒保罗在给罗马人讲授使徒书时所说，人们是通过关注和了解创造出的可见的事物来了解上帝不可见的事物和上帝的神圣、力量和永存的。中国人不知道有上帝，这就是充分的论据，表明他们与某些葡萄牙人所说的相反，既不研究自然科学原理，也不关注自然界的事物。使徒多马殉教的地方葡萄牙人称为圣多美，当地人称为麦拉浦尔，我在那里的时候得知，有一个非常有身份的亚美尼亚人出于对使徒的虔诚，从亚美尼亚到那里朝圣，他信誓旦旦地告诉在使徒住处当管家的葡萄牙人说，亚美尼亚人不容置疑的真实文献中记载着这样的事，即使徒在麦拉浦尔殉道之前曾去过中国宣讲福音书，在中国往了几天，但发现在中国人当中产生不了效果，就返回麦拉浦尔，把在中国发展的几个弟子留在了当地，这在使徒的住宅志中也有记载。使徒留下的那些弟子是否在当地开花结果，当地是否通过他们知道了上帝的存在，我们不得而知，但一般来说他们既没有听说过福音书，也没有听说过基督教，甚至没有听说过上帝，一点儿也没有听说过；他们只知道一切都取决于上边，万物的创造及其保存和治理具体由谁来掌握，他们一窍不通，只归于上天，这就是盲目地跟着上帝走。有一条非常宽阔的淡水河流经广州城中间，河上有一个小岛，小岛上有个类似神父们住的庙，我在庙里看到一个从地上垒起的非常精致的神龛，神龛四周用金黄色栏杆围住，里边是个怀里抱着小男孩的非常漂亮的女人，前面放着一盏点燃着的灯；我怀疑这是基督教留下的痕迹，就问在那里遇到的几个老人和在场的几个偶像崇拜教士，说那个女人代表谁，但谁也说不出来，也不知道为什么供奉她。很可能是圣徒多马当年留在那里的基督徒造的圣母像。也许是他本人在那里的时候造的，但得到的结论是，一切都被人们遗忘了；也可能是某个美人的像。他们最大的上帝是天，因此表示天的字是所有字当中的头一个。他们崇拜太阳、月亮和星星，造了那么多神像却对哪一个也不尊敬。他们还供奉一些做了某件或某些件杰出事情的老爷们的像。出于个人的尊重，他们也为偶像崇拜教士或其他人塑像。他们不仅崇拜这些人的形象，而且还供奉庙宇里神龛中任何一块石头。他们一般把这些神都称为“阿弥陀佛”，为他们烧香，烧沉香木和其他种香木。也向神供奉茶；关于茶，前面我们已经说过。每家大门后面都有神龛，里边供奉着很大的偶像，每天早上和晚上都烧香。在许多地方，不论是村镇里边还是村镇以外，都有庙宇。所有船只在出航以前都在船头腾出一块地方作为神龛之用，神龛里供奉他们的偶像。在做任何事情之前，比如走海路或者走陆路，

都要向偶像占卜问卦。卦具是两个用木头做的半个核桃似的东西，一边是平的，另一边是圆的。也有的比半个核桃大一些，用线缝住。在占卜之前先对他们的上帝谈话，甜言蜜语，说如果得了好卦，卦上表明一路顺风或者生意赚钱，就给偶像上什么供。说了许多之后才把卦具扔到偶像前头；如果两个卦具的平面都朝上，或者一个朝上一个朝下，得的就是坏卦，人们便怒气冲冲地对他们的上帝发脾气，说他是混帐东西，是狗，用许多脏话骂他。骂够了以后又转而用好话哄他，请他原谅，说自己刚才因为得了坏卦而发火，骂了他，对他说了些不恭的话，请他不要介意，请他给我好运气，我许愿供奉更多的东西；因为许愿都是为了许愿人的，所以他们总是许下许多大愿；于是，他们一次又一次占卦，直到两个卦具都圆面朝上才肯罢休，这时他们满心欢喜，向他们的上帝奉上许下的供品。往往会发生这样的情况：为一桩重要的事占卦时卦相不好，或者船出海后不顺利，或者出了什么不如意的事，他们便冲着其上帝发火，把他扔到水里，有时还放到火上烧，把他的某个部位烧糊，一次又一次地踢他，拉着他的脚拖他，不停地骂他；事情做完之后又为他演奏乐曲，举行仪式，奉上供品。最大的供品是做熟的猪头，也供奉上鸡、鸭、绿头鸭和米饭，这一切都是做熟了的，还有一坛酒。先把这一切献给上帝，然后从中分出一份给上帝，放在一个盆子里，但这一份里只有猪耳朵尖、鸡鸭的喙和爪尖，小心翼翼地放上很少几粒米饭，小心翼翼地倒上三四滴酒，坛子里的酒并不因为倒出几滴而显得少。把这些东西统统放到一个盆子里，拿到上帝面前，让他在神龛里吃，而人们则当着上帝的面把其余的供品全部吃光。他们还崇拜鬼，画的鬼象我们这里的一模一样；他们说鬼能让好人变成鬼，让坏人变成水牛、牛或者其他动物，所以才崇拜他。他们说，鬼是由一位师傅教会干种种坏事的，这是下层人的说法；最文雅的人则说，他们崇拜鬼是为了不让鬼伤害他们。如果有一艘新船出海，他们便把教士们叫到船上上供，教士们身穿拖地的丝绸长袍。整个船上挂满丝绸旗帜，船头上放一个魔鬼画像，他们对魔鬼跪拜并献上供品，说这样做是为了魔鬼不伤害这条船。对上帝则献上许多画着各种图象的画，还有用纸剪成的各种图形，在偶像前面举行各种仪式，唱着很好听的歌，演奏着各种乐器把画和图形烧掉；在做这一切的时候四周总是摆着许多吃的和喝的东西。这里有两种教士，一种的脑袋剃得光光的，头上戴用伞布那样的粗布做的帽子，帽子后边又高又平，前边比后边还高一拃，呈雉堞状；身着俗人们常穿的那种袍子，不过是白色的。他们住在庙宇里，有饭堂和禅房，院子里有郁郁葱葱的植物。另一种是人们常用来办丧事的教士，他们留头发，身穿俗人们常穿的那种绸缎、哗叽或者麻纱长袍，不过是黑色的，他们的徽记是把头发绾到头顶，用一个漆成黑色的象握起来的手那样的木器簪住。这两种教士都不娶妻子，但生活很苦，也很肮脏。每年的第一天，即三月份的新月那一天，各地都举行盛大聚会，相互拜访，大人物们尤其要出入盛大的宴会。这里的人们在治理国家和待人接物上都非常讲究，但在对待他们的上帝和偶像方面却又非常粗俗。除了上面已经说过的之外还有许多胡编乱造的异教邪说，比如人变成狗，然后狗又变成人，蛇变成人等

等许多无稽之谈。让这里的人皈依基督教有许多有利条件：因为他们对神和神父不大在乎，不大尊敬；一旦了解真理之后就非常珍视，这种现象在印度各地任何阶层的人当中是见不到的。这还因为，他们非常喜欢听关于真理的理论，听的时候聚精会神，比如我就有几次这样的经历：我在大街上宣讲教义，他们发现这是新奇事，我穿的衣服也新奇，于是便聚拢过来，甚至拥挤得别人无法通过。看到有那么多人，我便讲下去：他们非常乐意听，还提出好多疑问，并且问得很中肯。听了之后他们很满意，说我说的这些非常好，在这之前从来没有人对他们说过。在他们当中得到的反应总是这样，无论有公开场合还是在私下交谈都毫无区别。有一天我走进一座庙宇，到神龛前面，神龛中供奉着几块石头；我相信他们不大尊重其上帝，知道他们是为了祈祷而祈祷，所以把那几块石头推到地上；几个人绷着脸向我冲过来，愤然地质问我为什么干这种事。我心平气和地迎上去，微笑着对他们说，因为你们崇拜那些石头是太欠考虑了；我对他们解释说，他们比石头好得多，因为他们会思考，有手和眼睛，可以干石头不能干的各种工作；既然比石头好，就不应当降低自己，看不起自己；他们如此高尚，就不该去崇拜那么低贱的石头。他们回答说，你说得非常对，于是就陪着我走出庙门，让石头留在地上；因此我认为，这些表现说明他们有皈依基督教的条件。还有件事非常重要，就是在饮食方面他们当中不象印度人那样不同。既然各种食物当中他们最爱吃猪肉，那就几乎不可能成为摩尔人。所以说，在全中国没有一个中国人是摩尔人。在中国的摩尔人都是当地人，下一章我们将对此加以说明。

第二十八章

在中国的摩尔人和在中国发展基督教的障碍。

有一些摩尔人散居中国各地，从民族意义上说他们不是中国人，而是莫卧儿人的后裔，来自一个以其首领名字为名的王国：桑亚儿汗。这些摩尔人是以下述方式来到中国并散布到全国各地的。在本书开始我们已经说过，莫卧儿人与中国人相邻，但两者中间有些地方被沙漠隔开，双方有贸易往来。当时与中国人做生意的莫卧儿人当中有位富商，在他做生意的城市与一位主要老爷经常谈话，结下亲密友谊，送给老爷许多从故乡带来的东西作为礼品。这个摩尔人利用与那位官员的亲密无间的友情，向他介绍穆罕默德教派，说该教如何了不起，并历数穆罕默德的伟大业绩，进而劝他皈依摩尔人的宗教；老爷终于被说服了，他本人和全家举行割礼，并为此举行盛大聚会，下令他家中再不准养猪，也不准这里任何人再吃猪肉。这位老爷成为非常虔诚的信徒，马上劝说其他老爷和该城其他人也皈依摩尔人的宗教；许多人同意了，有些人则不肯。老爷看到本城有许多人皈依，这个教派象瘟疫似的蔓延开来，竟然在当地颁布新法律，规定本城不得杀猪，把所有的猪赶出去，否则严加惩处，这一恶行使他遭了殃。不同意老爷们做法的人，还有平民百姓，因为不能吃最喜爱的食品而心怀不满，并且看到发生了除国王之外任何人不得做的事，于是开始抗议和控诉；抗议和控诉立即传到国王那里，说某某老爷与外国人勾结在当地造反，颁布了新的法律。国王马上干预，派一位钦差带几名老爷前去处理这一事件，命令他们把一切调查清楚，把有罪的人投入监狱，以平息事态，对有关人等按罪量刑，加以惩办。调查完毕并拘捕罪犯之后，把案卷呈送王室，结果这一运动的主要发起人，不论是摩尔人还是中国人，均被判处死刑。那些在这一蛊惑人心的运动中罪过不大的摩尔人被发配到中国各地，所以广东有为数不多的摩尔人，广西也有一些，各地都有一些，但人数都很少。由于这些摩尔人被分散到全中国各地，所以从他们被流放至今再也没有任何中国人皈依摩尔人的宗教。不仅如此，那些被流放者的儿孙们由于是与中国女人所生，已经把当地视为故乡，与中国人一起生活，所以他们几乎全都吃猪肉和喝酒了，而摩尔人中是不准这样做的；他们已经不算摩尔人，已经不重视穆罕默德的宗教和习俗。如果以上所说属实，有人会反驳我的看法，说既然中国人对穆罕默德的教派毫无感情，既然他们有条件也乐于接受对天主教的信仰，并且我到中国去的主要目的（正如在一开始说）是传播基督教，那么我为什么没有留在中国宣讲福音并取得成果呢。对此我可以回答，在那块土地上传教有两个非常大的障碍。第一个是那里绝不准有任何新奇事物出现，这从摩尔人的事件中就可以看出来；如果当地发生任何新鲜事物，老爷们会马上弹压，不使其蔓延。在广州，有一次人们看到一个葡萄牙人在丈量城门洞的长度，他们马上派人监视，规定未经允许任何人不得进城，不得在城墙上行走。第二个障碍是，未经老爷们准许任何外国人不得进入中国，不得在广州停留，而获准进入广州者在广州停留的时间也有限制，期限一到他们马上催其离开。我和跟我在

一起的人在广州住满一个月，他们便在街上挂起牌子，上面写着任何人不得留我们在家中住宿，否则处以什么什么刑罚。除此之外，平民百姓非常害怕老爷们，没有他们准许谁也不敢皈依基督教，至少许多人不敢。由于不能在当地站住脚，不能继续传教，因此就不能有什么成果或者保存住什么成果。不过，有一个办法使人们自由传教并在当地取得成果，使狗不敢向传教者狂吠，老爷们也不能以任何方式阻挡，那就是国王准许传教。要想能达到这一目的，必须以葡萄牙国王的名义派去一个庞大的使团，给中国国王送以厚礼，随使节前去的神父们获准在当地活动，表明他们是没有武装的人员，表明我们的法律丝毫无损于他的统治和管理，而且非常有助于所有人遵从并维护他的法律。这是能在中国取得成果的唯一手段，没有任何其他办法（这是通情达理说法）。不用这种手段，教徒们就既不可能传教也不可能取得成果；因为我没有这种手段，遇到了上述种种障碍，所以从中国回来了；因此，我也好，到那里去从事过这项事业的耶稣会教士们也好，都不可能取得成果的机会。

第二十九章，即最后一章

在五十六年中国人受到上帝的惩罚

除了已经提到的无知以外，这些人还有一个可恶的卑鄙之处，即太习惯于犯那些令人作呕的罪孽，而他们任何人都对此见怪不怪。但有几次我斥责这种恶习，不论是在公开场合还是在私下交谈中他们都很乐意听，说我讲的很有道理，可从来没有人对他们说过这是罪孽，从来没有人说这样做不好。似乎由于这是他们当中共有的罪孽，所以上帝在某些地方施以严厉惩罚，也就是对全中国众人的惩罚。在广州，我向一位中国富商打听在这里发生过的灾难，他用话语说不明白，就把别人写给他的一封信交给我，信中历数了各地发生的事情，让我把信抄下来以后再还给他，但他又不相信我，于是当下抄了一遍，自己留下抄件，把原信给了我。在一位既懂我们的语言又懂他们的语言的人帮助下我把信译成了葡萄牙文。信的内容是这样的。陕西和萨维托(Savito)的主要老爷写信给国王，说那两个省的大地剧烈地颤动起来，大白天黑得象夜晚一样(没有说持续多少时间)，一个相士曾预言将发生的一切。在这前一年的九月，许多地方的土地裂开了，地底下传出象钟一样沉闷的声响；狂风暴雨随之而来，风几乎全都转着圈地刮。在中国这种风叫台风，在许多年里每年刮一次，风极大，把帆船吹上陆地，在陆地上还吹出一段距离，两个人紧紧靠在一起还站不住，令人惊叹，难以置信。我在中国的那一年，葡萄牙人在他们停泊的港口指给我看一条大船的舢板被抛上陆地后所在的地方(就是被风抛上去的)，那简直是被巨大的水炮弹打出去的。许多人告诉我，风的力量太大了，能把小舢板吹起来，翻着跟头掉在海里。葡萄牙人建造了许多木屋，顶上盖着茅草，用不长但很粗的木桩固定在地上，但风把房子全都吹倒了，木桩也折断了。一座房子用四根缆绳固定住，许多人躲到里面，但最后这座房子也倒了；只有一座紧靠峭壁的房子得以逃脱，没有倒塌。这些房屋被毁算不了什么，风造成的更难以令人置信的事情多得很。在中国，这种风每年都有，它在二十四小时里刮个不停，转着圈朝各个方向刮。由于这种风和地震，许多城市被夷为平地，无数人丧生。这一天，一座叫文汗府(Vinhanfu)的城市发生地震。这时西边出现了巨大的火球，把整座城市吞噬了，无数人当场死去，只有极少数人逃生，这边两个，那边三个，其中有几个莫卧儿人。在附近的另一座城市也发生了同样的事情，但没有一个人得以逃脱。在一座叫柳青(Leuchime)的城市，河水猛涨，全城被淹，许多人溺水而死。在一座叫黑河(Hie)的城市发生了大地震，许多房屋倒塌，死亡近八千人。在普州(Puchio)，国王的亲戚所住的房屋倒塌，全家人死亡，只有一个七八岁的男孩获救，被送到国王那里。整整一天一夜都能听到地底下发出的敲钟似的声音。在一个叫库坎(Coucume)的地方，天上的火球和地上的洪水造成许多人死亡，土地荒芜，颗粒无收。在一个叫恩州(Enchioe)的地方，半夜里突然房屋倒塌，全城被毁，死亡人数近十万。在一座叫银坎(Incume)的城市，河水猛涨，一天一夜之中十次决口，许多人被淹死。信的内容到此为止。下面的事是我从一些葡萄牙人那里听说的，

他们五月份曾在广州港停泊，而那封信我是在九月拿到的。一千五百五十六年一月十八日，一座叫陕西的城市发生地震，从半夜到凌晨五点震了三次，第二天从半夜到中午又震了三次；当月的下一天，即二十日，半夜之后发生了巨大的地震，霎时间闪电雷鸣，全省一片火海，所有居民点、村庄和城市及其人民全都遭难，据说在五十或一百一十里格以内成了一片废墟，除了国王的一个亲戚的孩子得以幸存之外全都死亡，那个孩子后来送到了国王那里。同年二月三日，国王所在的北京下了一场象血一样红的雨。这些消息是一个中国人提供的，他从陕西省到广州来向一位老爷报告，要求救助他的家，说他居住的城市已遭水淹，如果留在那里的话不知道是不是会和其他人一样丧命。以上这些是葡萄牙人听到的情况，听完以后作了记录。带来消息的那个中国人吓得魂飞魄散，似乎整个陕西省完全被毁，好像罗得的女儿们到所多玛和戈莫拉被毁之后以为全世界都完蛋了一样。一般说三个省被毁，这大概是真的，与那封信里提到的毁坏情况不相上下，或许稍严重一点。他们说的那个男孩所在地点与信上提到的男孩的地点也相吻合，即陕西省。看来更加可信的是，写给王室的信中也说是三个省被毁。葡萄牙人在报告中说陕西省五十或一百里格，我不知道其真实性有多大，因为中国最小的省份之一广东省除了南边的海南岛之外也有五十里格，这就等于他们所说的陕西的长度了，况且广东还有许多里格的海岸。被捕的葡萄牙人说，从福建省中部被押往该省尽头，一直快走还用了二十天的时间。一般来说，从广州到国王所在的城市要走六个月的时间。依我看，那些葡萄牙人想象不出陕西省有多么大。他们提到了下血雨，同样的奇迹也发生在中国人俘获了一艘船上的葡萄牙人之后把他们带到岸上、把他们当中的几个人杀死的那一天。除了上面讲到的事情之外还发生了一些事情。同一年，广州的一个妇女去见布政使，说广西必将受上天的惩罚而毁灭；这女人遭到一顿鞭打后被投入监牢；但是，同年五月初，那里下了一场热雨，雨很大，似乎土地都烫了，许多人被热死，但没有殃及全省；女人因此被带去见国王；这是与那个女人关在同一监狱的葡萄牙人说的。北面一颗永远指着北方的星星上出现了一道光，这在印度各地及葡萄牙都看到了。在中国也看到了，几乎持续了十五天之久，而且正是发生上面所说的那些事情的时候，这似乎表明上帝在严厉地惩罚中国人。这种现象在世界各地都有，所以也许意味着反耶稣的人降生；因为世界上有许多迹象表明它将毁灭，圣经中有许多地方说明终将出现这种结局。圣经说一切祸害将来自北方，也许是这种祸害，也许是那种祸害，也许上帝出于巨大的慈善之心要让看不见真理的愚昧者们睁开眼睛，看见他的存在。让我们所有人乞求上帝，请上帝为其仆人们打开向这些人传教的道路，把他们带到上帝神圣的殿堂吧。阿门。

报告

霍尔木兹各国王编年史，霍尔木兹城的建立，摘自该王国一位名叫帕沙土朗查的国王以阿拉伯文写成的编年史；多明会的一位教士将其摘译成葡萄牙文，他在霍尔木兹岛上建立了一座多明我会教堂。

在阿拉伯，统治阿曼的是一个幸运的国王，名叫穆罕默德。即位初年，他想扩大其王国的版图和名声，就召集王国的主要官员开御前会议，对他们说，波斯沿海的土地本属于他的先辈们所有，但由于几位先辈的疏忽，那些土地丧失了，现在荒无人烟，没有加以利用，因此他本人决心带领本王国愿意跟着他的主要官员和一部分人民到那里去，在那片土地上建立一些城市和地方，使其得以利用，因为那里土地很肥沃。这样，他的王国版图会扩大，名声也会增长；他将把儿子留下来管理阿拉伯，他会治理得很好。各位官员都同意了，国王也认为这个决定很好，马上下令让很多人准备停当，许多主要官员跟着国王行动。从阿曼出发到了卡尔西亚德，此地离阿拉伯的海域不远。他和他的随从人员认为应当在这个港口建立一座城市，以便从陆地与过往船只进行贸易。于是，国王的儿子便留在那里，带领许多人执行国王和参加御前会议的各位官员的决定，这座城市以后逐渐繁荣起来，现在从其废墟上还能看出，当时的卡尔西亚德城非常大，非常雄伟。把阿拉伯和卡尔西亚德的事情安排好之后，穆罕默德国王及伴随他的人员乘准备好的大量船只出发，到了波斯海岸，来到霍尔木兹海峡以外三十里格的贾斯克角。看到这块土地及其条件不宜于立国安邦，又沿海岸向海峡内航行，来到一块当时叫做霍尔木兹的地方，在现在称为马戈斯坦和布拉密的地方附近，现在那地方叫科斯特卡，它的对面，即波斯海岸旁边，便是现在叫做霍尔木兹的地方。国王和他带来的人都很高兴，决定在这里安顿下来，于是立即着手建造房屋，耕种土地。由于国王非常开明，对当地穷人和农夫们非常好，热情接待外国人，所有听说过他的人都很喜欢他。他的美德和崇高品质传遍周围各地，许多人前来投靠，在他的庇护和统治下生活。因此，这座城市在很短的时间内便繁荣起来。他品德高尚、心地善良的名声在海峡一带以及波斯和阿拉伯其他地方的国王们中间流传开来，于是所有这些国王都派人拜访，给他送去大量礼品，表示与他这样的好人为邻非常高兴。这位国王看到自己国家繁荣，受到邻近各国支持，人口越来越多，并且所有人都热爱他，于是下令铸造钱币，因为当地原来是没有钱币的，这使人们更加热爱他，使当地更加繁荣。发明钱币为那里带来了好处，因此人们都称他为“德拉库”，即钱币国王。霍尔木兹城在波斯海岸建立起来并且人口众多、非常富有和繁荣之后，国王命令其主要官员到马戈斯坦的土地上去，看中哪片土地便占有它，在那里耕种和居住，并建立村庄。官员们依令而行，每个人占有看中的土地，在那里耕种和建造房屋，并以自己的名字给那个地方命名；直至今日，那里每片土地仍然保留着当时起的名称。继承穆罕默德王位的一代代国王都非常强大，善于治国，所以当地一直很繁荣，人口越来越多，城市越来越雄伟。这些国王都是他们的子孙，因为父亲活着的时候便把王国的统治权交给其儿子，自己则去安度晚年。这些国王们

的习惯是，为了不忘记先辈，每到第十代后便重新使用原来国王的名字，即后十位国王分别以前十位国王的名字命名，每十位中的第一位都取王国创建者的名字，这样依次排下去，直到第十位。在一些年里，一直由直系继位，保持这种秩序。后来由于一些人出于掌握王国统治权的野心而杀死其他人，许多人被蒙蔽，所以这种秩序和习惯失传了。但是，这个王国有一种引人注目的了不起的事情，尽管有许多人杀死正统国王，自己取而代之，实行暴政，但至今没有任何王室以外的人统治该地。只有一次，国王死了，当地没有任何王室后裔，霍尔木兹靠近波斯一边的法官起来取代了国王，成为王国的统治者。这时国王的女婿也是他的侄子受叔父之命带领许多士兵正驻守在卡依斯岛，也就是卡依斯市。听到叔父死亡、法官篡位的消息之后立即率领全部人马离开卡依斯前往霍尔木兹。所有民众都喜出望外，举行庆祝活动，欢迎国王的侄子，并拥戴他为国王，因为他们对一个非王室种姓的人当上国王感到非常难过。国王的侄子立即命令把篡位当上国王的法官及其亲信全部斩首。

直系亲属继承王位的做法打破之后，该王国治理得不如原来好了，各种事业不再那样繁荣，并且日见衰落，因此抵御敌人的能力也大不如前。附近各地区之间的战争越来越频繁，波斯内地一位叫克列门的国王人口众多，力量强大，打了过来。当时霍尔木兹在位的国王卡巴丁不敢与强大的克列门国王交战，不等对方来到便带领尽量多的人乘船逃走，躲到霍尔木兹岛附近的一个叫基索米的岛上。几个月以后，他觉得这个岛还是太大，不能有效地自卫，不够安全，于是，又带领他的人到了另一个岛上，这个岛因为离霍尔木兹岛很近，所以现在人们也叫它霍尔木兹岛，他认为在这里完全能抵禦任何敌人的入侵。在此之前，这个岛一片荒凉，只有几个可怜的渔民，称为雅鲁岛，雅鲁即丛林的意思。这个岛几乎到处是盐，土地也几乎是盐碱地，岛上的几条小河源自岛中间的一座山上，河水也是咸的，河两边都是象雪一样的白花花的盐，要想过小河必须从盐上跳过去。在一些地方还有盐形成的峭壁，前往印度的大黑船往往用这里的盐当作压舱物。不过，地上还长出了一些灌木和树，它们靠雨水勉强生长；那些树类似葡萄牙的达纳菲加苹果树，结的果实很小，不好吃，葡萄牙人称之为达纳菲加苹果。正因为这个岛土地贫瘠，到处是盐碱地，只生长这些，所以人们叫它雅鲁岛。当年那里荒无人烟，面积也比现在小，现在那里的人们还能告诉我们，那时候陆地的什么地方还是大海。卡巴丁国王在这个岛上下了船，决定在这里安顿下来，开始为他和跟随他的人建造房屋，从附近地方找些东西维持生活。因为他成了流亡的国王，所以他原来拥有的地方也重新开始帮助他开垦这块新土地，在雅鲁岛上建成的一座城市繁荣起来，成了王国的首都；他的继承人后来把这座城市称为霍尔木兹，这个名字沿用至今，其实它是陆地上的王国被克列门国王推翻之前其首都的名字。

人们知道，从霍尔木兹沿霍尔木兹海峡往里几里格处，有个叫卡依斯的岛屿，当地人还记得，很久以前那里曾有座非常富有、非常雄伟的城市；他们还记得，城里有许多古老的建筑；但这一切已经荡然

无存，只留下了一座荒岛。由于从印度各地来的船只都在这里停留，运来大量财宝和货物，由于波斯人和阿拉伯人都竞相来这里，也带来大量货物，以货物或金钱换取从印度运来的货物和财宝，所以这个岛和城市非常富有，非常繁华，并且人口众多。现今霍尔木兹所有的一切财富和贸易活动当时都集中在卡依斯，正如我们前面所说，那时候现在称为霍尔木兹的岛屿还是一片荒凉。原来的霍尔木兹很繁荣的时候，波斯陆地上的各个国王曾与卡依斯岛上的居民交战，多次带领大批人马入侵该岛，杀死了许多人，给当地造成巨大损失。卡依斯的领主也遭到霍尔木兹历届国王的欺凌，就前去求和，被迫向其纳贡。达成合约并签字之后，在霍尔木兹的国王尚在波斯陆地并且非常繁荣的时候，卡依斯人一直向他们纳贡。但后来看到霍尔木兹衰落了，打了败仗，就不想再交纳贡品。霍尔木兹国王从陆地迁往后来称为霍尔木兹的岛上以后，又渐渐富强起来，人口众多，建筑雄伟，原来一直在卡依斯岛停泊的来自印度的船只开始改为到霍尔木兹停泊，这使卡依斯人蒙受巨大损失。他们担心，由于曾起而反抗，拒交贡品，霍尔木兹国王会伤害他们，比当年更加残酷地欺侮他们；并且害怕霍尔木兹人越来越繁荣富强，会全部夺去他们的贸易机会，其实他们已经看到自己日渐衰落，于是卡依斯的领主便写信给他所臣服的一位波斯国王求救，这位国王即设拉子国王，这个王国至今仍然存在。卡依斯的领主请求设拉子国王无论如何也要毫不拖延地派大军前来摧毁雅鲁岛上那座越来越繁华的城市，因为若不这样做的话对卡依斯的统治权、繁荣和贸易便会完全丧失，因为雅鲁岛上新建的城市已经在夺去他的贸易机会。设拉子国王没有把卡依斯的请求放在心上，说不论那座城市如何繁荣，任何时候他都能把它摧毁，不费吹灰之力。但是，卡依斯的领主看到这种拖延非常危险，再次写信给设拉子国王，说无论如何也不能再拖延，否则会面临巨大的危险。为了让他明白事情迫在眉睫，卡依斯的领主用了一个比喻：头脏了，必须马上洗洗。看到这封信之后，设拉子国王立即准备好人马，前往卡依斯岛，在那里准备了大量叫作特拉达的战船，驶往距霍尔木兹两里格的丹甘岛驻扎。霍尔木兹国王闻讯前往丹甘岛，发动进攻，并在战斗中打败了敌人。设拉子国王虽然吃了败仗，但没有完全被打垮，于是派人通知霍尔木兹国王，说如果对方肯交出所有财富以及祖上的财富，他便撤兵，让霍尔木兹平安无事；如若不肯这样做，他必定重新开战，用火与血彻底消灭之。对这番气势汹汹的话，霍尔木兹回答说，象你这种出身于商人的卑贱之辈胆敢对本王如此放肆，要知道，本王世代帝王世家，祖上在阿曼都是杰出的骑士，一直到占据现在称为霍尔木兹的岛屿无不如此，本王不想有辱先人，所以绝不怕你（直到今天，霍尔木兹的国王们都以祖上古老的阿曼国王自豪，自认为是阿拉伯一个叫卡坦的领主的亲族，所以鄙视其他国王，觉得单从家系古老而言也比他们优秀，比他们高贵）。设拉子国王不甘心受到这般污辱，重整人马，造了更多战船，率大军再次开往霍尔木兹；他不敢贸然开战，便设计把霍尔木兹国王骗来谈判，乘机将其逮捕，押送到卡依斯岛上囚禁起来，自己则把霍尔木兹岛团团包围。被囚的国王设法通知了岛上的人拥立另一位国王，继续抵禦敌人的围攻。围困

一直持续了几个月。设拉子国王看到无法夺取霍尔木兹，加上冬天已到，船只在海上不安全，只得返回卡依斯，决心第二年再发兵霍尔木兹。六个月后，他带着被捕的霍尔木兹国王出发了，但在海上遇到风暴，船队被大风吹散，又遭到失败。被俘的霍尔木兹国王所在的特拉达船恰巧停泊在霍尔木兹，但暂时被指定为国王的那个人不肯把他当作国王隆重欢迎，于是他在霍尔木兹呆了几天之后便前往原来称为霍尔木兹的科斯特卡岛。又过了几天，临时充当霍尔木兹国王的那个人前往现在居住着诺塔克人的地方打仗，那里的人们都是有名的海盗。在科斯特卡岛的真正的国王得知这一消息，马上前往霍尔木兹，居民们把他作为国王和主人非常隆重地迎接并举行一次又一次的庆祝聚会，他一直平平安安地统治该王国，直到逝世。设拉子国王不再想得到那份财富，返回他的王国，把征服霍尔木兹的事搁置起来。

霍尔木兹国王看到卡依斯法官造成的祸害，便率领大军前往，把该岛团团围住，进攻了几天仍未征服，冬天到来了，只得返回霍尔木兹；第二年又率军队前去，夺取并洗劫了该岛，在那里留下了一个他亲手扶植的法官和大批人马。被打败的法官得以逃脱，乘一艘特拉达船到了巴林岛，在巴林法官的帮助下重整旗鼓，返回卡依斯；他使用诡计，借口谈判把霍尔木兹国王留在那里保卫该城的法官骗去并加以逮捕，挖去他的眼睛，自己重新占领了卡依斯。但是，本编年史的作者帕沙土朗查在约三百年前登上霍尔木兹的王位之后，重新把卡依斯岛置于其统治之下，从此之后该岛一直属于霍尔木兹王国。接着帕沙土朗查又征服了巴林岛，以惩罚该岛支持卡依斯法官。从此以后，霍尔木兹历经国王更迭，越来越繁荣，占领了这个海峡的所有岛屿以及阿拉伯沿海直到腊撒和卡提发的所有土地和波斯那边的一些土地，因此成了一个幅员辽阔、非常富有和繁荣的王国，这主要是因为卡依斯所有的贸易活动都转到现在称为霍尔木兹的岛上了；也正因为如此，卡依斯岛一切都丧失殆尽，建筑物和财富也荡然无存，所以现在荒无人烟，尽管当年曾是那一带的中心。霍尔木兹曾是一个贫瘠和人烟稀少的岛屿，曾是一座盐山，而现在却是印度一带所有富庶的土地中最富庶的地方，因为大批货物从印度各地、整个阿拉伯、整个波斯什至莫卧儿以及欧洲的俄国运到这里，我在那里曾看到过所有这些地方以及威尼斯的商人。霍尔木兹的居民们这样说，整个世界是一个戒指，霍尔木兹是戒指上的宝石。因此，人们常说，霍尔木兹海关是个管子，不住地往外流白银。我在霍尔木兹住了三年，在最后一年的当地官员们告诉我，该海关交给葡萄牙国王的收益是十五万葡属印度币，并且被摩尔人和海关官员及法官窃取的还不计算在内。虽然这片土地不出产水果，既没有水也不生产食品，但却有丰富的肉类、面包、鱼和许多许多种水果，这些都是从各地运来的，主要来自波斯，波斯运来的有许多梨和桃、梅子、苹果、葡萄、无花果和檀椽果，用檀椽果做成的酱供整个印度食用。从这里供应印度全国的东西还有病人吃的干果、葡萄酒、病人食用或用作美味食品的梅干和巴旦杏。也运来许多甜瓜，每年分两个季节运来，都非常好吃，甜瓜象亚布兰特出产的一样，上面有条纹。一些在三月十五日以后直到几乎整个四月份，然后是七月至九月。还有大量的另一种

水果，是从波斯和阿拉伯运来的，叫做芒果，也非常好吃。来自波斯的石榴比塞维利亚的石榴更胜一筹。十二月份和一月份运到的梨和苹果非常新鲜，象刚刚从树上摘下来的一样，并且非常好吃。从波斯运来的还有大量核桃、蔬菜、橙子、柠檬和许多其他食品。至于商品，我什么都不说了，因为全世界所有财富都运到这里，又从这里运往世界各地。所以完全有理由说，整个世界是个戒指，霍尔木兹是上面的宝石，而它本身只能出产盐。至于水，供应也十分充足，是从波斯陆地各附近各岛屿运来的。所以说，它本身一无所有，却拥有从外面带来的一切财富和一切需要的东西。

这篇中国报道在非常崇高而且永远忠诚的埃武拉城由王子红衣主教府的出版家和骑士安德雷·德·布尔戈斯之印刷厂印刷，印毕于一千五百七十年二月二十日。



As imagens constantes na obra foram retiradas de:

“Tratado das Cousas da China”, P.º Frei Gaspar da Cruz, edição Japonesa de Shin Jinbutu Ôrai, Lda., Tóquio.

“Juncos Chineses”, L. Audemard, edição do Museu Marítimo de Macau, 1994, Macau.

Catálogo da Exposição “Macau: Cartografia do Encontro Ocidente - Oriente”, edição da Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

作品中的画像取自：

书籍：“Tratado das Cousas da China” 作者：P.º Frei Gaspar da Cruz 日文版：Shin Jinbutu Ôrai, Lda., Tóquio.

书籍：“Juncos Chineses” 作者：Audemard, 澳门海事博物馆出版，1994，澳门。

展览场刊：“Macau: Cartografia do Encontro Ocidente - Oriente” 纪念葡萄牙发现事业澳门地区委员会。

...das hueren quando el sol semora en los signos septētr onales & las pri
 cuantas semora en los signos australes & meredio onales & tomaras
 ro tales gados del signo al poner del magarita. segun q̄ dan escriptos
 que es principio de día es fin del otro & así en el cuadrante puestas
 elevacion del sol o de otros estrellas para saber la Region donde estas andado
 & opular de otros & así mismo para deca a lo mismo puestas saber cual
 a donde o para que latitud de un Rio o la distancia de otra cosa & así sigue
 a muchos otros a que las geometras la pueden aplicar & así por el cuadrante
 & saber la inclinacion sabiendo primera mente el lugar del sol :



MUSEU MARÍTIMO DE MACAU · 澳门海事博物馆



INSTITUTO DE PROMOÇÃO DO COMÉRCIO E DO INVESTIMENTO DE MACAU · 澳门贸易投资促进局